

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS  
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE

**CULTURA PUNK: SIGNOS EM CONFLITO NA PRODUÇÃO  
DISCURSIVA CONTEMPORÂNEA**

CASCAVEL – PR  
2007

ROSEMEIRI CUSTÓDIO DA SILVA

**CULTURA PUNK: SIGNOS EM CONFLITO NA PRODUÇÃO  
DISCURSIVA CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem e Cultura.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria José Rizzi  
Henriques.

CASCADEL – PR  
2007

**Ficha catalográfica**  
**Elaborada pela Biblioteca Central do Campus de Cascavel - Unioeste**

S583c Silva, Rosemeiri Custódio da  
Cultura punk: signos em conflito na produção discursiva  
contemporânea. / Rosemeiri Custódio da Silva — Cascavel, PR:  
UNIOESTE, 2007.  
289 f. ; 30 cm

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Rizzi Henriques  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do  
Paraná.  
Bibliografia.

1. Linguagem . 2. Sociedade. 3. Cultura punk. 4. Dialogismo.  
5. Bakhtin, Mikhail, 1895-1975. I. Henriques , Maria José Rizzi. II.  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 21ed. 401.41

**Bibiotecária: Jeanine Barros CRB-9/1362**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**CULTURA PUNK: SIGNOS EM CONFLITO NA PRODUÇÃO  
DISCURSIVA CONTEMPORÂNEA**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, nível de mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, em 23 de fevereiro do ano de 2007.

---

Prof. Dra. Lourdes Kaminski Alves  
Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras da  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Apresentada à Comissão Examinadora, integrada pelos Professores:

---

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas – Ufscar  
Membro Efetivo (convidado)

---

Prof. Dr. Acir Dias da Silva – UNIOESTE  
Membro Efetivo (da instituição)

---

Profa. Dra. Maria José R. Henriques – UNIOESTE  
Orientador(a)

**Curso:** Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Cascavel, 23 de fevereiro de 2007.

Dedico este trabalho ao meu eterno amigo Karlos (*in memoriam*), punk da Rua XV. Pelas dicas preciosas, pela inspiração constante.

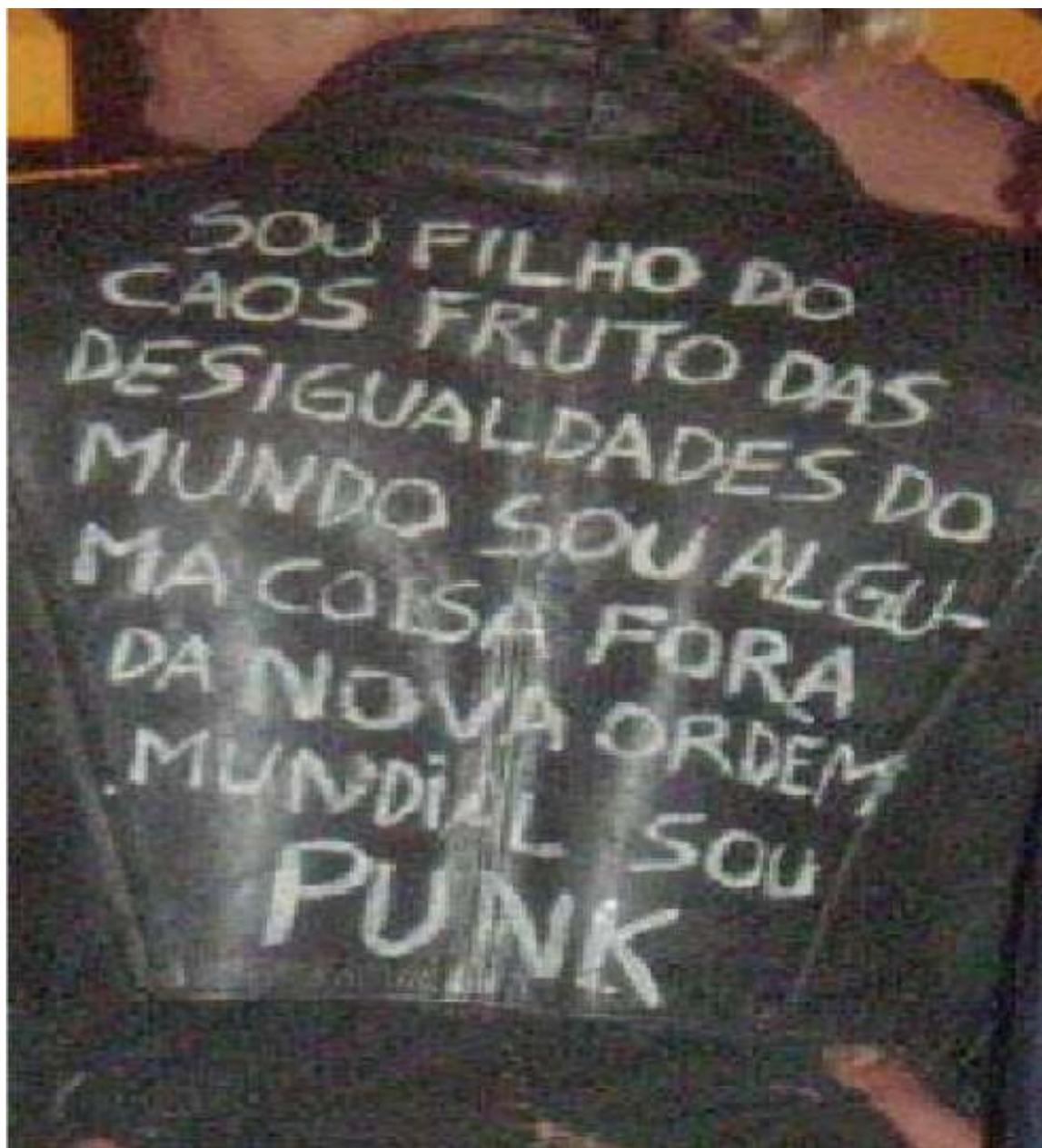
## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, pela vida e com ela a capacidade de transformar singelas idéias em projetos.

A minha família pela força e pelo companheirismo dedicados a mim. Palavras de conforto e motivação que foram essenciais à realização deste trabalho.

À Professora Dra. Maria José Rizzi Henriques pela orientação e atenção dedicadas à construção dessa pesquisa.

Aos meus amigos pelos créditos depositados, pelo apoio e expectativas.



Karlos  
Meu amigo punk  
Rua XV, junho de 2004.  
Curitiba

## RESUMO

SILVA, Rosemeiri Custódio da. **Cultura punk: signos em conflito na produção discursiva contemporânea**. 2007. 289 páginas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2007.

Orientador(a): Dra. Maria José Rizzi Henriques  
Defesa: 23/02/2007

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a cultura punk contemporânea a partir da produção discursiva de punks da cidade de Curitiba, adotando o método de pesquisa e de exposição de Mikhail Bakhtin. Nessa abordagem realiza-se a fortuna crítica dos estudos sobre juventude no Brasil e sobre o movimento punk. Considera-se dessas produções bibliográficas seus métodos, conceitos e resultados mediadores de nossas reflexões que privilegiam as relações entre linguagem e sociedade, entre linguagem e cultura na sua importância como processo histórico, social e interativo que integra a relação eu-outros no dialogismo instaurado entre discursos.

**Palavras-chave:** cultura punk – juventude – produção discursiva

**ABSTRACT**

SILVA, Rosemeiri Custódio da. **Cultura punk: signos em conflito na produção discursiva contemporânea**. 2007. 289 páginas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2007.

Orientador(a): Dra. Maria José Rizzi Henriques  
Defesa: 23/02/2007

The present research has for objective to analyze the culture punk contemporary from the speech production of punks of the city of Curitiba, adopting the method of research and exposition of Mikhail Bakhtin. In this approach it is become do a critical richnes of the studies about youth in Brazil and the movement punk. One considers of these bibliographical productions its methods, concepts and mediating results of our reflections that privilege the relations between language and society, between language and culture in its importance as historical process, social and interactive that integrates the relation I-others in the dialogue restored between speeches.

**Key-words:** culture punk – youth – speech production

**SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	01
<b>2. PRIMEIRO CAPÍTULO</b>	40
Juventude e seus retratos	
<b>3. SEGUNDO CAPÍTULO</b>	103
A maldição de Narciso	
<b>4. TERCEIRO CAPÍTULO</b>	154
Em cena...	
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	214
<b>6. NOTAS ADICIONAIS</b>	224
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	229
<b>8. BIBLIOGRAFIA ADICIONAL</b>	240
<b>9. ANEXOS</b>	255

## INTRODUÇÃO

Nosso interesse pelos estudos da cultura se manifesta de longa data, objetivando-se na graduação do ensino superior na licenciatura em história e na pós-graduação em sociologia política, bases que consideramos essenciais a um futuro aprofundamento teórico mais restrito.

O Mestrado em Letras com área de concentração em Linguagem e Sociedade e a linha de pesquisa em Linguagem e Cultura, possibilitou um referencial interdisciplinar que mantendo as diretrizes epistemológicas anteriores as enriqueceram e redirecionaram para aspectos que nos interessavam: as formas de sociabilidade humana, o confronto das forças sociais e a produção de sentidos de um mundo plural e contraditório no qual a linguagem,

“Sob muitos aspectos continua a participar decisivamente da constituição das coisas, gentes e idéias. Revela-se produto e condição das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, constituindo-se como componente essencial das configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura. A linguagem simultaneamente taquigrafa e constitui as relações, os processos e as estruturas da vida social em geral, tanto quanto as produções e criações que conformam a sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial. As épocas e ciclos da história, em todos os níveis, assim como as formas das culturas e civilizações, tudo se expressa, articula, movimenta, tensiona, transforma, floresce ou declina em signos, símbolos, emblemas, conceitos, metáforas, explicações e mitos” (IANNI, 1999, p. 27–28).

A contradição que fundamenta e a diversidade que caracteriza a totalidade social provocam inúmeras dúvidas ao seu processo de desenvolvimento e constituição, produzindo uma série de possibilidades que surgem para efetivar as reflexões e conseqüentes sínteses das nossas descobertas, exigindo para tanto, acentuada atenção em debruçar-se primariamente para o reconhecimento e delineamento do objeto de estudo e o método a ele referente.

No plano epistemológico todas as pesquisas pretendem analisar e descrever o seu objeto de estudo. O que as diferencia são as suas fundamentações teóricas e os instrumentos escolhidos para o alcance desse objetivo, e por sua vez, em função destes últimos, a forma com que o objeto será revelado.

No decurso do ato ou evento do pesquisar, o alcance do objeto de estudo é o seu conhecimento parcial, pois estará submetido aos dispositivos instrumentais existentes e à abordagem teórica, ambos com seus limites históricos.

Considerando que para toda pesquisa é imprescindível uma fundamentação teórica, necessariamente, todo ato de conhecer, envolve uma teoria voltada a este fim, pois, “o conhecimento não narra o vivido tal como ele se passou, não é a sua consciência, mas diferencia-se dele. O conhecimento supõe distinção, objetivação do vivido”. A partir disso, as pesquisas destacam-se entre aquelas que compreendem o objeto e aquelas que o sistematizam (REIS, 2000, p.19).

Dois momentos são fundamentais na constituição de uma pesquisa, a atenção sobre os dados concretos e a atenção sobre as concepções teóricas que nortearão a abordagem ao objeto de estudo.

Unir apreensão de dados e fundamentação teórica propicia ao pesquisador um alcance maior do seu objeto e do processo a ser verificado, pois o pesquisador terá clareza do que anseia conhecer/compreender, portanto, terá segurança na utilização das técnicas e métodos, bem como, versatilidade na interpretação e análise das situações abordadas. Ou seja, terá ocorrido uma “interinfluência dos dois momentos básicos” (BRAIT, 2005, p.135).

O conhecimento é um processo de constante vir-a-ser, sustentado por “uma lógica de relações construtivas que envolvem elementos em interação”, esta

“supõe uma permanente atividade de síntese” em uma articulação sempre fluida (BRAIT, 2005, p.136).

Abordar aspectos culturais, ideológicos, políticos, econômicos e sociais para a compreensão de um evento, são estratégias comuns às áreas das ciências humanas, das ciências sociais e da área de letras, lingüística e artes. No entanto, cada área citada e cada subárea que a compõe, tem uma forma peculiar de utilização metodológica, a partir da qual se elegem os meios propícios para a investigação e a análise do objeto estudado.

Como conseqüência do desenvolvimento histórico-social e da evolução das ciências, as áreas humanas e sociais consolidaram-se entre os séculos XIX e XX e nelas “o homem deixa de ser considerado pelo pensamento como sujeito, e passa a tornar-se objeto”<sup>1</sup> (REIS, 2000, p.37).

Esse novo objeto do conhecimento, o “homem-objeto”, segundo José Carlos Reis (2000) exige a criação e a consolidação de um novo saber, com conceitos e métodos que tratarão “do homem no que ele tem de empírico e não enquanto entidade metafísica”. O objeto nesse momento, não é “o homem que fala e vive: é o homem que dentro dessas realidades, produz a representação de suas necessidades, da vida, do trabalho e da linguagem” (REIS, 2000, p.39–40).

---

<sup>1</sup>O livre desenvolvimento da economia no século XVIII apregoado pela burguesia em luta contra a ordem jurídica feudal fez surgir uma doutrina política e econômica, o liberalismo que postulava um Estado limitado para beneficiar a liberdade individual. Fundamentado nas teorias racionalistas e empiristas do iluminismo – movimento cultural e intelectual europeu originado do racionalismo e do empirismo do século XVII que tinha por princípio a exaltação da razão humana frente a expansão econômica gerada pela industrialização – o liberalismo provocou a passagem do saber transcendental ao saber imanente, das relações explicadas sob o jugo da verticalidade à horizontalidade. Ao lado da verdade revelada, efetivava-se a verdade da natureza, autônoma, com sua própria linguagem e suas leis, ao alcance do homem. Contra a transcendência afirmava-se o princípio da pura imanência, instaurando-se a secularização, a emancipação de cada um dos campos particulares do conhecimento e das práticas a eles associadas da tutela exercida até então pela metafísica e pela teologia. A antiga visão finalista monopolizada pelo poder eclesiástico cedeu lugar a uma nova visão de mundo, fundamental à evolução do pensamento científico: a visão terrena e humana, imanente, natural e racional (ANDERY, 2001).

As mudanças estruturais sobre o trabalho humano, ocorridas nos séculos XVIII e XIX caracterizado por contradições políticas, ideológicas e econômicas produzem a constatação de que o homem inserido nestas contradições se torna “empírico, observável, repetitivo, quantificável, regular e submetido às condições objetivas, limitadoras de sua vontade e independentes de sua intencionalidade” (REIS, 2000, p.41).

Émile Durkheim<sup>2</sup> (1858–1917) e Augusto Comte<sup>3</sup> (1798–1857) fundam as ciências sociais, definindo seus fatos como coisas nas quais “o fenômeno social, como o fenômeno físico, é independente da consciência humana e verificável através da experiência dos sentidos e da observação”. Essa visão defendida por Durkheim para a ciência social, a definia “como neutra e objetiva, na qual sujeito e objeto do conhecimento estão radicalmente separados” (GOLDENBERG, 2002, p.17–18).

Contrariando esse pressuposto, estudiosos do idealismo kantiano<sup>1</sup> criticam o modelo positivista aplicado às ciências sociais, e apresentam a chamada

---

<sup>2</sup>Émile Durkheim (1858–1917) forneceu uma definição do normal e do patológico aplicada a cada sociedade, em que o normal seria aquilo que é ao mesmo tempo obrigatório para o indivíduo e superior a ele, o que significa que a sociedade e a consciência coletiva são entidades morais, antes mesmo de terem uma existência tangível. Para Durkheim o consenso em sociedade acontece através da solidariedade entre seus membros, variando segundo o grau de modernidade da sociedade; a norma moral torna-se norma jurídica para definir as regras de cooperação e troca de serviços entre os que participam do trabalho coletivo (solidariedade orgânica). Durkheim toma emprestado de Descartes, expoente do racionalismo filosófico do século XVII, a teoria da dúvida metódica, que é a indagação da veracidade dos fatos; através dela afastamos as nossas pré-noções, para alcançar com neutralidade o objeto positivo da investigação, evitando toda deformação provocada por simpatia ou antipatia pessoal. Suas obras principais são: *Da Divisão Social do Trabalho* (1893); *Regras do Método Sociológico* (1894); *O Suicídio* (1897); *As Formas Elementares de Vida Religiosa* (1912) (<http://www.mundodosfilosofos.com.br>. Acessado em 16/01/2006).

<sup>3</sup>Augusto Comte (1798–1857) construiu em 1817 os pressupostos do positivismo propondo uma ciência social e uma política científica. Em 1826 abre o Curso de filosofia positiva, rapidamente interrompido por problemas de saúde. Retoma o ensino em 1829 e em 1830 realiza a publicação do curso distribuído em 6 volumes até 1842. Entre 1851 e 1854 concluiu os volumes do Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia, buscando instituir a religião da humanidade. Desde 1847 proclamou-se grande sacerdote da Religião da Humanidade, desenvolvendo o Calendário positivista (cujos santos eram os grandes pensadores da história), fundando numerosas igrejas positivistas (no Brasil em 11/05/1881 no Rio de Janeiro, hoje em Brasília, Curitiba, Porto Alegre e São Paulo). Afirmou vigorosamente a unidade de seu sistema, reconhecendo que houve duas carreiras em sua vida: a primeira, sem falsa modéstia, como Aristóteles e a segunda como São Paulo (<http://www.mundodosfilosofos.com.br>. Acessado em 16/01/2006).

sociologia compreensiva<sup>ii</sup>, atribuindo à ciência social o caráter qualitativo às metodologias dos seus trabalhos de pesquisa. Sob a orientação dessa vertente de análise e compreensão, um de seus maiores pesquisadores foi Max Weber<sup>4</sup>.

O processo de transição ocorrido entre os séculos XIX e XX foi de extrema importância para o próprio esclarecimento do campo destinado à produção do conhecimento científico, pois, até então, as teorias ainda oscilavam entre os moldes da reflexão abstrata e da sujeição a modelos generalizantes. A consolidação da sociedade capitalista demandou a urgência de novos saberes e novas técnicas e conseqüentemente novos instrumentos de investigação científica.

Com a evolução do quadro teórico-metodológico do conhecimento científico, a Antropologia<sup>iii</sup> que até então se mantinha restrita aos estudos das sociedades primitivas passa a desenvolver técnicas de pesquisa direcionadas aos aspectos culturais de grupos sociais “civilizados” (GOLDENBERG, 2002, p.20).

Entre 1883 e 1902 os trabalhos de campo de Franz Boas (1858–1942) e Bronislaw Malinowski (1884–1942) consagraram a importância da convivência do pesquisador na sociedade estudada, o que significou um considerável avanço na coleta e interpretação dos dados da pesquisa que ainda mantinham-se dependentes dos relatos dos viajantes. Esse processo permanece até hoje nas ciências sociais com a utilização do método qualitativo às técnicas de pesquisa e produção científica.

---

<sup>4</sup> Max Weber (1864–1920) sociólogo alemão estudou teologia, filosofia, história e economia política em Heidelberg, Berlim e Göttingen. Foi discípulo da Escola Econômica Histórica de onde extraiu conceitos de sua metodologia a partir da ligação com o filósofo neokantiano Heinrich Rickert contra o objetivismo positivista. Weber defende que não há análise científica da sociedade independente de pontos unilaterais. Para o pensador, o objetivo da ciência social “não é a construção de um sistema sintético de leis”, do qual se deduz toda a sociedade, mas “o conhecimento de partes da realidade social” (REIS, 2000, p.47). Opondo-se à visão positivista de objetividade e separação entre sujeito e objeto, defende que os pesquisadores devem buscar “compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos” (GOLDENBERG, 2002, p.19). Vide mais a respeito sob o título REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000; GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Franz Boas crítico dos pesquisadores evolucionistas defende a meticulosidade da observação e do registro em campo, argumentando que “um costume só tem significado se relacionado ao seu contexto particular”. Defensor do relativismo cultural. Para ele “o pesquisador deveria estudar as culturas com um mínimo de preconceitos etnográficos”, pois segundo sua análise, as características ideológicas, culturais, sociais, políticas e econômicas de um povo repousam “sobre as experiências individuais e, portanto, o objetivo do pesquisador é compreender a vida do indivíduo dentro da própria sociedade em que vive”. Com Boas formaram-se os chamados representantes da antropologia cultural americana, utilizando-se de métodos e técnicas de pesquisa qualitativa somados a modelos conceituais próximos da psicologia e da psicanálise (GOLDENBERG, 2002, p.21).

Bronislaw Malinowski colocou em prática a observação participante, modelo em que “o pesquisador deve mergulhar profundamente na cultura nativa. Deve viver, falar, pensar e sentir como os nativos” (GOLDENBERG, 2002, p.22).

Considerado o criador do funcionalismo<sup>5</sup>, Malinowski acreditava que cada cultura tem como função a satisfação das necessidades básicas dos indivíduos, criando instituições capazes de responder a estas necessidades. A renovação das ciências sociais ocorreu em grande parte em função da extensa experiência de campo deste pesquisador, mediante suas propostas metodológicas que influenciaram as técnicas e métodos de pesquisa qualitativa neste campo.

Na década de 1970 nos EUA sob a inspiração da sociologia compreensiva de Max Weber, institui-se a antropologia interpretativa da qual um dos

---

<sup>5</sup> Segundo Goldenberg (2002) a análise funcional analisa todo fato social do ponto de vista das relações de interdependência que ele mantém sincronicamente com outros fatos sociais no interior de uma totalidade.

principais representantes é Clifford Geertz<sup>6</sup> que propõe uma análise cultural pautada em uma descrição densa das culturas. Na mesma época, no centro universitário da Escola de Chicago foram realizadas uma série de pesquisas, sob orientação multidisciplinar da sociologia, da antropologia, da ciência política, da psicologia e da filosofia na área etnográfica, contribuindo para a legitimação de técnicas e métodos qualitativos na pesquisa sociológica em centros urbanos.

As pesquisas da Escola de Chicago, fundadora da antropologia urbana, têm sido a marca dos trabalhos que seguem o propósito interacionista<sup>7</sup>. Devido à emergência dos problemas urbanos dessa cidade, seus estudos concentram-se nos problemas ligados à imigração, delinqüência, criminalidade, desemprego, pobreza, minorias e relações raciais.

A cultura punk no circuito científico tem sido estudada pelo viés comportamental da rebeldia juvenil: enfatiza-se a faixa etária que é naturalizada e como tal requer a formação de grupos, bandos e gangues para obter identidade, visibilidade e canalização emocional; subjaz nestas pesquisas a existência de um modelo normativo dominante que toma o comportamento juvenil como desviante.

---

<sup>6</sup> Clifford Geertz é depois de Claude Lévi-Strauss, o antropólogo cujas idéias causaram maior impacto após a segunda metade do século XX, tanto para a teoria e prática antropológicas, como para disciplinas como a psicologia, a história e a teoria literária. Fundou uma das vertentes da antropologia contemporânea, a chamada antropologia interpretativa, que para ele se dá em todos os momentos do estudo, da leitura do "texto" social cheio de significados à escritura do texto/ensaio do antropólogo (entrevista de Victor Aiello Tsu com Clifford Geertz, originalmente publicado na Folha de São Paulo de 18 de fevereiro de 2001, localizada na página pertencente ao site <http://www.pucsp.br/rever>. Revista Eletrônica Rever - ISSN 1677-1222. Acessado em 20/01/2006).

<sup>7</sup> Segundo Goldemberg o interacionismo simbólico já desde o final do século XIX exercia grande influência na Sociologia de Chicago. A partir das pesquisas de George Herbert Mead e John Dewey, ambos docentes na universidade de Chicago, o interacionismo defende o envolvimento do pesquisador nos conflitos de sua comunidade agindo a favor de sua transformação social. Para o interacionismo simbólico "é a concepção que os indivíduos têm do mundo social que constitui o objeto essencial da pesquisa sociológica". Se o indivíduo é intérprete do mundo que o cerca, os métodos de pesquisa dessa vertente das ciências sociais priorizam o parecer dos indivíduos, buscando compreender as significações que os próprios indivíduos praticam para construir seu meio social, "o meio mais adequado para captar a realidade é aquele que propicia ao pesquisador ver o mundo através dos olhos do pesquisado" (GOLDENBERG, 2002, p.27).

Mediante a abordagem realizada sobre o desenvolvimento teórico-metodológico das pesquisas em ciências humanas, sob o foco das ciências sociais, a antropologia urbana aborda a cultura punk como elemento de identificação dos chamados grupos minoritários, ou desviantes.

Uma vez que nosso objeto de estudo caracteriza-se pela análise e compreensão da cultura punk, em específico da linguagem desta cultura, é por esse ponto específico que se inicia nosso debate.

A antropologia social realiza o estudo do cotidiano do grupo, suas relações intergrupais, familiares, a situação de pertencimento à determinada classe social, os graus de educação formal alcançados pelos membros do grupo, seus meios de sobrevivência, seus valores ético-morais, seus desejos e aspirações, por exemplo; utiliza a observação direta<sup>8</sup> com o devido registro das suas experiências, dos valores psicológicos de cada integrante e de suas histórias de vida no diário de campo<sup>9</sup> com análise qualitativa<sup>10</sup> (CHIZZOTTI, 1991, p.78–85).

Com o redirecionamento do quadro político-econômico do mundo pós-Segunda Guerra Mundial o espaço acadêmico e o discurso científico motivados por condições que buscavam o conhecimento objetivado, passaram a refletir sobre um homem “empírico, observável, repetitivo, quantificável, regular e submetido às condições objetivas, limitadoras de sua vontade e independentes de sua intencionalidade” (REIS, 2000, p. 40-41).

---

<sup>8</sup> O método científico da observação compreende: a observação simples (observação passiva), a observação participante (envolvimento do pesquisador no grupo, assumindo o caráter de estudo de caso e estudo de campo), a observação em equipe (realizada por um grupo), a observação sistemática (descrição precisa) e a entrevista (CHIZZOTTI, 1991).

<sup>9</sup> O diário de campo é o principal instrumento de uma pesquisa etnográfica baseada no registro escrito do cotidiano do grupo observado. Junto à técnica etnográfica, pode-se citar também como técnicas de registro escrito do objeto estudado: o questionário (composta por um número determinado de questões), ex-post-facto (trabalho com variáveis) e os surveys (procedimento estatístico indutivo) (CHIZZOTTI, 1991).

<sup>10</sup> Contrário ao método qualitativo, o método quantitativo prevê a mensuração de variáveis preestabelecidas, descrevendo o objeto mediante a análise da frequência de suas incidências (CHIZZOTTI, 1991, p.51–53).

Nos estudos da linguagem, modelos de investigação e de interpretação de dados orientaram-se para a refutabilidade do erro e conseqüentemente para o estabelecimento de critérios de verdade dotados de racionalismo objetivo inscrito em diferentes ordens: funcionalista, estruturalista, por exemplo. Refutando os imperativos da lógica racionalista e seus determinismos, modelos subjetivistas retomaram as questões e os limites das epistemes funcionalistas, estruturalistas e micro-analíticas para a interpretação do homem e do mundo desenvolvendo um novo espírito universitário: o da interdisciplinaridade.

Orientados para a reflexão sobre outros objetos, outras fontes e novas alteridades, as alianças interdisciplinares entre a história, a filosofia, a antropologia, a geografia, a lingüística, o direito, a economia, a demografia, a arqueologia, a semiótica, a literatura, a sociologia, por exemplo, possibilitaram ao pesquisador compreender e clarificar o real sob os olhos da pluralidade. No âmago dos debates científicos sobre semiótica, lingüística, psicanálise, antropologia e materialismo-histórico, as fronteiras da interdisciplinaridade demarcadas por diferentes autores foram enriquecidas no decorrer do tempo pelas teorias da história em abordagens inovadoras.

A Escola dos Annales ou o movimento historiográfico originário da revista *Annales d'Histoire Economique et Sociale* fundada em 1929 por Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944) teve uma posição de destaque nos debates que orientaram a reestruturação das diretrizes epistemológicas do século XX para a abertura do âmbito acadêmico-científico à pluralidade social e cultural.

Defensores incansáveis da interdisciplinaridade, os fundadores e posteriores adeptos da Escola dos Annales como Fernad Braudel (1902-1985), Jacques Le Goff (1924), Georges Duby (1919-1996), Carlo Ginzburg (1939), Philippe

Áries (1914-1984), entre outros, introduziram um novo conceito: a desaceleração – o estudo das lentidões frente à idéia de revolução, de ruptura. Dispondo-se ao estudo do singular, do irrepitível, do sujeito cívico, pleiteavam alcançar o cotidiano e a fragmentação que produzira “os rejeitados, os esquecidos, os prisioneiros, os doentes, os marginais, os loucos, as minorias excluídas, enfim, as franjas claro-obscuras da realidade” (REIS, 2000, p.189).

Outras áreas da ciência, por sua vez, contribuíram para a construção de um campo interdisciplinar nos estudos da linguagem em diferentes perspectivas: a psicanalítica, a fenomenológica, a antropológica, a materialista-histórica e a arqueológica foucaultiana.

“[...] durante o século XX, as preocupações no âmbito científico com a interdisciplinaridade, o não repetitivo e o fragmentário foram ao encontro da abordagem mecânica, que objetivava desvendar os processos regulares, repetitivos, pendulares, etc., e que, caindo no interior de um crescente processo de subjetivação, começou a se preocupar com os acontecimentos irregulares e não-lineares; como também, destacaram as irregularidades da estrutura genética, ou a importância da revelação do ruído nas estruturas complexas, que passaram a representar fenômenos relevantes, tanto com respeito à possibilidade da construção de sentido, quanto com a ação de um universo significativo inconsciente” (BAIRON, 2002, p.18).

Inovando na visão interfática, as linhas teórico-metodológicas divergiram na sua compreensão em relação ao método de pesquisa, em relação à consideração do objeto e em relação ao tempo histórico/desenvolvimento do objeto abordado; nesse aspecto específico, as pesquisas aprimoraram suas diferenças na sustentação analítica em bases estruturais e totalizantes do social.

Adotamos a premissa que o processo histórico evolutivo do homem está interligado ao desenvolvimento das forças materiais e estas em sua totalidade erigem uma base econômica específica que demanda uma superestrutura jurídico-política interconectadas; ambas forjam consciências que lhes correspondem. Em

acordo a essa proposta teórica, a nossa análise é semiótica baseada na filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, enfocando a cultura punk.

Bakhtin autor de textos com temas diversos, apresenta uma grande complexidade teórica. Alguns autores preferem manter suas considerações acentuando as relações de Bakhtin e o seu Círculo, diferenciando as produções particulares deste autor daquelas de Valentin Nikolaiévitch Volochinov<sup>11</sup> e Pável Nikolaiévitch Miedeviédiev<sup>12</sup> (BRANDIST, 2002), (TEZZA, 2003).

Margarete Nath em **Dialogismo e ideologia do cotidiano na obra de Clarice Lispector** apresenta as várias acepções que os autores têm da abordagem semiótica do filósofo russo Mikhail Bakhtin (NATH, 2005, p.16, p.17).

De fato,

“Cada país e cada escola, porém, parecem ter seu próprio Bakhtin, e não raro se observa a existência de Bakhtins diversos no mesmo país. Assim, encontramos Bakhtin, o formalista, e Bakhtin, o antiformalista, e lado a lado com Bakhtin, o fenomenologista, Bakhtin, o marxista, e Bakhtin, o pós-estruturalista” (STAM, 2000, p.9).

Não existe um consenso entre os autores pesquisados sobre a pessoa de Bakhtin, sua atitude religiosa, sua interpretação sobre os acontecimentos ocorridos na União Soviética, sua convicção política e menos ainda, sobre a autoria dos escritos surgidos com nomes apostos. Da mesma maneira Bakhtin é apresentado de modo múltiplo: filósofo, criador da lingüística do discurso, criador de uma antropologia filosófica entre outros exemplos, cada autor apropriando-se de Bakhtin

---

<sup>11</sup> Voloshinov nasceu em 1895, foi poeta, lingüista, crítico musical e estudioso da psicologia. Trabalhou no Instituto Pedagógico Herzen de Leningrado até 1934 ano em que adoeceu com tuberculose. Após à instalação da censura stalinista pouco publicou, tendo morrido em um sanatório em 1936 sem terminar a tradução do I volume do livro **A filosofia das formas simbólicas** de Ernst Cassirer (BRANDIST, 2002, p.9).

<sup>12</sup> Medvedev nasceu em 1892, era professor do Instituto Histórico Filológico de Leningrado e tendo sido preso desapareceu em um expurgo político de Stalin em 1938 (BRANDIST, 2002, p.9).

em função da sua própria formação epistemológica (FARACO. In: FARACO; TEZZA; CASTRO, 2001, p.116–117), (CLARK; HOLQUIST, 2004, p.31).

Concordamos com Nath quando afirma:

“[...] Bakhtin apresenta uma teoria sócio-interacional da linguagem, um sistema articulado na centralidade do dialogismo, da alteridade constitutiva da linguagem. Pela complexidade e profundidade de suas obras, pela sua recente repercussão no mundo acadêmico, pela diversidade da utilização do seu quadro teórico, podemos considerá-lo um teórico da análise do discurso denominada semiótica discursiva” (NATH, 2005, p.17).

Em relação ao método, a filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin ao utilizar-se de uma análise semiótico-discursiva da linguagem, analisa a totalidade sócio-histórica como produto da interação do homem/natureza, ambos interdependentes entre si e em constante transformação em função do processo de produção da vida material.

O processo histórico evolutivo humano é o processo histórico evolutivo dos movimentos do desenvolvimento das forças produtivas materiais do homem. As relações de produção em sua totalidade formam uma base econômica que demanda uma superestrutura política e jurídica instituindo formas de consciência social a elas correspondentes.

Bakhtin enfatiza que as relações entre a infra e a superestrutura, de influência recíproca, em seus diferentes níveis, funções e mediações não tem uma causalidade mecanicista, nem racionalidade denotativa, considerando que toda esfera ideológica se apresenta como um “conjunto único e indivisível cujos elementos sem exceção, reagem a uma transformação da infra-estrutura” num processo contínuo “que procede da infra-estrutura e vai tomar forma nas superestruturas” (BAKHTIN, 1999, p.39–40).

Os vários ramos das ciências, a vida espiritual em geral, as artes, as produções literárias, tecnológicas, de consumo, os instrumentos de trabalho, a moral, a ética, enfim tudo aquilo que é produzido pelo homem são produtos ideológicos que fazem parte de uma realidade natural ou sócio-histórica. Cabe à filosofia da linguagem apreender como “a realidade (infra-estrutura) determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação” visto que tudo o que é ideológico é um signo, havendo correspondência mútua entre ambos (BAKHTIN, 1999, p.41).

O universo semiótico pode analisar cada área da produção humana, uma vez que é o “*caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição*”, embora cada uma delas apresente um reflexo e uma refração particular da realidade (BAKHTIN, 1999, p.33).

Torna-se claro em **Marxismo e filosofia da linguagem** que o método de Bakhtin exige clarificar a *ubiquidade social* da palavra.

“As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto claro que a palavra sempre será o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (BAKHTIN, 1999, p.41).

Centrado no dialogismo como “princípio constitutivo da linguagem e condição do sentido do discurso” e na alteridade existente no dialogismo que produz o sentido e o significado da comunicação, o método da filosofia da linguagem indica a importância da interação comunicativa, da compreensão responsiva dos falantes, das condições, formas e tipos da comunicação verbal que originam as formas, os

temas, os atos de fala, os diferentes modos de discurso estudados em relação ao seu conteúdo, tipos e formas (BARROS. In: FARACO et al. 2001, p.33).

Implica ainda, caracterizar o enunciado, a enunciação, o horizonte social da comunicação dialógica, os índices de valor contraditório da comunidade semiótica visto que,

“Classe social e comunidade semiótica não se confundem. Pelo segundo termo entendemos a comunidade que utiliza um único e mesmo código ideológico de comunicação. Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Conseqüentemente, *em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios*. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (BAKHTIN, 1999, p.46).

A importância metodológica reside na descoberta da pluralência social do signo ideológico, nas interconexões dos índices de valor contraditório e na elucidação das consciências de indivíduos inseridos em uma cultura, que surgem e se afirmam como realidade através da encarnação material sígnica. Toda interação comunicativa acontece entre sujeitos que apreendem um signo aproximando-o de outro que já conhecem e a compreensão responsiva destes sujeitos a um signo determinado, ocorre por meio de outros signos formando uma cadeia constante “de signo em signo para outro signo”, “de um elo de natureza semiótica” “para outro elo de natureza estritamente idêntica” (BAKHTIN, 1999, p.34).

“Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (BAKHTIN, 1999, p.34).

Nosso interesse orienta-se para a interação semiótica da cultura punk, pois esta resulta de um “consenso entre indivíduos socialmente organizados no

decorrer de um processo de interação”, e as suas formas sígnicas estão condicionadas a sua organização social e às “condições em que a interação acontece” (BAKHTIN, 1995, p.44).

Para Mikhail Bakhtin o “enunciado de um sujeito apresenta-se de maneira acabada permitindo/provocando, como resposta, o enunciado do outro”, relativamente acabada tendo em vista a incessante troca dialógica presente na comunicação (MARCHEZAN. In: BRAIT, 2006, p.117).

Deste diálogo entre alteridades, o discurso da alteridade instituída vê, define e propaga o outro que lhe é divergente como uma alteridade de conflito. É dessa relação axiológica entre alteridades que o movimento punk recebe no circuito da produção discursiva contemporânea a insígnia de signo de conflito; significação produzida na instância ideológica/semiótica do outro estabelecido.

Para os estudos bakhtinianos “a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica e da interação semiótica de um grupo social”, que nos faz afirmar a importância dessa pesquisa (BAKHTIN, 1995, p.36):

- em termos históricos ela produz um registro que não referenda a memória oficial<sup>13</sup>, ao contrário, estabelece as fronteiras entre história, memória e segmentos de classe, apropriando-se de uma consciência “coletiva” de uma comunidade semiótica, de seu contexto e de sua interação com as demais classes sociais;
- no aspecto cultural apresenta uma contribuição ao resgate e à preservação das vozes extremamente fragilizadas no circuito da comunicação pela ausência de acesso aos meios usuais de reconhecimento, amparo e manifestação social;

---

<sup>13</sup> Por memória oficial compreendemos todo o tipo de documento em que se encontram registrados fatos com uma visão unilateral do acontecimento.

- no aspecto epistemológico realiza um estudo que marca a percepção da natureza intrinsecamente contraditória da sociedade capitalista que constantemente induz à naturalização e à homogeneização para manter a ordem por ela postulada.

Temos em mente que o trabalho epistemológico na contemporaneidade se faz sobre as bases de uma pesquisa aprofundada aos meios de comunicação e informação que agem mutuamente em comprometimento tanto do desenvolvimento científico quanto do desenvolvimento cultural e social (CAMARGO. In: SILVA, 1999, p.49).

Houve uma fase exploratória<sup>14</sup> na construção do pré-projeto e que persistiu ao longo de toda a realização da pesquisa, orientando sua organização estrutural conjugada a etapas periódicas de vivência com grupos punks, localizados na cidade de Curitiba no Paraná. Os encontros tiveram a duração de seis meses de contato direto na construção do pré-projeto e três meses divididos em uma semana de convívio no decorrer da pesquisa.

O primeiro contato caracterizou-se pela interação da pesquisadora com os integrantes do grupo, com posterior esclarecimento dos objetivos da pesquisa, aceitação e colaboração do grupo. Esse convívio não pode ser classificado como observação participante ou simples, pois, o objeto específico da interação não se destinava à observação dos indivíduos, a pesquisadora não trabalhou com diário etnográfico, questionários, entrevistas e gravador. O contato tinha por meta contribuir para que a pesquisadora obtivesse suporte para posteriormente refinar e orientar sua análise aos dados coletados – os signos do movimento punk (SANTOS, 2002, p.26–27).

---

<sup>14</sup> Vide notas adicionais.

A pesquisa bibliográfica empreendida caracterizou-se pela utilização parcial ou total dos materiais escritos gravados mecânica ou eletronicamente, contendo informações já elaboradas e publicadas por outros autores. As fontes bibliográficas referem-se a livros de referência<sup>15</sup>, leitura corrente<sup>16</sup>; publicações periódicas como jornais, revistas, panfletos; fitas de áudio e vídeo; relatórios de simpósios, seminários, congressos e páginas de web sites referenciados (SANTOS, 2002, p.31–32).

Do material coletado em nossa pesquisa as produções acadêmicas que têm como objeto de estudo os movimentos sociais urbanos especificados em punks, darks ou góticos, hip hops, skinheads, rockers, skatistas, entre outros, são de número reduzido.

No cenário nacional destaca-se Helena Wendel Abramo com **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano** Dissertação de Mestrado publicada em livro em 1994. A autora apresenta uma análise sociológica funcionalista dos movimentos culturais punk e dark, direcionando a sua abordagem à categorização da juventude referindo-se a ela como uma “unidade juvenil”, responsável pelo momento em que ocorrem as paixões, as oscilações emocionais e as crises individuais, e em função disso, esta unidade juvenil seria encarregada de provocar revoluções.

No seu estudo os jovens punks e darks brasileiros são vistos como sujeitos sociais diferenciados devido às especificidades etárias e geracionais em contraposição ao mundo adulto. Consideramos que sua análise é bastante limitada

---

<sup>15</sup> Caráter informativo refere-se aos dicionários, enciclopédias e anuários, e os de caráter remissivo referem-se aos índices de livros e catálogos (SANTOS, 2002, p.76–78).

<sup>16</sup> A leitura corrente está composta por obras de caráter literário e obras que se destinam à divulgação (SANTOS, 2002, p.76–78).

ao consignar à cultura punk e dark a um rápido aparecimento e dissolução entre as décadas de 70 e 80 do século XX.

Helena Wendel Abramo sustenta-se em muitas das considerações de Janice Caiafa Pereira e Silva referenciando **Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub**, livro originário de uma Dissertação de Mestrado publicado em 1985.

Afirma a respeito do estilo punk, concebido por autores que o definem como um “movimento de revolta” e como “estilo de vida”:

“[...] é problemática essa conceituação do fenômeno tanto como movimento social de rebelião quanto como proposição de um estilo de vida original e autêntico. Minha percepção é mais próxima a de Caiafa que descreve o movimento punk no Rio de Janeiro como a atuação de um bando que ostenta signos de choque e provoca atrito, que intenciona deflagrar desobediência, interferência e intensidade. O que estou procurando demonstrar que essa atuação centra-se na criação de um *estilo espetacular* na sua intencional exposição no espaço público” (ABRAMO, 1994, p.99).

Para Abramo o desenvolvimento industrial e a demanda no setor empregatício com o crescimento dos bens de consumo, teriam gerado a autonomia do jovem e o surgimento de uma nova cultura juvenil restrita ao contexto musical, cujo principal símbolo era o rock and roll.

A autora define as manifestações culturais do movimento punk e dark como manifestações juvenis, elegendo a crise do espaço universitário e as alterações políticas, econômicas e sociais como significativas à elaboração de uma cultura alternativa em contraposição ao sistema vigente, produzindo através de elementos espetaculares uma intervenção crítica no espaço urbano, a contracultura.

Antecede a pesquisa de Abramo o estudo de Janice Caiafa Pereira e Silva, **Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub** na década de 80 do

século XX no Rio de Janeiro. Seu trabalho assemelha-se muito ao registro de um diário de campo característico da vertente científica da antropologia social urbana.

Caiafa descreve sua vivência com os bandos punks da cidade do Rio de Janeiro localizados nas praças Mahatma Gandhi, Lapa, Cinelândia e Passeio Público. Utiliza a estratégia de descrição do cotidiano do grupo observado, destacando suas relações intergrupais, seus locais de circulação e as suas práticas sociais para em função destas observações, tecer considerações teóricas alinhando vários autores da sociologia, da antropologia, da filosofia e da vertente semiótica que analisa os meios de comunicação de massa e aspectos da vida cotidiana como a apresentada por Roland Barthes (1915–1980).

A pesquisadora infere que o universo punk é de interação rápida e efêmera entre os membros do grupo e entre o grupo e o mundo que os cerca. Interessa ao punk, na visão de Caiafa, circular livremente e constantemente como se fosse mercadoria de consumo em exposição no espaço público.

Assim se pronuncia a autora a respeito de uma prática cotidiana do grupo punk:

“[...] a irreverência silenciosa desses hards, pela rua e à noite e a esmo afirmava não uma persistência nem uma retomada, mas uma insistência ilocalizável, contudo real e vislumbrada ali, subitamente atualizada, que deixava a-desejar, daria ainda o que pensar sobre o que desde o início tinha sido o estilo daquele bando. Aquele quase-nada apenas perceptível que produzia a intensidade e punha o bando a risco: em que se apostava a um tempo o seu desaparecimento e o seu exercício, e para mim também uma pista para compreendê-los. Para o que eu procurava as palavras, a um tempo exatas e tão-só alusivas, o que me fazia percorrer as literaturas (das ciências sociais, da filosofia) à cata de um meio de não dizer, ou quase isso. Que não o discurso evasivo, nem o direto, que não nenhum truque lógico ou *jeu de mots*, nem recursos tipográficos, nem a retórica tortuosa, nem os virtuosismos neológicos – que aprisionam, eu pensava, nos circuitos previstos da idéia e da frase. Precisaria talvez desses conceitos anômalos em que no esforço da definição multiplicam-se as negativas, provocando uma margem imensa do que não é para dizer (não é isso, e não é isso, e nem isso)” (CAIAFA, 1989, p.128).

Para Caiafa o conhecimento do grupo intitulado punk, seria efetivado pelo método, para a autora o método a ser utilizado correspondia:

“[...] a questão do antropólogo pesquisando em sua própria cidade se recoloca, apoiando-se em três níveis simultâneos: o funcionamento interno do pensamento, os problemas da escritura e a relação com a prática social concreta que se estuda. Nesse momento a questão de onde se está é irrelevante, trata-se de que nas fronteiras sempre mutantes desses níveis se trabalhe o silêncio, a pausa, a suspensão, as hesitações, as mudanças inesperadas – em qualquer região do social onde se esteja, é a penumbra do discurso, uma zona de indiscernibilidade em que o pensador já seja questão para o pensamento, até que a ciência quase se calasse. O que é muito difícil e jamais se fará o bastante” (CAIAFA, 1989, p.129).

Partilhando da concepção teórico-metodológica de Abramo e Caiafa, Rafael Lopes de Sousa em **Punk: cultura e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade subversiva**, também Dissertação de Mestrado publicada em livro em 2002, cede espaço à descrição do contexto histórico, própria do método materialista, mantendo, no entanto, a categorização do segmento juvenil.

Assim se pronuncia o autor referindo-se aos livros de Philippe Ariès **História social da criança e da família** (1986) e de S. N. Eisenstadt **De geração em geração** (1968):

“Segundo Eisenstadt, a escola moderna por intermédio de sua organização – separação etária, período fixo, etc. – forneceu as bases para a emergência de grupos juvenis que em suas manifestações cotidianas, desenvolveram uma ideologia específica de contestação aos valores pré concebidos pelo mundo dos adultos [...] Eisenstadt, assim como Ariès, relaciona o destaque da juventude como categoria social ao desenvolvimento da instituição escolar no mundo moderno. De acordo com esses autores, duas mudanças básicas motivaram o surgimento de uma nova identidade juvenil. A primeira foi o fim do privilégio educacional [...] a família abandona a pretensão de transmitir conhecimento total a seus filhos e entrega-os a uma instituição especializada para isso” (SOUSA, 2002, p.26).

Influenciado por Helena Abramo, Rafael Lopes de Souza considera que:

“[...] no decorrer do século XIX e, principalmente, do século XX, a juventude ganha visibilidade e importância como categoria social e seu espaço de atuação estende-se para além dos muros das escolas, chamando, dessa maneira, a atenção da sociedade para os seus problemas” (SOUSA, 2002, p.27).

Fundamentando-se em Karl Mannheim<sup>17</sup>, Michel Maffesoli<sup>18</sup> e nos livros de Janice Caiafa Pereira e Silva e de Helena Wendel Abramo, realiza uma análise sociológica funcionalista, com “levantamento do material etnográfico”, considerando o movimento punk como um grupo formado por membros excluídos da sociedade que compõem comunidades subversivas visto que “buscam novas referências de vida para a formação de uma consciência social que, em divisões gerais, recriam as formas de viver do presente” (SOUSA, 2002, p.53; p.65).

Com base nos estudos de Jean Baudrillard<sup>19</sup> que destaca as “práticas de resistência desenvolvidas pelas camadas subalternas” e em Michel Maffesoli – **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa** (1987), Sousa discorre a respeito da condição juvenil nas décadas de 50, 60, e 70 do século passado, sobre a “insubordinação juvenil do pós-guerra” e as suas práticas contraculturais (SOUSA, 2002, p.74).

---

<sup>17</sup> Karl Mannheim (1893 – 1947) sociólogo alemão, um dos primeiros teóricos da sociologia da educação, é fundador da sociologia do conhecimento, autor de **Ideologia e utopia** (1929) ([www.wikipedia.org.com.br](http://www.wikipedia.org.com.br). Acessado em 30/01/2006).

<sup>18</sup> Michel Maffesoli (1944) sociólogo francês, diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Quotidiano (CEAQ). Suas fontes teóricas são os sociólogos clássicos Émile Durkheim, Max Weber, Georg Simmel (1858 – 1918) entre outros, adotando a perspectiva da sociologia compreensiva. É autor de: **A violência totalitária** (1981), **A transfiguração do político: a tribalização do mundo** (1997), **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade** ( ), **Lógica da dominação** (1978); **A conquista do presente** (1985); **A sombra de Dionísio** (1985); **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa** (1987); **O conhecimento comum** (1988); **Dinâmica da violência** (1987); **No fundo das aparências** (1996) ([www.wikipedia.org.com.br](http://www.wikipedia.org.com.br). Acessado em 30/01/2006).

<sup>19</sup> Jean Baudrillard (1929) filósofo francês desenvolve uma série de estudos que remetem aos impactos da comunicação e das mídias na sociedade e na cultura contemporânea. Contribuiu para os estudos dos sistemas sógnicos e das representações dos discursos. Principais livros: **O Sistema dos Objetos** (1968), **À Sombra das Maiorias Silenciosas** (1978), **Simulacros e Simulação** (1990), **A Troca Impossível** (1999), **O Lúdico e o Policial** (2000) ([www.wikipedia.org.com.br](http://www.wikipedia.org.com.br). Acessado em 30/01/2006).

Conclui o autor que a juventude durante o século XX opôs-se ao sistema capitalista estabelecendo “uma tradição de resistência e insubordinação” em que as “comunidades subversivas” isto é, os punks, se inserem (SOUSA, 2002, p.77).

As mutações ideológicas nas considerações de Sousa são aquelas que acompanham as mudanças comportamentais de grupos juvenis frente às transformações político-econômicas do país na interação indivíduo-grupo social. Denominadas “metamorfozes vividas” pela comunidade punk subversiva são especificados em ordem cronológica quatro fatores “congregados e combinados” como causas da mudança: os conflitos intragrupais (1978 – 1983); a crise de identidade grupal diante da comercialização da proposta estética *new wave* do movimento feito pela mídia (primeira metade da década de 80), a “aproximação” com o anarquismo; o “afastamento” de outros partidos políticos (segunda metade da década de 80) e o “estreitamento de vínculo e amizade, nos anos 90, com outras coletividades juvenis, **rompendo o isolamento** ao qual suas comunidades estavam submetidas” (SOUSA, 2002, p.102–103) (*grifos nossos*).

Em suas considerações finais Sousa afirma que os punks formaram comunidades subversivas **isoladas** resguardando-as “dos encantos, das tentações e dos prazeres artificiais do mundo capitalista” utilizando a estratégia de construir e desconstruir as aparências (SOUZA, 2002, p.117) (*grifos nossos*).

Afirma que participando de um estilo próprio, portando “uma máscara” o punk obtém “autonomia, liberdade, identidade e, acima de tudo respaldo para agir e intervir no mundo circundante” (SOUZA, 2002, p.117).

Segundo o autor, no jogo da comunicação, o “discurso oficial” monopoliza a palavra, e as comunidades subversivas são respostas elaboradas pelos jovens da contemporaneidade contra esse discurso oficial (SOUZA, 2002, p.117–118).

O livro de Nécio Turra Neto **Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina** apresenta sua Dissertação de Mestrado, cuja pesquisa participante foi realizada entre 1999 e 2001 sobre o movimento punk em Londrina (Paraná) com texto assumindo o formato de cartas<sup>20</sup>.

O debate teórico neste livro situa-se em seu anexo:

“A solução encontrada foi colocá-las em caixas, que estão disponíveis no Anexo. Chamo esses “complementos teóricos do texto” de caixas com a intenção de indicar que podem ser abertas ou permanecer fechadas, tudo depende do que você julgar necessário ou pertinente. Sugiro que sejam lidas antes ou depois de ler a carta, para que não se perca entre folhas e idéias, e que a narrativa não seja cortada por elas” (TURRA NETO, 2004, p.21).

Em vinte e uma folhas o autor discorre sobre a metodologia de pesquisa retomando as afirmações teóricas de Helena Wendel Abramo e Janice Caiafa Pereira e Silva de modo marcante.

Preocupa-se o autor em definir nas Cartas VI e IV o processo de identificação que induz caminhos individuais para a adoção de uma identidade coletiva punk; quais os caminhos desse processo; quem é a pessoa que assume essa identidade punk; as relações que diferenciam os integrantes do grupo, seus conflitos e alegrias; como nesse processo espaços urbanos são escolhidos e baseado em quais critérios; como esses espaços se tornam territórios alternativos e de que tipo são (TURRA NETO, 2004, p.23).

---

<sup>20</sup> O autor assim divide o seu texto: Prefácio; Nota de advertência; Carta introdutória; Carta I – Sobre metodologia; Carta II – Os movimentos de juventude e o punk; Carta III – O surgimento do punk e sua aterrissagem em Londrina; Carta IV – O campo; Carta V – Malote: “material subversivo”; Carta VI – Interpretando o indefinido: identidade e territorialidade punk em Londrina; Referências bibliográficas; Anexo. O autor adverte que na Carta V, sai de cena para abrir espaço à produção cultural punk, carta inserida fora da ordem cronológica em que as demais se encontram. Sugere várias possibilidades de leitura, sem seqüência cronológica: Cartas II e III, Carta I, Carta IV, Carta V, Carta VI; Carta V, Cartas II e III, seguida das demais; e avisa que não se deve ler a carta VI antes da Carta IV e tampouco a Carta IV antes da Carta I, sendo possível seguir a seqüência Carta I, Carta IV e Carta VI (TURRA NETO, 2004, p.20–23).

Turra Neto mesmo dedicando-se em definir nas Cartas o processo de identificação punk, afirma que em todo o livro o leitor não encontrará as respostas para “O que é ser *punk*?” e “O que é o *punk*?” (TURRA NETO, 2004, p.23).

Entretanto, frente às questões de pesquisa que pretendeu elucidar assinala que “o punk é fluidez e devir, sempre. Não há uma identidade fixa, mas uma identificação em constante processo de (re)elaboração, coletiva e individual”; que “trajetórias individuais particulares, mas com um mesmo sentimento de revolta, de indignação ante o mundo” ou pessoas que procuram se agarrar “em algo” confluem para a identidade punk através das “várias portas abertas à identificação juvenil”; e finalmente que a identidade punk apresenta uma tensão “no seu interior”, é “dinâmica”, “em permanente construção”, em constante movimento e de difícil apreensão (TURRA NETO, 2004, p.136, p.210, p.212).

A tensão entre a identidade grupal e as diferenças singulares dos seus membros permite que o caminho de cada sujeito ocorra em círculos particulares de subjetividade que formam uma rede assim explicitada “a juventude chegou, o espaço de circulação aumentou, novos contatos aconteceram, círculos estabelecidos em rede se formaram para esses/as jovens”. Na visão do autor um desses círculos é a identidade punk em que cada um se une de modo singular com o seu próprio conceito e vivência de ser punk (TURRA NETO, 2004, p.213).

Declaradamente o autor considera sua pesquisa multidisciplinar com os recursos epistemológicos da antropologia, da história, da sociologia, da geografia e da “psicologia da juventude”, considerando que o ser jovem é uma categoria diferenciada “no interior da sociedade” (TURRA NETO, 2004, p.21–22).

Com o nome **Grupos de estilo jovem: “o rock underground” e as práticas (contra)culturais dos grupos “punk” e “trash” em São Paulo**, Kênia

Kemp desenvolveu sua Dissertação de Mestrado no curso de antropologia em 1994 pela Unicamp.

A autora distingue como grupos de estilo aqueles que têm referência de pertencimento, visto que utilizam uma linguagem visual e musical próprias que lhes propiciam essa condição.

Sua pesquisa foi realizada com base na etnografia de grupo com a utilização do método de observação participante e do diário de campo junto ao movimento anarco-punk de São Paulo durante seis meses do ano de 1991, e com base na correspondência com editores de fanzines e revistas alternativas de várias cidades do Brasil.

Analisando as práticas coletivas desse movimento para esclarecer as idéias sobre o pertencimento ao grupo e a elaboração de sentidos sobre essas práticas, Kemp conclui que o movimento anarco-punk de São Paulo adota práticas contraculturais à lógica de funcionamento do mercado. As relações desses grupos com a mídia, com a indústria musical e com a indústria da moda lhes proporcionam o caráter contracultural, sendo o termo contra relativo à cultura de consumo.

Em suas considerações finais, Kênia Kemp compreende que a história local deste grupo de estilo underground detém uma profunda influência sobre a formação de suas identidades e sobre a realização de suas práticas em grupo construídas cotidianamente, a partir das quais são forjados os símbolos que lhes conferem o grau de pertencimento.

É, no entanto, no âmbito da produção bibliográfica referente aos livros de divulgação que o movimento punk detém maior número de publicações. No Brasil destacam-se os livros de Antonio Bivar **O que é punk** (1982), o livro de Silvio

Essinger **Punk: anarquia planetária e a cena brasileira** (1999) e **Punk** de Ricardo Alexandre

O dramaturgo Antonio Bivar<sup>21</sup> (1939) conheceu o movimento punk ainda em seus “primeiros passos” após ter morado durante um ano na Inglaterra entre 1980 e 1981. No retorno a São Paulo em 1982 publicou **O que é punk** organizando o primeiro grande festival de música e cultura punk do Brasil, realizado no Sesc Pompéia chamado **O começo do fim do mundo**. Passando a incentivar desde a organização de eventos até o registro de bandas e de músicas que surgiam, multiplicando consideravelmente as extensões do movimento punk no Brasil.

[...] “Bivar notou espantado a relação entre aquele bando de garotos chucros do subúrbio de São Paulo e a geração punk inglesa da época, [...] sugeriu à editora Brasiliense. O que é punk, ao mesmo tempo, começou a prestar certa assessoria estética aos meninos. Incentivava o registro das canções, ajudava na organização de eventos e dava noções de comunicabilidade. A idéia mais ambiciosa de Bivar, um festival multimídia, duas tardes de shows non-stop, vinte bandas punk de São Paulo e ABC, mostra de filmes (curta-metragens e documentários sobre a cena nacional e estrangeira), venda de fanzines, exposição de fotos. O festival foi agendado para novembro de 1982” (ALEXANDRE, 2004, p.68–70).

---

<sup>21</sup> Antonio Bivar nasceu em São Paulo em 1939, estreou como dramaturgo em 1968 com **Cordélia Brasil**, seguida de **Abre a Janela e Deixa Entrar o Ar Puro e o Sol da Manhã** e **O Cão Siamês**. Um dos autores teatrais mais premiados de 1968 foi também um dos mais perseguidos pela censura nos anos da ditadura militar. Com outros artistas e intelectuais exilados na Inglaterra, em seu retorno passou a dividir-se entre o teatro, o jornalismo e a literatura. Autor de interesses antagônicos, Bivar explora uma vastidão de assuntos, desde o punk paulistano à alta literatura, sendo internacionalmente respeitado pelo mundo acadêmico, colaborando com ensaios para as publicações da International Virginia Woolf Society, sediada nos EUA. Suas principais publicações: **O que é Punk**. Brasiliense, 1982; **James Dean**. Radical, Brasiliense, 1983; **Alma Beat – ensaios sobre a Beat Generation**. L&PM, 1984; **Verdes Vales do Fim do Mundo – memórias do exílio**. L&PM, 1984; **Chicabum**. Siciliano/Mandarim, 1991; **Longe Daqui Aqui Mesmo – memórias**. Círculo do Livro, 1995. No teatro: **Abre a Janela e Deixa Entrar o Ar Puro e o Sol da Manhã**. Revista de Teatro/SBAT, 367, 1969; **O Cão Siamês**. Revista de Teatro/SBAT, 401, 1974; **Cordélia Brasil**. Revista de Teatro/SBAT, 413, 1976; **Quarteto**. Revista de Teatro/SBAT, 426, 1978; **Enfim o Paraíso**. Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 1992, ([www.wikipedia.org.com.br](http://www.wikipedia.org.com.br). Acessado em 25/01/2006).

Em **O que é punk** Antonio Bivar realiza um registro histórico-jornalístico do movimento punk ligado à história do rock internacional e nacional, detendo-se às décadas de 50, 60, 70, 80 e meados da década de 90 do século XX.

Relacionando o punk ao plano cinematográfico, musical e artístico Bivar identifica como primeiras aparições do movimento punk o filme *Juventude transviada* com James Dean, a música *Wizz Kid* do grupo *Mott the Hople* em 1973 na qual o autor lembra ser a primeira vez em que a palavra punk é pronunciada na letra de rock, e o movimento artístico anarquista *Dadá* ou *Dadaísmo*.

Bivar retoma a ligação entre Malcom McLaren e Vivienne Westwood com a criação da loja *Let it Rock* para a posterior *Sex* com a criação das bandas *New York Dolls* e *Sex Pistols*, descrevendo através de datas, fatos, eventos e personalidades a evolução do movimento punk através da trajetória das bandas de punk rock. Apresenta uma visão geral do punk na Inglaterra e nos EUA, destacando detalhes do percurso de bandas como os *Sex Pistols*, *Ramones* e *The Clash*. No livro, a questão *new wave* é narrada como uma ação da mídia sobre as bandas de rock para assegurar-lhes sucesso no mercado musical e para resguardá-las da aura negativa proveniente das apresentações de bandas punks.

“Desde os últimos meses de 77, quando o punk se torna sinônimo de má reputação e vandalismo, a imprensa musical passa a tratar a coisa como *new wave* [...] muitas bandas punks originais aceitam o jogo e se vendem às gravadoras” (BIVAR, 2001, p.76).

No panorama brasileiro, ressalta a distinção entre o cenário punk brasileiro e o cenário do movimento punk inglês e norte-americano. Para o autor a principal resistência do movimento punk brasileiro no início de sua formação era o monopólio musical dos artistas da MPB.

Antonio Bivar finaliza seu livro apresentando um apanhado histórico do movimento punk internacional e nacional, lembrando momentos importantes como o Jubileu de Ouro da rainha Elizabeth II na Inglaterra e suas interconexões com o anarquismo. Tece considerações sobre outras publicações sobre o movimento punk como o livro **Punk: anarquia planetária e a cena brasileira** (1999) de Silvio Essinger e o norte-americano **Please Kill me – Mate-me por favor** (1997) de Legs McNeill e Gillian McCain.

Na observação de que os autores da ótica jornalista abordam a mesma esfera da circulação punk, o autor, jornalista e crítico de música Silvio Essinger autor de **Punk: anarquia planetária e a cena brasileira** relata o movimento punk através de entrevistas feitas com diversos músicos de bandas punks, coletando material publicado na imprensa sobre este movimento.

Sua abordagem considera o punk sob a ótica jornalística destacando-o como um evento de extensa repercussão no quadro da música internacional e nacional. O autor realiza um breve apanhado da história do movimento punk no mundo, direcionando como objeto central da sua narrativa o alcance da trajetória punk em território brasileiro.

Essinger enfatiza que inicialmente o movimento punk assentado em atitudes comportamentais e em uma estética veiculadas pela música visando chocar as normas sociais passou a movimento de transgressão geral, como se encontra expressa em fanzines, na ocupação de casas abandonadas (squats), no confronto à sociedade mercadológica, na proliferação de comunidades libertárias, na formação de bandas hardcore, no uso do body-piercing e na contravenção hacker.

O centro do livro de Essinger é o cenário punk no Brasil, razão pela qual o autor divide o seu livro em capítulos relativos aos Estados brasileiros que o difundiram musicalmente.

Essinger realiza uma historiografia do rock internacional e nacional apresentando os encontros e desencontros entre músicos e artistas, as brigas, as intrigas e as declarações inusitadas ou planejadas que ocorreram em shows, gravações e demais eventos, elementos que compõem um cenário imprescindível ao conhecimento do movimento punk mundial e brasileiro. Seu livro é estruturalmente um registro para as produções musicais principalmente as nacionais.

Na mesma linha de produção, destacando-se pelo aprofundamento das informações, outra obra classificada como divulgação do movimento punk é a publicação **Punk** (2004) de Ricardo Alexandre, jornalista, repórter, crítico de música, editor-chefe do site usina do som e autor dos livros **Dias de luta – o rock e o Brasil dos anos 80** (2002) e **Beatles** (2003).

Ricardo Alexandre discute a denominada Blank Generation de Nova York e o Pub Rock de Londres, como o cenário predecessor ao punk dos Sex Pistols e do grupo The Clash, situando-o como movimento paralelo as garage bands dos anos 60, à psicodelia dos anos 70 e as cenas do rock de Nova York e Londres entre 1974 e 1976.

Ao abordar o ano em que o punk tornou-se conhecido na mídia (1977) e a carreira do Sex Pistols, o autor considera como “bizarra” a trajetória desta banda em busca dos holofotes e das câmeras da mídia, fato que desencadeou a uma “febre mundial de hard rock mal tocado” (ALEXANDRE, 2004, p.9).

“Os shows seriam um rastro de pólvora seguido por um número crescente de infelizes [...] rotina de brigas no palco, declarações bombásticas à imprensa especializada, confusões na platéia [...] e muita esperteza no marketing arquitetado por McLaren” (ALEXANDRE, 2004, p.25) (O autor se refere ao panorama do show biz e às articulações do empresário do Sex Pistols).

No terceiro capítulo Alexandre chama a atenção ao Pós-punk, a new wave e o hardcore como articulações a uma reinvenção do punk protagonizada pela mídia. McLaren é ironicamente lembrado por Alexandre nesse capítulo.

“Aí Sid Vicious morreu, os Sex Pistols acabaram e McLaren inventou que era artista conceitual, empresariou alguns grupos, produziu eventos e gravou seus próprios discos – alguns verdadeiros marcos como *Buffalo Gals* que misturava folk e hip hop em 1982” (ALEXANDRE, 2004, p.54).

Segundo o autor, o pós-punk resumia-se em “tudo o que guardasse relação com o punk, mas que fosse mais adulto” (ALEXANDRE, 2004, p.55).

Alexandre apresenta a evolução das bandas, do estilo, das mensagens, das características artístico-musicais e político-ideológicas que permaneceram no cenário musical desde o punk 77 e as novas bandas que foram surgindo sob a “transmutação” da new wave (ALEXANDRE, 2004, p.59).

Tece ainda considerações sobre o movimento punk no Brasil fornecendo um apanhado histórico, social, político e econômico do país, destacando quais segmentos sociais aderiram ao movimento e o que o punk brasileiro anunciou. As considerações finais do autor são sobre o legado punk no âmbito musical mundial e nacional após a década de 90.

No panorama das publicações internacionais destacam-se os livros **Mate-me por favor** de Legs McNeil e Gillian McCain, **Disparos do front da cultura pop** de Tony Parsons, **A filosofia do punk** de Craig O'Hara e **A moral da máscara** de Patrice Bollon.

O livro **A moral da máscara: merveilleux, zazous, dândis, punks, etc.** (1993) do jornalista francês Patrice Bollon destacando-se dos demais, apresenta a hipótese de que indivíduos e grupos sempre expressaram sua revolta contra os padrões sociais através da roupa, e que cada tipo de vestuário corresponde a um tipo de música, de mentalidade e de estética de um determinado período histórico.

“Sempre existiram indivíduos [...] que se expressassem e se afirmassem através de um estilo, simples pose de traje em ruptura com as normas aceitas por sua época, da ‘elegância’, do ‘bom gosto’ e da ‘respeitabilidade’. Homens – e certamente mulheres também – que pretendem com sua aparência contestar um estado de coisas, uma escala de valores, uma hierarquia de gostos, uma moral, hábitos, comportamentos, uma visão de mundo ou um projeto, tais como são refletidos pelo traje dominante, pelo estilo obrigatório ou pela referência estética comum da sociedade em que vivem” (BOLLON, 1993, p.11).

Informa o autor que as mudanças do vestuário mantém estreitas relações com a história e a política, como é o caso dos românticos de 1830, os zazous de 1940, os hippies de 1960 e os punks de meados da década de 70 do século XX.

Ao analisar o percurso dos movimentos sociais desde o século XVII em **A moral da máscara**, Bollon destaca que no passado os muscadins marcaram o fracasso da revolução de Robespierre do mesmo modo que os românticos anunciaram um novo conceito de indivíduo e os punks denunciaram ao mundo que havia algo de podre no reino da Inglaterra.

O livro descreve as épocas históricas que marcaram a sociedade dos séculos XVII ao XX caracterizando os punks como “verdadeiros totens vivos, alguma tribo de índios surgidos não se sabe de onde, num campo de uma guerra do qual somente eles saberiam a existência e a razão” (BOLLON, 1993, p.126).

Bollon descreve a negatividade existente no discurso da sociedade vigente em reação à proliferação punk no centro de Londres, transcrevendo algumas das conceituações erigidas ao movimento:

“Tudo neles fazia questão de ser mais sórdido, vicioso, baixo, perverso, degenerado, repugnante – punk em todos os sentidos do termo. Mais ‘feios’, mais ‘tarados’, mais ‘sujos’, mais ‘débeis mentais’, mais ‘podres’, mais ‘quadrados’, mais ‘vis’, mais ‘nulos’ – em suma, mais punks do que eles não há” (BOLLON, 1993, p.126–127).

O autor influenciado pelo trabalho de Guy Debord<sup>22</sup> em **A sociedade do espetáculo** e no movimento Situacionista baseado na mercantilização e no fetichismo capitalista, explica o movimento punk como sendo a articulação da inversão dos valores e do clamor pela vilania voltada a uma estratégia de espelhamento dos defeitos como arma de contestação social.

Em linhas gerais, na descrição de Patrice Bollon o movimento punk demarcou seu período na história como:

“[...] realmente ‘demônios’, ‘serpentes’: eles tentavam o diabo que se escondia na sociedade; eles o provocavam à existência, fazendo emergir à consciência social toda uma parte ‘baixa’, instintiva, maldita, tabu, que geralmente não tinha voz ativa” (BOLLON, 1993, p. 151).

Considerado uma importante fonte da história do punk o livro **Please kill me**, ou, **Mate-me por favor: uma história sem censura do punk** (2004) narra através de depoimentos a trajetória do movimento punk de Nova York e Inglaterra desde a década de 70. Dentre os depoimentos estão cartas, diários, documentos e demais fragmentos publicados ou não de músicos, artistas, empresários, ex-

---

<sup>22</sup> Guy Debord (1931–1994) partidário do marxismo libertário em 1958 fundou o movimento de contestação à sociedade capitalista – a Internacional Situacionista, revista que até 1972 difundiu os estudos voltados à crítica da sociedade moderna. Sua principal publicação é **A sociedade do espetáculo** (1967) ([www.geocities.yahoo.com.br/mcrost12/a\\_sociedade\\_do\\_espetaculo\\_0.htm](http://www.geocities.yahoo.com.br/mcrost12/a_sociedade_do_espetaculo_0.htm)). Acessado em 02/02/2006).

mulheres, namoradas, fotógrafos e repórteres que dão suporte à narrativa dos domínios do showbiz.

O jornalista e ex-atuante do movimento punk da década de 70 Legs McNeil foi o responsável pelo termo punk ligado ao rock em 1975 a partir da criação de uma revista de música e cultura pop deste período com o mesmo nome, como se depreende do depoimento abaixo:

**“Legs McNeil:** [...] eu tinha 18 anos, estava morando em Nova York [...] isso era 1975 e a idéia de tomar ácido e largar tudo era uns dez anos atrasada [...] cresci e fiz uma comédia estilo Três Patetas com dois amigos da escola John Holmstron e Ged Dunn. John era cartunista, e Ged era um negociante; no fim do verão decidimos que ia trabalhar junto [...] Holmstron tinha montado um grupo de teatro chamado Apocalypse Players [...] a polícia chegou a interromper um dos shows quando errei ao atirar uma torta e acertei alguém na platéia. Mas quando John, Ged e eu nos reagrupamos, não estava bem definido o que faríamos – filmes, quadrinhos alguma coisa de mídia [...] a gente estava andando de carro, e John disse: acho que devíamos lançar uma revista? [...]. Bem, e como você acha que deveria chamá-la? Então eu disse: por que a gente não chama de punk? A palavra punk pareceu ser o fio que conectava tudo que a gente gostava – bebedeira, antipatia, esperteza sem pretensão, absurdo, diversão, ironia e coisas com um apelo mais sombrio” (MCNEIL; MCCAIN, 2004, p.265–266).

Os dois volumes de **Mate-me por favor: uma história sem censura do punk**, desenrola os fatos e as relações do movimento punk de 77 através de relatos com base em diários, fragmentos encontrados e em fontes como antologias, revistas, entrevistas publicadas e inéditas referenciados na última parte do livro. Legs McNeil e Gillian McCain se distinguem de outras publicações sobre o movimento punk no seu formato em relatos editados na íntegra preservando seu detalhamento e espontaneidade, sendo uma importante fonte de referências para as pesquisas sobre o movimento punk.

O jornalista Tony Parsons<sup>23</sup> em **Disparos do front da cultura pop** (2005) descreve o movimento punk a partir do material jornalístico armazenado pelo autor durante os anos em que trabalhou na cobertura do movimento punk pela New Music Express. São descritos fragmentos de shows, declarações sensacionalistas, fatos corriqueiros, curiosidades e embates entre os envolvidos no universo musical e artístico do rock and roll.

Na narração de Parsons é possível perceber a sua avaliação crítico-musical:

“Os Pistols subiram ao palco no Leeds Poly com alguns poucos aplausos, muitos excessos e alguns objetos arremessados contra eles [...] o Clash abriu a noite com um ótimo set, um rock muito envolvente, altamente ousado e violento. Tive a impressão de que eles não esperavam nada do público ou de qualquer outra pessoa [...] gostei dos Heartbreakers porque eles me lembram o New York Dolls – a maneira como tocam, as músicas e às vezes o visual” (PARSONS, 2004, p.17–19).

**Disparos do front da cultura pop** apresenta uma forte característica de um romance autobiográfico mesclado à narração de acontecimentos, um documentário baseado em depoimentos espontâneos, uma produção originada por anos nos bastidores do cenário internacional do rock.

“Já deveríamos todos saber a essa altura que os Sex Pistols são os inimigos públicos nº. 1 que não querem nem esperam nada das multidões que os odeiam. Mesmo assim as cenas que ocorreram quando os policiais invadiram sua festa do Dia do Jubileu deixaram uma marca em mim que vai continuar por muito tempo depois que os hematomas desaparecerem: é improvável que algum dia eu possa olhar para algum membro da polícia Metropolitana de Sua Majestade sem ficar com nojo” (PARSONS, 2005, p.46) (O autor se refere à surra que levou quando cobria como jornalista, o show dos Sex Pistols de manifestação contra o Jubileu da Rainha da Inglaterra Elizabeth II em 18/06/1977).

---

<sup>23</sup> Tony Parsons aos dezesseis anos abandonou o colégio para trabalhar em uma destilaria de gim. Iniciou sua carreira jornalística escrevendo sobre música e o movimento punk para o New Musical Express. Hoje Parsons é um jornalista premiado que há dez anos é colunista do Daily Mirror, sendo autor dos romances **Pai e filho** (1999), **Marido e Mulher** (2004), **One For my Baby** (2001) e **The Family Way** (2004) (PARSONS, 2005).

Outra publicação recente no Brasil é **A filosofia do punk: mais do que barulho** de Craig O'Hara<sup>24</sup> (2005). Estruturalmente o livro de O'Hara se distingue pelo caráter de arquivo e fonte de pesquisa sobre o movimento punk, também pela demarcada discussão que estabelece sobre os assuntos que vai delineando, transparecendo uma forte alusão à experiência – pelo extenso período de vivência na cultura punk – adquirida pelo autor.

O' Hara une a sua experiência às fontes pesquisadas para discorrer sobre: os punks e os skinheads, suas diferenças e possíveis afinidades; o punk e suas interconexões com o anarquismo; as questões ambientais e ecológicas ligadas às manifestações do movimento punk; o punk e sua relação com outros movimentos sociais; as ramificações ou subdivisões do movimento punk; e, o ideal do movimento e suas correlações históricas a outros movimentos artístico-culturais.

Em **A filosofia do punk** verifica-se a passagem da ótica direcionada ao cenário musical para o âmbito sócio-cultural do assunto, com certo predomínio da visão funcionalista da sociedade como se percebe a seguir:

“Os seres humanos agem como se não tivessem nada em comum entre si. É como se fôssemos postos aqui para funcionar por nós mesmos. Muitos filósofos, sociólogos e teólogos tentaram mostrar o ridículo estilo de vida atomístico e alienado que escolhemos. Enquanto a comunidade intelectual sempre se mostrou hábil para enxergar o ‘grande quadro’ de como as coisas realmente são, essa compreensão ficou restrita em publicações acadêmicas [...] Alguns grupos externos desejam fazer parte da corrente comum, enquanto outros não [...] tais grupos defrontam-se com um certo grau de isolamento da sociedade [...] tendem a formar subculturas” (O'HARA, 2005, p.29).

---

<sup>24</sup> O norte-americano Craig O'Hara permanece ativo no movimento punk produzindo shows, promovendo bandas, publicando fanzines e percorrendo universidades ministrando palestras e cursos sobre o punk como um movimento social, político e cultural. Ativista político tem defendido o ideal punk para além do fenômeno musical, pois, para O'Hara “o punk não é algo que se possa rotular ou categorizar”, mas um movimento de extensões sociais e culturais (O'HARA, 2005, p. 16).

Na compreensão de O'Hara os "punks questionam o conformismo não apenas por parecerem e soarem diferentes, mas para colocar em xeque os modos de pensar predominantes" (O'HARA, 2005, p.34).

Nas suas palavras o livro "não foi escrito apenas para o fã de música, mas para o leitor interessado nas filosofias políticas e sociais", "não estou tentando escrever uma história, mas deixar registrado um documento de uma filosofia crescente e em constante mudança" (O'Hara, 2005, p.24).

Constatamos que o número de produções bibliográficas sobre o movimento punk é escassa, tanto acadêmica quanto de divulgação. Dentre essas produções, verificamos que as abordagens realizadas têm se dividido entre duas vertentes: a funcionalista sociológica, segundo a qual o movimento punk está ligado aos fatores de rebeldia, transgressão, delinqüência e desvio juvenil; e a histórico-jornalística da imprensa dando prioridade à análise factual; nela o movimento punk encontra-se subsumido à história do rock mundial e nacional.

Percebemos dessa forma que, orientados por uma apreciação fragmentária, os estudos epistemológicos sobre o movimento punk têm sido a marca de um "ideal binário" caracterizado homogeneamente pela ordem e desordem social, em que, excluindo-se o contexto histórico substituem o fato semiótico "específico da criação ideológica" por um fenômeno resultante de "reações psicofisiológicas", analisadas pelo viés "empírico-psicológico" (BAKHTIN, 1999, p.34-36).

As produções referentes à divulgação do movimento punk têm sido construídas privilegiando a "forma mercadoria" <sup>25</sup> suprimindo a complexidade pela superficialidade (JAMESON, 2004, p. 10).

---

<sup>25</sup> O termo forma mercadoria corresponde no texto à espetacularização que a diversidade cultural sofre sob a ótica de mercado, passando a expressar um determinado valor axiológico, positivo ou negativo conforme a representação que ocupa no circuito político-ideológico vigente (JAMESON, 2004).

No entanto, é indispensável conhecer o suporte destas produções na medida em que propiciam ao pesquisador o conhecimento das vertentes epistemológicas envolvidas e do suporte teórico-metodológico utilizado, fornecendo o acervo composto por dados já coletados entre fontes primárias e fontes secundárias relacionadas ao nosso objeto.

Caracterizado o perfil das produções, compartilhamos a afirmação de Mikhail Bakhtin:

“[...] a cada etapa do desenvolvimento da sociedade encontram-se objetos particulares e limitados que se tornam objeto da atenção do corpo social e que, por causa disso, [...] este grupo de objetos dará origem a signos, tornar-se-á um elemento da comunicação por signos” (BAKHTIN, 1999, p. 44).

Optamos, portanto, pela concepção de totalidade social na qual, a contradição – base para a existência, nos direciona para a possibilidade de “elevar nossa época do diferente a uma formulação totalizante, que lê no geral o específico e nas manifestações artísticas, figurações da estrutura sócio-econômica que nos descentra” (JAMESON, 2004, p. 6).

No primeiro capítulo, “Juventude e seus retratos” são apresentados os estudos sobre a juventude considerando as principais pesquisas e elaborações teóricas produzidas no Brasil. Procuramos nos aprofundar nos aspectos desenvolvidos por esses pesquisadores para conhecer a fundamentação teórico-metodológica das suas abordagens. Visto que, em sua maioria qualificam a cultura punk como um movimento de transgressão juvenil. Em divergência a esse posicionamento, acreditamos ser essencial o aprofundamento nos estudos sobre juventude para demonstrar os seus limites analíticos.

No segundo capítulo, “A maldição de Narciso” se apresentará o suporte teórico-metodológico da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin para explicitar o

caráter plural do signo que possibilita a ocorrência de diferentes valorações axiológicas, dado o horizonte social a que determinada comunidade semiótica se insere.

Nesse capítulo serão referenciados os movimentos denominados contraculturais do século XX e outros que se destacaram dentre os séculos XVII e XIX, essenciais à historicização do movimento punk, uma vez que este se encontra interconectado às produções semióticas do contexto histórico-social do capitalismo.

No terceiro capítulo, “Em cena...” nossa discussão se orientará para a compreensão do movimento punk como expressão cultural, política e social analisado sob a ótica da materialidade sígnica expressa na esfera ideológica de contestação e resistência à esfera ideológica capitalista.

Nossa atenção recai também sobre o dialogismo instaurado entre o movimento punk e o anarquismo, o dadaísmo, o futurismo e o situacionismo no horizonte social da esfera ideológica libertária de oposição à cultura expressa pelo capitalismo. Para tanto, destacaremos as dinâmicas relações dos enunciados produzidos na cultura punk com seus níveis de valor contraditórios.

Na seqüência apresentamos sob a ótica da filosofia da linguagem, as “Notas adicionais” referentes ao relato sobre a vivência com os punks de Curitiba.

Não promovendo juízos de valor aos métodos expostos no texto, entendemos que a pesquisa somente alcançará um número maior de possibilidades de compreensão e conhecimento do seu objeto, na medida em que, se realize a interação entre o pesquisador e a pesquisa. Uma interação que tenha paixão cabível à extensão e singularidade de cada objeto e de cada pesquisa, não se submetendo ao objetivismo radical que situa homens e mulheres à condição de seres

inanimados; mas, que conserve ao pesquisador a sensibilidade necessária para considerar o objeto, razão de sua pesquisa.

Seguindo essa orientação, concordamos com Antonio Joaquim Severino (2002) em sua afirmação “a multiplicidade de aspectos pelos quais, a realidade se manifesta abre igualmente uma multiplicidade de métodos epistemológicos”, ressaltando a responsabilidade presente no ato de pesquisar frente os procedimentos metodológicos utilizados para atingir uma maior compreensão do objeto de estudo (SEVERINO, 2002, p. 150).

Unindo responsabilidade acadêmica, persistência objetivada e crença na importância da pesquisa tanto para o âmbito epistemológico quanto para o desenvolvimento das sociedades instaurado nas conexões entre linguagem e sociedade, buscaremos nas considerações finais sintetizá-las e clarificá-las nos reflexos e nas refrações da realidade social contemporânea.

## PRIMEIRO CAPÍTULO

### JUVENTUDE E SEUS RETRATOS

Toda a sociedade ocidental desde a Antigüidade Clássica orientou-se para o ensino de jovens e crianças, mantendo uma relação educacional em seu sentido lato entre a criança, o jovem e a sociedade visando a instrumentalização cognitiva, a assimilação de doutrinas, de tradições culturais e de preceitos ético-morais. Resguardadas as devidas condições históricas, políticas e econômicas das sociedades antigas, pode-se afirmar que de longa data infância e juventude encontram-se intimamente relacionadas com a tarefa de educar, processo que insere o sujeito no mundo que o cerca<sup>26</sup>.

A juventude surge como tema em 1850 na ópera Sigfried de Richard Wagner (1813-1883) sendo o “primeiro adolescente moderno típico” para Philippe Ariès (ARIÈS, 1986, p.46).

“A ‘juventude’, que então era adolescência, iria tornar-se um tema literário, e uma preocupação dos moralistas e dos políticos. A juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada. Havia-se experimentado um sentimento semelhante no período romântico, mas sem uma referência tão precisa a uma classe de idade. Sobretudo, esse sentimento romântico se limitava à literatura e àqueles que a liam. Ao contrário, a consciência da juventude tornou-se um fenômeno geral e banal após 1914, em que os combatentes da frente de batalha se opuseram em massa às velhas gerações da retaguarda” (ARIÈS, 1986, p.47).

Para Andréas Flitner data do século XVIII um interesse maior sobre infância e juventude em seu aspecto de desenvolvimento físico na vertente do

---

<sup>26</sup> Vide a este respeito: GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1995.

empirismo inglês, e na vertente racionalista, ambas convivendo com doutrinas religiosas que consideravam essenciais a experiência da alma, a experiência de Deus (espiritualidade mística, pietismo)<sup>27</sup> (FLITNER, 1968).

Para este autor Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e Johan Heinrich Pestalozzi (1746-1827) com suas obras demarcam neste século a necessidade de orientação neste período da vida (FLITNER, 1968).

Jean-Jacques Rousseau<sup>28</sup> (1712-1778) destaca-se pela inovação conceitual e metodológica, pela repercussão do seu livro **Emílio ou da educação** (1762). Pestalozzi detém-se em apreciações que indicam uma preocupação sociológica em relação ao infanticídio materno e à educação dos trabalhadores do campo (artesãos têxteis e jornaleiros) (FLITNER, 1968, p.42, p.43).

A partir do século XIX ingressam no campo educacional as vertentes sociológicas e psicológicas que gradativamente estabelecem os parâmetros de uma sociologia e de uma psicologia da educação orientadas para a pesquisa da juventude. Como ciências autônomas, a sociologia e a psicologia passaram a tratar de investigações metódicas sobre a juventude com teorias e métodos diversos (FLITNER, 1968, p.47, p.48).

No âmbito sociológico analisam-se principalmente nesta época as formas de sociabilidade e comportamento, traços caracteriológicos, diários e vivências, encaminhando-se as pesquisas ao final da Segunda Guerra Mundial para a relação entre juventude e o contexto histórico-político e social e/ou histórico-cultural.

Esta vertente é assumida pela antropologia nas matrizes compreensiva e interpretativa que visam entender o sujeito em uma dada cultura.

---

<sup>27</sup> São vários os compêndios pedagógicos e pietistas em circulação no século XVIII como se percebe pela leitura de DARNTON, ROBERT. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p.323-328.

<sup>28</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

As matrizes funcionalista e organicista da psicologia americana e europeia, a psicanálise, o funcionalismo da antropologia e da sociologia instauraram padrões modelares de cientificidade para o estudo da juventude no período após a Segunda Guerra Mundial, com ampla aceitação acadêmica internacional<sup>29</sup>.

Estas correntes permitem a ênfase no diagnóstico, na experimentação, no levantamento de dados estatísticos, na relação de causa e efeito e no desenvolvimento de integração social do sujeito; subjaz a estas vertentes a preservação e a continuidade das instituições sociais, o caráter preparatório da infância e da juventude para o acesso ao mundo adulto (mercado de trabalho, aceitação das normas e constituição da família). O sujeito não adaptado à sociedade de sua época, é um sujeito em conflito que deve superá-lo para ajustar-se ao meio que o cerca; os aspectos sócio-históricos dessas vertentes estão circunscritos apenas às descrições do meio ambiente e foram deste modo, divulgados nas academias brasileiras.

As alterações político-econômicas propiciadas pelo desenvolvimento do capitalismo mundial desencadearam um crescente processo de complexidade, na sociedade brasileira a partir da década de 50, complexidade que se encontra assinalada nas pesquisas desenvolvidas na década de 60 mantendo a relação juventude – crise geracional.

A ênfase dos autores sobre juventude no âmbito dos movimentos sociais como sujeitos que forjam práticas específicas (novas modalidades de lutas sociais) produzem a compreensão de que na sociedade brasileira é possível discernir “formas de ação coletiva dos segmentos juvenis” (SPOSITO, 2000, p.76).

---

<sup>29</sup> Luís Cláudio Mendonça Figueiredo analisa os autores destas matrizes traçando uma linha do tempo e localizando no funcionalismo americano a contribuição de Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), no funcionalismo europeu a de Jean Piaget (1890-1980) e a psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939); as vertentes da antropologia e da sociologia encontram-se explicitadas metodologicamente na introdução desta pesquisa (FIGUEIREDO, 1991).

Diante das intensas mobilizações políticas de inúmeros segmentos sociais presentes na América Latina contra as ditaduras militares entre 1960 e 1970 credita-se à juventude uma nova visibilidade: tornam-se os jovens, atores sociais<sup>iv</sup>, como se historicamente, até então, os jovens fossem sujeitos obscurecidos (SPOSITO, 2000, p.76-77).

Fundamentados em Mikhail Bakhtin nosso entendimento é que movimentos sociais, segmentos de classe e manifestações juvenis estão inseridos em relações estruturais mais amplas, determinadas por condições sócio-históricas; nas correlações entre a infra e a superestrutura são produzidas incessantemente profundas alterações entre os quadros da economia e da política de um determinado horizonte social. Sob essa reflexão, tais conceituações a respeito do segmento juvenil foram a expressão de condições políticas e econômicas específicas, como as que passamos a relatar.

O governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), que abrangeu o período de 31/01/1956 a 31/01/1961, havia conseguido estabilidade através da centralização política possibilitada pela aliança partidária entre conservadores do PSD, Partido Social Democrático de base rural e trabalhistas, o PTB, Partido Trabalhista Brasileiro de base urbana e do apoio das Forças Armadas, o que lhe assegurava na Câmara e no Senado a aprovação de todos os projetos que interessavam ao poder executivo. A ação política do governo JK caracterizava-se por dois direcionamentos essenciais: o estratégico que consistia no acordo entre a oposição e as forças conservadoras; e o tático referente à transferência dos problemas pendentes para a futura gestão presidencial (ABREU et al. 2001, p.2960-2970).

Este governo estabeleceu o Plano de Metas, pretendendo o desenvolvimento acelerado (50 anos em 5) priorizando as áreas da energia, transporte, indústria de base, educação e alimentação. Seu principal objetivo era a melhoria nas condições de infra-estrutura do país para o desenvolvimento da indústria, imprescindível ao progresso nacional. Entretanto, este desenvolvimentismo adotado na administração do Presidente Juscelino Kubitschek acarretou ao final da década 50 uma acirrada crise econômica, proveniente do acúmulo inflacionário da dívida externa contraída devido ao acelerado crescimento urbano e industrial do país com capital estrangeiro, permitindo a este a posse de setores importantes da economia do Brasil.

O descontentamento ao final do seu mandato diante da crise econômica era manifestado pelos partidos políticos, pela burguesia empresarial e agrária, por setores populares e financeiros (ABREU et al. 2001, p.2960-2970).

A abertura ao capital estrangeiro propiciou a desnacionalização crescente da economia brasileira, gerando sucessivas reivindicações e radicalizações no movimento sindical. Aumentaram os movimentos sociais urbanos e rurais (Ligas Camponesas) com o apoio da igreja católica exigindo a reforma agrária, o aumento salarial e a preservação da empresa nacional. A aliança partidária mostrava-se fragilizada e contraditória, o PSD rompe a aliança com o PTB unindo-se à UDN (União Democrática Nacional) elegendo Jânio da Silva Quadros (1917-1992) e João Belchior Marques Goulart (1918-1976) para a presidência e vice-presidência da República em 31 de janeiro de 1961<sup>v</sup>.

Jânio Quadros arregimentou os votos dos militares, das camadas médias da burguesia empresarial e dos trabalhadores pela promessa de combate à inflação, moralização, estabilização econômica, afirmação da livre iniciativa e de justiça

social<sup>vi</sup>. Havia uma forte resistência à posse de João Goulart vencida pelo Ato Adicional<sup>vii</sup> que emendava a Constituição criando o parlamentarismo. João Goulart assumiu a presidência da República em 07 de setembro de 1961 com o apoio sindical, das organizações de esquerda e de segmentos políticos nacionalistas que exigiam reformas sociais. Um plebiscito popular aprovado pelo Congresso ocorreu em 06 de Janeiro de 1963 retornando o país ao regime presidencialista.

A sociedade brasileira enfrentara em 1962 105 greves que desestabilizaram o seu cenário político; o acelerado crescimento urbano exigia solução para as questões de saúde, habitação, transporte, saneamento e educação; a população rural reivindicava reforma agrária; e, as medidas contra a inflação requeriam uma drástica contenção de crédito, dos salários e do orçamento federal. Todo esse quadro provocou um acirramento ideológico partidário com inúmeras entidades de direita e de esquerda pressionando o Estado e não permitindo a manutenção da ordem social e política<sup>30</sup>.

Com o apoio de diferentes dirigentes sindicais organizou-se uma imensa mobilização popular visando pressionar o Congresso e o Presidente para atender às reformas de base (administrativa, educacional ou universitária, bancária, política ou

---

<sup>30</sup> Referimo-nos às facções que surgem no PSD (Partido Social Democrático), na UDN (União Democrática Nacional) e no PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) de variadas tendências ideológicas que deu origem à coligações interpartidárias. No Congresso o setor conservador articulava-se na Ação Democrática Parlamentar conectada ao IPES e ao IBAD. Na ala esquerda situava-se parte do PSD, do PTB e da UDN tendo como núcleo a Frente Parlamentar Nacionalista. Os órgãos de classe constituíam-se em: Comando Geral dos Trabalhadores, o Pacto de Unidade e Ação (aliança intersindical), a União dos Estudantes, a Ação Popular (movimento católico), as Ligas Camponesas, a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil e a Frente de Mobilização Popular. Quanto às entidades de direita destacavam-se o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) que reuniam empresários, profissionais liberais, intelectuais e militares, a Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresas, a Frente da Juventude Democrática (grupo anticomunista), o Movimento Anticomunista, a Campanha da Mulher pela Democracia e a União Cívica Feminina. O IPES abrigava os tecnocratas empresários, profissionais liberais e intelectuais adaptando-se com os militares da Escola Superior de Guerra (grupo de levantamento e conjuntura). Patrocinou o Grupo de Ação Patriótica que se opunha a UNE (União Nacional dos Estudantes) e a UCF (União Cívica Feminina). Foi orientador e deu suporte financeiro à Federação dos Círculos Operários de São Paulo e ao Movimento Sindical Democrático (ABREU et al. 2001, p.2781-2782, p.2789-2791).

eleitoral, fiscal ou tributária e constitucional). Participando do evento João Goulart discursando declarou seu comprometimento assinalando que os decretos já haviam sido por ele assinados para realizar as reformas desejadas (ABREU et al. 2001, p.4938-4941).

Após o Comício realizado no dia 13 de março de 1964 no Rio de Janeiro em frente à Central do Brasil, as forças de direita articularam a Marcha da Família com Deus pela Liberdade de oposição ao governo alardeando a implantação do comunismo no Brasil; o Brasil estava a caminho do regime militar<sup>viii</sup>.

“[...] na verdade, a denominada ‘Revolução de 1964’ se constituiu, pois, numa restauração da dominação burguesa, confirmando-se aquilo que tem sido uma constante na nossa história política: continuidade, restaurações, intervenções cesaristas, transformismo, exclusão das massas populares, autoritarismo” (GERMANO, 1994, p.53).

Este período histórico de eliminação de uma democracia representativa à emergência de um Estado totalitário foi demarcado por intensas lutas ideológicas promovidas no embate de forças das organizações sociais e política em que estiveram presentes jovens de classe média urbana, universitários.

“[...] o acirramento das lutas de classes foi notório, uma vez que a sociedade civil tornou-se mais ativa diante da ampliação da participação política e da organização dos trabalhadores urbanos e rurais. Outros setores da sociedade também se organizaram e participaram ativamente das mobilizações a favor das Reformas de Base como os estudantes e os militares subalternos (sargentos, marinheiros, etc.). Saliente-se que, do ponto de vista ideológico, o nacionalismo de esquerda exerceu uma inequívoca influência nas mobilizações em que, freqüentemente, a própria dominação burguesa era posta em questão” (GERMANO, 1994, p.50).

Os governos anteriores à ditadura militar permitiram uma expansão do capitalismo monopolista no Brasil com domínio do capital estrangeiro pelo crescimento da industrialização, que provocou uma urbanização crescente e um

aumento da classe média urbana. Os governos populistas viabilizaram o desenvolvimento de setores sociais até então pouco ativos.

A modernização do país atingiu também os meios de comunicação em todos os níveis, propiciando o crescimento do mercado editorial, artístico, intelectual e científico com uma expressiva ampliação da produção nacional no cinema, no teatro, na literatura, nas artes plásticas e na música (VENTURA, 1988).

Todos estes aspectos encontram-se vinculados às políticas populistas; a fragilidade das alianças perpetradas nos três governos assinalados; porém, a tentativa de forjar “uma política autônoma” ao desenvolvimento da nação fomentou a adesão dos grupos dominantes ao projeto militar de ordem e segurança nacional (COIMBRA, 1995, p.3).

Desconsiderando o amplo contexto sócio-político e econômico, os estudos sobre a juventude no Brasil têm priorizado a crise que marca o processo psicológico de elaboração de uma identidade própria como processo característico da adolescência, um estágio obrigatório do desenvolvimento humano da “*crise potencial*” que ocorre na “condição juvenil”. O processo de transição entre o jovem e o mundo adulto é conturbado provocando “rupturas profundas” e conflitos entre ele e o “seu ambiente” (ABRAMO, 1994, p.12-13).

“A crise propriamente juvenil seria a explosão da dificuldade de entrar no mundo adulto, de adequar-se às suas normas e instituições, levando ao questionamento destas, assumindo o caráter de fenômeno social: enquanto a crise da adolescência pode ser limitada a uma perturbação momentânea do indivíduo, a crise juvenil é uma manifestação coletiva, que problematiza a própria ordem social” (ABRAMO, 1994, p.14).

Esta interpretação abre espaço para considerações de uma combinação de fatores: a crise da adolescência soma-se à crise da juventude e esta quando se coordena com qualquer crise social fornece à categorização deste segmento social,

aspectos que conduzem a uma abordagem psicanalítica desta faixa etária (ABRAMO, 1994, p.14).

De fato, no Brasil na década de 70 “a realidade social, o domínio público são esvaziados e desprovidos de sentido”, incompatibiliza-se o público e o privado: a psicologia fornece legitimidade ao ajustamento funcional do indivíduo que deve permanecer restrito ao meio familiar para um efetivo controle social da ordem. A ascensão social pela profissionalização tecnológica, os interesses pessoais acima dos interesses coletivos, a relevância das relações afetivas próximas em detrimento das aspirações políticas comunitárias foram elaboradas pelas diretrizes políticas, econômicas e sociais da ditadura militar (COIMBRA, 1995, p.34).

“Desta forma, no chamado ‘discurso da competência’ os técnicos e os especialistas aparecem como os que entendem do assunto, possuem o saber, verdadeiros iluminados, detentores do conhecimento ‘científico’, ‘rigoroso’, ‘objetivo’ e ‘neutro’. O surgimento de tais especialistas e seu fortalecimento no mundo capitalístico não se dá pela necessidade de modernização e desenvolvimento da sociedade, mas pela sua função de melhor controlar, disciplinar, normatizar e naturalizar a divisão social do trabalho estruturado sobre a dominação e a submissão” (COIMBRA, 1995, p.37).

O autoritarismo militar<sup>31</sup> concentrando o poder executivo federal silenciou através dos Atos Institucionais, mediadores da censura, do patrulhamento ideológico, da perseguição política, dos assassinatos e das torturas, todos os segmentos e movimentos político-sociais que participavam massivamente até então dos conflitos com o Estado brasileiro.

---

<sup>31</sup> Os governos militares foram: General Humberto de Alencar Castelo Branco e o vice José Maria de Alkimim com a gestão de 15/04/1964 a 15/03/1967; General Arthur da Costa e Silva governou de 15/03/1967 a 31/08/1969; a Junta militar composta pelo Brigadeiro Márcio de Souza e Melo, pelo Almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald e pelo General Aurélio Lyra Tavares teve sua gestão entre 31/08/1969 a 30/10/1969; General Emílio Garrastazu Médici e seu vice Almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald governaram de 30/10/1969 a 15/03/1974; General Ernesto Geisel e seu vice General Adalberto Pereira dos Santos governaram de 15/03/1974 a 15/03/1979; e, o General João Baptista de Oliveira Figueiredo e seu vice Antônio Aureliano Chaves de Mendonça eleitos pelo Colégio Eleitoral para o período de 15/03/1979 a 15/03/1985 (GERMANO, 1994).

O refluxo do populismo, a institucionalização do capitalismo monopolista e as medidas jurídico-políticas tomadas pelo regime militar têm como consequência a formação de organizações clandestinas de direita e de esquerda com o enfrentamento destas facções políticas através da luta armada.

A psicologização da sociedade brasileira, a euforia do milagre econômico, o ufanismo nacional fizeram parte da ideologia dominante que aliada à racionalidade instrumental tecnicista educacional vigente promoveu a normatização de condutas coletivas, principalmente a dos jovens de classe média urbana (COIMBRA, 1995, p.34-38), (GERMANO, 1994, p.66-94, p.103, p.138-142, p.267-268).

Produz-se e dissemina-se em 1970 duas categorias de análise da juventude: a do subversivo e a do drogado sob o domínio da psicologização social, ambos necessitando de tratamento de especialistas, ambos nocivos à ordem estabelecida. Se o subversivo representava um perigo político era também um elemento inadaptado por estar contaminado por ideologias estranhas, contrárias à religião, à moral, à família e à nação. O drogado era o jovem portador de condutas desviantes, de hábitos nocivos, sendo as drogas uma forma de corromper o jovem sadio, possibilitando a sua cooptação para a ideologia subversiva (COIMBRA, 1995, p.29).

Estes aspectos aparecem em vários planos conceituais no consistente estudo sociológico **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional** (2005), um empreendimento do Projeto Juventude/Instituto Cidadania com o Instituto de Hospitalidade, Sebrae, Criterium Assessoria em Pesquisas e Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo, aqui analisado com o objetivo de conhecer/compreender os estudos desenvolvidos até o momento sobre o tema juventude.

A pesquisa abordou uma população brasileira de 15 a 24 anos no período compreendido entre 22/11 e 08/12 de 2003 por critérios de amostragem probabilística em duas fases<sup>32</sup>, tendo sido aplicados 3501 questionários estruturados com 160 perguntas com tempo médio de uma hora de aplicação em entrevistas pessoais domiciliares em 198 municípios de 25 estados da União. Seus objetivos direcionavam-se a efetuar “um amplo levantamento quantitativo sobre esse contingente populacional”, fornecendo dados e resultados estatísticos que possibilitariam não somente caracterizar, mas, qualificar a juventude do país (ABRAMO; BRANCO, 2005, p.9, p.10, p.370) <sup>33</sup>.

Reúnem-se neste projeto autores com relevância nacional no quadro das pesquisas sobre juventude, e os processos metodológicos por eles utilizados nos propiciam um quadro analítico essencial aos nossos objetivos.

Os artigos são aqui examinados na ordem seqüencial existente no livro, fundamentando-se nos dados coletados pela pesquisa realizada entre novembro e dezembro de 2003, divididos em 13 grandes áreas: perfil sociodemográfico e condição familiar; ser jovem; valores e referências; percepções da escola; mundo do trabalho remunerado; avaliando políticas públicas; espaços de participação; percepção da política; direitos de cidadania; fruição cultural e lazer; influência e

---

<sup>32</sup> A primeira fase constitui de sorteio de municípios, dos setores censitários e dos domicílios que posteriormente, na segunda fase, foi combinada com controle de cotas de sexo e idade para a seleção das pessoas. Os 198 municípios foram estratificados por localização geográfica: áreas urbanas, rurais, interior e capital, além da natureza e porte dos municípios. Nos dias 01 e 02 de novembro de 2003 esta pesquisa realizou um pré-teste nacional para redimensionar o formulário final e para treinar as equipes destinadas a coletarem os dados. As questões compreenderam respostas para o perfil sócio-demográfico e condição familiar; ser jovem; valores e referências; percepções da escola e no mundo do trabalho remunerado; avaliação de políticas públicas; espaços de participação; percepção de política; direitos de cidadania, fruição cultural e lazer; influência e preferência de mídia; relações de gênero; sexualidade e AIDS; drogas lícitas e ilícitas; violência e política de segurança (ABRAMO; BRANCO, 2005, p.371-446).

<sup>33</sup> Procurando abranger “um retrato das condições objetivas” e “subjetivas da condição juvenil”, esta pesquisa dá continuidade a uma anterior Juventude: cultura e cidadania realizada pelo Núcleo de Opinião Pública (NOP) de outubro de 1999, que teve como objetivo a “visão dos próprios jovens sobre sua situação, o momento em que vivem e seu lugar na sociedade” (VENTURI. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.24).

preferência de mídia; relações de gênero, sexualidade e AIDS; drogas lícitas e ilícitas; violência e política de segurança. Cada índice apresenta quadros e gráficos, resultados de questionamentos abertos (com respostas espontâneas) e estimulados (com respostas sugeridas em seguida à formulação da pergunta) orientados para refinar e alcançar o perfil proposto por cada uma das 13 áreas abordadas.

É importante ressaltar que o livro de Marialice Mencarini Foracchi **A juventude na sociedade moderna** (1972) que analisa o movimento estudantil nas décadas de 60 e 70 é precursor dessas análises propondo a distinção entre gerações (a adulta da jovem) e o conceito de movimento de juventude como expressão da consciência jovem ligada aos conflitos do sistema social (FORACCHI, 1972, p.12).

Paul Singer<sup>34</sup> delimita esse segmento social como a faixa etária que compreende dos 16 anos aos 24 anos, compreendendo os nascidos entre 1980 e 1988 como “parte de uma coorte<sup>35</sup>”, ou, de um mesmo momento histórico, portanto, pessoas “fadadas a passar a vida juntas, atravessando as mesmas vicissitudes políticas e econômicas”. Assevera o autor que desde que permaneçam no país, a maioria desta massa juvenil irá vivenciar “a realidade brasileira ao mesmo tempo e em estágios vitais semelhantes: juntas terminarão os estudos, casarão e terão filhos,

---

<sup>34</sup> SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Paul Singer nasceu na Áustria e veio para o Brasil em 1940. Atuou no sindicato dos metalúrgicos na década de 50, estudou administração e economia na Universidade de São Paulo – USP. Em 1980 ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores (PT). Atualmente é secretário nacional da economia solidária no Ministério do Trabalho e Emprego (SINGER. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

<sup>35</sup> As coortes eram sub-divisões de uma legião romana, cada coorte possuía seis centúrias, o que totalizava 480 soldados. Cada legião romana possuía dez coortes e mais 120 cavaleiros. A necessidade de dividir o exército romano em partes menores surgiu com a conquista de novos territórios, para controlar tudo isso o exército precisava ser bem administrado e onipresente em todos os cantos do Império Romano, para isso não se poderia ter apenas um líder militar para todo o exército, era necessário dividir o exército entre vários líderes menores, que foram denominados tribunos. No sentido estatístico, coorte é um conjunto de pessoas que tem em comum um evento que se deu no mesmo período. Exemplo: coorte de pessoas que nasceram em 1960; coorte de mulheres casadas em 1999; etc (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Coorte>. Acessado em 15/03/2006).

farão carreira, se engajaram em movimentos políticos, sociais, culturais, etc.”  
(SINGER. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.27).

“O mundo em que vive a atual coorte de jovens é o resultado de uma evolução histórica que as coortes de seus pais e avós construíram. A história é sempre feita por coortes. Embora elas se misturem em festas ou comemorações cívicas, nas famílias e no trabalho, a história, em cada período, é o resultado de coortes de adultos e velhos que desfrutam de poder político e/ou econômico, sendo desafiadas e denunciadas por coortes de jovens que deles dependem” (SINGER. In ABRAMO; BRANCO, 2005, p.28).

Para Singer “a história em cada período, é o resultado de coortes de adultos e velhos que desfrutam de poder político e/ou econômico, sendo desafiadas e denunciadas por coortes de jovens que deles dependem”, portanto, subtende-se que coorte para o autor seja a geração que está sujeita aos mesmos determinantes sócio-históricos, político-econômicos do ponto de vista estatístico.

“A juventude parece, pois, condenada à submissão ou ao desespero. Submissão não apenas aos pais e avós, aos patrões e governantes, mas também ao mundo deles. Neste mundo, ensina-se nas escolas e nas igrejas (com raras e honrosas exceções) que é natural que os jovens obedeçam aos mais velhos, não porque estes têm poder, mas porque têm experiência, sabedoria, ao passo que aqueles são impetuosos, impacientes, inexperientes e, coitados, muito ignorantes. Os jovens tendem a acreditar que, devendo construir um novo mundo, eles serão capazes de fazê-lo melhor, mais justo e mais livre do que o mundo em que vieram à luz” (SINGER. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 29).

Paul Singer salienta que os jovens de diferentes coortes históricos, principalmente no período Pós-Segunda Guerra Mundial em que se alastraram pelo mundo intensas manifestações e protestos populares, tinham “a crença de que a tomada do poder pela força, seria a condição indispensável e suficiente para vencer todas as resistências à mudança”, caracterizando-os por uma mesma ânsia revolucionária (SINGER. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.31).

Na atualidade a análise apresentada por Singer demonstra que os jovens do Brasil compartilham do ideal de mudança e engajamento político, no entanto, necessitam conquistar a garantia de renda, a inserção no quadro escolar e no mercado de trabalho.

Na ótica do autor o posicionamento político, a inserção ativa do jovem na sociedade pode ser constatada através da sua opinião partidária<sup>36</sup>: em relação ao socialismo como uma alternativa de mudança político-econômica, indica que mais de 52% dos jovens pesquisados acreditam no socialismo como uma alternativa viável; 21% reconhecem o socialismo como uma boa alternativa do passado, não atualmente, e 11% acreditam que o socialismo nunca foi uma boa solução.

Para compor estes gráficos, a pesquisa valeu-se do seguinte questionamento: “Quando o assunto é política, muita gente fala em atitudes ou idéias de esquerda e de direita. Aqui tem um desenho com essas posições. Onde você se colocaria, levando em conta as suas próprias atitudes e idéias políticas?” (SINGER. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.407).

Paul Singer destaca que frente aos resultados os jovens demonstram se identificar com a direita política. No entanto, sublinha que o que importa é a maioria dos jovens identificarem-se com os ideais de esquerda: solidariedade, respeito às diferenças, igualdade de oportunidades, mesmo posicionando-se em centro, direita, centro-direita e extrema-direita. Para esta conclusão, apresenta alguns questionamentos aplicados pela pesquisa: “você já pensou em fazer algum trabalho social, ou montar um pequeno negócio no seu bairro, que fosse bom para a sua comunidade? 68% disseram que nunca pensaram em fazer isso, 20% ainda querem fazer, 10% pensaram, mas desistiram e 2% já estão fazendo”; “que tipo de trabalho

---

<sup>36</sup> No espectro político apresentam: 5% se posicionou na extrema-esquerda; 11% na esquerda e outros 11% na centro-esquerda; 23% no centro, 12% na centro-direita, 14% na direita e 6% na extrema-direita, sendo que 17% dos jovens não souberam se posicionar.

ou negócio você queria fazer ou está fazendo no seu bairro ou comunidade? 57% destes jovens gostariam de se engajar em um trabalho social e 38% em algum negócio” (SINGER. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.34, p.397).

Com base no questionário aplicado aos entrevistados, Singer determina certos atos e pretensões como referentes ao posicionamento de esquerda, entretanto, não explica o processo utilizado para tal determinação. Ao qualificar o que é ser de esquerda, não apresenta exemplos do que seja ser de direita. Ou seja, percebemos certo juízo de valor na definição utilizada pelo autor.

Na análise aos dados obtidos, a pesquisa assinala que 83% dos jovens sabem se posicionar politicamente, indicando um elevado grau de engajamento político que cresce com a escolaridade. Conclui Paul Singer que a juventude de hoje demonstra “se posicionar politicamente” indicando alto grau de engajamento político. Ou seja, os jovens estão dispostos a lutar por um país melhor “desde que obtenham as bases materiais mínimas de sobrevivência” (SINGER. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.35)<sup>37</sup>.

Outro elemento importante de se considerar no texto é que o autor afirma que “a escolaridade dos jovens está crescendo” e que este fato tem implicação direta no crescimento dos seus engajamentos políticos. Ora, se os jovens abordados pela pesquisa deixam transparecer que “irão à luta por um Brasil melhor desde que obtenham as bases materiais mínimas de sobrevivência” entendemos que se há a ausência de condições mínimas de sobrevivência, há um quadro de crise em todos os setores sociais, inclusive a educação. Junto a este fator deve-se acrescentar que o autor não apresenta em seu texto reflexões que justifiquem esse avanço na escolaridade (SINGER. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.33, p.35).

---

<sup>37</sup> O autor também se orienta por dados censitários do IBGE de 2000 referentes à pesquisa sobre famílias que sobreviviam com menos ou o equivalente a um salário mínimo *per capita*.

O entendimento dos jovens pesquisados em relação às vertentes políticas no Brasil, comparativamente, nos faz supor um resultado ambíguo fruto talvez do impulso em fornecer uma resposta estimulada ou não pelo entrevistador. Subjaz nestas considerações a crença de que é objetivo da escola capacitar os alunos ao exercício da cidadania e que todas as escolas (e alunos) no Brasil são semelhantes entre si no que se refere ao meio em que estão inseridos, ao meio em que as escolas estão situadas e aos recursos econômicos de que são providas.

Helena Wendel Abramo<sup>38</sup> alerta para a dificuldade de se precisar uma definição de juventude com o aumento dos debates sobre políticas destinadas a esse segmento.

Para a autora desde 1960 o termo juventude esteve restrito aos “jovens escolarizados de classe média”, o que na sua visão direcionava sua designação “na continuidade ou transformação do sistema cultural e político que recebiam como herança”. Segundo a autora durante o século passado, salientou-se que “... o foco da preocupação ficou centrado na questão das crianças e adolescentes em situação de risco” emergindo como um tema de extrema seriedade, que proporcionou “tanto uma onda de pânico social como uma importante mobilização em torno da defesa dos direitos destes segmentos” (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.38).

Para Abramo a juventude compreendida para além dos limites da adolescência em risco e para além do setor educacional da classe média, é bastante recente, e destaca-se pelo surgimento de “novos atores juvenis” que ligados a um “estilo cultural”, apresentam questionamentos diferentes das gerações juvenis

---

<sup>38</sup> ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Helena Wendel Abramo é bacharel e Mestre em sociologia pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, é socióloga da Prefeitura Municipal de São Paulo e comissionada na Câmara Municipal de São Paulo, como Assessora da Comissão Extraordinária Permanente da Juventude. Implantou e coordenou a área de juventude da Ação Educativa entre 1995 e 1997 (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

precedentes. Segundo a autora é a partir desse momento que “começaram a ser demandados, propostos e executados, algumas ações e projetos para esses segmentos, sob este termo” (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.39).

Abramo insiste no termo visibilidade como elemento sinalizador da categoria juventude “como problema da sociedade moderna”: na medida em que segmentos juvenis específicos passam a não aceitar “o processo de transmissão das normas sociais”, tornam-se visíveis “jovens com comportamentos que fogem aos padrões de socialização aos quais deveriam estar submetidos” (ABRAMO, 1994, p.8).

Mantendo-se fiel às suas reflexões presentes no texto de 1994<sup>39</sup> a autora elege três tipos de debates que orientam o ponto de vista social e acadêmico do tema juventude no Brasil:

“... um deles é o que se foca nas condições e possibilidades da participação dos jovens na conservação ou transformação da sociedade e seus traços dominantes, examinando seus valores, opiniões e a atuação social e política que desenvolvem para avaliar como os jovens podem vir a interferir no destino do país e também nas questões singulares que os afetam” (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.40).

“Outro toma a juventude como contingente demográfico e busca verificar as características que informam a respeito das situações de inclusão e exclusão dos diferentes subgrupos de jovens, e sobre as vulnerabilidades que os afetam especialmente, para concluir sobre os focos prioritários para as políticas sociais necessárias” (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.40).

“Outro, ainda, é o que, partindo da postulação do jovem como sujeito de direitos, busca examinar o que constitui a singularidade da condição juvenil e quais são os direitos que dela emergem, e que devem ser garantidos por meio de políticas públicas” (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.40).

Helena Abramo mantém o conceito de juventude como etapa cronológica que ocorre após a infância sendo um período preparatório para a posterior atuação

---

<sup>39</sup> Refere-se ao livro: ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

da cidadania (o exercício de sustentar economicamente a si e aos outros com a capacitação de reproduzir e participar dos regulamentos sociais em termos de direitos, deveres e decisões), bem como, da emergência da juventude na consolidação da sociedade moderna (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.40-41).

“[...] como foi consolidado no pensamento sociológico, a juventude ‘nasce’ na sociedade moderna ocidental (tomando um maior desenvolvimento no século XX), como um tempo a mais de preparação (uma segunda socialização) para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe. Preparação feita em instituições especializadas (a escola), implicando a suspensão do mundo produtivo (e da permissão de reprodução e participação); estas duas situações (ficar livre das obrigações do trabalho e dedicado ao estudo numa instituição escolar) se tornaram os elementos centrais de tal condição juvenil” (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.41).

Fundamentando-se em Margulis (1998)<sup>40</sup> e Sposito (2003)<sup>41</sup> busca na literatura sociológica a definição de juventude como uma categoria que sempre oscilou entre análises que privilegiam o plano simbólico e análises que privilegiam a posição na estrutura socioeconômica. Percebemos nesta reflexão que para a autora não há uma interinfluência entre infra e superestrutura. (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 42).

“[...] a juventude, como categoria socialmente constituída, que atende a fenômenos existentes, possui uma dimensão simbólica, mas também tem que ser analisada a partir de outras dimensões: aspectos físicos, materiais, históricos e políticos, no quais toda produção se desenvolve” (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.42).

Explica que, ao mesmo tempo em que as mudanças históricas ocorridas ao longo do século passado imprimiram na condição juvenil alterações significativas,

<sup>40</sup> MARGULIS, Mario e URRESTI, M. La juventud es mas que una palabra In MARGULIS, M. **La juventud es mas que una palabra: ensayos sobre juventud**. Buenos Ayres: Biblos, 1998.

<sup>41</sup> SPOSITO, Marília. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

este segmento também no exercício de suas culturas, chamadas “culturas juvenis” introduziu agravantes na história. Há nesta explicação, uma separação entre sociedade/história e ação humana, o homem como órgão deste organismo social desempenha funções para o seu equilíbrio, sendo que uma ação contrária promove sua disfunção. Não havendo importância na interação social, o plano simbólico não historicizado delimita-se a definições de cunho geracional, destacando-se uma relação de causa e efeito estritamente orgânica.

Considerando as influências diretas do meio, a juventude adquire extensões:

“[...] na duração desta etapa do ciclo de vida (no início da industrialização referida a alguns poucos anos, chegando depois a intervalos que poder durar dez ou 15 anos)” (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.43).

“[...] na abrangência do fenômeno para vários setores sociais, não mais ó os rapazes da burguesia, como no início” (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.43).

“[...] nos elementos constitutivos da experiência juvenil e nos conteúdos da noção socialmente estabelecida” (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.43).

Estas extensões implicam segundo Abramo na alteração da própria moratória social, valendo-se da concepção funcional de deveres, ou seja, além do adiamento ou da suspensão da moratória, há com esse alargamento socializatório, outras possibilidades de inserção em vários setores da vida pessoal e social (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.43).

Ressalta que: “a vivência da experiência juvenil passa a adquirir sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.43).

Seguindo o referencial dos jovens burgueses que “imprimiu o conteúdo da noção moderna de juventude” a perspectiva de Singer e Abramo direcionada a aspectos aparentemente diferentes do segmento juvenil, o compreende como modelo ideal “em torno do qual têm sido avaliadas as possibilidades de outros setores sociais ascender a esta condição de ‘viver a juventude’”, através do qual se tem medido “as abreviações, extensões e interrupções da etapa, assim como os desvios e negações de seu conteúdo” (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.43).

A autora esclarece que anteriormente ao se tratar do termo juventude o alerta referia-se ao fato da juventude abrigar uma situação de classe, atualmente a atenção recai à necessidade de falar em *juventudes* no plural, e não de *juventude* no singular, a fim de não esquecer das inúmeras desigualdades que demarcam esta condição. Informa ainda, que a mudança na atenção sobre o termo juventude, revela uma transformação na própria noção social: “a *juventude*, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, embora apoiada sobre situações e significações diferentes” (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.44).

Centralizando-se nas questões referentes à dependência/independência da família de origem, situação matrimonial, condição de maternidade/paternidade, escola, trabalho e lazer<sup>42</sup>, Abramo procura discutir a visibilidade juvenil que como advento da sociedade moderna, na atualidade é constatada na propagação de diferentes situações em que os jovens estão inseridos.

No quesito matrimônio salienta que a proporção de casados decresce quanto maior é o nível de escolaridade, pois apenas 10% dos jovens com ensino

---

<sup>42</sup> Os dados estão baseados na pesquisa Perfil da juventude brasileira realizada em 2003 e presente nos anexos do livro **Retratos da juventude brasileira** (2005).

superior são casados enquanto que os jovens que têm até a 4ª série do ensino fundamental contabilizam 43% com família constituída<sup>43</sup>. Em relação aos jovens com renda financeira alta apenas 5% são casados, enquanto que entre os jovens de baixa renda 30% constituem família. Setenta e oito por cento dos entrevistados já assumiram a condição de paternidade/maternidade. Dos adolescentes 4% (7% moças e 1% rapazes) têm filhos, 41% dos jovens com mais de 20 anos também, sendo um largo percentual encontrado entre as mulheres, 55% já são mães.

Segundo a autora a condição de estudante é válida para 64% dos jovens entrevistados, variando conforme a idade: 90% dos adolescentes freqüentam a escola (entre 15 e 17 anos), enquanto que 43% dos jovens (entre 21 e 24 anos) são estudantes.

Abramo não aborda as discussões relativas aos níveis de escolaridade e da qualidade do ensino recebido, entretanto, apoiando-se nos resultados estatísticos que apresentam a porcentagem inclusa na escola informa que “o incremento na escolaridade dos últimos anos no país, beneficiou os mais jovens”. Embora, o número de estudantes do ensino médio e superior tenham tido um acréscimo, ainda persiste nestes a dificuldade de acesso, agravado pelas diferenças socioeconômicas, étnicas e regionais (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.50).

Em relação ao mercado de trabalho relacionado à independência/dependência da família destaca um equivalente a 36% de jovens trabalhando, frente a 8% que estão em busca do primeiro emprego e 32%

---

<sup>43</sup> Família constituída: casamento, união legítima de homem e mulher. União legal entre homem e mulher para constituir família (Michaelis. Pequeno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998); LIVRO IV – TÍTULO I – SUBTÍTULO I Do Casamento – CAPÍTULO I Disposições Gerais. Art. 1.511. O casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges ([http://www.mj.gov.br/sal/codigo\\_civil/indice.htm](http://www.mj.gov.br/sal/codigo_civil/indice.htm)). Acessado em 02/04/2006).

desempregados. Destes resultados, assinala a autora que 48% ainda não estão ativos no mercado de trabalho, sendo que para os jovens entre 21 a 24 anos apenas 8% ainda se encontram fora do circuito economicamente ativo. Neste circuito em relação à diferença de gênero apresenta: 82% de homens e 71% de mulheres divididos em todas as faixas etárias correspondentes a vivência juvenil, sendo mais agravante o desemprego entre as mulheres (35%) do que para os homens (46%).

A autora define como elemento importante na categorização e visibilidade do jovem, o estabelecimento da sociedade moderna e com este fato a entrada do jovem na vida adulta, nesta definição, percebemos certa naturalização em relação à transição da fase juvenil à adulta. No entanto, o jovem que aos 16 anos torna-se pai e se vê forçado a assumir as responsabilidades da vida adulta, salta estes períodos definidos previamente em sua trajetória. Isso nos leva a compreender que, a divisão adotada entre adolescência e juventude, caracterizando o segundo como período preparatório para as responsabilidades da vida adulta em termos de cidadania, não encontra explicações para a paternidade e a maternidade precoce, o que faria supor um desequilíbrio na sucessão das etapas do desenvolvimento humano cujas causas também não são abordadas.

As atividades de lazer segundo a pesquisa ocupam uma parcela considerável do tempo livre dos jovens: 78% realiza atividades fora de casa dando importância às atividades sociais, destes, 45% apontam para atividades de lazer e entretenimento, sendo que 41% não praticam lazer por falta de dinheiro, 17% por falta de tempo e 12% por impedimentos colocados pelos pais.

Sublinha Abramo que é primordial a diferença que há entre adolescentes e jovens. Entre os adolescentes, a escolaridade é mais presente, porém, Abramo adverte para a qualidade do ensino oferecido, para o seu ritmo aplicado e para o

acesso aos níveis superiores de ensino. Contudo não existem quesitos respondidos relativos à qualidade do ensino em geral, tampouco do ensino superior, sendo possível entender que estas conclusões não passam de mera inferência sem subsídios de dados.

Como atividade ou ainda como aspiração, a autora compreende o mercado de trabalho como um item presente na vida de metade dos jovens entrevistados. Contudo chama atenção para suas condições precárias, o que para ela pode ser um fator de dano ao desenvolvimento da trajetória futura dos jovens. No entanto, a indicação de precariedade não é especificada, talvez referindo-se mais à dificuldade de acesso ao circuito trabalhista do que às suas condições propriamente ditas.

No que tange às atividades de diversão, principalmente as que envolvem atividades socializatórias, a autora as observa como centrais no tempo livre dos jovens entrevistados. Porém, constatou-se que uma grande maioria sofre com o acesso e com a liberdade de escolher vivenciá-la com amplitude e qualidade, seja por falta de dinheiro, equipamentos ou controle familiar. A autora mantém fidelidade aos dados coletados, todavia a pesquisa não apresenta as implicações que estes resultados têm na formação de identidades e sociabilidades anteriormente citadas.

Helena Wendel Abramo finaliza informando que a juventude em relação à adolescência detém maior atenção, pois, demandam por inserção no mundo do trabalho em um modelo de sociedade estruturado na exclusão. Nesta sociedade frágil e escassa em oportunidades informa que a inclusão é uma inferência primordial para os jovens entrevistados. O “peso e a importância” do exercício do “trabalho remunerado” permite perceber que as dificuldades que esse segmento encontra nesse tempo são reveladoras das “dificuldades estruturais da sociedade” o

que explicaria porque a juventude é vista atualmente como um problema político. Tendo ainda, afirmado anteriormente que a “crise da juventude” ao se encontrar com a “crise social” resultaria em “categoria que condensa o debate sobre os rumos da sociedade” esta crise geracional não foi esclarecida, invalidando este conceito, visto que a autora afirma que a juventude é um problema político em função da estrutura societária do capitalismo brasileiro (ABRAMO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.70).

Antonio Lassance<sup>44</sup> indaga se existe uma identidade nacional jovem frente ao contraste regional do país, ou se este contraste influencia uma determinada particularização do jovem a ponto de podermos nos referir ao jovem sulista, nordestino, etc.

Segundo Lassance o jovem brasileiro corresponde a 20,13 % da população do país, são aproximadamente 34,18 milhões de jovens em uma população estimada segundo dados estatísticos do Censo do IBGE (2002) em 169,79 milhões de habitantes. Com uma estimativa corrigida para 2001, aplicada ao crescimento da população considera-se que há 17,77 milhões de jovens compreendidos na faixa entre 15 a 19 anos e 16,9 milhões de jovens que estão na faixa de 20 a 24 anos. Resultando segundo Lassance em 10,31% e 9,8% da população total.

A distribuição de jovens segundo Lassance é de 22,5% (Nordeste), 22% (Norte), 19,5% (Centro-Oeste), 19% (Sudeste) e 18,5% (Sul).

Para o autor esses dados fornecem duas importantes indicações:

“Primeiro, da tendência demográfica a uma maior proporção de jovens em regiões de menor Produto Interno Bruto (PIB), menor renda *per capita* e maior crescimento demográfico. Regiões mais pobres produzem maior

---

<sup>44</sup> LASSANCE, Antonio. Brasil: jovens de norte a sul. In ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Antonio Lassance é cientista político e especialista em políticas públicas pela Universidade de Brasília (LASSANCE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

proporção de jovens. Mas estas tendências acabam atenuadas pelos movimentos de migração, fortemente influenciados pela evolução desigual do mercado de trabalho. Regiões com maior grau de desenvolvimento demandam maior volume de mão-de-obra e atraem, sobretudo os trabalhadores mais jovens” (LASSANCE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.75).

Em destaque aos setores da educação e do mercado de trabalho a fim de detectar a ocorrência desta identidade juvenil frente ao contraste nacional, o autor faz inferências às regiões brasileiras buscando verificar nos dados estatísticos as diferenças e semelhanças do segmento juvenil.

Verifica o autor que na região Norte existe “a segunda maior taxa do país de jovens com a menor remuneração”, ou seja, 56,4% conforme a população estimada pelo Censo 2000 (IBGE/Unicef, 1999). Relativo à inserção escolar, cerca de 23,19 dos jovens estão matriculados, próximo da média nacional (25,1%) com uma “presença muito pequena do ensino privado”. Predomina como sistema de ensino a rede estadual, responsável por 91% das matrículas entre jovens de 15 a 19 anos, sendo “a maior taxa de cobertura de todo país” (LASSANCE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.75-76)<sup>45</sup>.

Em relação à participação eleitoral, constatou que os jovens da região Norte “votam quando são obrigados a fazê-lo e se abstêm fortemente quando o voto é facultativo” (LASSANCE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.76)<sup>46</sup>.

No que se refere à região Nordeste esta apresenta “a pior taxa de remuneração dos jovens de todo o país”. Em relação ao setor educacional, verifica-se que o entre os jovens de 15 a 19 anos 21,2% estão matriculados no ensino médio o que confere à região Nordeste “a taxa mais baixa do país, porém, não tão distante

---

<sup>45</sup> Dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Inep, em IBGE, 2003 (LASSANCE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.76).

<sup>46</sup> Dados cedidos pelo Tribunal Superior Eleitoral TSE, em IBGE, 2003 (LASSANCE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.76).

da média nacional (25,1%)” distanciando-se se comparado à região Sudeste que “mantém 28,3% de seus jovens matriculados no ensino médio”. Em relação à participação eleitoral verifica-se que os jovens no Nordeste detêm a maior participação eleitoral, em torno de 3,48% aos 16 anos e 7,66% aos 17 anos e 88,84% aos 18 anos com o voto sendo obrigatório (LASSANCE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.76).

Na região Sudeste constata-se que a presença no ensino médio “é a maior do país” com 28,3%. No mercado de trabalho a região apresenta “a menor proporção de jovens com remuneração até meio salário mínimo” e a participação eleitoral não difere das outras regiões do país (LASSANCE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.77).

A região Sul apresenta a “melhor taxa de renda, comparando-se com as demais regiões”. Corresponde à média nacional (25,66%) a presença dos jovens entre 15 e 19 anos matriculados no ensino médio, sendo também a participação eleitoral não distanciada da média nacional (LASSANCE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.77).

O Centro-Oeste acompanha a margem dos estados do Sul e Sudeste em relação à remuneração salarial. No que se refere ao setor educacional concentra 25,64% dos jovens entre 15 e 19 anos matriculados acompanhando a margem nacional. No que tange à participação eleitoral, a participação também acompanha a margem nacional, ou seja, a maioria concentrando sua atuação aos 18 anos pela obrigatoriedade do voto.

Para o autor uma forma amena de se observar a variabilidade dos dados sobre a juventude no país é recorrer ao uso de medidas estatísticas. Na sua concepção, estas servem justamente para inferir considerações sobre a

homogeneidade ou a heterogeneidade de uma distribuição de dados (LASSANCE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

Na análise à diversidade regional através da leitura estatística, o autor destaca que a importância desse método é compreender que “amplitudes muito grandes ou muito pequenas significam indivíduos que estão, respectivamente, muito distantes ou muito próximos entre si”, ou seja, muito ou pouco se assemelham. Já desvios “elevados ou reduzidos representam dados que estão próximos ou distantes um em relação ao outro (e não apenas em relação aos extremos)” (LASSANCE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.78).

O autor observa que o jovem brasileiro é uma categoria nacional e que certas características socioeconômicas apresentam uma ampla proximidade entre as regiões, sugerindo uma identidade que qualifica o jovem no país como jovem brasileiro, antes de ser nordestino ou sulista, por exemplo. Para este autor, tudo converge para um sujeito eminentemente nacional.

Antonio Lassance conclui sobre o jovem brasileiro que:

“[...] há certa proximidade no perfil demográfico e em aspectos cruciais da condição do jovem. Há muita proximidade também em sua auto-imagem. No entanto, [...] divergem em termos de expectativas, de visões de futuro e de estratégias. O jovem em todo país lança sobre si próprio uma elevada carga de expectativas [...]. Em geral, os jovens são pessimistas em relação ao mundo, mais otimistas em relação ao Brasil e superotimistas em relação a si próprios” (LASSANCE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.84).

Contudo a distribuição de jovens pelo território nacional em termos estatísticos não permite detectar as diferenças regionais em aspectos de classe, etnia, gênero, raça, religião<sup>ix</sup> (LOURO, 1997, p.85).

O autor ao finalizar apela ao fomento da auto-organização da juventude, não explicando sua intenção em detectar a identidade juvenil no contexto histórico-social brasileiro:

“O otimismo diante do Brasil é prudente para que as cobranças que farão sobre si próprios estejam pelo menos em parte ancoradas nas chances que o país reservará aos seus jovens [...]. O desafio político da auto-organização, as atitudes que prevalecerão partem de três opções possíveis e bastante diferentes entre si: remar, navegar ou afundar o navio. A pesquisa do Instituto Cidadania nos serve de bússola. Os caminhos a serem traçados, porém, dependem da ousadia dos jovens de segurar o leme” (LASSANCE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.85).

Marília Pontes Sposito<sup>47</sup> fundamentando-se em Galland<sup>48</sup> (1996) e Singly<sup>49</sup> (2000) relata ser a juventude um processo no qual se inicia a busca de autonomia “marcada tanto pela construção de elementos da identidade – pessoal e coletiva – como por uma atitude de experimentação” (SPOSITO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.89).

Sposito cita as relações entre família e escola na caracterização de uma condição juvenil como advento da sociedade moderna<sup>50</sup>, compreendendo a escola como “elemento importante para assegurar a reprodução cultural e social dos diversos grupos e classes” (SPOSITO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.89).

Para a autora a expansão da instituição escolar promove a “abertura das interações com o outro”, o que equivale à “ampliação da experiência de vida dos

---

<sup>47</sup> SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Marília Pontes Sposito é professora titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e membro da diretoria de Ação Educativa (SPOSITO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

<sup>48</sup> GALLAND, Olivier. L'entrée dans l'âge adulte em France. **Sociologie et Sociétés**. V.28, n.1, 1996.

<sup>49</sup> SINGLY, François de. Penser autrement la jeunesse. **Lien social et politiques**. RIAC, 43, p.9-21, 2000.

<sup>50</sup> O advento da sociedade moderna utilizado por Marília Pontes Sposito tem sua demarcação no estabelecimento da sociedade capitalista-industrial na qual se instaurou a passagem do mundo privado das relações familiares para outras formas de contato e de ocupação dos espaços públicos. Helena Wendel Abramo também compartilha desse referencial quando define a categoria juvenil como fenômeno da sociedade moderna, isto é, da sociedade capitalista (SPOSITO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.89).

jovens que culminaria com sua inserção no mundo do trabalho” (SPOSITO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.90).

Como Helena Wendel Abramo, Sposito correlaciona a questão juventude ao estabelecimento das condições político-ideológicas da sociedade moderna. No entanto, Sposito centra-se no âmbito escolar para discorrer sobre a condição juvenil enquanto que Abramo parte para os aspectos desviantes desse quadro de adaptação entre juventude e educação.

Ambas compreendem a juventude como uma categoria resultante da sociedade moderna, sendo decorrente das alterações intensificadas neste período que o jovem adquire visibilidade nos limites da sua adaptação ou não ao sistema social vigente.

A autora chama atenção às transformações sociais e político-econômicas ocorridas nas últimas três décadas do século XX, destacando as mudanças no setor trabalhista com implicação direta no trabalho assalariado como as principais responsáveis pela diversificação na entrada para a vida adulta.

Desse modo, sendo uma das características primordiais da vida adulta o acesso ao mercado de trabalho, a dificuldade de acesso a ele sendo que a escola “não se afigura mais como elemento garantidor da entrada no mundo do trabalho”, o modo como os jovens vivenciam esse período se altera tornando-se muito mais tenso e problemático (SPOSITO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.90).

Em acordo à abordagem de Abramo, Sposito explica a partir das transformações ocorridas, que a fragilidade das instituições até então encarregadas da formação do jovem (a escola e a família) torna latente “um maior desdobramento da subjetividade juvenil”, surgindo outras formas de se vivenciar a juventude, em

espaços, atividades e condições distintas das “gerações anteriores” (SPOSITO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.91).

Sposito chama atenção para o fator de desinstitucionalização da juventude, relacionada à fragilidade das instituições familiar e escolar responsáveis pela formação dos jovens na sociedade moderna. A autora sublinha que a desinstitucionalização da condição juvenil traz à discussão duas características de relevância: a primeira como propiciador da emergência de novas sociabilidades mais dispostas à experimentação; e, em contrapartida agindo para eliminar a permanência de mecanismos de poder institucional incorrendo na emergência de novas formas de dominação presentes na experiência juvenil contemporânea (SPOSITO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.92).

Considera que tais alterações tornaram o jovem na atualidade uma condição distinta da vivenciada há cinquenta anos. Sob essa perspectiva compreende a juventude como um personagem em confronto com a diversidade, sendo obrigado a construir por si o sentido de sua vivência.

Quando a autora afirma a desinstitucionalização do jovem percebemos que este é reconhecido por uma visibilidade que detém um lado positivo ou negativo. Ou seja, ou ele se adapta a sua função pré-definida assegurando sua inclusão na normalidade do sistema, ou do contrário, apostando em outras experiências, torna-se um problema social na medida em que é qualificado como marginal e/ou transgressor. Qualificações resultantes de uma sociedade funcional e organicista na qual toda e qualquer diversidade sugere imediatamente ameaça ao sistema.

Embora os jovens incorporem “a variável escolar” em suas “práticas e expectativas” que tem como causa a expansão do ensino, principalmente o médio, não contestam a sua legitimidade e reconhecem seus “limites” no “impacto” sobre

suas existências e sobre os “benefícios de uma provável inserção no mundo do trabalho”. Ou seja, reconhecem que a escolarização é um dos meios de se localizar na vida social, no entanto consideram também a existência de uma relativa abertura à diversidade não promovendo críticas à qualidade da educação oferecida (SPOSITO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.123).

Constata Sposito que a juventude brasileira que frequenta a escola “experimenta a condição juvenil” em outros espaços sociais e ao se inserir na escola estrutura “práticas e modos de vida” neles desenvolvidos. Para a autora, mesmo àqueles localizados fora da escola, vistos como à margem da integração aos grupos, ao lazer e ao consumo, partilham “de expectativas”; pois, diante do “quadro de ausência da ação pública” e na “encruzilhada das instituições socializadoras” a família assume a importância, notadamente, para os menos favorecidos economicamente em assegurar-lhes certa estabilidade na sobrevivência e “trocas afetivas e simbólicas” (SPOSITO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.124).

Portanto, para Marília Pontes Sposito, os jovens nesse processo tanto apresentam expectativas em relação à escola na preparação para o futuro, como também enfrentam crises com este espaço socializador diante das dificuldades de mobilidade social.

A autora conclui que:

“[...] a construção da condição juvenil decorre de um complexo de valores sedimentados sob o ponto de vista social e histórico, no Brasil uma alteração desse quadro deveria ser expressão de mudanças estruturais mais substantivas que atenuem as profundas desigualdades sociais, submetidas a processos de longa duração [...]” (SPOSITO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.125).

Na concepção teórico-metodológica da autora a juventude é uma categoria que tem na escola seu principal sinalizador. E, mesmo a história agindo

nas condições sociais, políticas, ideológicas e culturais, seus posicionamentos no mundo permanecem estáticos a um caráter valorativo em que a escola e o mercado de trabalho são ao mesmo tempo seus problemas e suas aspirações.

Percebe-se nesse estudo como as idéias oscilam entre uma tentativa de historicização, mas, com a insistência na categorização juvenil relativa às instituições e espaços sociais. Quando se conclui que os jovens não sugerem críticas à qualidade educacional atual, na realidade não se admite que o jovem se manifeste diferentemente do imposto. Ora, cada jovem detém um universo ideológico compatível com o nível social e político de realidade em que está inserido. Quando se determina uma categoria se incide em censura à pluralidade definindo previamente posições.

Pedro Paulo Martoni Branco<sup>51</sup> seguindo as bases teóricas e metodológicas dos autores acima abordados, estuda o segmento juvenil no relato às condições do jovem brasileiro no mercado de trabalho. Baseado em dados da OIT (Organização Internacional do Trabalho) afirma que os jovens entre 15 a 24 anos compreendem 47% do total de desempregados no mundo e que as condições deste campo no país são dramáticas, caracterizadas entre desemprego e má qualidade de trabalho e de renda salarial. Através de dados coletados da PME<sup>52</sup> verifica que um grande número de jovens, mesmo submetidos a condições precárias de trabalho,

---

<sup>51</sup> BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Pedro Paulo Martoni Branco é economista formado pela USP, foi diretor do CDHU – Cia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (1984-1987), diretor executivo da Fundação Seade (1991-2000) e assessor especial da presidência da Assembléia Legislativa de São Paulo (2003-2004). Atualmente é diretor administrativo, executivo e financeiro do Instituto Cidadania e do Instituto Via Pública (BRANCO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

<sup>52</sup> PME – Pesquisa Mensal de Emprego, realizada pelo IBGE em seis regiões metropolitanas do país (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo) (BRANCO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.130).

nele se mantém comprometendo a sua formação escolar em prol de angariar meios de sobrevivência própria e da família.

Há, portanto,

“[...] uma forte ‘pressão’ dos jovens na procura por ocupação, denotando que, se eles estivessem apenas se dedicando às atividades de escolarização e aprendizagem profissional, as taxas de desemprego cairiam substancialmente, uma vez que seu ingresso na força de trabalho seria adiado. E, além disso, estariam adquirindo melhor preparo educacional e profissional, requisitos indispensáveis para que pudessem enfrentar com maiores chances de êxito os desafios e obstáculos colocados por um mercado de trabalho cada vez mais excludente e competitivo” (BRANCO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.131).

Seguindo o raciocínio exposto, se 47% dos desempregados no mundo são jovens, como seria possível que os jovens brasileiros empregados, optando pela escola e adiando sua entrada no mercado de trabalho produzissem o efeito de diminuição da taxa de desemprego?<sup>53</sup>.

O autor retoma o aspecto salientado pelos demais pesquisadores indicando que é necessário “[...] privilegiar políticas públicas voltadas para o desestímulo ao ingresso juvenil na PEA<sup>54</sup>, e, desta forma, poder dar conta das demandas familiares e da sua própria sobrevivência com maior autonomia material”. Pois, crê que os jovens para se afirmarem como sujeitos autônomos permaneceriam interessados “[...] em conquistar espaços no mercado de trabalho e, sempre que possível, tentariam conciliar tais novas responsabilidades com outras práticas dedicadas ao estudo e à aprendizagem profissionalizante” (BRANCO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.132).

---

<sup>53</sup> A variação encontrada na mensuração do desemprego no mesmo país e entre diferentes nações ocorre em função dos métodos estatísticos utilizados e pelas mediações estruturais existentes em cada nação que sobre ele incidem.

<sup>54</sup> PEA – População Economicamente Ativa.

Branco ao mesmo tempo em que reconhece a inserção do jovem no mundo do trabalho como dependente do crescimento econômico nacional, paradoxalmente insiste que “taxas de crescimento muito inferiores aos níveis exigidos pelas necessidades de criação de emprego” impelem este segmento social a abandonar a escola e a condição precária dos trabalhadores – não esclarecida. Esta mesma precariedade reproduz a pobreza em famílias que subsistem neste patamar e impulsiona de modo precoce a inserção de jovens no trabalho (BRANCO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.132-133).

Para Branco a pesquisa possibilitou entre outras questões, conhecer a opinião dos jovens quando indagados sobre o que é bom ou ruim da condição juvenil e sobre suas preocupações e interesses.

Ao observarmos os índices relativos ao quesito Melhores coisas de ser jovem e Problemas que mais preocupam atualmente, a pesquisa revela 45% optando por não ter preocupações/responsabilidades frente a um percentual de 52% indicando atenção às atividades empregatícias. Ora, 45% não querem responsabilidade, mas ao mesmo tempo 52% preocupam-se com o quesito emprego que até o momento é indicador de compromisso/responsabilidade.

Segundo o autor, esses dados permitem assinalar que o trabalho não é considerado como um aspecto positivo pelo jovem, mas, lembra também que a não materialização do trabalho significa uma frustração de uma busca que não recebeu correspondência e “acaba se constituindo num dos mais importantes e aflitivos problemas da juventude” (BRANCO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.135-136).

Recordamos também que o engajamento político (localizado em 7% pelo autor) parece estar distante das preocupações e interesses dos jovens, colocando

em xeque as afirmações anteriores feitas, aos mesmos dados, por outros autores da pesquisa.

Em consideração aos dados obtidos, o autor destaca que “[...] foram suficientemente sublinhadas as dificuldades existentes”, direcionando-se para as relações entre trabalho e escola (mesmo estas apresentando contradições nas tabelas) e entre as atividades ligadas a saúde, a educação, a cultura, o lazer, o esporte, o turismo e a comunicação sinaliza o desenvolvimento da escolarização e da inserção dos jovens no mercado de trabalho como necessidades da juventude (BRANCO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.141-142).

Na concepção de que toda situação social é um processo de constante acabamento efetivado nas inter-relações da base material (infraestrutura) e da base político-jurídica (superestrutura) acreditamos que a proposta de Branco é de uma agenda abrangente governamental com nuances utópicas e condizentes com o Estado de Bem-Estar Social com recursos de um país de Primeiro Mundo<sup>55</sup>.

Nadya Araújo Guimarães<sup>56</sup> seguindo Pedro Paulo Martoni Branco também discute sobre as implicações entre juventude e trabalho, para a autora o trabalho “não apenas ainda está na ordem do dia, como se destaca com relação a outros aspectos tidos como reveladores de interesses” desta faixa etária (GUIMARÃES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.150).

Guimarães argumenta sobre a produção simbólica existente “nas relações sociais no trabalho” que permitem a construção de sentido e a orientação

---

<sup>55</sup> Vide a este respeito: BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p.143-147.

<sup>56</sup> GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Nadya Araujo Guimarães é professora livre-docente do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo e pesquisadora associada ao Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) (GUIMARÃES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

perceptual, atitudinal, comportamental e de “pertencas” das pessoas individual ou coletivamente (GUIMARÃES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.152).

Compreende a autora que “os cortes etários ou geracionais” devem ser encarados como resultados, visto que são construções sociais (GUIMARÃES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.153).

O termo juventude abriga uma variação relativa à etnia, a gênero, à região, à origem social sendo essencial considerar o termo juventudes.

A autora referencia a maior parte dos dados da pesquisa para determinar que:

“[...] a centralidade do trabalho para os jovens não advém predominantemente do seu significado ético (ainda que ele não deva ser de todo descartado), mas resulta de sua urgência como problema; ou seja, o sentido do trabalho seria antes o de uma demanda a satisfazer que o de um valor a cultivar” (GUIMARÃES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.159).

Acreditamos ser importante destacar que a consideração da autora frente à centralidade do trabalho não compartilha do que demonstram os dados, e ainda, quando a autora sinaliza a presença do simbólico e da diversidade na constituição de identidades chamando a atenção para o reconhecimento do termo juventudes, entendemos ser incompatível com a idéia, quantificar essa pluralidade em planilhas de surveys.

Nas suas considerações finais a autora manifesta que os jovens brasileiros pesquisados apresentam os aspectos subjetivos do trabalho: “necessidade, independência, crescimento, auto-realização e exploração” (GUIMARÃES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.165).

Destaca como fatores relevantes à relação juventude/trabalho nas abordagens que a consideram um segmento social: os efeitos demográficos sobre o tamanho e a composição da população economicamente ativa sobre os índices de

desemprego (disponibilizados nas tabelas); a estrutura do sistema escolar no seu aspecto inclusão/exclusão que afeta a qualificação de jovens trabalhadores; a importância dos meios de inserção dos jovens no mercado nacional; e, a importância do trabalho na produção de significados para a juventude brasileira (GUIMARÃES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.168-169).

Ana Karina Brenner, Juarez Dayrell e Paulo Carrano detêm-se “sobre a dinâmica da ocupação do tempo livre pelos jovens” a fim de compreenderem “os sentidos do próprio tempo da juventude nas sociedades”, considerando que esta dinâmica social e cultural da vida juvenil é expressão da realidade social na organização do lazer e do tempo livre (BRENNER; DAYRELL; CARRANO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.175).

Reiteram os autores<sup>57</sup> sobre o equívoco de compreender a juventude como algo homogêneo:

“Os jovens entrevistados pela pesquisa revelam com nitidez situações de vida e processos sociais que reafirmam os traços de diversidade da cultura brasileira ao mesmo tempo que denunciam que esta se processa sobre bases socioeconômicas desiguais que incidem sobre as possibilidades de acesso, experimentação, consumo e criação dos mundos da cultura, do lazer e do tempo livre” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.176).

Convém lembrar aqui que utilizando os mesmos quadros gerais percentuais, esta diversidade não foi detectada por Antonio Lassance.

---

<sup>57</sup> BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Ana Karina Brenner é pesquisadora do Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF; Juarez Dayrell é Doutor em educação, professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e coordenador do Observatório da Juventude da UFMG e Paulo Carrano é Doutor em educação, professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenador do Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF (BRENNER; CARRANO; DAYRELL. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

Trata-se de respostas encontradas no cruzamento de dados brutos nas categorias localidade, gênero, faixa etária e renda familiar que apresenta uma significativa variabilidade no campo da cultura e que faz emergir a infraestrutura cultural dos municípios brasileiros e a participação dos jovens em inúmeras atividades culturais.

O lazer para estes autores é compreendido dentro de um “tempo sociológico” (não explicam a singularidade desse tempo) e nele a livre escolha é essencial constituindo-se um “campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.176).

Compreendem que os jovens convivendo em grupos têm a possibilidade de criar e conhecer outras relações de confiança, sendo que esta aprendizagem propicia espelhar a construção de identidades coletivas e individuais. Praticando atividades de lazer, os jovens são agraciados com “formas agradáveis de excitação, expressão e realização individual”. Tais atividades oportunizam certa sensação de liberdade por consentir “uma fuga temporária à rotina” das obrigações sociais. Acredita-se que o exercício de atividades descompromissadas proporciona “uma grande afetividade social para o estabelecimento de valores, conhecimentos e identidades”. Pois, nestes espaços descontraídos “os jovens podem encontrar as possibilidades de experimentação de sua individualidade e das múltiplas identidades necessárias ao convívio cidadão nas suas várias esferas de inserção social” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.177).

Chamam a atenção para o direito cultural e as condições de produção cultural, no planejamento e execução de políticas públicas que promovam a

cidadania cultural e motivem nos jovens o senso crítico frente à disposição das indústrias culturais em homogeneizar identidades.

No caso brasileiro verificam que o tempo livre, a cultura e o lazer não apenas destinados à juventude, mas para a população em geral é demasiadamente escasso. Os projetos de ação e políticas destinadas ao âmbito cultural não atendem à objetividade em que estarão inseridos, demonstrando pouco conhecimento das reais necessidades que não só os jovens, mas que toda a sociedade necessita.

“Os contrastes socioeconômicos da sociedade brasileira se manifestam eloqüentemente na desigualdade da qualidade do tempo livre juvenil e no precário acesso a bens, serviços e espaços públicos de cultura e lazer da maioria da população juvenil. Num quadro de profundas restrições orçamentárias tanto das famílias como do Estado, a cultura e o lazer são freqüentemente vistos como algo supérfluo ou mesmo privilégio de poucos” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.210).

Os autores compreendem que a influência da estética mercadológica para este segmento age “como verdadeiros construtores da subjetividade individual e coletiva”. Observando o cenário brasileiro como uma sociedade desigual, alertam para que as políticas públicas culturais dirijam-se “especialmente àqueles dos setores populares que, além de possuírem poucos recursos para o consumo nos diferentes mercados culturais, habitam espaços com baixíssima infra-estrutura social e pública” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO. In ABRAMO; BRANCO, 2005, p.210-212).

Ao reconhecerem o lazer como um direito constitucional assegurado, cujo acesso tornou-se complexo pelas relações de mercado subsidiadas na capacidade de consumo dos jovens e de suas famílias, ressalvam a condição que partilham sobre o segmento juvenil ligado às potencialidades de uma vivência plural na

realização dos “direitos plenos de cidadania” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.210-213).

Gabriela Calazans<sup>58</sup> discute o tema da juventude em torno da sexualidade, da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e do comportamento reprodutivo dos jovens brasileiros entre 15 e 24 anos.

Calazans pretende “[...] compreender a diversidade das experiências da sexualidade experimentadas pelos jovens”, contextualizando suas práticas neste campo tendo em vista as “suas determinações sociais e dos horizontes éticos e normativos que as orientam” (CALAZANS. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.217).

Esclarece a autora que o centro dos interesses e preocupações da juventude brasileira está voltada principalmente ao âmbito do emprego, educação, segurança, violência e cultura. A sexualidade neste patamar tem pouca atenção dos jovens, incluindo-se nesta temática, assuntos como sexo/sexualidade, gravidez, orientação sexual e métodos anticoncepcionais.

“[...] a sexualidade foi identificada pelos jovens entrevistados como um tema da vida íntima, que deve, preferencialmente, ser discutido entre amigos (45%), com os pais (31%) e, menos prioritariamente, pela sociedade (15%)” (CALAZANS. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.221).

Para Calazans há uma forte “relação entre a escolaridade e a idade” indicando que “à medida que cresce a escolaridade, sobe a idade média em que os jovens tiveram seus primeiros filhos” (CALAZANS. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.237).

---

<sup>58</sup> CALAZANS, Gabriela. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Gabriela Calazans é psicóloga e atualmente trabalha no Centro de Referência e Treinamento em DST/AIDS da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo (CALAZANS. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

Acrescenta que a variabilidade da idade média que os jovens têm seus filhos decresce em relação a sua distribuição segundo a renda familiar. Quanto maior a renda familiar, tanto maior será a idade de jovens terem seus primeiros filhos, mantendo-se a idade média homogênea quando se trata de jovens com baixa renda familiar (CALAZANS. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.237).

A autora mantém-se na explicação restrita dos dados estatísticos e indica a necessidade de estabelecer uma investigação mais acurada em relação à transformação dos valores sexuais de rapazes e moças e das “estratégias de resistência” de moças ao controle social e parental da sexualidade feminina (CALAZANS. In ABRAMO; BRANCO, 2005, p.234).

Dos dados obtidos, chama a atenção que:

“[...] apesar dos esforços brasileiros na prevenção da epidemia da AIDS, sejam tão poucos os jovens que justificam o uso do preservativo para a prevenção desta doença. Seria importante compreender melhor estes dados à luz da percepção dos jovens sobre o seu próprio risco de infecção” (CALAZANS. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.234).

Na busca por localizar um perfil de juventude no Brasil, Maria José Carneiro<sup>59</sup> acrescenta aos estudos acima abordados, as discussões em torno do estereótipo sobre o jovem no campo que “precisando trabalhar para sobreviver ao alcançar 15 anos, às vezes assume o papel de chefe de família, tem filhos e não estuda”. Sublinha a autora que devido a essa visão estereotipada, “a juventude rural não aparece como foco de atenção da maioria dos programas de combate à pobreza”, mesmo na maioria dos projetos de desenvolvimento rural da América

---

<sup>59</sup> CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Maria José Carneiro é antropóloga e professora do curso de pós-graduação em desenvolvimento, agricultura e sociedade da UFRJ (CARNEIRO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

Latina a participação jovem seja efetiva (CARNEIRO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.244).

Em ênfase à ausência de atenção à diversidade também existente entre os jovens do meio rural, considera a autora que a pesquisa “revela uma incrível semelhança em algumas das expressões entre os jovens do campo e da cidade”. Na compreensão dessas semelhanças acredita no uso de “um procedimento metodológico que supere a visão polarizada entre o ‘campo’ e a ‘cidade” (CARNEIRO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.260).

A autora sugere que o meio rural e o meio urbano mesmo se expressando em universos culturais distintos “podem se manifestar nos mesmos espaços geográficos”. Acredita dessa forma, que a reduzida diferença entre certos valores dos jovens da cidade e dos jovens do campo seja “expressão da diluição das fronteiras culturais entre o socialmente reconhecido como rural e urbano, tornando cada vez mais imprecisas as fronteiras concernentes às idealizações e projetos dos jovens”. Desse modo, observa ser de extrema importância “[...] entender a maneira como os jovens reagem e se adaptam a essa realidade” a fim de levar em conta o que os diferencia segundo os variados contextos sociais, econômicos e culturais (CARNEIRO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.260).

Chama a atenção para as dificuldades conceituais entre rural, urbano e do campo em termos teóricos e estatísticos, informando que existem inúmeros fatores propiciadores de uma diversidade de jovens do campo em um mesmo local em função de “condições econômicas, gênero, escolaridade, entre outros aspectos” (CARNEIRO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.247).

Para a autora os dados refletem esta “dispersão” e a heterogeneidade constitutiva da juventude, permitindo constatar que, é impossível traçar um perfil

padrão. No entanto, os índices da mesma pesquisa, abordados pelos autores já referidos, não indicaram esta heterogeneidade (CARNEIRO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.247).

Regina Novaes<sup>60</sup> aborda a juventude verificando que a religião produz espaços de socialização entre jovens, constituindo locais de “agregação social, identidades e formação de grupos” contribuindo para o desenvolvimento “da sociedade civil”. Acredita que os jovens aí inseridos, estando incentivados por valores religiosos participam muito mais nas atividades públicas de militância, “sindicatos, associações, movimentos e partidos”, sendo, portanto, visível a forte influência da religião nas manifestações artísticas e culturais da juventude<sup>61</sup> (NOVAES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.289-290).

A autora explana sobre as várias religiões existentes no país dando ênfase aos católicos, aos evangélicos, espíritas kardecistas e aos religiosos sem religião<sup>62</sup>, este último item sendo comparado com os resultados do Censo de 2000 do IBGE e justificado como sendo um “espírito da época” (NOVAES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.272).

Novaes busca traçar um perfil de juventude brasileira tendo como limites os espaços de socialização propiciados pela atividade religiosa. Para tanto, compara os valores religiosos com dados sobre os principais problemas do país: assassinatos e mortes no trânsito, violência, perda de parentes de forma violenta, uso de armas

---

<sup>60</sup> NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Regina Novaes é antropóloga e professora do programa de pós-graduação em sociologia e antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e uma das diretoras do Instituto de Estudos da Religião (Iser) e presidente do Conselho Curador do Instituto Brasileiro de Análises Sócio-econômicas (IBASE) (NOVAES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

<sup>61</sup> Regina Novaes cita o Prêmio Hutus, considerado o evento mais importante do hip-hop no Brasil, como um dos que já instituíram a categoria gospel nos festivais. O evento tem premiado composições que tratam de religião em diversos aspectos como: Cristo, Oxalá e salmos bíblicos (NOVAES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.290).

<sup>62</sup> Religiosos sem religião – acreditam em Deus, mas não têm uma religião professada.

de fogo, sexualidade, aborto e pena de morte, relacionando também, religião e política na tentativa de indicar soluções ou planejamentos de Bem-Estar social na associação de jovens aos círculos religiosos.

Nas suas considerações, Novaes produz uma série de segmentações que se assemelham a uma leitura/transposição de histogramas para o texto manuscrito. Como por exemplo: a favor da legalização do aborto encontramos “menos da metade dos ateus” e apenas “um décimo dos pentecostais”; os espíritas kardecistas aprovam a união homossexual mais que os ateus e também aprovam de maneira próxima aos ateus que o aborto deixe de ser crime (NOVAES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.284, p.285).

Vejamos outro exemplo relativo à legalização da pena de morte:

“A média de respostas a favor da pena de morte ficou em 48%. Comparando com o item anterior, temos aqui uma interessante variação entre os jovens de diferentes religiões. Desta vez, entre os católicos são 50% os que mais se colocaram a favor, superando a média. Em um ponto intermediário, podemos destacar os espíritas kardecistas (47% a favor) ou os adeptos da umbanda e do candomblé (45% a favor). Na outra ponta, estão os evangélicos não-pentecostais, com 42% a favor, quase empatados com 41% dos evangélicos pentecostais e dos ateus” (NOVAES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.286).

Ao longo do seu texto a autora ressalta que o campo religioso ao receber adesão dos jovens contribui para que se produzam espaços de construção de identidades e de formação de grupos.

Em suas considerações finais, compreende dois aspectos de relevância sobre religião/juventude: a idéia de que a religião “não faz diferença” na sociedade contemporânea brasileira extingue uma parte relevante do imaginário social, no entanto, imprimir à religião a capacidade de “por si fazer retroagir conquistas republicanas” também é inadequada (NOVAES. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.290).

Gevanilda Santos, Maria José P. Santos e Rosangela Borges<sup>63</sup> preocupam-se com a discriminação racial ligada ao tema da juventude. Baseadas exclusivamente em dados obtidos por pesquisa estatística, as autoras apontam para uma realidade em que “a discriminação racial, a desigualdade socioeconômica e a falta de acesso ao lazer, são uma constante na vida de grande parte desses jovens” (BORGES; SANTOS; SANTOS. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.295).

Destacam as autoras, que a constituição social do país detém uma “base bastante larga e o ápice estreito”, ou seja, observam que as “camadas sociais” atravessam um processo de branqueamento ao passo que “sobem na pirâmide social” (BORGES; SANTOS; SANTOS. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.292).

A partir de seus estudos, as autoras informam ainda que diante dos aspectos socioeconômicos do Brasil seja necessário resgatar aspectos ligados à “autopercepção da identidade”, o que é ser jovem e o que é ser brasileiro, um reconhecimento “da discriminação cotidiana”, das atividades ligadas ao lazer, as questões de “violência” e da relevância destes valores “para a construção de uma sociedade ideal” (BORGES; SANTOS; SANTOS. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.292).

Segundo os dados da pesquisa que se orientou por critérios do IBGE para a classificação de cor/raça, constatou-se que 47% da juventude brasileira são de jovens negros, sendo que 45% totalizam os jovens brancos, 5% jovens indígenas e 2% para outras raças.

---

<sup>63</sup> BORGES, Rosangela; SANTOS, Gevanilda; SANTOS, Maria José P. A juventude negra. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Rosangela Borges é jornalista (PUC-SP); Gevanilda Santos é historiadora e Mestre em sociologia política (PUC-SP) e Maria José P. Santos é assistente social e Mestre em psicologia social (PUC-SP) (BORGES; SANTOS; SANTOS. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

Dos jovens negros, verificou-se por pergunta espontânea combinada com estimulada, que 50% concentram-se nas regiões Norte e Centro-Oeste, seguida de 45% no Sudeste e 42% no Nordeste, restando 17% de jovens negros para a região Sul.

No objetivo de saber o que os jovens brasileiros compreendem por identidade racial levando em conta o processo de miscigenação e da ideologia do embranquecimento populacional, procurou-se atingir a ascendência racial ponderando as combinações de cor/raça dos avós e pais. Através de resposta estimulada, os resultados em nível nacional apontaram para: 47% dos jovens declararam ter ascendência negra e branca; 21% só branca; 11% branca, negra e índia; 9% branca e índia; 4% só negra; 4% negra e índia e 5% para outras ascendências raciais.

Quanto à ascendência racial, constataram que: para os brancos houve uma diminuição de 45% para 21% da população branca; o contingente populacional mestiço de ascendência negra e índia aumentou para 75%; a concentração de jovens brancos da região Sul caiu para 49% e na região Sudeste de 46% decresceu para 21%. Estes resultados permitiram às autoras “reiterar a participação majoritária de negros e indígenas na composição do povo brasileiro” (BORGES; SANTOS; SANTOS. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.293).

Em relação ao que é bom em ser jovem no Brasil, classificando as respostas entre jovens negros e brancos os dados coletados foram: não ter preocupação/responsabilidade/compromisso diante da vida teve um percentual de 44% para jovens negros e 46% para jovens brancos; a alegria de viver foi destaque para 41% dos jovens negros e pardos e 38% para jovens brancos; desfrutar as atividades de lazer/entretenimento foi citado por 28% dos jovens negros e para 24%

dos jovens brancos; e, a qualificação educacional na atualidade foi citada como relevante para 25% dos jovens negros e para 26% dos jovens brancos.

Referente ao quesito o que é ruim em ser jovem no Brasil, os dados apontaram para: o mercado de trabalho/desemprego e falta de renda (23% dos jovens negros e para 18% dos jovens brancos); e, o cenário de violência/más companhias/gangues (7% dos negros e para 6% dos jovens brancos).

Mesmo tendo assinalado que há certa diferença entre jovens brancos e negros na sociedade brasileira, as autoras defendem a partir dos dados, a idéia de não distinção significativa entre jovens negros e brancos. Acreditam que para “ambos os casos, confirma-se a convicção enraizada no imaginário cultural brasileiro de que somos um povo alegre” com uma contribuição particular da população negra “expressa no carnaval, na dança, na música” e no esporte. Declaram que “o jovem negro tem tanta preocupação (25%) quanto os brancos (26%) em estudar e adquirir conhecimento para desfrutar o que eles consideram bom na juventude” (BORGES; SANTOS; SANTOS. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.294).

No entanto, mesmo que amenizados os índices percebemos pelos dados apresentados uma ligeira disposição para o negro, nos quesitos: alegria de viver (41%); atividades de lazer (28%); suscetibilidade ao cenário da violência urbana das gangues (7%); e preocupação com o mercado de trabalho/falta de renda (23%) do que para os jovens brancos, para os quais os dados foram apresentados sempre com a diferença de 1% para menos. Já quando questionados sobre a educação, para os jovens negros foi apresentado um percentual de 25% e para os jovens brancos 26%.

Em nosso entendimento, há para o jovem negro a caracterização capitalista do ideário do povo brasileiro: alegre e divertido, mesmo que driblando as

mazelas da violência e da criminalidade, com a disposição primeira ao mercado de trabalho e secundária ao estudo.

Beatriz Carlini-Marlatt<sup>64</sup> discorre sobre o álcool, o tabaco e as drogas ilícitas no impacto sobre a saúde e o bem estar dos jovens.

A autora informa que a pesquisa realizada entre novembro e dezembro de 2003, na amostra probabilística de 3501 jovens entre 15 e 24 anos dispersos em aproximadamente 198 municípios brasileiros revela que substâncias químicas ilícitas como a maconha e a cocaína estão próximas e disponíveis para a juventude nacional.

Segundo os dados obtidos, um percentual de 72% dos jovens já conheceu ou conhece alguém que usa maconha e 32% que são usuários de cocaína. Carlini-Marlatt assevera que mesmo sendo alarmante essa proximidade, poucos foram os jovens que a utilizaram para conseguir essas substâncias para uso próprio; tais dados “desafiam a idéia de que os jovens são ‘presa fácil’ ao apelo das drogas ilícitas e tendem ser acríticos diante da oportunidade de usarem substâncias proscritas” (CARLINI-MARLATT. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.312).

No intuito de sugerir abordagens para o desenvolvimento de políticas públicas que venham acrescentar esses dados favoráveis e contribuir para a “promoção de uma vida plena e saudável para os jovens brasileiros” Carlini-Marlatt considera a educação como caminho apropriado para que a juventude “entenda as tentativas de manipulação de sua independência e capacidade de raciocínio crítico”; como mediadora para o tratamento social ao usuário de drogas; e esclarecimento

---

<sup>64</sup> CARLINI-MARLATT, Beatriz. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Beatriz Carlini-Marlatt é cientista social, Doutora em psicologia social pela PUC-SP e pela Boston University School of Public Health. Atualmente é docente do IPAD (Instituto de Prevenção e Atenção às Drogas) da PUC-PR e pesquisadora associada do Departamento de Psiquiatria da University of Washington (CARLINI-MARLAT. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

aos jovens que “tomam bebidas alcoólicas” para que não as vejam como um problema apenas “quando causa dependência” (CARLINI-MARLATT. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.304, p.317).

Para a autora, este segmento social, visto como uma categoria homogênea e bem definida, deve ser beneficiado por um novo direcionamento da “produção, distribuição e marketing” das bebidas alcoólicas desde que não haja “cerceamento de liberdade individual” (CARLINI-MARLATT. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.318).

Paulo J. Krischke<sup>65</sup> tendo como foco a cultura política nos processos de democratização, tematiza a participação política dos jovens na trajetória histórico-cultural do Brasil.

O autor informa os “índices elevados de participação política, tanto em suas formas de ação convencional como nas não-convencionais”, indicando que os jovens brasileiros apresentam identificação e participação partidária e social de modo equivalente e “até superiores” em comparação aos jovens europeus (KRISCHKE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.348).

Referencia duas pesquisas de José A. Moisés de 1989 e 1993, ambas sendo levantamentos feitos por amostragem estratificada com sorteio aleatório, comparando-as com a pesquisa aqui tratada, acrescentando dados do IBGE. Krischke apresenta as conclusões de Moisés questionando-as na relação entre democracia, escolaridade, renda familiar, urbanização e gênero.

---

<sup>65</sup> KRISCHKE, Paulo J. Questões sobre juventude, cultura política e participação democrática. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Paulo J. Krischke é Mestre e Doutor (Ph.D) em ciência política pela Universidade de York no Canadá. É pesquisador sênior do CNPq, foi vice-presidente do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC) e atualmente é professor do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC (KRISCHKE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

Em sua síntese o autor informa que: os indicadores de opção formal dos jovens pela democracia “têm se mantido estável”. Sublinha que dentre as variáveis estatísticas observadas os “contextos regionais”, as variantes “demográficas” detêm forte influência “na formação de subculturas de gênero, classes de renda, escolaridade, e subgrupos de idade entre a juventude” (KRISCHKE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.348).

Informa que, mesmo havendo a ocorrência de intervenção dos fatores de “renda, escolaridade, ocupação e urbanização” no planejamento e exercício das iniciativas políticas, esta intervenção pode ser “diversificada” combinando alternativas de vida e “condições histórico-culturais” expressas no dia-a-dia da juventude brasileira (KRISCHKE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.349).

Frente a estas considerações construídas sobre a base dos dados estatísticos, o autor finaliza afirmando ser imprescindível as relações entre “valores prioritários”, “associativismo” e preferências almejadas pelos jovens, pois vê nelas o caminho para a análise das “diversidades de suas opções políticas e de seus perfis ideológicos”. Krischke defende que “o extraordinário otimismo – pessoal, social e político – dos jovens pode bem chegar a realizar-se”, sendo viável conferir se o jovem estrutura uma “mudança de valores” com a sociedade, não tornando-se “apenas, mais uma vez, um ciclo de protesto e euforia” passageiro (KRISCHKE. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.349).

Persiste no autor Paulo J. Krischke a temática de Sposito e Abramo ao considerar que a sociedade moderna ampliou as possibilidades de integração social da juventude. Em destaque às participações nos recursos culturais e nos processos de decisão político-social é como se o jovem como sujeito atuante fosse produto dessa sociedade moderna tendo sua vivência anterior totalmente anulada. Para

esses autores a diversidade juvenil é conceituada nos limites de socialização, espaços de lazer, mercado de trabalho, subculturas e tendências regionais como produto da otimização da cultura política assentada no redirecionamento social ocorrido com o advento da modernidade.

Em destaque ao possível conservadorismo da juventude brasileira os autores Gustavo Venturi e Vilma Bokany afirmam que existe uma leitura equivocada sobre os dados obtidos nessa pesquisa.

Os autores<sup>66</sup> retomam outra pesquisa desenvolvida em outubro de 2003 pela Fundação Perseu Abramo (Discriminação racial e preconceito de cor no Brasil) para demonstrar que os jovens pesquisados não são mais conservadores do que seus pais o foram, visto que a pesquisa da Fundação Perseu Abramo se estendeu para adultos acima dos 24 anos.

Os quesitos dizem respeito a vínculo com movimentos sociais de diferentes tipos (associações comunitárias, de defesa do consumidor, da ecologia, sindicato, contra o racismo e organização de mulheres), a percepção do grau de importância da política, e a escolha político-ideológica, se estendendo para opinião sobre a discriminação do aborto e a legalização das uniões homossexuais.

Os autores interessaram-se em negar as afirmações de conservadorismo do jornal O Globo de 02/05/2004 e da revista IstoÉ edição 1804 de 05/05/2004. Considerando que a juventude escolhe as mesmas opções feitas pela maioria da sociedade, relativizam as conclusões da revista e do jornal, como se pode ver a seguir:

---

<sup>66</sup> BOKANY, Vilma; VENTURI, Gustavo. Maiorias adaptadas, minorias progressistas. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Gustavo Venturi é Mestre em sociologia e Doutor em ciência política pela Universidade de São Paulo (USP). Diretor da Criterium Assessoria em Pesquisas e coordenador do Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo e Vilma Bokany é analista de pesquisas do Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo desde 2001 (BOKANY; VENTURI. In: ABRAMO; BRANCO, 2005).

“Por exemplo, o destaque dado à preferência da maioria dos jovens a permanecer na casa dos pais, mesmo ‘se pudesse decidir agora, sem se preocupar com qualquer coisa’ – 82%, segundo a capa da *IstoÉ* (edição de 05.05.04). Primeiro, vejamos a taxa correta, já que a pergunta só foi feita aos 70% que ainda moram com os pais. Na verdade, portanto, os 82% (de 70%) equivalem a 57% do total dos jovens. Segundo, nestes estão somados os que ‘esperariam mais um tempo para mudar’ (27%) e os que – agora sim, a princípio conservadores, ao abrir mão de sua plena autonomia – ‘não têm planos de morar sem os pais ou responsáveis’ (30%) (BOKANY; VENTURI. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.363).

Acreditamos que devido a uma mediação equivocada, talvez pela falta de dados comparativos, talvez pela recondução dos dados estatísticos, ou ainda por inferências produzidas entre os dados, os autores chegaram à conclusão de que: a juventude brasileira não é conservadora ou não o é mais do que os adultos são.

Indicam os autores, que existe a possibilidade dos pais dessa população jovem ter sido contestadores e em função disso consideram seus filhos “mais conservadores que eles” (BOKANY; VENTURI. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.367).

Embora os autores alertem em relação ao conservadorismo, que não é adequado generalizar esses aspectos para toda uma população jovem contemporânea, parece ser essa a forma que os autores utilizaram, pois, tais considerações apontam para índices obtidos em pesquisa estática a breves relatos históricos limitados às décadas de 1960/70 e 80 do século passado.

De forma imediata, os autores lançam o desafio a “[..] uma futura análise”, em que seja possível “[...] discriminar na massa de dados os vários segmentos que compõem a diversidade da juventude brasileira” (BOKANY; VENTURI. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p.368).

Em nosso entendimento a predominância dos dados censitários<sup>67</sup> e dos dados estatísticos<sup>68</sup> suscita nos estudos sobre a juventude uma tendência à homogeneização e à padronização, que ao sinalizar a heterogeneidade e a pluralidade social, apresenta inferências contraditórias.

Há nos artigos uma referência às condições históricas pouco esplanadas, pois a definição biologicista de juventude ligada à idéia de geração persiste em todo o livro. O que é traço histórico é a afirmação da juventude como dado, fenômeno da modernidade apenas, e a condição juvenil diz respeito ao aspecto comportamental e à sua inserção na vida adulta.

Ou seja, o jovem só é jovem se visto diante da família ou da escola (instituições), na admissão e adaptação das responsabilidades cabíveis ao mundo adulto e ainda, à transgressão (uso de drogas ilícitas, por exemplo) quando transgride os parâmetros determinados e determinantes.

Percebe-se uma oscilação entre a diversidade e o anseio por uma identidade única, as reflexões que compreendem o país como uma sociedade heterogênea, ao mesmo tempo o vê relacionadas aos estudos que apresentam um caráter nacional ao jovem com uma identidade única e definível. Os autores reportam-se aos índices da pesquisa para demonstrarem aspectos tênues entre os jovens das diferentes regiões brasileiras, mas também utilizam a mesma pesquisa para demonstrar a diversidade presente nas respostas dos jovens entrevistados.

Na seqüência à orientação metodológica do livro **Retratos da juventude brasileira** (2005), citamos ainda a produção da autora brasileira Rosana Kátia

---

<sup>67</sup> Censo diz respeito à contagem sistemática de elementos que fazem parte de uma nação e/ou região (fatos, pessoas, bens) em seu sentido lato. Refere-se em sentido restrito à contagem populacional.

<sup>68</sup> Estatística é um método de observação, mensuração e interpretação de fenômenos coletivos, sendo um conjunto de dados obtidos organizado por esse método.

Nazzari<sup>69</sup> em **Juventude Brasileira, capital social, cultura e socialização política** (2006) que desenvolve um estudo sobre globalização e seus efeitos para pontuar as influências deste cenário no comportamento juvenil.

Considerando que há uma defasagem nos estudos sobre política que tem como objeto a juventude, a autora acredita que há implicações diretas entre a socialização juvenil e a estruturação de uma cultura política mais democrática e eficiente no Brasil. No plano teórico vale-se de uma extensa revisão dos conceitos ligados a capital social e à socialização política, identificando a partir deles os efeitos da globalização sobre o comportamento político dos jovens no Brasil. Na abordagem empírica utiliza-se de dados coletados em survey aplicado no ano de 2002 nas cidades de Cascavel e Curitiba<sup>70</sup> (levando-se em conta o critério capital – interior) no Paraná.

Para Rosana Kátia Nazzari as alterações evidenciadas nos processos de produção e troca junto à crise deflagrada pela acumulação fordista/keynesiano deram origem a um novo cenário econômico mundial. Explica que a produção fordista orientada à produção em massa, propiciou diferentes possibilidades para o ressurgimento de sistemas de flexibilização de especialização relativo às pequenas e médias empresas em expansão no mercado informal. Nesse cenário de produção em massa, houve toda uma alteração comportamental adaptada à ampliação dessa produtividade. Lembra a autora que, os obstáculos do modo keynesiano resultaram em sérios problemas sociais (NAZZARI, 2006, p.38).

---

<sup>69</sup> Rosana Kátia Nazzari é Doutora em ciência política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora titular adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e diretora do Núcleo de Pesquisa do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (NUPEACE) (NAZZARI, 2006).

<sup>70</sup> Os dados da pesquisa são apresentados em gráficos ao longo das discussões desenvolvidas no livro.

A expansão financeira necessária ao processo de acumulação capitalista intensificou-se nos investimentos em longo prazo e em larga escala unindo os países europeus e os asiáticos em distintos aglomerados econômicos que a partir da década de 80 do século XX acirrou as disparidades sócio-econômicas e a demarcação dos Estados nacionais aumentando a tensão das instituições políticas e das democracias tradicionais nos países em desenvolvimento (NAZZARI, 2006, p.46).

O impacto da globalização na América Latina desencadeou uma crise generalizada no sistema social, produzindo rupturas nas identidades coletivas tradicionais e nas relações sociais para além dos limites locais e regionais.

Alterou por outro lado, as novas tecnologias ampliando a “necessidade de qualificação técnica das pessoas visando à sua sobrevivência no mercado de trabalho” e requerendo novas formas de associativismo para além de uma democracia representativa, ampliando “os espaços de participação política dos cidadãos”, tornando iminente a necessidade de se analisar “a relação entre o estoque de capital social e a socialização política dos jovens brasileiros” (NAZZARI, 2006, p.46).

Nessa perspectiva compreende-se que o processo de globalização intensificou a “hibridação cultural” que acarretou na diversificação dos conflitos sociais, políticos, ideológicos e culturais mundialmente. Ressalta Nazzari que “devido a não-existência de uma cultura global homogênea” é possível se observar o acirramento dos conflitos pela “progressiva adaptação das culturas hegemônicas dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento” (NAZZARI, 2006, p.46).

A configuração cultural local, a mobilização das culturas tradicionais e a ampliação de uma identidade cívica propiciaram o exercício de papéis importantes nas políticas e projetos que visam à superação do estado de pobreza e conseqüente integração de populações marginalizadas e excluídas. A cultura política passa a ser vista como campo de estudo dos “excluídos e rejeitados: os guetos, as sociedades exóticas e não ocidentais, o novo orientalismo e o islamismo, bem como os países em desenvolvimento com sua democracia étnica, como no caso do Brasil” (NAZZARI, 2006, p.47).

Embora assinala que o estudo da cultura política propicia o conhecimento das dimensões subjetivas e psicológicas do universo político, o comportamento político de uma sociedade a ser detectado pela pesquisa científica destina-se ao levantamento de opiniões de eleitores sobre democracia e cultura política definindo três níveis para a política: o macro, o médio e o micro. O nível macro relaciona cultura política aos “símbolos e valores” que caracterizam as relações coletivas da nação ou estado. O nível médio corresponde às normas de organização da coletividade “no âmbito das disputas políticas”. O nível micro onde “se funda a política normal” corresponde ao plano que propicia a “identificação dos indivíduos com os valores” da macro política (NAZZARI, 2006, p.49).

A pesquisa<sup>71</sup> de Nazzari alia a fundamentação teórica e método estatístico, pretendendo investigar as influências da história passada na sociedade atual de forma evolutiva, transformacional e dinâmica de causa e efeito “sobre a

---

<sup>71</sup> Os quesitos apresentados em gráficos presentes no livro de Rosana Kátia Nazzari **Juventude brasileira: capital social, cultura e socialização política** (2006) têm concordância com aqueles encontrados em **Retratos da juventude brasileira** (2005), a saber: Nazzari p.109, Retratos p.410, p.411; Nazzari p.111, Retratos, p.407; Nazzari p.113, Retratos p.409, p.410; Nazzari p.118, Retratos p.408; Nazzari p.120, p.122, Retratos p.408; Nazzari p.135, Retratos p.401; Nazzari p.149, Retratos p.399, p.400; Nazzari p.152, Retratos p. 401; Nazzari p.154, Retratos p.401; Nazzari p.159, p.161, Retratos p.403; Nazzari p.164, Retratos p.402; Nazzari p.166, Retratos p.405, p.406; Nazzari p.176, Retratos p.413, p.414, p.415, p.416 respectivamente.

socialização política dos jovens e a formação do capital social” nacional contemporâneo (NAZZARI, 2006, p.30).

O capital social para a autora é:

“[...] um conjunto de redes de confiança e interação recíproca da comunidade e das instituições que promovam o associativismo cooperativo da sociedade em projetos coletivos que visem o bem comum, e que tem seu impacto no desenvolvimento democrático e socioeconômico de uma nação” (NAZZARI, 2006, p.22-23, p.61-62).

A autora pretende mensurar o capital social na juventude brasileira, levando em consideração o processo de globalização que desencadeou tanto a fragmentação social e econômica no país com o “declínio das instituições clássicas da democracia” quanto o aparecimento de novos meios de combate a esses aspectos (NAZZARI, 2006, p.99).

Na abordagem aos inúmeros problemas sociais que os jovens brasileiros enfrentam e visando a compreensão da socialização política da juventude nacional, Nazzari utiliza os seguintes indicadores de capital social<sup>72</sup>: “confiança pessoal, social e nas instituições políticas”; “participação política da sociedade civil nos movimentos populares e nas instituições sociais”; e, o empenho das pessoas em participar de atividades voluntárias. Tais indicadores permitem aferir se “o processo de socialização política” contribui para que os jovens se engajem civicamente ampliando o capital social para o fortalecimento democrático do país (NAZZARI, 2006, p.32, p.100).

Em sua análise Nazzari considera que os jovens pesquisados têm uma vaga noção sobre democracia e que esta se vincula a uma melhoria das condições

---

<sup>72</sup> Para Nazzari as dimensões do capital social são: os níveis de socialização formal (família e escola) e informal (vizinhos, amigos, mídia, entre outros); os níveis de confiança com os outros, instituições e governo; os níveis de cooperação sistêmica e o número de redes de pessoas e tipos de organizações sociais; tendências para a participação voluntária e para a filantropia; base social dos contatos de estudos, trabalho e lazer; níveis de contato com a família até a internet (NAZZARI, 2006, p. 34).

de vida e dos direitos dos seres humanos. Em sua maioria os jovens desconhecem a representação político-partidária nacional; assevera que o posicionamento político desse segmento é de equilíbrio entre esquerda e direita com maior porcentagem de posicionamento ideológico de centro. A autora define o posicionamento político-ideológico dos jovens entrevistados, mas, assinala que em sua maioria, os jovens desconhecem ou não responderam sobre o entendimento ideológico de centro, direita e esquerda.

Para Nazzari os índices obtidos no quesito confiança (pessoas, militares, partidos, políticos, democracia) foram baixos, indicando que os jovens preferem acreditar em pessoas a instituições. Informa que o nível de confiança social é predominantemente na família, mãe primordialmente seguido de pai; o nível de confiança social e interpessoal é maior em relação a professores, seguido de padres, irmãos, direção de escola e colegas. No cruzamento das variáveis gênero, tipo de escola, capital e interior foram encontrados baixos níveis de confiança nas instituições; a percepção dos jovens sobre a cooperação entre os seus iguais indica uma disposição à cooperação sistêmica.

No que se refere a esse modelo de cooperação assinala a autora a partir do cruzamento dos indicadores entre escola pública e escola privada que o senso de coletividade é mais presente entre os jovens do ensino público (34,6%) do que entre os jovens do ensino privado (25,6%). Quanto à participação em atividades associativas, os dados apresentam que uma parcela considerável dos entrevistados (75,8%) as reconhece como importante iniciativa para as mudanças sociais no país.

Acrescenta que os indicadores revelam a influência da mídia eletrônica nos assuntos sobre política e socialização dos jovens, tendo sido observado uma

defasagem no incentivo à participação política dos jovens na escola (nas escolas públicas são encontrados estímulos para essa atividade).

Em relação à participação política Nazzari verifica que as meninas são mais participativas nas atividades sociopolíticas relacionadas às questões do cotidiano do bairro e da escola, destacando-se a participação em atividades associativas em escolas públicas e no interior; esses dois espaços são estoques maiores de capital social nessa variável.

Essa fragilidade política entre os jovens, para a autora, indica o desrespeito desse segmento com os bens públicos, com elevado grau de desrespeito à comunidade, às instituições e aos indivíduos.

Nazzari destaca que os jovens confiam no modelo político democrático, acreditando a maioria que se a população tivesse maior poder de decisão o país melhoraria, posicionando-se de acordo a essa questão também os jovens que se dizem indiferentes à política. Para a autora o segmento juvenil partilha da expectativa de maior apoio do governo para o resgate da confiança no futuro, da cooperação para a construção de uma comunidade cívica e para a efetivação da participação em associações que privilegiem o desenvolvimento regional.

No que se refere aos indicadores de uma conjuntura caracterizada pelo individualismo, pelo consumismo, pela maternidade/paternidade precoce, pela disseminação de doenças sexualmente transmissíveis, pelo uso de drogas, pela exclusão e violência social, a autora constatou que os jovens na sua maioria utilizam-se de estratégias de sobrevivência psíquica, emocional, intelectual, socioeconômica, cultural e política para atravessarem os conflitos existentes. Estão dispostos ao desenvolvimento da confiança interpessoal, na atuação e cooperação na coletividade propondo-se a aumentar o capital social de suas comunidades.

Reconhecemos a relevância das pesquisas que foram objeto de nossas reflexões, interessadas em estabelecer macro-análises e sínteses abrangentes. Reconhecemos o rigor e a preocupação analítica dos pesquisadores nelas envolvidos, sua importância documental.

Não podemos, contudo, nos furtar ao debate instaurado por Bakhtin, a arena discursiva, o confronto epistemológico, que nos conduz à percepção de contradições na compreensão responsiva, na avaliação dialógica entre discursos.

Nazzari em sua pesquisa informa que os jovens têm baixa confiança nas instituições, e que estes jovens confiam em primeiro lugar na família, e em planos decrescentes em professores, padres, direção de escola e colegas. Mesmo concentrando a confiança na mãe ou no pai, estamos tratando da instituição familiar, pois o jovem tem na figura da mãe ou do pai o seu suporte, considerando a função que desempenham no núcleo familiar.

Quando se direciona a confiança ao padre, também estamos falando de uma instituição, pois o padre é uma função que determinado indivíduo exerce no seio da instituição religiosa e da sociedade. Seguindo essa reflexão, também os professores e os diretores das escolas são representantes de uma instituição, da instituição escolar. A confiança não exclusivamente depositada em um núcleo institucional refere-se à depositada nos colegas, no entanto, essa é apresentada em ordem secundária nas conclusões da autora.

Outro indicador a se considerar sobre esse quesito é que, afirma-se por um lado que os jovens não confiam nas instituições, mas do outro temos que estes mesmos jovens partilham da expectativa do apoio governamental para a transformação da sociedade. Há, portanto, uma ambigüidade presente no

enunciado, como se situa a afirmação do descrédito com as instituições ressaltado anteriormente?

É importante sublinhar também que nas conclusões afirma-se a disposição político-ideológica dos jovens ao posicionamento de centro, todavia, ao lado dessa conclusão contrapõe-se outra afirmando que estes mesmos jovens não têm entendimento ideológico do que seja ser centro, direita e esquerda e que ainda, desconhecem a representação político-partidária nacional. Ou seja, como os jovens são posicionados política e ideologicamente se desconhecem as ideologias político-partidárias?

Não fica claro qual foi o critério utilizado para afirmar a confiança dos jovens no modelo político-democrático nacional, e, contudo, constata-se que estes mesmos jovens não têm conhecimento político-partidário do país.

Se estes jovens têm maior confiança na instituição familiar, isso sugere que os jovens ainda recorrem à atenção seja da família ou da escola. Contudo, acrescenta-se que os jovens frente às dificuldades da sociedade atual demonstram desenvoltura psíquica, emocional, intelectual, socioeconômica, cultural e política diante das instituições.

Com base nestas conclusões temos um jovem que apresenta baixo índice de participação/socialização política, e que, portanto, não reconhece a si nem aos outros como agentes políticos. Considerando que o capital social seja a união entre comunidade e instituições em prol do associativismo e do cooperativismo visando o bem comum de uma sociedade capitalista e economicamente de 3º mundo; perguntamo-nos se é possível afirmar que este jovem ocupa uma posição participativa, consciente e disposta a aumentar o capital social de suas comunidades. Acreditamos que subjaz aos dados apresentados a idealização do

jovem a quem se credita a capacidade de posicionamento político e de transformação social futura.

Consideramos que nos estudos apresentados no primeiro capítulo sobre juventude no Brasil prevalecem as abordagens biologicistas, com conceitos abstratos que dão suporte às categorias que conduzem à homogeneização da sociedade, da escola, da família entre outros.

A esses aspectos somam-se ambigüidades encontradas na utilização dos dados estatísticos, sendo perceptível a sua utilização para naturalizar os fatos sócio-históricos (gravidez precoce, formação precoce familiar, precariedade das condições de trabalho, por exemplo).

Sem uma clara percepção da identidade juvenil brasileira, sem detectar as diferenças regionais em relação a classes sociais, etnia, gênero, raça e religião, apresentam os estudos uma nação emblemática de uma democracia plena, um Estado de Direito pleno e as funções de um Estado de Bem-Estar Social.

A educação formal escolar é considerada essencial na instrumentalização ao mundo do trabalho e na formação ideológica e político-partidária dos jovens no Brasil. Subjaz nos artigos a compreensão de uma potente organização estatal das atividades coletivas públicas (escolarização, lazer, sexualidade, profissionalização, participação política, etc.) capaz de atender em grau e qualidade todos os níveis das instâncias sociais.

Segundo o nosso entendimento os jovens nesses estudos, deveriam estar acolhidos em um sistema social complexo que abrigaria instituições organicamente relacionadas e funcionalmente dirigidas para a coletividade. Aos jovens caberia transitar da família para a escola e desta para o campo do trabalho sendo assistido

em todos os aspectos da vida social tendo como exercício da cidadania atividades cooperativas em comum.

Na prioridade à historicização como método, expomos a seguir uma análise da juventude e dos movimentos contraculturais (cerne da expressão político-ideológica e sócio-cultural do movimento punk) fundamentando-se no suporte teórico-metodológico da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin. Com base nesse estudo explicitamos o caráter plural do signo, o qual possibilita a ocorrência de diferentes valorações axiológicas, instância em que nosso objeto se insere.

## SEGUNDO CAPÍTULO

### A MALDIÇÃO DE NARCISO

A lenda de Narciso<sup>x</sup> é tema de considerações de várias áreas do conhecimento, como a literatura (contos, poemas, livros de mistério, histórias infantis)<sup>xi</sup>, a semiótica, as reflexões sobre o imaginário e a cultura midiática (OLIVEIRA, 2000, p.90-95).

O tema não se esgota nessas áreas e inúmeros autores têm contribuído para a compreensão da realidade, da identidade/individualidade humanas como reflexo, como representação do eu e dessa realidade. Registrar a realidade através de pinturas, desenhos, fotografias e filmagens seria a tentativa humana de capturar a realidade, tentativa vã, pois a própria representação (imitação) se torna o objeto da realidade e não a própria realidade que já deixou de existir.

Narciso é o relato do reflexo de si mesmo e da alteridade, do outro não diferente de mim. Como tema da episteme psicanalítica José Jorge de Carvalho (1998) em seu estudo sobre o mito, salienta que ao longo da história Plotino<sup>73</sup> em *Enéadas* e Marsílio<sup>74</sup> Ficino em *De amore*, fixaram-se apenas nesse personagem e unindo “paganismo e transcendência”, orientaram a narrativa mítica para o plano espiritual: o primeiro em uma alegoria sobre a alma que não deve identificar-se com

---

<sup>73</sup> Plotino (205 – 270 d.C.), filósofo neoplatônico, autor de 54 tratados, compilados por seu discípulo Porfírio que deu o título de *Enéadas* a esse conjunto ([www.wikipedia.org.br](http://www.wikipedia.org.br). Acessado em 20/09/2006).

<sup>74</sup> Marsílio Ficino (1433-1499), filósofo italiano foi um dos autores que elaborou o movimento intelectual humanista no Renascimento, fundindo o cristianismo com a filosofia greco-latina (neoplatônica) ([www.wikipedia.org.br](http://www.wikipedia.org.br). Acessado em 20/08/2006).

a beleza física; o segundo na elaboração de uma teoria amorosa de fusão espiritual entre seres humanos.

Informa o autor que:

“E essa mesma história passa igualmente na atualidade por um processo acentuado de assimilação por parte da literatura de divulgação, que reduz seus elementos narrativos e simplifica bastante seus planos de significado, concentrando-se quase exclusivamente num mitema<sup>xii</sup> específico, qual seja, o do tão comumente chamado narcisismo” (CARVALHO, 1998, p.3).

O autor indica a permanência dessa assimilação em um texto fundante da psicanálise, “no clássico texto de Freud sobre o narcisismo, conceito que não alcunhou ele próprio”, mas foi tomado de “P. Nacke”<sup>75</sup> (CARVALHO, 1998, p.3).

Carvalho propõe uma análise dialógica retomando o texto original de Publius Ovidius Naso, poeta latino conhecido como Ovídio (43 a.C. – 17 a.C.). Sua obra *Ars Amatoria* (A arte de amar) foi considerada licenciosa, provocando o seu banimento de Roma; *Metamorphoses* (Metamorfoses), escrita no exílio é a obra que o tornou famoso, servindo como consulta obrigatória no Renascimento.

Em *Eco e Narciso*, Tirésias um famoso adivinho cego é consultado pela ninfa Liríope, que engravidara do rio Cefiso e ansiava conhecer o futuro do filho dessa união, Narciso.

A cegueira de Tirésias resultara de um castigo da deusa Juno. Tirésias anteriormente havia por duas vezes separado com seu cajado duas serpentes em atividade sexual tornando-se na primeira vez mulher e vivido sete anos nessa condição; na segunda havia retomado a condição masculina. Com base em sua experiência bissexual, Tirésias fora chamado para arbitrar uma contenda entre a deusa e Júpiter, seu marido, sobre qual gênero (homem ou mulher) sentiria maior

---

<sup>75</sup> Na breve fortuna crítica desse autor encontramos citados Rainer Maria Rilke (Sonetos a Orfeu), Julia Kristeva (Histórias de amor) e Juanito Brandão (Mitologia grega).

prazer sexual. Optando pelas mulheres, Tirésias deixara Juno irada. Júpiter como compensação, concedeu a Tirésias o dom da profecia.

O adivinho vaticina que Narciso somente chegará à idade madura, se não conhecer a si mesmo. Aos dezesseis anos Narciso era arrogante, pois sua beleza provocava a paixão de rapazes e moças.

Perseguindo cervos, certo dia Narciso escutou a voz da ninfa Eco, também punida por Juno. Júpiter mantinha relações sexuais com as ninfas irmãs de Eco. Eco impedia Juno de flagrar Júpiter nesse ato, detendo-a para conversar permitindo assim que suas irmãs fugissem e escapassem da ira da deusa. Em punição, Juno obriga Eco a repetir as últimas palavras da frase de quem com ela conversasse.

Eco já estava apaixonada por Narciso e o seguia como uma sombra. Concentremo-nos no encontro de Eco e Narciso:

“Eco é mais madura sexualmente que Narciso: já presenciou os jogos amorosos de Zeus com suas amigas e aí aprendeu a linguagem do desejo. Na verdade, Eco encarna a cadeia do desejo mimético, ela é a sua realização plena: onde há um desejante, lá está Eco, confirmando-o, fazendo seu o desejo alheio. Apaixona-se, então, como tantos outros, por Narciso, a quem ensinará, inevitavelmente, essa mesma estrutura da paixão mimética [...]. Duas coisas marcam o primeiro encontro desses seres díspares: Eco se apaixona pela imagem bela de Narciso e Narciso se deixa seduzir pela bela voz de Eco, que na verdade é a sua própria. Intercambiando assim, já de entrada, suas duas naturezas irredutíveis, é uma imagem que retira Eco de sua introversão e é um som que retira – ainda que ilusoriamente – Narciso de sua indiferença diante do mundo” (CARVALHO, 1998, p.4-5).

Nessa análise o dialogismo apresenta uma constante coerência com o conceito de Mikhail Bakhtin nos cabendo pontuar que o horizonte social do texto é sexual, na interação comunicativa entre gêneros (feminino e masculino) de personagens que são deuses e humanos, estes últimos punidos e recompensados em função de suas ações e desejos.

Embora seja possível a Eco manifestar o seu amor<sup>76</sup>, ao sair da floresta para abraçar Narciso, este foge exclamando “antes morrer do que tenhas poder sobre mim” (CARVALHO, 1998).

Ao sofrer a rejeição, Eco se transforma em voz, definha lentamente, até morrer transformando seus ossos em pedra. Diante da morte de Eco, um rapaz que havia sido desprezado por Narciso, deseja que ele sofra do mesmo mal, que ame sem ser amado, súplica atendida pela deusa da justiça Nêmesis.

Narciso buscando o descanso do calor e da caçada encontra uma fonte intocada e ao matar sua sede deslumbra-se e apaixona-se por sua própria imagem. Consumido por não poder realizar a união amorosa, Narciso definha e morre na fonte, auxiliado em sua despedida pela voz de Eco, penalizada com seu sofrimento<sup>77</sup>.

Conduzido para o inferno Narciso continuou a sua contemplação no rio Estige. No lugar do seu corpo foi encontrada uma flor com o centro cor de açafreão envolvida por folhas brancas.

A alteridade dialógica Eco e Narciso, entre voz e imagem, masculino e feminino, tem a significação de possibilidade de complementaridade: pela palavra de Narciso, Eco consegue declarar-se e pela repetição da sua palavra Narciso sente a necessidade de aproximar-se do outro (CARVALHO, 1998, p.6).

“Na verdade, toda relação é a tentativa de construção de uma igualdade – enfrentada, assumida, ainda que sempre apenas assintótica – entre desiguais. Quando Eco se apaixona, admira Narciso e essa admiração só dificulta a existência da relação (ou desigualdade positiva) entre eles. Não percebe, por exemplo, a limitação de Narciso, sua incapacidade comunicativa herdada; ela o vê perfeito sem perceber que está excluída dessa perfeição. Eco vem significar também o feminino passivo, da espera

---

<sup>76</sup> Narciso: Há alguém por perto? Eco: Há alguém. Narciso: Vem! Eco: Vem! Narciso: Por que foges de mim? Eco: Por que foges de mim? Narciso: Unamo-nos aqui. Eco: Unamo-nos! (CARVALHO, 1998, p.5).

<sup>77</sup> Quando Narciso se lamentava com gemidos, ais e flagelação no peito e braços, Eco repetia o som assim fazendo até à última palavra de Narciso: Adeus! (CARVALHO, 1998, p.12).

infinita e da entrega total: o único que sabe fazer é admirar o masculino, ainda que seja na forma mais potencial, como é o caso de Narciso. Quem não está preparado para conhecer o outro, também não está preparado para se conhecer e é por isso que o encontro entre os dois acaba em morte: Eco, por admirar Narciso e Narciso, por admirar a si mesmo” (CARVALHO, 1998, p.7).

Em sua síntese final o autor conduz suas análises para o aspecto de reflexo do espelho e do eco que estabelecem o desentendimento total entre os personagens e os inabilitam, por serem o que são, “reais objetos de desejo; são sujeitos absolutos que rejeitam o destino dos comuns de se converterem em sujeitos em relação” (CARVALHO, 1998, p.8).

Para o autor a natureza é dupla em Eco e Narciso: amor e morte, palavra e imagem, duplo e repetição, dois seres sofrendo paralelamente e dependentes, pois “Narciso necessitou de Eco para anunciar o amor que sentiu por ele mesmo; Eco necessitou de Narciso [para] dar expressão a sua própria condição de amante” (CARVALHO, 1998, p.12).

É nosso entendimento que a lenda indica o desejo humano de comunicação verbal e estética em compreensão responsiva, em refrações de uma realidade fluída, negada por Juno em relação a Eco e por Nêmesis em relação a Narciso. Narciso e Eco são personagens que significam a alteridade em discursos monológicos, cercados de polifonia: deusas, o adivinho Tirésias, ninfas, rapazes e moças apaixonados, náíades e dríades que choram a morte de Narciso<sup>78</sup>.

Na relação dialógica da alteridade a posição que cada corpo ocupa no mundo concreto e a comunicação que estabelecem, confere a produção de sentido característica da linguagem e indispensável à constituição do ser e da realidade, ambos em permanente transformação.

---

<sup>78</sup> Náíades e dríades são ninfas, divindades femininas identificadas com os elementos naturais que habitavam, as náíades em fontes e as dríades em árvores. As ninfas encarnavam a fecundidade e a proteção dos elementos naturais (CARVALHO, 1998).

Nesta relação, o eu dependente do outro adquire existência entre: meu corpo interior que me confere a autoconsciência em torno de necessidades e desejos reunidos em sensações orgânicas como a dor, o prazer, a satisfação, etc., e, meu corpo exterior (o corpo do outro) que também está vinculado às possibilidades de seus estados internos. Da comunicação estabelecida entre o eu-para-mim e o eu-para-o-outro ocorre a produção de significado, de sentido exercido na interação.

O caso de Narciso e Eco erigido em torno do conhecimento do amor e do desejo explica que a relação eu-outro forjada entre o eu-para-mim e o eu-para-o-outro não estabelece a substituição de um pelo outro; as sensações do meu corpo interior não substituem a parcela do meu corpo exterior. Ambos são necessários ao mesmo tempo no processo de interação.

Eco e Narciso necessitaram um do outro, mas não reconheceram a possibilidade da partilha. Narciso ao utilizar Eco para anunciar o seu amor por si silenciou o eu-para-o-outro em favor do eu-para-mim. Do mesmo modo, Eco ao tentar realizar-se como ser amante silenciou o eu-para-mim em benefício ao eu-para-o-outro. Nessa relação Eco e Narciso pretensamente monologizaram a comunicação responsiva.

“Posso amar meu próprio corpo, sentir por ele algo como ternura, mas isso apenas significa o desejo constante que tenho dos estados e das emoções que se realizam através do meu corpo, e esse amor nada tem em comum com o amor que tenho pela exterioridade individualizada do outro. [...] Posso viver o amor do outro por mim, posso querer ser amado, posso imaginar e presumir o amor do outro por mim, mas não posso, de maneira imediata, amar a mim mesmo enquanto outro” (BAKHTIN, 2000, p.65-66).

O afeto ou o zelo que tenho por mim não tem a mesma natureza da relação que tenho com o outro, pois a produção de valor necessita de sujeitos

situados no mundo, estabelece-se na relação de troca entre sujeitos caracterizada pela diferença ideológica e axiológica de cada um. Desse modo, a relação emotivo-volitiva que tenho por mim não é a mesma que exerço pelo outro.

As produções de sentido que por sua vez, produzem os atos de amor, amizade, confronto, por exemplo, não decorrem da transferência imediata de condições axiológicas internas para o outro exterior. Ao contrário, são decorrentes da relação emotivo-volitiva entre o eu-outro (o eu-para-mim e o eu para-o-outro). Nessa relação, as produções são sempre novas pela singularidade existente no processo dialógico.

Uma vez que a singularidade resulta da produção de sentido efetivada pela troca entre o eu-outro, é impossível obtê-la prendendo-se às peculiaridades únicas do eu-para-mim. O amor ou a amizade são assim, produções de sentido decorrentes do processo de interação; sem a interação, não se produz o sentido do amor, tampouco se realiza o conhecimento do ato e do sentimento amoroso.

“Há uma diferença qualitativa entre meus sofrimentos, meus temores minhas alegrias e os sofrimentos, os temores e as alegrias que sinto pelo outro. Daí a distinção de princípio que aparece na classificação moral desses sentimentos. O egoísta age *como* se seus atos emanassem do amor que tem por si mesmo, ora, é claro que ele não vive nada que se assemelhe ao amor ou à ternura para consigo mesmo pelo próprio fato de não conhecer esses sentimentos” (BAKHTIN, 2000, p.66).

Da mesma forma, o reconhecimento dos outros é a condição exclusiva da pessoa jurídica. Mesmo o eu-para-mim tendendo a preservar-se aspirando ao poder pela submissão dos outros, seu desejo interno não se realiza de maneira imediata sem estabelecer alguma troca, ou alguma relação com o outro. Pois “a vivência interna do meu corpo se distingue de um reconhecimento de seu valor externo pelos outros” (BAKHTIN, 2000, p.67).

Desse modo, todo ato efetivado em sociedade decorre impreterivelmente da produção de sentido estabelecida na interação entre eu-outro. Meu corpo interior, ou o eu para-mim não basta a si mesmo, “[...] tem necessidade do outro, de outro que o reconheça e lhe proporcione sua forma”; “a determinação dos valores peculiares a si próprio é submetida a uma determinação exterior através do outro e para o outro, o *eu-para-mim* é dissolvido no *eu-para-o-outro*” (BAKHTIN, 2000, p.69, p.70-71).

Não havendo interação, não há comunicação e tampouco produção de significação; conseqüentemente não ocorre a compreensão responsiva.

Mikhail Bakhtin esclarece as relações entre homem e sociedade através das valorações expressas no devir histórico dos signos e das enunciações. Esse processo caracteriza tanto o homem quanto a própria totalidade social por uma natureza interindividual, dialógica e ideológica, adquirindo existência no confronto de interesses sociais efetivado no circuito da comunicação.

Sob essa perspectiva interessa-nos a categoria nuclear delineada por Mikhail Bakhtin como princípio constitutivo da linguagem para compreender a relação homem-mundo, homem-natureza, sujeito-objeto do conhecimento: a interação dialógica que define o outro, a alteridade que produz o sentido e o significado dos signos e da própria comunicação.

A interação dialógica nega a posição central do sujeito em relação ao objeto e se apresenta:

“a) como princípio geral do agir – só se age em relação de contraste com relação a outros atos de outros sujeitos: o vir-a-ser, do indivíduo e do sentido, está fundado na diferença (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p.106);

“b) como princípio da produção dos enunciados/discursos que advêm de “diálogos” retrospectivos e prospectivos com outros enunciados/discursos (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p.106);

“c) como forma específica de composição de enunciados/discursos, opondo-se nesse caso à forma de composição monológica, embora nenhum enunciado/discurso seja constitutivamente monológico nas duas outras acepções do conceito (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p. 106).

Na filosofia da linguagem, o sujeito que emite o discurso só existe em uma situação concreta e na relação com o outro, em sentido restrito e lato: a percepção, o pensamento e o existir humanos são construídos na instância social e histórica.

“A constituição da consciência e a construção do mundo pelas categorias da consciência são processos que se dão situadamente, na sociedade e na história, em vez de no plano essencial do “humano” idealista, dado que só se pode ver o mundo, natural ou social, a partir de uma dada posição, o que não implica negar a existência concreta do mundo dado, mas postular que sua apreensão é sempre situada” (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p. 107).

O dialogismo constituindo-se através da interação verbal torna-se o “ponto de intersecção de muitos diálogos, o cruzamento de vozes oriundas de práticas de linguagem socialmente diversificadas e polifonicamente tecidas por fios ideológicos de vozes” centrados nas relações sociais (BARROS, 2003, p.4).

Por este aspecto dialógico o homem não é visto separadamente do seu exterior. O sujeito em Bakhtin só se torna consciência autônoma e participativa nas relações que trava em sociedade, especificamente com o seu outro.

Homem e sociedade, ou homem e natureza são interdependentes e ambos evoluem na história conforme o processo de desenvolvimento das forças materiais de produção.

“Não é na categoria do *eu*, mas na categoria do outro que posso vivenciar meu aspecto físico como valor que me engloba e me acaba, e devo insinuar-me nessa categoria para ver a mim mesmo como elemento de um mundo exterior. É nesse sentido que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento

externo. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse” (BAKHTIN, 2000, p.54-55).

Desse modo, tanto a opinião que estabelecemos sobre nós, ou sobre os outros (familiares, amigos, desconhecidos, instituições) saiu do outro e pelo círculo interativo tornou-se significação em mim conforme a especificidade do horizonte social e da comunidade semiótica em que estou inserido, e ainda, conforme o outro, (os outros), isto é, meu auditório social a quem dirijo minha compreensão responsiva. É importante sublinhar ainda que, essa circularidade valorativa que sai do outro e adquire uma nova existência em mim, também não é originária dele, ou de mim, pois eu e o outro partilhamos os signos das vozes sociais presentes em múltiplos discursos que nos integram.

“Por sua natureza, o ‘eu’ não pode ser solitário, um ‘eu’ sozinho, pois só pode ter vida real em um universo povoado por uma multiplicidade de sujeitos interdependentes. Eu me projeto no outro que também se projeta em mim, nossa comunicação dialógica requer que meu reflexo se projete nele e o dele em mim, que afirmemos um para o outro a existência de duas multiplicidades de ‘eu’, de duas multiplicidades de infinitos que convivem e dialogam em pé de igualdade” (BEZERRA. In: BRAIT, 2005, p.194).

Da natureza interdiscursiva da linguagem emanam as trocas sîgnicas, contínuas entre inúmeros eus e outros. Essa troca ocorre no confronto dos índices de valor presente nas correlações da base material (infraestrutura) e da base jurídico-política (superestrutura) instaurada entre os diferentes segmentos sociais, o universo valorativo, ou o universo dos signos. Nesse universo cada segmento social produzirá a sua própria comunidade semiótica/ideológica correspondente ao seu nível sócio-econômico, em cadeia infinita e fluída de valorações.

Ressaltamos que, as comunidades semióticas pluralizam no campo axiológico os segmentos de classe diferenciados social e economicamente no campo material.

Tais comunidades irão clarificar para cada relação dialógica uma refração singular da realidade, revelando a instabilidade e a plurivalência social que caracterizam um mundo constituído por múltiplos níveis de realidade cultural. Essa multiplicidade confere para as relações entre homem e sociedade uma compreensão centrada na concepção de valor que promove incessantemente na linguagem as produções de sentido. Destas produções de sentido, emanam índices de valor que “adequados a cada nova situação social, negociado nas relações interpessoais, preenchem por completo as relações Homem X Mundo e as relações Eu X Outro” (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, p.175).

Nesse processo axiológico de produção de sentido do próprio homem e da própria realidade na linguagem, as comunidades semióticas forjam seus signos com uma função ideológica específica no processo interativo. Os signos carregam a significação contendo o conteúdo ideológico e as valorações de determinado contexto histórico. Por serem fundamentalmente históricos, são transitórios podendo ser utilizados por diferentes comunidades significando diferentes valorações. Pois, “classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua”, ocorrendo um confronto no interesse de classes, estabelecido no campo semiótico (BAKHTIN, 1995, p.46).

A transitoriedade do signo “reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal”. Portanto, as relações entre inúmeros eus e inúmeros outros forjam a natureza interdiscursiva da linguagem. Nela os discursos sócio-históricos transitam num incessante intercurso plural em seus

sentidos e significados, permitindo que a linguagem funcione de modo diferente para cada grupo social (BAKHTIN, 1995, p.148).

Os discursos, “[...] determinados por coerções sociais”, assentam-se sobre diversas formações discursivas, que correspondem a formações ideológicas “a partir do reconhecimento de que a língua produz discursos em que falam vozes diversas”. Deste modo, “classes sociais diferentes utilizam o mesmo sistema lingüístico” divergindo nas contradições que instauram no decorrer histórico. Para Bakhtin esse processo corresponde ao signo constituído no confronto de índices de valor (BARROS, 2001, p.35).

Para Bakhtin a palavra é um signo, especificamente “o *fenômeno ideológico por excelência*”, pois detém ubiqüidade para preencher todo tipo de função ideológica, seja estética, científica, moral e religiosa em todos os segmentos e cadeias semióticas (BAKHTIN, 1995, p.36)

A palavra e o signo tornam-se interdependentes na relação semiótica, dessa relação inicial forjam-se os inúmeros enunciados/enunciações e com eles tomam forma os diversos discursos que transitam pela instância cultural da totalidade social. O enunciado e as peculiaridades de sua enunciação resultam do “processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal” que fundamentam a produção do signo, do discurso e da própria interação semiótica (BRAIT; MELO. In: BRAIT, 2005, p.67).

Na concepção de que o “*centro* organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior” situando-se no meio social que envolve o indivíduo; a enunciação (ou o processo enunciativo) agrega assim, todo o contexto histórico e social em que determinados signos são forjados. Deste campo interindividual e axiológico, o enunciado é o produto final da interação dos índices de

valor contraditórios, convergindo em si os signos produzidos dentro de uma específica situação social, destinando-se a interagir no circuito comunicativo respondendo às aspirações de seus segmentos e comunidades sócio-semióticas (BAKHTIN, 1995, p.121).

Nessa perspectiva, a enunciação está situada,

[...] na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa lingüisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único” (BRAIT; MELO. In: BRAIT, 2005, p.67-68).

Em função dessa condição o enunciado é fundamentalmente de natureza concreta, pois *“nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação”* (BRAIT; MELO. In: BRAIT, 2005, p.68).

Num caráter de interdependência mútua, o signo ideológico, a palavra, a significação, o tema do signo, o horizonte social, a comunicação responsiva, a interação, a produção discursiva, o dialogismo, a polifonia e a alteridade integram o enunciado e a enunciação na dimensão da interação da comunicação.

Essa perspectiva bakhtiniana da linguagem permite a realização do significado do que é dialogizado, e o processo de formação ideológica da identidade dos indivíduos.

O processo de formação ideológica da identidade implica no processo de criação das consciências ideológicas. A formação da consciência do sujeito histórico é sîgnica; as consciências humanas adquirem consistência em permanente inacabamento, na comunicação responsiva do eu-outro (eus-outros) e na produção

de sentido presente no confronto de índices de valor contraditórios, uma arena de luta estabelecida no campo semiótico.

Desse modo, sendo a “*consciência individual um fato sócio-ideológico*”, a pluralidade e a diversidade social decorrem da diferença axiológica efetivada no processo de enunciação/significação realizado na interação (BAKHTIN, 1995, p.35).

Nesta interação, a significação como função do signo, ao constituir-se como “a expressão da relação do signo, como realidade isolada, com uma outra realidade, por ela simbolizável” engendra o processo de refração através do qual a diferença, a pluralidade e diversidade intensificam a realidade em devir histórico (BAKHTIN, 1995, p.51).

No processo enunciativo-discursivo o eu e o outro ao dialogarem entre si persuadem, negam, concordam, divergem, contestam, argumentam, explicam, replicam, apóiam e/ou enfatizam trazendo as contradições da situação social ao qual estão inseridos. Nesta arena dialógica e ideológica as múltiplas vozes sociais interagem estabelecendo múltiplas refrações do ser e do real histórico.

Centradas na concepção de valor, as múltiplas refrações materializam a pluralidade social do signo ideológico, que por possuir “acentos ideológicos que seguem tendências diferentes” forja a multidão ideológica que caracteriza a realidade como plural. Desse modo, “[...] grupos específicos estabelecem sistemas específicos de ordem ao mundo” (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, p.169, p.172).

Todo processo de refração é fundamentalmente valorativo, portanto, as relações dialógicas travadas entre as cadeias infinitas de consciências ideológicas interconectadas, não se diversificam na base de um espelhamento antagônico de forças divergentes, nem tampouco na representação de uma realidade como uma arena de duplos contrários. Mas, pelo enfoque plural, dinâmico e móvel do não

acabamento constitutivo do ser; nada é definidamente conceituado: o divergente, opositor, o conciliador, o simpatizante na cadeia valorativa é eternamente passageiro.

Pela incessante produção de sentido que integra a pluralência do signo, a refração atua para que as comunidades semióticas não apenas singularizem-se ao apresentarem a sua perspectiva da realidade, mas principalmente o façam no cerne da própria esfera axiológica à qual estão ligadas.

Segundo Bakhtin:

“O signo e a situação social estão indissoluvelmente ligados. Ora, todo signo é ideológico. Os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela. A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a ideologia do cotidiano, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas” (BAKHTIN, 1995, p.16).

Esse processo semiótico da linguagem pode ser claramente constatado durante o período histórico datado entre as décadas de 60 a 80 do século XX. Os elementos históricos, sociais, políticos e econômicos desse período propiciaram a formação de signos e produções de sentido, denominadas genericamente contracultura, responsável por reunir todas as manifestações, que contrastavam com as normas dominantes.

Nesse contexto, o livro **A contracultra** de Theodore Roszak (1907-1981) publicado em 1969, considerado até a atualidade um divisor de águas na análise dos movimentos sociais que envolvem a juventude, foi aceito, divulgado e assimilado nos meios acadêmicos pela pertinência e propriedade de suas reflexões.

No seu estudo, o autor considera a formação cultural desse período como constituída de crenças, insatisfações e contradições concebidas em uma sociedade

industrial que se alicerça no modelo de modernização, atualização, racionalização e planejamento tecnocrático.

O autor ao abordar a tecnocracia como o articulador social para a produção e conservação da eficiência, da segurança e da coordenação em grande escala, a considera o núcleo fundante de uma sociedade industrial, moderna e planejada.

“A política, a educação, o lazer, o entretenimento, a cultura como um todo, os impulsos conscientes [...] tudo se torna objeto de exame de manipulação puramente técnicos. O que se procura criar é um novo organismo cuja saúde dependa de sua capacidade para manter o coração tecnológico batendo regularmente” (ROSZAK, 1972, p.19).

Para o autor as contradições político-sociais desse contexto tecnocrático contribuíram para a emergência de práticas sócio-culturais específicas. Estas práticas tanto nos veículos de informação quanto no plano epistemológico, foram amplamente dirigidas aos jovens, tradicionalmente vistos como pré-dispostos a assimilar inovações.

Para Roszak, o estudo da denominada contracultura, deve obrigatoriamente situar-se nas aspirações de “uma pequena minoria dos jovens” e nas concepções ideológicas de “um punhado de mentores adultos” (ROSZAK, 1972, p.8).

Segundo Theodore Roszak a industrialização nas décadas de 60 a 70 do século XX concentrou-se no modelo tecnocrático de organização social e nesse estágio promoveu inovações no campo da ética, da política, da filosofia, das ciências e da tecnologia.

O desenvolvimento do capitalismo, de mercado e monopolista foi responsável pela propagação de inúmeras refrações da realidade no período

compreendido entre o século XVII e XX que ficaram amplamente conhecidas como as manifestações sociais de resistência e contestação juvenil.

O jovem, assim como todos os segmentos sociais sempre obtiveram para sua identificação social, condições materiais definidas pelo desenvolvimento geral dos parâmetros econômicos.

Como “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos”, toda imagem/condição atribuída aos jovens é um signo, portanto as caracterizações decorrentes de uma determinada imagem/condição ou, de determinado signo, é um produto semiótico, considerando que tudo o que é *“ideológico possui um valor semiótico”* (BAKHTIN, 1995, p.32).

Nosso objeto de estudo em sua dimensão discursiva considera o sujeito intrinsecamente ligado à produção de sentido do enunciado concreto, adquirindo existência no processo de enunciação das relações dialógicas, que promovem as refrações ideológicas em períodos determinados.

Para Eric Hobsbawm (1917) os séculos XVII e XIX caracterizaram-se por uma intensa efervescência revolucionária. A ascensão de nações reconhecidas mundialmente como impérios – colonizadores do mundo não europeu – permitiram a consolidação da sociedade capitalista-industrial.

Entre os séculos XVII e XVIII ainda predominava uma população rural com relações estabelecidas nas propriedades agrárias. As relações existentes entre aqueles que cultivavam a terra e aqueles que a possuíam, entre os que produziam sua riqueza e os que a acumulavam apresentava resquícios de uma agricultura rudimentar nos padrões do modo-de-produção feudal.

Nos períodos de confraternização na aldeia “um e outro sexo” tinham seus papéis bem distintos confirmando que era ali, naquele momento que a

juventude acontecia. Era atribuído aos jovens camponeses entre os séculos XVII e XIX da Europa “o dever e o direito de agir publicamente, de organizar a festa de todos” imprimindo “a singularidade de sua condição”; a festa se tornava “o reino temporário dos jovens” (LEVI; SCHMITT, 1996, p.49, p.50).

Explicam Levi e Schmitt que nos três dias de festa os jovens eram os responsáveis pelos ritos de coesão e dissolução comunitária. Vista como um instrumento para a aprendizagem do controle social, a festa era uma experiência necessária para o jovem reunir em si a consciência de adulto e de habitante da aldeia.

No momento dos serões de preparação da festa, “[...] em que a noite é povoada pelo ritmo dos martelos, pelo rangido das serras, e pelos risos dos operários improvisados [...]. O grupo etário começa a existir em sua plenitude” (LEVI; SCHMITT, 1996, p.56).

A festa refletia o “horizonte social de uma época e de um grupo social determinados”, valendo-se de índices de valor específicos conforme sua “significação interindividual” (BAKHTIN, 1995, p.43, p.44).

A partir do século XVIII na Inglaterra, realizou-se um esforço sistemático de modernização da agricultura por parte da aristocracia, seguindo o exemplo da burguesia que se enriquecia com as atividades comerciais e financeiras. Dentre as inovações estava o estabelecimento contínuo da rotação de culturas que produziam colheitas variadas sem exaurir a terra e sem necessidade do pousio<sup>79</sup> prolongado.

Iniciava-se a utilização das forragens de inverno que proporcionavam alimento para o gado nessa estação dispensando o abate e aumentando a oferta de adubo animal. Desenvolveram-se ainda, técnicas de drenagem, adubamento do solo

---

<sup>79</sup> Técnica agrícola utilizada para o melhoramento da terra. Nessa técnica é deixada uma parte da terra sem plantio durante um período de até três meses para que sejam recuperados seus nutrientes (www.gppaa.min-agricultura.pt/pbl/Pan2000/Conceitos.doc. Acessado em 25/08/2006).

e cultivos em rotações regulares que não esgotavam a terra e tampouco a deixavam improdutivo.

No entanto, a produtividade agrícola ainda encontrava um agravante para o seu desenvolvimento, o sistema de campos abertos. Para superar essa prática que ainda atrasavam os avanços na produção, as inovações buscaram um reordenamento das propriedades rurais, com o processo de cercamento dos campos.

Os cercamentos que unificavam os lotes dos camponeses até então dispersos em campos abertos, transformou-se num só campo cercado e usado na criação intensiva de animais e para o plantio. Por um lado, essa prática respondia à perspectiva do mercado em consolidação promovendo o aumento da oferta de mercadorias, mas por outro lado, provocava um forte desemprego na área rural, pois os camponeses e suas famílias perdiam seus lotes onde tradicionalmente tiravam o sustento para ceder espaço para o aumento da produtividade no campo.

Nesse período uma “agricultura já predominantemente dirigida para o mercado” preparava-se para atender a nova lógica em ascensão: “aumentar a produção e a produtividade; fornecer um grande e crescente excedente de recruta em potencial para as cidades e as indústrias e fornecer um mecanismo para o acúmulo de capital” (HOBBSAWM, 1982, p.47).

Em consequência do desemprego acelerado, uma massa de camponeses sem terra passou a perambular por estradas e paróquias. Tamanho foi o caos, que medidas de contenção aos pobres e desempregados foram estabelecidas, considerando-se os expropriados da terra elementos nocivos, estes foram sujeitos a penalidades como: prisão, chicoteamento, corpo marcado a ferros, mãos decepadas e enforcamento em caso de furto.

Esse contingente populacional excedente dos campos ocuparia as vagas nas fábricas. Com o desenvolvimento urbano e industrial, mulheres e crianças passaram a fazer parte do operariado. A mecanização desqualificava o trabalho, isso tendia a reduzir os salários, no entanto, essa desqualificação fortalecia o regime de trabalho forçado nas fábricas, pois estes trabalhadores não tinham outra opção a recorrer a não ser submeter-se às condições impostas pela Revolução Industrial<sup>80</sup> em intenso desenvolvimento.

O ascendente capitalismo industrial surgiu em condições que se reuniram em torno do processo de acumulação primitiva do capital. A nova lógica política, econômica e social do período intensificado e estabelecido entre os séculos XVII e XIX iniciou-se com o chamado mercantilismo que de modo geral, simbolizou o fortalecimento do Estado e o enriquecimento da burguesia mercantil.

“Entre os séculos XVI e XVIII, a diferença entre mercado interno e externo não era apenas de tamanho. Enquanto o mercado externo era competitivo e se baseava nas trocas de produtos não perecíveis, o interno era local, se fechava sobre si mesmo. Por isso, o espírito capitalista dos comerciantes se forma no jogo das trocas externas e não no interior da reciprocidade dos mercados locais. Durante o Antigo Regime, espaço e tempo estavam confinados a lugares seguros, conferindo estabilidade à ordem estamental. Os limites separavam as classes sociais, a cidade do campo, a cultura erudita da cultura popular. A modernidade impulsionava a circulação das mercadorias, dos objetos e das pessoas” (ORTIZ, 2005, p.41).

Nesse período o discurso sobre a experiência militar foi processo de identificação do jovem, distinguindo determinado indivíduo da condição de infância e

---

<sup>80</sup> A Revolução Industrial significou o início do processo de acumulação rápida de bens de capital com conseqüente aumento da mecanização. Esse momento revolucionário de passagem da energia humana, hidráulica e animal para motriz, é o ponto culminante de uma evolução tecnológica, social e econômica que vinha se processando na Europa desde a baixa idade média, com particular incidência nos países onde a Reforma Protestante tinha conseguido destronar a influência da igreja católica. Segundo a teoria de Karl Marx (1818-1883) a revolução industrial iniciada na Inglaterra integra o conjunto das chamadas Revoluções Burguesas do século XVIII (<http://pt.wikipedia.org>). Acessado em 21/10/2006).

adolescência para a condição de jovem, sancionando sua emancipação econômica, afetiva e sexual.

Instituída a separação entre crianças e jovens, todos os governos desenvolveram projetos de formação pré-militar que se tornou disciplina prevista na grade curricular. A disciplina do soldado como foi conhecida, atribuía à escola o primeiro local de exercício ao serviço militar que depois seria aperfeiçoado no quartel.

“O cidadão soldado não se forma no quartel, mas na escola; [...] Quando os jovens entrarem no exército aos vinte anos, tendo antes recebido na adolescência uma preparação ginástico-militar, e já exercitados e adestrados nas academias de tiro ao alvo nacionais, esses jovens chegarão às nossas bandeiras como soldados já feitos e, o mais importante, poderão oferecer em qualquer circunstância um contingente de 800 mil valentes, antes de terem entrado nas fileiras do exército” (LEVI; SCHMITT, 1996, p.25).

O serviço militar tido como um estágio de transição para a vida adulta, adquiria importância no espaço escolar, constituindo-se como principal elemento da ideologia nacionalista. Entre 1805 e 1807 estudantes do ensino ginásial e superior, receberam uniformes e passaram a ter quatro horas semanais de exercícios militares. Em 1811 constituiu-se o *régiment des pupilles de la Garde*, um contingente de seis mil rapazes entre quinze e dezoito anos. Estabelecido nesse período o ideal de formar “uma geração de cidadãos guerreiros”, em 1880 foram criados em Paris os *bataillons scolaires* os quais, passado dois anos contavam com um total de mais de 20 mil jovens franceses militarmente treinados (LEVI; SCHMITT, 1996, p.25).

Se o jovem daquele momento era o jovem militar, tínhamos instituído socialmente a consciência do jovem militar, visto que “a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos” (BAKHTIN, 1995, p.33).

Neste mundo “o completo domínio político e militar” projetava a supremacia das nações européias, como a Inglaterra, que difundiam para o além-mar suas colônias de exploração e de matéria-prima, para o desenvolvimento das produções intensificadas com a Revolução Industrial (HOBBSAWM, 1982, p.41).

Visto que “compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos conhecidos”, o jovem militar era aquele que transitara dos signos relacionados a um estágio frágil, portanto carente de zelos e de preparação, para os signos que o autorizariam a entrar na vida adulta: da disciplina, da ordem, da obediência e da caserna, capacitando-o a assumir exemplarmente as responsabilidades do mundo dos adultos (BAKHTIN, 1995, p.34).

Antes dos jovens exercerem o serviço militar, estes já praticavam desde os sete, oito anos atividades relacionadas às responsabilidades tidas como próprias do universo adulto, ou seja, “participavam das atividades agrícolas e manufatureiras da família, serviam como empregados domésticos, trabalhavam em fábricas”. Logo se observa que de longa data os jovens têm sido vistos (e posteriormente analisados) sob uma ótica que suprime sua singularidade em troca da unicidade de um único comportamento ou perfil esperado pela ordem. Os jovens tendo suas funções sociais pré-definidas, cedo já iniciavam sua função não tendo espaço para o cultivo de outra atividade que não estivesse prevista (LEVI; SCHMITT, 1996, p.35).

Tínhamos em plena consolidação, um horizonte social caracterizado por “uma rede cada vez mais densa de transações, comunicações e movimentos de bens, dinheiro e pessoas” ligando os países industrializados aos não industrializados (HOBBSAWM, 1988, p.95).

Em cada época, cada grupo tem seu discurso condizente com seu momento histórico, impulsionado pelas contradições existentes; cada grupo vai

produzir o seu material semiótico dentro das condições de seu nível de realidade, portanto, sua palavra irá revelar toda a sua ubiquidade social. Em meados do século XVIII palavras como indústria, industrial, fábrica, classe média, classe trabalhadora, capitalismo, liberal, conservador apresentaram-se como novos signos.

A lógica do trabalho no modo-de-produção capitalista permitiu que inúmeros discursos surgissem incitando a juventude operária à adoção de padrões homogêneos de conduta. A ideologia do trabalho se consolidou nesse século “segundo os tipos de trabalho” e suas formas (BRAIT. In: BRAIT, 2005, p.97).

A oficina, o canteiro de obras, a indústria tornaram-se os espaços ocupados pelos jovens. Essa juventude independentemente de raça, gênero, etnia, religião, tornou-se a classe operária, agregando todos os jovens em duas esferas ideológicas: a da família e a do trabalho, interconectadas. A família operária conduzia seus jovens ao “trabalho”, à “obediência” e ao “silêncio” (LEVI; SCHMITT, 1996, p.84, p.102).

Percebe-se que “as relações de produção e a estrutura sócio-política que delas diretamente deriva” determinam “todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica” (BAKHTIN, 1995, p.42).

Essa revolução foi o triunfo de um novo modo-de-produção, o industrial, ou ainda, dos ideais de liberdade e igualdade das revoluções burguesas, de uma economia moderna e do estabelecimento de um Estado moderno. Foi também o centro produtor de discursos encarregados de denotar valores ao industrialismo capitalista, à classe média, à sociedade burguesa liberal, ao fortalecimento e desenvolvimento da lógica mercadológica, propagando-os nas múltiplas esferas/campos de interlocução.

Como um divisor entre o jovem operário e o jovem burguês a escola no século XIX, paulatinamente, colocou-se no lugar da família tornando-se “a verdadeira mãe” que iria instruir e “nutrir” o jovem tornando-o apto a integrar-se no sistema. O jovem residente em internatos, freqüentador dos bancos escolares seria a outra face da juventude no século XIX, o jovem estudante (LEVI; SCHMITT, 1996, p.45).

Aqui temos a reprodução dos mecanismos de controle e poder, pois o jovem “estudante” de “classe média” é o “burocrata” futuro que cimentará a ideologia dominante.

Formara-se uma classe de privilegiados, estratégia da classe burguesa que lançada à conquista do poder econômico e político na Europa, funcionalizou a escola no papel de instruir o povo apenas no estágio do ensino primário, desprovendo-o do conhecimento técnico e científico fornecido aos filhos da burguesia que ocuparam os bancos do ensino secundário e superior. Forja-se outra esfera ideológica, a escolar, expressão das relações e lutas sociais orientando-se para “as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica”. A escola preenche funções ideológicas, estéticas, científicas, éticas, morais e religiosas (BAKHTIN, 1995, p.36).

A caracterização do jovem ligada a algum ofício específico (estudante, trabalhador, militar) ou a algum período ou atividade particular de determinado grupo (o jovem camponês tem sua condição de jovem explicitada no período das festas de sua aldeia), se produz em “uma esfera ideológica” que expressa todo o “confronto de interesses sociais” que lhe é correspondente (BAKHTIN, 1995, p.37, p.46).

O marco da mudança da transcendentalidade para a racionalidade estabelecida no século XVIII teria a sua consolidação na sociedade do século XIX.

Para Eric Hobsbawm enquanto a Inglaterra propiciava um “explosivo econômico que rompeu com as estruturas sócio-econômicas tradicionais do mundo”, a nação francesa<sup>xiii</sup> promovia “o vocabulário e os temas da política liberal e radical-democrática para a maior parte do mundo”: reelaboravam-se “códigos legais, modelo de organização técnica e científica para a maioria dos países” (HOBSBAWM, 1982, p.71-72).

O jovem considerado em seu sentido restrito, recebeu no período revolucionário de 1789 a 1917 o sentido de inquietação e rebeldia. No entanto, pesquisas históricas mais detalhadas revelam que não “eram tão jovens” os revolucionários “que subiram as barricadas de julho, na Paris de 1830” (LEVI; SCHMITT, 1996, p.196).

Mais do que a presença real dos jovens se faz necessário tratar da sua presumível presença, pois não foram somente os jovens, mas todos os rebeldes e revolucionários de qualquer idade que “sentiram-se jovens e como jovens combateram”. A história da juventude revolucionária não se distancia da história de homens maduros e velhos, no entanto, na Revolução Francesa (1789) construiu-se uma “retórica política destinada a um belo futuro: a retórica que deseja uma juventude tão generosa e exuberante a ponto de constituir um perigo permanente para a ordem política e social” (LEVI; SCHMITT, 1996, p.198, p.200).

Ora, todo signo “resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação”; suas formas condicionadas pela organização social dos indivíduos, produz valorações na interação entre discursos. Enaltecer o jovem como força motriz revolucionária reitera os signos de liberdade, igualdade e fraternidade (BAKHTIN, 1995, p.44).

Nessa específica situação social, refrações da realidade se fizeram presentes. Os muscadins (comunidade semiótica assim denominada pelo perfume de almíscar que usavam) utilizavam a aparência como composição visual de enunciados. A sátira dos muscadins expressava-se nos trajes extraordinariamente exagerados, nos modos refinados, no andar de passinhos ariscos e saltitantes, com o peito estufado e a cabeça altiva.

A redingote era similar a um casaco de montaria (verde-garrafa ou cor-de-lama); as meias eram amarradas abaixo dos culotes apertados acima do joelho, cheio de pregas multicoloridas e enfeitadas com largas fitas azuis e brancas. Os sapatos estreitos, de fivelas e bico quadrado, os óculos na ponta do nariz e as bengalas representavam acessórios indispensáveis para compor o visual muscadin, que não dispensava também a gravata que apertava o pescoço e invadia o queixo.

A indumentária muscadin ao propagar os hábitos vestuais e comportamentais da monarquia contestava a nova forma de poder instaurada pela República. Para os muscadins, a transformação alardeada pelos revolucionários não havia ocorrido, dessa forma, reiteravam os signos nobiliárquicos para ironizar o poder republicano, criticando os ideais burgueses de liberdade, igualdade e fraternidade. Sob uma aparente futilidade e frivolidade, os muscadins denunciavam a semelhança do projeto burguês com o período histórico anterior.

Os muscadins desempenharam um papel central no desmantelamento da simbologia revolucionária que se seguiu à morte de Robespierre<sup>81</sup>. Homens de aparência, os muscadins combateram as aparências por meio das aparências;

---

<sup>81</sup> Maximilien Marie Isidore de Robespierre (1758–1794) político revolucionário francês, foi uma das figuras mais importantes da Revolução Francesa, conhecido como O Incorruptível. Em 1790 tornou-se presidente do Clube dos Jacobinos, morrendo em 1794 na guilhotina. O termo jacobinismo ou jacobismo fora divulgado na Revolução Francesa como forma pejorativa aos posicionamentos liberais e/ou revolucionários extremistas. Jacobino referia-se ao Mosteiro de São Tiago, em latim Jacobus. Os jacobinos defendiam mudanças radicais ao governo vigente, contrários à monarquia objetivavam implantar a república, abolir a escravidão nas colônias e o tabelamento dos preços (www.educaterra.terra.com.br), (www.wikipedia.org.com.br. Acessado em 27/09/2006).

sempre empoados nos seus trajes extravagantes, "tinham contribuído para dinamitar através dos seus símbolos, dos seus valores a própria semântica da Revolução que agrupava tudo e conferia sua lógica, sua necessidade ao seu desenvolvimento"; os muscadins eram "uma espécie de 'negativo' fotográfico" dos sans-culotte<sup>82</sup> (BOLLON, 1993, p.38, p.42, p.43).

No século XIX outra comunidade semiótica, os jovens românticos contestaram os valores de uma burguesia emergente, veiculando em suas produções-discursivas, em seus signos e nas suas valorações uma nostalgia ao passado medieval.

A crítica se dirigia ao universo da razão, do cálculo, da indústria, das vilas operárias, do cientificismo; elementos que para eles anulavam no indivíduo o romantismo, o resguardo, a reflexão e a sensibilidade.

Em contraste ao homem operário inserido as engrenagens do sistema capitalista, os românticos ansiavam parecer "fatal, sombrio, esmagado sob o peso de um destino abominável, devorado pelas paixões e pelo remorso, desiludido" (BOLLON, 1993, p.61).

Para apresentarem uma imagem diversa à do homem industrial, Patrice Bollon informa que estes jovens "bebiam litros de vinagre e comiam dúzias de limões para ter uma tez pálida e doentia"; "enchiam-se de infusão de beladona, de meimendo e estramônio e fumavam datura" a fim de alcançar o olhar vago e místico que expressasse a desesperança com o seu contexto (BOLLON, 1993, p.61).

---

<sup>82</sup> Sans-Cullottes era a denominação dada pelos aristocratas aos artesãos, trabalhadores e pequenos proprietários participantes da Revolução Francesa. Recebiam esse nome porque não usavam os cullottes, espécie de calção justo que apertava no joelho, vestidos pela nobreza. Mas sim, uma calça rústica de algodão (pantalon), casacos curtos (carmagnole), sapatos de madeira (sabots) e o barrete (espécie de gorro) vermelho que para eles, significava a luta pela liberdade ([www.wikipedia.org.com.br](http://www.wikipedia.org.com.br). Acessado em 17/10/2006).

No início do século XX na França tornou-se comum a circulação de grupos juvenis intitulados apaches. Dialogicamente estes jovens reconheceram-se nos signos indígenas para veicularem valorações de crítica e enfrentamento às normas então existentes.

Apache designava os jovens malandros e desocupados que assolavam os subúrbios de Paris, sendo denotados como:

“[...] o trapaceiro, o ladrão, o vadio, o arrombador, o tratante com punhal clandestino, o *homem* que vive à *margem da sociedade*, disposto a qualquer coisa para não fazer um trabalho regular, o miserável que arromba uma porta ou esfaqueia um passante, às vezes por nada, por prazer. [...] sob o nome genérico de *apaches*, costuma-se designar há alguns anos todos os indivíduos perigosos, unidos pela reincidência, inimigos da sociedade, sem pátria nem família, desertores de todos os deveres, dispostos aos golpes mais audaciosos, a todos os atentados contra a pessoa ou a propriedade. Mais que delinqüentes comuns, ladrões de protesto, ‘anarquistas’ sem eira nem beira. O apache, em suma, é ‘o novo sinônimo de bandido’, que une à sua delinqüência uma certa contestação da ordem” (PERROT. In: PERROT, 1988, p.316-317).

Quando se reuniam pelas calçadas de Paris, homens e mulheres apaches tinham no seu círculo a mesma posição e o mesmo valor, numa estreita rede de camaradagem diante de um inimigo em comum: o burguês, o industrial e o sistema.

O cenário mundial se altera drasticamente após a Segunda Guerra Mundial: “a Europa perdeu a hegemonia mundial, perdeu as suas nações mais potentes, seus impérios mais vastos e conheceu a lei absoluta do tempo, há um momento em que o que parecia eterno, termina” (REIS, 2000, p.40-41).

Os Estados Unidos passaram a obter o monopólio do Ocidente e a difundir as diretrizes políticas, econômicas e sociais para o restante do mundo. Em contrapartida na parte oriental da Europa estabelecia-se o socialismo como bloco ideológico oposto ao capitalismo.

O período Pós-Segunda Guerra Mundial trouxe ao cenário mundial um embate político tendo os EUA como representante ocidental de um modelo de progresso estabelecido pela ordem técnico-científica justificado por um ideal de liberdade contrário a qualquer autoritarismo totalitário. Encerrava-se uma guerra de corpos, iniciava-se uma guerra ideológica: a Guerra Fria entre o Ocidente social-democrata e o Leste Europeu comunista.

A derrocada da Europa e a mudança geopolítica do mundo pós-guerra trouxe uma necessária reorientação de comportamentos e atitudes pessoais e interindividuais, tornando iminente a *“tarefa de se reconstruir reinterpretando-se”*, buscando outras possibilidades de interagir com o mundo, com o outro (REIS, 2000, p.33).

Em meio a esse cenário histórico-social, especificamente entre os anos de 1939 a 1950 na França, os zazous ironizaram o mundo dando “a impressão de que estavam possuídos *por uma paixão de ser inclassificáveis*” (BOLLON, 1993, p.120).

Para Patrice Bollon (1993) os jovens zazous “[...] faziam explodir as referências a ponto de não sabermos mais, diante deles, onde ficava a realidade e onde ficava a ficção”; a ironia que expressavam era “[...] como se diz, ‘corrosiva’”; o que eles pretendiam era a “abjeção da realidade”, pois o riso com que envolviam tudo também desnudava tudo (BOLLON, 1993, p.120-121).

Os zazous combatiam as bases da sociedade com enigmas, sugestões e denotações contraditórias. Articulavam a “despesa que empregavam em seus trajés” sugerindo fortunas obtidas pelo mercado negro. Através do seu vestuário indicavam a desigualdade social, os falsos revolucionários e os falsos ideais; para eles tudo se resumia a um povo abandonado sobrevivendo de migalhas (BOLLON, 1993, p.121).

Para Patrice Bollon, os zazous não ocupavam a posição de “colaboracionistas”, nem de “membros da resistência”, não eram “*nem* de esquerda *nem* de direita, *nem* realmente submissos *nem* realmente revoltados”. O desdém que expressavam fazia de sua contestação uma singular resistência: ao mesmo tempo em que pareciam átonos a tudo, demonstravam ser corajosos, destemidos. Ridicularizavam tudo e a todos sugerindo sátiras que “embaralhavam as cartas do jogo social, não dando razão a ninguém, colocando todos no mesmo saco” para então refratar em enigmas, as contradições da época (BOLLON, 1993, p.118, p.120).

Desse modo, “desregulavam uma visão sonhada e cômoda do mundo”, buscando pela sátira apresentar a sociedade como realmente a viam em seu nível axiológico. Os zazous ao enunciarem: “[...] nós somos o que vocês dizem e talvez ainda piores do que possam imaginar” refratavam a imagem que a sociedade da época escondia de si mesma (BOLLON, 1993, p.123).

Eram tidos como anti-sociais porque divulgavam: “[...] uma espécie de renúncia, de esmorecimento de todas as convicções”. Para a alteridade da época os zazous eram: “[...] os desertores do mundo. Eles desmobilizavam, eles desmoralizavam tudo” (BOLLON, 1993, p.124).

Essa valoração anti-social empregada aos zazous pode ser compreendida por meio da concepção semiótica da comunicação apresentada pela filosofia da linguagem. Nesta concepção, todo:

“[...] conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin chama de universo de signos. E todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e o sentido sócio-histórico, ainda recebe um ‘ponto de vista’, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio do ideológico. [...] O ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio-historicamente. E seu lugar de constituição e de materialização é na

comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas” (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, p.170).

A refração do riso denota a subversão do mundo, da sua ordem, das vozes nele autorizadas; o riso ameaça, desnuda discursos que pretendem ser monológicos<sup>83</sup>.

Bakhtin denomina expressividade da estratificação a intenção (ou intencionalidade) encontrada na concretização da interação verbal em relação a determinados objetos.

Para Bakhtin,

“[...] correntes literárias e outras, os meios, as revistas, certos jornais, e mesmo certas obras importantes e certos indivíduos, todos eles são capazes, na medida de sua importância social, de estratificar a linguagem, sobrecarregando suas palavras e formas com suas próprias intenções e acentos típicos, e, com isto, torná-las em certa medida alheias às outras correntes, partidos, obras e pessoas” (BAKHTIN, 1998, p.97).

Para Mikhail Bakhtin “conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma ora outra, ora uma variante ora outra” da linguagem, na sua realidade plural (BAKHTIN, 1995, p.147).

A realidade plural é assinalada por Theodore Roszak (1969) como “desagregações culturais” datadas entre as décadas de 60 a 80 no século XX. A tecnocracia, as produções científicas e culturais desse período são movimentos de contracultura por indicarem um “futuro alternativo” ao sistema social (ROSZAK, 1972, p.8).

---

<sup>83</sup> Sobre a ameaça do riso, vide: ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, especificamente as páginas 530 a 538. Vide ainda: BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987; BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

Essas desagregações são o sinônimo do outro nocivo, do outro que ameaça a ordem e a segurança instituídas. Por não corresponderem às valorações da norma dominante, esse outro é estigmatizado, tem sua existência, sua produção cultural e material marginalizada.

No entanto, em Mikhail Bakhtin esse outro não só pertence ao circuito da cultura e nele se estabelece interagindo e se comunicando no confronto e nas contradições das relações sociais, como é intrinsecamente necessário e elementar para a constituição do mundo, da cultura, pois:

“Num mundo que me é exterior, o outro se oferece por inteiro a minha visão, enquanto elemento constitutivo deste mundo. A cada instante, vivo distintamente todas as fronteiras do outro. O outro é intimamente ligado ao mundo, quanto a mim, sou ligado á minha atividade interior, fora do mundo (BAKHTIN, 2000, p.55, p.59).

Para Mikhail Bakhtin o sentido do signo ou do enunciado é extremamente relevante para apreender um determinado evento sócio-histórico. Para o autor este sentido integra o enunciado concreto, ou os elementos que vão além dos especificamente lingüístico-enunciativos (considerando que é na palavra que se materializa a realidade em transformação).

Esses elementos são as identidades dos interlocutores, o auditório social para o qual determinada enunciação se orienta, o momento histórico e os discursos histórico-sociais que transitam no núcleo da enunciação ou do enunciado concreto (CEREJA. In: BRAIT, 2005, p.218).

Como pano de fundo da produção contracultural demarcada no início dos anos 60 do século passado, temos uma sociedade tecnocrática que exigiu a formação de um corpo de especialistas, e técnicos responsáveis por gerir, interpretar

e decodificar os domínios que a tecnologia estabelecia como padrão de organização e reprodução social.

O modelo tecnocrático de sociedade, e o confronto ideológico estabelecido pela Guerra Fria integraram-se nas diretrizes de eficiência industrial, racionalidade e avanço científico-tecnológico, então essenciais ao modo-de-produção da vida material. Tomando como referência a realidade social norte-americana, Theodore Roszak concebe o modelo tecnocrático de sociedade como um estágio do processo evolutivo da sociedade capitalista. A técnica passou a ser o gestor da sociedade industrial, período em que a submissão aos parâmetros desse cientificismo garantia a funcionalidade da sociedade e a produção em massa.

Imperativo nas necessidades humanas do período, o nível técnico e toda a sua organização convergiam para:

“[...] reduzir a vida àquele padrão de ‘normalidade’ apropriado à gestão da especialização técnica, e depois, segundo aquele critério espúrio e exclusivista, reivindicar sobre nós uma intimidante onicompetência, justificada por seu monopólio dos especialistas. É essa a política de nossas sociedades industriais desenvolvidas [...] uma proficiência de meios técnicos que hoje oscila absurdamente entre a produção de abundância frívola e a produção de munições genocidas. A tecnocracia transforma-nos na mais científica das sociedades [...] em todo o ‘mundo desenvolvido’ os homens tornam-se cada vez mais perplexos dependentes de castelos inacessíveis, onde técnicos inescrutáveis conjuram o destino da humanidade” (ROSZAK, 1972, p.25).

A gestão tecnocrática do mundo ocidental demandava a capacidade de manipular insatisfações pessoais, que o autor explica utilizando a seguinte metáfora: “capturar uma pessoa aplicando o estratagema de fazê-la empurrar uma porta que se mantém fechada... e de repente abrí-la. Ela só não acaba dentro, como ainda entra impetuosamente” (ROSZAK, 1972, p.26).

Considerando que as relações entre homem e sociedade se dão através do confronto axiológico estabelecido na linguagem, compreendemos que a ordem

política vigente pode atribuir ao seu discurso a função de “centro irradiador da consciência, das vozes, imagens e pontos de vista” anulando, marginalizando, excluindo ou estigmatizando a pluralidade do outro existente no circuito da comunicação (BEZERRA. In: BRAIT, 2005, p.192).

Nessa perspectiva, a sociedade tecnocrática estágio do desenvolvimento da lógica econômica capitalista, respondeu à relação entre produção e produtor, submetendo “de fora o homem a uma metamorfose que o reduz a coisa, objeto do processo, a mero reproduzidor de papéis” (BEZERRA. In: BRAIT, 2005, p.192).

“Para Bakhtin, a reificação do homem surge com a sociedade de classes e chega ao limite com o capitalismo. É levado a efeito por forças externas ao indivíduo, que agem sobre ele de fora e de dentro, sujeitando-o às mais variadas formas de violência – econômica, política e ideológica; essa violência só pode ser enfrentada por outras formas de violência, inclusive a violência revolucionária, e o objetivo de tudo isso é o indivíduo” (BEZERRA. In: BRAIT, 2005, p.192-193).

Na sociedade tecnocrática criar falsas sensações de liberdade, alegria e realização são recursos indispensáveis à manutenção do controle social. Nestas organizações sociais, a “livre iniciativa não passa de um sistema restrito de mercados”; o “lazer criativo” consiste em atividades pré-dirigidas ou, “o prêmio que cabe ao subalterno bem comportado”; o “pluralismo” representa a caridade do discurso autorizado em “afirmar o direito de cada um a sua própria opinião”; a “democracia” consiste em convocar o sim e o não dirigidos para “alternativas pré-fabricadas relacionadas aos fatos consumados pelos governantes”; o “debate” refere-se à encenação de perguntas e respostas organizadas para apresentarem em forma de “espetáculo” a “imagem de competência”; e por fim, o “governo” é a não participação popular e o encontro de especialistas e assessores que se dizem representantes da organização social e como tal detentores do poder decisório de

diretrizes orientadoras gerais. A esses aspectos Theodore Roszak denomina “ser livre, ser feliz, ser a Grande Sociedade” com o lucro imperando como incentivo (ROSZAK, 1972, p.28-29).

Sob a vigilância de uma dominação produzida pelo avanço tecnológico, Roszak especifica que a chamada contracultura dos anos 60 é um par de opostos: o discurso autorizado, dominante e o discurso da resistência à dominação, anunciado pelos jovens que “[...] assumem tamanho destaque porque atuam contra um pano de fundo de passividade quase patológica por parte da geração adulta” (ROSZAK, 1972, p.34).

Acrescenta Roszak:

“Os adultos do período da II Guerra Mundial, acometidos pela paralisia de desnorteada docilidade [...] renunciaram à sua responsabilidade de tomar decisões de valor, de gerar ideais, de controlar a autoridade pública, de salvaguardar a sociedade contra os rapinantes” (ROSZAK, 1972, p.34).

Na concepção do autor existiu uma “guerra entre as gerações”, resultado de um desacerto de origem social que propiciou a proeminência da rebeldia jovem na cultura estabelecida (ROSZAK, 1972, p.35).

Desse modo, no plano semiótico o discurso autorizado, ou a alteridade instituída como norma político-social apresentou a pluralidade decorrente desse contexto histórico-social específico, como a contracultura, em sua valoração negativa.

Esse movimento artístico-cultural e ideológico-político denominado contracultura reuniu em sua esfera desde a década de 50/60 até a atualidade, movimentos como: a geração beat, os hippies, os punks, os darks ou góticos e os skinheads, por exemplo. Estes movimentos forjados na interação do

desenvolvimento das forças materiais do capitalismo foram reconhecidos pela insígnia da blank generation, ou geração vazia para a ideologia oficial instituída.

A alteridade estabelecida em sua intencionalidade negativa “não admite a existência da consciência responsiva do outro” e sob sua ótica os múltiplos aspectos da realidade social tornam-se uma única realidade acabada, estática e imutável.

O monologismo da alteridade estabelecida coisifica a pluralidade tornando-a “mero *objeto* da consciência de um ‘eu’ que tudo enforma e comanda”. Nesse processo, o eu guiado por uma função sócio-ideológica específica imobiliza o outro que se opõe a sua normalidade, o inferiorizando (BEZERRA. In: BRAIT, 2005, p.192).

No universo monológico o outro nunca tem nada a dizer, qualquer que seja sua ação/reação; o discurso estabelecido não o vê como sujeito, como consciência capaz de falar e responder por si, ao contrário, o enuncia desviante, transgressor, ilegal, nocivo à ordem.

No circuito da comunicação nenhum discurso e/ou signo é definitivamente monológico, pois toda a multiplicidade da linguagem é essencialmente dialógica, interindividual e historicamente em processo de vir-a-ser.

Acontece que entre as correlações infra e superestruturais são forjados inúmeros e diferentes níveis de valoração axiológica/ideológica correspondentes às contradições da instância socioeconômica. Estes níveis ideológicos respondendo à função de representar a diversidade dos segmentos sociais no processo de interação, estabelecem níveis semióticos ou esferas e campos ideológicos nos quais se instauram “um modo próprio de refração da realidade social” segundo a especificidade de cada nível (GRILLO. In: BRAIT, 2006, p.143).

Estas esferas estando voltadas a uma função ideológica definida, os discursos e signos provenientes desse campo podem assumir um caráter pretensamente monológico a fim de combater a diversidade oposta pela simples rejeição, ou cooptar essa diferença modelando-a nos parâmetros específicos de sua instância social e ideológica.

“No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois, este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral” (BAKHTIN, 1995, p.33).

Num horizonte social em que a tecnocracia apontava os limites para uma sociedade subordinada a um gigantesco mecanismo tecnológico, beats, hippies, punks, darks e skinheads mesmo de forma singular, refrataram o capitalismo.

“Cada época histórica da vida ideológica e verbal, cada geração, em cada uma das camadas sociais, tem a sua linguagem: ademais, cada idade tem a sua linguagem, seu vocabulário, seu sistema de acentos específicos, os quais, por sua vez, variam em função da camada social, do estabelecimento de ensino (a linguagem do cadete, do ginasiano, do realista são linguagens diferentes) e de outros fatores de estratificação” (BAKHTIN, 1998, p.98).

No processo de estratificação a geração beat reuniu os jovens intelectuais americanos da década de 50 do século que contestavam o formalismo, a rigidez, a hierarquia social, familiar, política, ética e moral orientadas para os padrões da família burguesa.

Da junção do termo beat com o sufixo do satélite russo Sputnik enviado para o espaço em 1957, surge a palavra beatnik usada para designar todos os adeptos da geração beat. Os livros que marcaram a literatura beat foram: Pé na

estrada (On the road) (1957) de Jack Kerouac; Junkie (1953) e O almoço nu (1959) de William Burroughs; O uivo (1956) e Kaddish (1960) de Allen Ginsberg; Marriage (1960) de Gregory Corso; Riprap (1959) de Gary Snyder.

Apresentaram discursos que enunciavam a nostalgia do convívio colegial, a liberdade individual, a defesa do amor livre, o uso de drogas e o apresso pelos laços afetivos, pelos radicalismos políticos e pelas peculiaridades das religiões orientais.

Apregoavam ser a experiência adquirida individualmente e entre círculos de amizade sem compromisso no decorrer de viagens pelo país ou pelo mundo, para uma vida livre de regras, a única forma de realização pessoal plena. Os maiores veículos de propagação destes ideais foram a literatura e a música, especificamente o jazz.

“A postura beat tinha muito de existencialista. Jovens letrados da classe média, baixa e alta querendo tudo que fugisse aos rigores escola-família-futuro-vida doméstica. Era o novo sonho de liberdade [...]. A vida aventureira e simples dos hobos (andarilhos, vagabundos) e dos mais pobres. Dormir ao relento, trabalhar em navios mercantes para conhecer a vida rude dos sete mares e as alegrias não menos rudes de cada um de seus portos. Fumar haxixe no Marrocos, meditar na Índia, jogar xadrez ou escrever poemas e romances nos cafés de Paris. Os beatniks foram os primeiros a difundir, para a juventude ocidental, o zen-budismo, a meditação transcendental, as experiências da vida ao ar livre, as caronas, a celebração de si mesmo em harmonia com o universo” (BIVAR, 2001, p.14-15).

No contexto tecnocrático dos anos 1960 o movimento hippie reuniu jovens de classe média e alta inicialmente dos Estados Unidos e posteriormente nas demais nações, enunciando o gosto pela vida comunitária, o estilo nômade, o repúdio ao nacionalismo e o posicionamento pacifista diante das guerras, em específico, contra a guerra do Vietnã.

Adotavam preceitos religiosos orientais como o budismo e o hinduísmo, ou culturas religiosas dos nativos norte-americanos colocando-se em oposição aos

valores instituídos pela classe média e alta americana, da quais uma grande parcela era originária. Para os hippies<sup>84</sup> o autoritarismo governamental, as corporações industriais e os valores sociais tradicionais eram a expressão de um poder ilegítimo.

Nesse mesmo contexto, Craig O'hara (2005) situa as origens do movimento skinhead<sup>85</sup>, na Inglaterra agregando jovens em torno da música negra jamaicana na forma do reggae, do soul e do ska, entre os brancos da classe operária.

Em meados da década de 60 imigrantes paquistaneses chegam à Inglaterra oferecendo mão-de-obra barata e em virtude dessa imigração muitos operários ingleses perderam seus empregos. Das vilas operárias assoladas pela miséria e pela frustração diante da pauperização econômica, formaram-se grupos de jovens denominados skins em confronto com os trabalhadores imigrantes.

Os discursos dos jovens chamados skinhheads enunciavam a violência patriótica, e suas ações passaram a seguir essa orientação; suas bandas enunciavam nas letras das músicas a perda de seus empregos para os estrangeiros e o orgulho que sentiam em ser ingleses da classe operária.

Segundo O'hara foi a partir do conflito evidenciado entre operários e paquistaneses que a violência e a perseguição aos estrangeiros permitiu o retorno

---

<sup>84</sup> O movimento cultural hippie teve seu maior desenvolvimento nos EUA, tendo como núcleo central o signo paz e amor. Defendiam o amor livre, sendo sua palavra de ordem: *Make love not war*. Usavam um estilo vestual baseado na junção de roupas coloridas em túnicas, com sandálias e cabelos compridos para ambos os sexos. A flor foi o signo distintivo desse movimento (*flower power*). Difundiam o uso de drogas como o LSD, justificado como mediação para a percepção extrasensorial, uma área que permitia descobertas relevantes para a compreensão de si mesmo. A música pop e o rock constituíram um importante veículo da valorização hippie. O design hippie de letras e pinturas fluidas e deformadas pretendia transpor a distorção da percepção produzida pelo uso de drogas alucinógenas, estilo então denominado de psicodélico. Um importante evento que demarcou na história o movimento de contracultura hippie foi o Woodstock de 1969, uma reunião espontânea que agregou 450 mil pessoas que durante quatro dias manifestou seu estilo de vida (BIVAR, 2001).

<sup>85</sup> A maioria dos skinheads é formada por homens brancos de direita, homofóbicos, profundamente patrióticos, racistas, provenientes da classe média. Os skinheads norte-americanos usam coturnos, jaquetas militares e suspensórios como uniforme; seus signos são a bandeira dos EUA ou a dos Confederados norte-americanos (PARSONS, 2005).

da ideologia nazi-fascista assumida na propagação skinhead, conhecidos como *white power* ou neo-nazistas.

Inserido nesse processo histórico-social o movimento punk – divulgado tanto no espaço acadêmico quanto na mídia informativa como a expressão contestatória da política vigente da década de 1976/1977 – teve na Inglaterra e nos EUA seu centro difusor.

O movimento punk em seus primórdios reuniu uma grande parcela de jovens filhos de operários e desempregados, tendo sido mundialmente conhecido na história do rock, instaurou-se no circuito comunicativo como um movimento de oposição através de bandas como os Sex Pistols, The Clash e Ramones.

Essas bandas divulgaram no mundo, músicas com letras de denúncia e combate aos valores capitalistas expressos no mercado consumista, na desigualdade econômico-social e na crise político-econômica mundial.

O enunciado mais conhecido da cultura punk desde as décadas de 70 e 80 é o *do it yourself* que caracterizou seu direcionamento à autonomia diante da tecnologia e do modelo de produção e consumo da lógica capitalista, expressando uma profunda resistência aos padrões vigentes.

No auge da década de 1980 do século passado, o segmento juvenil da classe média alta passou a enunciar uma forma alternativa de sobreviver às crises político-econômicas da época, conjugando elementos de depressão e solidão para contrapor-se às práticas culturais convencionais.

Na adoção aos enunciados de bandas como Siouxsie and the Bashees, Damned (essa banda oscila entre o cenário punk e dark/gótico) e The Sisters of Mercy foram chamados principalmente pela mídia e pela imprensa do período de darks ou ainda, góticos, pelo seu caráter introspectivo.

Em casas noturnas como Madame Satã na cidade de São Paulo jovens usavam roupas, maquiagens e adereços (coleiras correntes, crucifixos e pentagramas), dançando freneticamente numa atmosfera sombria, como se estivessem num estado de hipnose ao som de músicas cujas letras evocavam a melancolia e a nostalgia.

Nessa esfera, a valoração da comunicação ocorria no uso de jogos de RPG (o vivenciamento de um outro personagem fantasioso) nos contos de Lord Byron (1788-1824) (no vivenciamento de um tempo passado) e nas visitas aos cemitérios (como os românticos o fizeram no século XIX) na aversão à massificação industrial e ao apelo consumista correntes no período.

A consciência instaura-se no devir histórico social, assim, os signos, comum a todos os campos de produção ideológica, assumem novas significações em razão do dialogismo das “condições sócio-históricas da existência dos sujeitos e da relação com a alteridade”. Deste modo, percebemos que o que se denomina contracultura foram refrações da realidade, de esferas que acompanharam o processo capitalista e originadas na interação “entre indivíduos organizados socialmente” (GRILLO. In: BRAIT, 2006, p.138).

Ao conjugarem “a situação social mais imediata” na qual se articulam o horizonte social e a sua compreensão realizada pelos seus enunciadores; e, “o meio social mais amplo”, caracterizado pelas particularidades de cada esfera de produção ideológica; apregoaram não “o discurso concebido como um reflexo da situação, mas como o seu acabamento avaliativo” decorrente da elementar produção de sentidos da realidade efetivada na linguagem (GRILLO. In: BRAIT, 2006, p.138).

Para Roszak a contracultura manifestou-se como uma cosmovisão ética e moral que rejeitou a realidade construída pela lógica fria e objetiva do mercado, base da sociedade tecnocrática.

“Para a maioria de nós, essa cosmovisão pode não ser traduzível em palavras; pode ser alguma coisa a que nunca atentamos diretamente. Pode permanecer como o senso puramente subliminar de nossa condição que forma espontaneamente nossas percepções e nossas motivações. Antes mesmo que nossa cosmovisão nos oriente para discriminar entre o bem e o mal, ela nos dispõe a discriminar entre o real e irreal, verdadeiro e falso, importante e fútil” (ROZAK, 1972, p.87-88).

Sob o enfoque teórico da filosofia da linguagem a contracultura assinalou um confronto entre “índices de valor contraditórios” entre classes, de uma “luta dos índices sociais de valor” para contraditar a monovalência sígnica que a classe dominante propunha (BAKHTIN, 1995: 47).

Pois,

[...] a classe dominante confere ao signo ideológico um caráter intangível, imutável e supra-classes sociais, abafando ou ocultando a luta dos índices sociais de valor, e divulgando o discurso da monovalência. A manutenção da divisão social e a perpetuação da hegemonia da classe dominante exige que os sinais contraditórios ocultos em todo signo ideológico sejam mantidos apagados” (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, p.173).

Desse modo ocorrendo um confronto no interesse de classes, estabelecido no campo semiótico compreendemos que o próprio termo contracultura é uma denominação semiótica, construída pela alteridade instituída a fim de inferiorizar o que não é reconhecido pelos seus padrões (BAKHTIN, 1995: 46).

“O modelo monológico não admite a existência da consciência responsiva. [...]. O outro nunca é outra consciência, [...]. O monólogo é algo concluído e surdo à resposta do outro, não reconhece nela força *decisória*. Descarta o outro como entidade viva, falante e veiculadora das múltiplas facetas da realidade social e, assim procedendo, coisifica em certa medida toda a realidade e cria um modelo monológico de um universo mudo, inerte. Pretende ser a última palavra. Fecha em seu modelo o mundo representado e os homens representados” (BEZERRA. In: BRAIT, 2005, p.192).

Para Mikhail Bakhtin o monologismo se assenta no discurso autoritário com o objetivo de neutralizar a diversidade, de adquirir status, controle social e segurança aos interesses do seu segmento e/ou da cadeia semiótica ao qual exerce uma função ideológica bem definida.

Sob esta ótica, a cadeia semiótica hippie descartava a disciplina, a obediência e o compromisso que indicavam posições sociais definidas para serem ocupadas por indivíduos planejados para gerir e perpetuar o avanço científico e tecnológico conquistado pelo estágio industrial-tecnocrático<sup>86</sup>.

Na oposição ao patriotismo professando a liberdade individual e a convivência comunitária, os hippies confrontaram a hegemonia geopolítica, a supremacia nacional e a política bélica, tidos como meios de sobrevivência ao desenvolvimento tanto dos Estados democrático-liberais da esfera capitalista, quanto dos Estados comunistas e totalitários.

Ao defenderem um estilo de vida voltado à natureza em oposição ao viver urbano, ao considerarem as filosofias ético-morais e religiosas orientais frente ao cristianismo ocidental e, ao veicularem um vestuário de cores e formas não padronizadas, se opuseram à produção em massa, ao aperfeiçoamento tecnológico e à forma mercadoria de espetacularização das relações em sociedade.

Em suma, os hippies ao sintetizarem seus valores em enunciados como: faça amor não faça guerra, paz e amor e flores no poder, produziram refrações de uma realidade e não um reflexo de espelhamento da sociedade capitalista.

No movimento skinhead, diferentemente do movimento hippie, ocorreu a intensificação ideológica das fronteiras entre Estado capitalista e/ou comunista frente

---

<sup>86</sup> Um exemplo da maldição de Narciso, isto é, a vida social refletida na vida pessoal, é a cultura yuppie, a comunidade semiótica que inserida no sistema e gozando de uma situação privilegiada financeira, adota os padrões de valor de troca em sua vida privada, ideologicamente veiculada como o ideal do self-made man.

ao indivíduo, bem como, entre os valores ligados ao nacionalismo/patriotismo e à diversidade racial, étnica, sexual e de classe. Os skinheads compartilham com os hippies a negação aos valores capitalistas, no entanto, refratam essa negação à discursividade hippie.

O confronto skinhead diante da alteridade capitalista é de oposição aos discursos liberais. Os preceitos de livre concorrência e mercado livre entre os comércios são suprimidos.

Definem-se nos discursos anti-democratas um Estado totalitário que anula totalmente a participação popular e o partidarismo político concentrando o poder na chefia do Estado. O anti-humanismo está presente em enunciados que denotam os benefícios da eliminação física dos indivíduos.

Nesse discurso autoritário a propaganda é de extrema importância para a divulgação ideológica forjando consciências em uma única expressividade cultural, aquela que é considerada compatível, adequada ao Estado.

Nessa ideologia irracionalista a política maniqueísta de Estado, manifesta saberes considerados como verdades absolutas, não sujeitas a críticas. O nacionalismo no Estado totalitário é exacerbado, justificando a perseguição política e ideológica àqueles que não obedecem suas diretrizes.

Considerando os discursos e os sujeitos em atividade nos movimentos históricos, sociais e culturais, temos níveis de realidade que se instauram incessantemente em esferas/campos discursivos nos movimentos analisados que estão em incessante confronto. Esses movimentos são refrações da realidade, alteridades que demandam a pluralidade, as diferenças, as múltiplas vozes sociais capacitadas, que dialogam entre si.

Mesmo compartilhando de uma ideologia anti-capitalista e anti-militarista, os hippies opunham-se ao movimento punk, por estes negarem a utopia hippie ao declararem *no future*, negando concomitantemente qualquer tipo de crença (esperança) em um projeto de transformação social no futuro.

No movimento punk o signo de paz e amor é invertido, afirmando que não há solução para a contradição inerente ao modo de produção capitalista. O movimento Hard-Core<sup>87</sup>, vertente do movimento punk, reconfigura o signo para , expressando canos de metralhadoras, com o sentido de denúncia à paz artificial de uma sociedade com liberdade vigiada (câmeras de filmagem em ruas, lojas e no trânsito; a burocracia de controle ao crédito, os sistemas de segurança públicos e privados, por exemplo).

O movimento punk ao negar o Estado capitalista se solidariza com outros que como ele estão à margem da sociedade: mendigos, meninos de rua, prostitutas diferenciando-se dos skinheads por incluírem em seus propósitos a diversidade cultural.

Desse modo, os punks contradizem os skinheads em seus parâmetros axiológicos: os impuros em termos de raça (negros, judeus, ciganos), em termos ideológicos (punks, hippies) e em termos de classe social e identidade sexual (mendigos, prostitutas, homossexuais).

Os darks ou góticos refratam a nostalgia e a solidão na esfera urbana, espaço de ações individuais, do auto-centramento sem perspectiva de um encontro com a natureza. Dessa forma, no isolamento refratam a perspectiva hippie, e na não adossão às ações violentas, refratam a perspectiva punk e skinhead.

---

<sup>87</sup> O Hard-Core utiliza como forma de expressão os gritos vocais, curtos sons dissonantes em que o que importa é não saber tocar instrumento algum e nem harmonizar o som melodicamente.

Essas esferas são domínios particulares de materialidade ideológica e formulam signos e símbolos específicos, com práticas e processos de identidades que se inscrevem e se instauram no embate discursivo. Híppies, skinheads, punks e darks pelo caráter dialógico, interindividual e ideológico produzem múltiplas refrações nas relações travadas em cadeia semiótica de uma única e mesma realidade material.

O pluringüismo que essas esferas contém demonstram a existência da pluridiscursividade da linguagem, devido às contradições permanentes “entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diversos grupos sócio-ideológicos, entre correntes, escolas, círculos, etc.” As esferas abrigam visões de mundo, “formas da sua interpretação verbal”, refratam “perspectivas específicas objetais, semânticas e axiológicas” (BAKHTIN, 1998, p.98).

As esferas produzem discursos, produtos da viva dinâmica interacional das forças sociais; seus signos em seus acentos ideológicos apresentam tendências diversas como os clubbers<sup>88</sup> e ravers<sup>89</sup>, comunidades semióticas orientadas para a diversão, o lazer e a moda estilizada da sociedade de consumo. Apresentam uma refração dessa sociedade com um vestuário futurista e um comportamento condizente com as formas informatizadas da comunicação sustentada pela tecnologia flexível<sup>xiv</sup>.

É no dialogismo e no processo de significação que podemos detectar alteridades em confronto, “modos de pensar e de ser”, representações “de sociedade e de mundo” (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, p.176).

---

<sup>88</sup> O movimento cultural clubber começou na década de 70 do século XX em torno do gênero musical eletrônico num panorama chamado clubbing (clubs ou discotecas) onde dominam as músicas de estilo house, techno, trance, drum n' bass, quatro fases da música eletrônica ([www.wikipedia.org.com.br](http://www.wikipedia.org.com.br). Acessado em 10/09/2006).

<sup>89</sup> A interação da comunidade semiótica rave é mediada pela dança com música eletrônica que se prolonga por horas e/ou dias para alcançar uma alteração da consciência. As festas são realizadas fora do perímetro urbano, em espaços abertos, em galpões abandonados da periferia, ao som da música eletrônica tecno, hipnótica ([www.wikipedia.org.com.br](http://www.wikipedia.org.com.br). Acessado em 10/09/2006).

Para os discursos ideologicamente divergentes ao mundo estabelecido, “o Mundo sempre Novo” ocorre na “ressurreição plena de todos os sentidos” efetivada no confronto de interesses sociais permanentemente instaurados na historicidade da linguagem (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, 176).

Nesse processo semiótico, o movimento punk não produz signos originais, ele produz efeitos de sentido que divergem do dominante, contudo, são efeitos de sentido que correspondem ao seu nível de realidade e ao seu horizonte axiológico.

O movimento punk necessita da alteridade capitalista tanto quanto das demais comunidades semióticas. O punk em confronto com o racismo skinhead necessita desse outro para se estabelecer como solidário à diversidade; a comunidade hippie necessita da produção mercadológica para apregoar seu discurso ecológico e naturalista. O punk necessita do Estado centralizador propagado pela ideologia neonazista skinhead para instaurar-se como libertário.

O pressuposto bakhtiniano da alteridade é que através dos outros, me constituo, e por esse princípio os outros podem ser as diferentes vozes que se polemizam ou se complementam nos discursos no circuito de um mesmo período histórico (BAKHTIN, 1995, p.34).

Mesmo em confronto permanente, alteridades divergentes são dependentes umas das outras, pois o outro socialmente estabelecido no circuito da comunicação necessita do outro opositor para caracterizá-lo como conflitante, como refratário às normas fortalecendo-se como dominante e como discurso com significação positiva.

“[...] *eu* e o *outro* nos encontramos mutuamente na contradição absoluta do acontecimento: onde o outro nega a si mesmo dentro de si e ao seu dado-existência, de meu lugar único no acontecimento da existência eu afirmo e

consolido axiologicamente a presença dele que ele mesmo nega, e para mim essa mesma negação é apenas um momento dessa sua presença. Aquilo que o outro verdadeiramente nega em si mesmo é o que eu verdadeiramente afirmo e preservo, e com isso crio pela primeira vez a alma dele em um novo plano axiológico da existência” (BAKHTIN, 2003, 117).

Nesse processo, para cada efeito de sentido produzido pela alteridade instituída contra a alteridade divergente, esta última assegura os seus interesses, e denuncia as contradições como alteridade de resistência. Ou seja, ambas respondem ao processo contraditório que fundamenta a totalidade, portanto, expressam o confronto das forças sociais.

As alteridades se interpenetram, pois no próprio evento do existir,

“[...] essa interpenetração axiológica não pode ser destruída. Ninguém pode ocupar uma posição neutra em relação a *mim* e ao *outro*; o ponto de vista abstrato-cognitivo carece de um enfoque axiológico, a diretriz axiológica necessita de que ocupemos uma posição singular no acontecimento único da existência, de que nos encarnemos. Todo juízo de valor é sempre uma tomada de posição individual na existência; até Deus precisou encarnar-se para amar, sofrer e *perdoar* [...]” (BAKHTIN, 2003, p.117).

Os zazous, os apaches, os muscadins, os beats, os hippies, os românticos, os darks, os skinheads, os punks demonstram que: *“quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo – estou possuído pelo outro”* (FARACO. In: BRAIT, 2005, p.43).

Uma vez que o outro é indispensável para a existência do eu, toda identidade é um processo dialógico e em vir a ser; tanto que, constantemente “identidades são postas em cheque, em permanente construção, destruição e transformação” (CAVALCANTI. In: ROCHA, 1998, p.59).

Temos um arcabouço de valores na relação dialógica da alteridade, pois é na comunicação responsiva com o outro que nos asseguramos, nos

reinterpretamos, nos modelamos, nos reeducamos, nos constituímos e reconstituímos como sujeitos.

Os movimentos chamados contraculturais referidos neste capítulo, são para a semiótica-discursiva um produto semiótico estabelecido pela valoração da alteridade capitalista. Pois todo signo natural de uma específica situação social, apresenta “a totalidade dos fatos que constituem a experiência exterior, que acompanha e esclarece todo signo” (BAKHTIN, 1995, p.62).

Nas esferas existem várias vozes, vários eus em permanente interação e oposição ao discurso monológico do capital. As esferas,

“[...] dão conta da realidade plural da atividade humana ao mesmo tempo que se assentam sobre o terreno comum da linguagem verbal humana. Essa diversidade é condicionadora do modo de apreensão e transmissão do discurso alheio, bem como da caracterização dos enunciados” (GRILLO. In: BRAIT, 2006, p.147).

Contracultura e juventude em sua denotação de desvio, de periculosidade, de problemático e suscetível a rebeldias e transgressões, é por sua vez outra refração da realidade, uma esfera que abriga ciências normativas da recondução de indivíduos à “normalidade” (grifos nossos).

Ao considerarmos a realidade em permanente processo de construção sócio-histórica, caracterizada pela pluralidade e pela diversidade, a juventude em nosso entendimento, seja ela militar, operária, estudantil, revolucionária ou transgressora, é produto de discursos sócio-históricos.

Desse modo, sem levar em conta a produção de sentido efetuada na linguagem e a historicidade dos signos, debatemos-nos com generalizações que qualificam o signo como uma produção cultural desvinculada das condições materiais, uma espécie de processo simbólico extraído de inferências abstratas.

O jovem como uma produção social e histórica, é mais uma condição do que uma definição, pois os enunciados que os caracterizaram são próprios de uma enunciação produzindo para cada segmento de classe uma correspondente significação no circuito interacional.

Acreditamos que compreender a realidade de forma múltipla e semiótica, considerar o princípio dialógico para o exercício da linguagem, conceber o outro para a constituição provisória da identidade e reconhecer a historicidade de todos os níveis e relações que compõe a sociedade, é analisar a vida com base na predominância de enunciados e enunciações distintos através dos quais transitam os diferentes discursos que constantemente reiteram a interação, a comunicação, os fatos, os conceitos e o conhecimento destes em sociedade.

A lenda de Narciso clarifica a alteridade, o dialogismo e a produção de sentido na constituição do sujeito efetivada pelo processo de interação. A relação eu-outro traz em seu bojo o caráter de incompletude do ser e do real, traz a interdependência do eu-para-mim em interação ao eu-para-o-outro e ao se materializar no campo semiótico refrata através dos diferentes índices de valor contraditórios, os inúmeros e possíveis níveis de se interpretar a contradição social no circuito da comunicação.

Para Mikhail Bakhtin todo sujeito visto como agente, constrói seu ponto de vista de forma exotópica, com base nas inter-relações com o outro conferindo ao sujeito o sempre fluído acabamento. Considerando o aspecto ativo e o caráter relacional do sujeito, este não vem sobreposto ao social, nem tampouco submetido ao ambiente sócio-histórico. Não é fonte exclusiva de sentido, nem sujeito assujeitado.

Para Bakhtin, o sujeito é a união do eu-para-mim com o eu-para-o-outro, para o autor, condição de inserção no plano relacional responsável/responsivo que promove a produção de sentido e a constituição da identidade.

Narciso acha feio o que não é espelho, porque só admite o eu-para-mim. O capitalismo não nega o outro, ele coopta seus valores a fim de reinterpretá-los segundo sua relação emotivo-volitiva com o outro que lhe é divergente. Desse modo, o capitalismo também acha feio e nocivo o que lhe é diferente. Para ele, o movimento punk, a juventude e as demais manifestações sociais, político-ideológicas e artístico-culturais que receberam a insígnia da contracultura são o eu-para-o-outro que o eu-para-mim quer anular; o reflexo não esperado no seu espelho, por isso, preza pelo afastamento, pelo rompimento com o seu outro.

Para Bakhtin a relação eu-outro é ao mesmo tempo uma posição refratada e refratante. Refrata porque vem de uma posição axiológica e refratante porque recorta outros níveis aos eventos da vida. Ao olharmos no espelho “nunca estamos sozinhos” há sempre um segundo participante no evento da contemplação (FARACO. In: BRAIT, 2005, p.43).

“O sujeito pode e deve, naturalmente, afastar-se de sua própria contingência o suficiente para ver a si mesmo nela, constituir-se a si mesmo nela, a partir do concreto e do abstrato, do coletivo (o outro) e do individual (nunca subjetivo), do agir e do refletir sobre o agir, do que há de único em cada ato e do que há de comum a todos os atos. Essa é a posição exotópica preconizada por Bakhtin” (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p.118).

A interação eu-outro presente entre o discurso capitalista e o discurso resistente expressa a negatividade do discurso pretensamente monológico em moldar a diversidade opositora. Para o eu-para-mim inerte, absoluto, definitivamente acabado do discurso capitalista, conhecer-se a si pelo outro divergente é a maldição para o seu status de eu único, infinito e inacabável.

## TERCEIRO CAPÍTULO

### EM CENA...

Em comunidades semióticas como a comunidade punk, o termo cena designa o ambiente em que o grupo circula, as casas onde acontecem os shows, as lojas onde são comercializados os discos e demais adereços utilizados na composição do vestuário punk, e principalmente, caracteriza o movimento entre localidades diferentes; por exemplo, para referir-se ao movimento punk de Curitiba costuma-se chamá-lo de cena punk curitibana<sup>90</sup>.

O termo cena torna-se a própria arena onde o movimento punk forja sua identidade, pois sendo ele uma das múltiplas valorações efetivada no processo de interação, adquire sua existência na encarnação material em signos.

A identidade punk está intrinsecamente vinculada às valorações decorrentes entre as condições materiais e ideológicas de sua esfera. Para Mikhail Bakhtin na comunicação discursiva a esfera ideológica “[...] constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera/campo” estabelecida pelas condições materiais dos segmentos envolvidos (GRILLO. In: BRAIT, 2006, p.143).

Todo discurso e toda relação em sociedade acontece no processo interindividual, a partir daí cada segmento social produz um universo ideológico/semiótico correspondente ao seu nível sócio-econômico e por sua vez ao seu nível político-ideológico. No decorrer desse processo, os segmentos sociais que compartilham valorações no processo interativo organizam as comunidades

---

<sup>90</sup> Da mesma forma, há a designação de cena gótica curitibana, de cena hip hop, de cena skatista, etc.

semióticas afins, ou grupos reunidos em torno dos mesmos signos, dos mesmos índices axiológicos expressos na comunicação. Da mesma forma, os segmentos que divergem axiologicamente instauram no circuito da comunicação os grupos, ou comunidades em confronto, em oposição.

Sob essa perspectiva o movimento punk unido às outras comunidades que também refratam o modelo de sociedade capitalista forja uma extensa esfera ideológica de contestação e resistência.

Dessa esfera caracterizada pela refração às normas instituídas, as comunidades que as integram irão pela plurivalência axiológica e semiótica refratar a própria refração da esfera em que se integram. No limite dessas refrações cada comunidade irá singularizar-se pela composição sígnica enunciada no circuito da comunicação. Podemos considerar que a singularidade de refração enunciada nos limites de cada comunidade será a cena ideológica de determinado grupo.

Como a “identidade do sujeito se processa por meio da linguagem, na relação com a alteridade”, ideologicamente o indivíduo de determinado segmento social só se institui como punk, na medida em que veicula específicos signos e enuncia específicas valorações no processo de interação (MARCHEZAN. In: BRAIT, 2006, p.123).

Desse modo, a cena abrange a produção de discursos, a sua propagação e veiculação na cultura. No movimento punk, qualquer atividade, por menor que seja, é elementar para a composição da cena punk, e por sua vez elementar para a própria constituição da identidade punk.

“A linguagem é o terreno comum sobre o qual se assentam todos os campos/esferas, adquire especificidades e é responsável pela identidade de cada um deles”. O campo/esfera é um espaço de refração que condiciona a relação enunciado/objeto do sentido, enunciado/enunciado, enunciado/co-enunciadores” (GRILLO. In: BRAIT, 2006, p.147, p.156).

Estar em cena, é estar em ação, em interação eu-outro (eus-outros). Esta ação decorrente dos valores e sentidos promovidos pela interação, torna-se uma atividade da esfera ideológica, uma atividade objetivada: contrastar a monovalência sîgnica do capitalismo<sup>91</sup>.

A esfera e a comunidade semiótica (cena) são interdependentes e só se materializam pelo dialogismo.

Estabelecido no plano da interação axiológica o confronto entre as forças sociais através das esferas e comunidades semióticas, a análise dirigida a uma determinada comunidade exige redobrada atenção em relação às alteridades que envolve para manifestar-se no circuito da comunicação.

O movimento punk é um produto semiótico produzido na interação, a relação interativa que estabelece comporta alteridades afins e alteridades divergentes. Entre as alteridades afins ele compõe sua esfera de contestação, entre as alteridades divergentes se estabelece o confronto entre os índices de valor contraditórios.

Dessa relação localizamos as significações freqüentemente encontradas em trabalhos acadêmicos, jornalísticos e de divulgação do movimento punk. Nestes acervos a palavra punk agrega em seu conteúdo ideológico definições como:

---

<sup>91</sup> Bakhtin considera evento “o processo de irrupção de entidades ou objetos, no plano histórico”; o sujeito se instaura no mundo, torna-se ativamente consciente do mundo, dos seus objetos, dos outros, de si mesmo apreendendo-se como evento (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p.26). “Evento distingue-se de fato: o evento ocorre num dado lugar e num dado espaço; os fatos por ele gerados permanecem no tempo e no espaço” (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p.27). O evento abrange os vários atos da atividade humana, o ato sendo uma “ocorrência de uma dada atividade” (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p.27). O sujeito inserido no mundo é um agente que “vive concretamente o ato” contextualizado e esse processo é irrepitível. Nesse processo o sujeito executa atividades que culminam em atos que incorporam ações físicas e as transcendem (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p.28). O ato une processo e conteúdo ou sentido de um sujeito responsável e responsivo (responsabilidade), responder e ser responsável, participar do ato em seu processo e conteúdo, unindo-os, valorando-os. Atos irrepitíveis abrangem atividades repetíveis, atos singulares. Vide a esse respeito a análise de Adail Sobral sobre o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 em Nova York em SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

vagabundo de pouca idade, jovem sem experiência, pessoa ou coisa inútil e imprestável, tocha ou mecha de fogo.

Consta em discursos de divulgação<sup>92</sup> que as origens dessas significações encontram-se na madeira utilizada para queimar as bruxas, os homossexuais, os ciganos, os judeus e demais segmentos vistos como inimigos da ortodoxia católica na Idade Média. Como produto de uma relação punitiva em que as fogueiras representavam a purgação, a penitência e a sentença às transgressões cometidas a palavra punk produziu o sentido de estigma.

Na peça teatral **Medida por medida** (1604) de William Shakespeare (1564-1616) uma das personagens afirma: “casar com um punk, meu senhor, é apressar a morte” (BIVAR, 2001, p.38).

A valoração do termo punk difundido na década de 70 teve como horizonte social a mercantilização do segmento juvenil empreendida na década de 50 via indústria cinematográfica e mercado fonográfico. No período Pós-Segunda Guerra Mundial, a hegemonia econômica dos EUA ao expandir seus mercados de consumo, acelerou o processo de produção alterando os padrões de sociabilidade, de lazer, de conforto e de hábitos relativos à higiene e à saúde.

Ancorada pelas mídias divulgadoras de marketing e da comunicação em geral, na qual se inclui o cinema e a televisão, a indústria cinematográfica passava a veicular filmes que narravam o cotidiano de uma juventude transviada, fenômeno existente nos grandes centros urbanos norte-americanos (gangues de rua) (CARMO, 2001).

A significação do termo punk é de criminalidade e marginalidade pronunciada no filme Juventude Transviada protagonizado por James Dean (1931-

---

<sup>92</sup> Encontrados em trabalhos como de Antonio Bivar (2001), Craig O'Hara (2005) e Nécio Turra Neto (2004), e o fanzine argentino **Resistência** de 1994 editado por Patrícia P. da banda She-devils.

1955), Natalie Wood (1938-1981) e Sal Mineo (1939-1976). James Dean, o herói da narrativa, xinga uma gang de punks, promovendo a continuidade do sentido pejorativo da palavra.

No cinema esse filme e *O selvagem* estrelado por Marlon Brando (1924-2004) irão associar a rebeldia juvenil ao blusão de couro, à camiseta e à calça jeans ao rock and roll, em flagrante cooptação mercadológica. Difundindo a irreverência, a ironia, a vida livre das regras e padrões de mundo adulto. Os filmes registraram a insatisfação de segmentos de jovens e ao mesmo tempo auferiram extraordinários lucros.

O rock and roll<sup>93</sup> se inseriu na expansão do mercado fonográfico americano, combinando elementos da música negra blues, gospel, jazz e rym blues com elementos do country-and-western com o som das guitarras elétricas. A sociedade wasp (white – anglo-saxon and protestant) era aparentemente contestada em seus valores tradicionais, mas o rock rapidamente se inseriu no sistema como produto cultural (CHACON, 1983).

Por volta de 1973 a palavra punk é apresentada pela primeira vez numa letra de rock; (na música *Wizz kid* do grupo *Mott the hopple*): “her father was a street punk and her mother was a drunk” (BIVAR, 2001, p.38).

Entre 1973 e 1978 a imprensa propaga a valoração punk como: “aquela gente que ‘não prestava’, criaturas marginalizadas: drogados, sadomasoquistas, assaltantes mirins, travestis, prostitutas, adolescentes, suicidas, sonhadores”, enfim, todos os sobreviventes da “barra pesada de Nova York, gatinha com a irresistível aura de santidade maldita” (BIVAR, 2001, p.40).

---

<sup>93</sup> O rock foi divulgado em estações de rádio de curto alcance, utilizando os recursos de pequenas gravadoras existentes nos EUA. Os cantores desse período foram: Bill Halley (1925-1981), Fats Domino (1928), Chuck Berry (1926) e Little Richard (1932). Bill Haley foi o primeiro branco a cantar a música de bandas formadas principalmente por negros, o *Rock around the clock* que alcançou enorme sucesso (CHACON, 1983).

Do mesmo modo que o termo juventude historicamente sempre foi valorado como fase problemática (e por isso, dependente de maior controle por parte dos adultos e das instituições sociais), o termo punk axiologicamente passou a ser significação pejorativa para todos àqueles que não se inseriam nos processos de produção e de socialização da sociedade industrial.

No século XX no acirramento das contradições existentes nas metrópoles urbanas, o movimento punk instaurou-se no circuito da comunicação anunciando as vozes de jovens que veiculavam o protesto ao desemprego, ao rebaixamento salarial do operariado, às duras condições de sobrevivência humana.

Residentes de periferias e subúrbios de Londres e Nova York esses jovens rumaram para o centro dessas cidades para protestar em pontos centrais. O protesto apresentado visualmente<sup>94</sup> (cabelos moicanos<sup>95</sup> penteados para cima e endurecidos com sabão), uma mixagem nas vestes unindo pela costura, amarrando ou rasgando, signos masculinos e femininos, adornos, amuletos, correntes, alfinetes, pregos sujos com restos de alimento. Os restos, o lixo, denotam a escória social.

Os punks fundem na vestimenta signos como a suástica nazista, os distintivos soviéticos, as bandeiras de nacionalidades, o signo de paz e amor hippie, o retrato da Rainha da Inglaterra Elizabeth II a crucifixos, caveiras, giletes, cadeados e chupetas ao lado de ícones pornográficos amarrados em um rosário em torno de palavras como: *No* (recusa), *Chaos* (caos), *Anarchy* (anarquia), *Boredom* (tédio), *Hate* (ódio) e *War* (guerra).

---

<sup>94</sup> Vide o visual punk nos anexos.

<sup>95</sup> A cultura punk utiliza o estilo moicano aos seus cabelos em homenagem ao povo nativo do norte do continente Americano, os indígenas moicanos. Estes viviam em torno do vale do Rio Hudson, seu primeiro contato com as campanhas de exploração europeia foi por volta de 1609, sendo uma das primeiras civilizações a serem dizimadas pelos europeus, juntamente com os demais extermínios realizados na América Central e na América do Sul. Ao usar o Moicano, o punk repudia o massacre das minorias, gerado pela violência e intolerância da política militar hegemônica ([www.crossnaveia.com.br](http://www.crossnaveia.com.br)), ([www.wikipedia.org.com.br](http://www.wikipedia.org.com.br)). Acessado em 05/11/2006).

Nesse dialogismo a proposta punk está assentada na provocação, na experimentação, na excentricidade, em sua opção de denúncia social e política. O ser e estar no mundo punk denota a fusão, a integração perceptual, cognitiva, estética e ética semiótica de vivenciamento.

O vivenciamento pautado no momento presente, volta-se à produção artesanal e comunitária, a única que valoriza o indivíduo na sua autonomia e que ressalta a criatividade humana.

A perspectiva punk é a da ironia que integra o objeto da ironia e os interlocutores possíveis partilhando conhecimento, a objetividade e a subjetividade, convidando à convivência, à adesão (BRAIT, 1996, p.105).

Essa ironia produz “a oposição do discurso, ou seja, um enunciador produz um enunciado de tal forma a chamar a atenção não apenas para o que está dito, mas para a forma de dizer e para as contradições existentes entre as duas dimensões” (BRAIT, 1996, p.106).

Na ironia o processo de significação, a presença do que está estabelecido em outros discursos é constante. No universo discursivo,

“[...] as formas de recuperação do já-dito, com objetivo irônico, não assumem, como tal, a função de erudição, no sentido de invocação de autoridade e muito menos de simples ornamento. Ao contrário, são formas de contestação da autoridade, de subversão de valores estabelecidos que pela interdiscursividade instauram e qualificam o sujeito da enunciação, ao mesmo tempo em que desqualificam determinados elementos” (BRAIT, 1996, p.107).

Com o enunciado *do it yourself* o homem voltaria a ter a sua liberdade e a sua singularidade. Sustentado a esse ideal é que a música punk ficou conhecida pelo som básico, primitivo de três acordes em contraste ao som progressivo,

psicodélico e o ritmo superproduzido do blues e do jazz que dominavam as paradas de sucesso.

Assumir-se como sujeito ativo no universo punk, é apresentar-se com dentes escurecidos e quebrados, vestir blusões com grossos pregos, munhequeiras, cintos de correntes e luvas eriçadas com pontas de ferro como gladiadores ou carrascos medievais; é mascarar-se na forte maquiagem dos olhos e lábios coloridos em púrpura ou azul, os dentes pintados, é vestir-se com corseletes e minissaias remendadas, para apresentar a invasão dos bárbaros urbanos, tudo o que está à margem do bom gosto, da moral e dos bons costumes.

Os punks de 1977 e 1978 crivavam o rosto com alfinetes, se automutilavam com cacos de garrafa, se queimavam com cigarros e na maioria das vezes, tatuavam em suas faces números de condenados, matrículas de desempregados, linhas em pontilhado (marca do corte da carne em açougues) seguido do enunciado *No escape* (sem saída).

Os punks ao denunciar a miséria, a pobreza e as mazelas que se escondiam por entre a espetacular arquitetura capitalista, refrataram a realidade na escolha de outros nomes: o Vicioso, o Rato, Zero, Spike (farpado), Cock (vara), Bollock (testículo), Slits (fendas), Vick Vomit, Erik Dejeta, Miss O. D. (senhorita overdose)<sup>96</sup>.

Intencionalmente, ironicamente, os punks formam um conjunto não equilibrado, sequer saudável ou sensato, invertendo o mundo normal (BOLLON, 1993, p.129).

Não percebendo a ironia, os outros consideravam que os punks “sonhavam em ser transviados, depravados, bandidos, assassinos, anticristos;

---

<sup>96</sup> Vide nos anexos um vocabulário punk construído com base na pesquisa de campo e na pesquisa exploratória.

degoladores, maníacos, loucos, retardados, coxos, desequilibrados” (BOLLON, 1993, p.129).

Na arena de confronto entre as vozes sociais, para a alteridade dominante os punks eram “animados por uma paixão pelo nada, davam a impressão de querer se anular, se apagar [...] predestinados ao sofrimento, carregados de uma verdadeira maldição” insultavam a ordem social com sua patologia (BOLLON, 1993, p.130).

Em junho de 1977 na Inglaterra, Londres se preparava para comemorar o jubileu de prata da Rainha e os vinte e cinco anos de reinado de Elizabeth II. Nesse período, os punks invadiram os centros da comemoração em confronto, uma ação rebelde de alguns como um “‘movimento’ de sociedade que levava em si uma estética, uma música, um modo de vida, uma filosofia” (BOLLON, 1993, p.132).

Segundo Mikhail Bakhtin a “criação estética expressa a diferença e a tensão entre dois olhares, entre dois pontos de vista”. O sujeito punk instaurado no devir histórico como uma identidade de contraste à cultura estabelecida, retrata o seu outro nos signos e enunciados que forja, buscando interagir no campo da comunicação através da veiculação de uma estética específica que adquire singularidade na produção de sentido no processo de interação (AMORIM. In: BRAIT, 2006, p.96).

Para que acontecimentos como o horror, a repulsa, a indignação e a aversão adquiram existência na relação que travo entre eu-outro, é necessário que estejam situados entre o meu olhar para o olhar do outro e vice versa; é nesse posicionamento dialógico que consigo exercer nestes acontecimentos o seu sentido específico.

O punk exerceu no dialogismo com o outro, suas valorações, seus signos e suas enunciações construindo-se pelo olhar do outro a provocação, a perturbação, a luta.

A estética punk provocava no outro a sensação de “uma estética catastrófica do caos, do lixo, do rasgão, da colagem, da recuperação e do desvio: uma estética de pura negação e da inversão sistemática de todos os valores” (BOLLON, 1993, p.132)<sup>97</sup>.

Os punks visavam produzir efeitos específicos ao auditório social para o qual direcionavam seus enunciados; utilizavam-se dos mecanismos da própria alteridade opositora, para atacá-la. A enunciação punk era contínua, um incessante veículo de efeito dirigido como resposta para o exterior.

“O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a *posição do locutor*, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma *posição responsiva*” (BAKHTIN, 2000, p.294).

Responsivamente o punk apresentou no circuito da cultura outras possibilidades para os conceitos de belo, feio, ordem, desordem, bom e mau, forjando múltiplos fios ideológicos e gradações de sentido na cultura do avesso (escárnio, obscuro, vil).

As cores demasiadamente acentuadas ou a combinação preto e branco em conjunto com patchworks, ou patches (pedaços de pano nos quais são impressas mensagens do movimento punk) tornaram-se meios de informação, costuradas nas roupas, mochilas e bonés.

---

<sup>97</sup> Não se pretende uma análise estética da cultura punk no presente estudo, assinalamos contudo, que faz parte dessa produção o grafismo, os fanzines e sites da internet. Fanzines são publicações alternativas e independentes, que utilizam colagens e desenhos feitos à mão criando uma formatação específica e uma aparência poluída. Os fanzines em geral, tratam de assuntos políticos, literários, sexuais, jornalísticos, humorísticos e o que mais puder ser expresso em uma folha de papel.

A filosofia punk tornava-se conhecida pelo enunciado: se você não gosta do que existe, faça você mesmo, (do it yourself) demarcando a cultura das criações próprias, dispersas entre as artes plásticas, entre as roupas, produções musicais e publicações, contrárias à homogeneização em massa do mercado.

Para Mikhail Bakhtin as esferas e suas comunidades semióticas abrangem a diversidade das manifestações culturais, proporcionando uma maior compreensão sobre as produções ideológicas produzidas incessantemente através da linguagem. As articulações desenvolvidas no cerne de cada esfera e de cada comunidade propiciam a pluralidade discursiva da qual se constituem os sujeitos e a própria condição de ser e estar no mundo.

Na discursividade do movimento punk especificamos a relação semiótico-axiológica entre o movimento punk, o movimento anarquista e situacionista. Essa relação deve-se à contestação que ambos promovem ao modo-de-produção capitalista, pois as valorações que compartilham e as refrações que enunciam através dos seus signos e enunciados os colocam em uma posição ideológica e axiológica pretensamente libertária frente à alteridade capitalista.

A palavra *anarchos* em grego etimologicamente refere-se a uma sociedade sem governo, sem autoridade, sem superiores. Para os anarquistas a implantação de uma força superior sobre o povo, incompatibiliza o atendimento à diversidade, à diferença, pois homogeneíza o direito natural elementar entre homens e mulheres, obscurecendo a contradição constitutiva da totalidade social.

Segundo o anarquismo, toda imposição censura a capacidade de se auto-gerir do indivíduo, promovendo a desigualdade e o conflito. Portanto, o caos e a desordem para os anarquistas, são decorrentes das políticas do Estado e de suas leis que transgridem a ordem natural, alienando a sociedade ao passo que cada

sujeito delega seus problemas a terceiros qualificados pelo aparelho burocrático estatal.

Historicamente as cinco vertentes do anarquismo<sup>xv</sup> apresentaram orientações distintas. O anarquismo individualista de Max Stirner (1806-1856) defende a libertação total do indivíduo dos elos da sociedade organizada, postulando que a libertação, antes de ser coletiva e material, deveria ser individual e mental. O anarquismo mutualista que se desenvolveu na França, e teve como seu maior divulgador Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) propôs o associativismo e o cooperativismo como fontes de organização econômica sem exploração (associações operárias com um banco comum de crédito gratuito).

O anarquismo coletivista de Mikhail Bakunin (1814-1876) que apregoava a revolução feita pela ação espontânea e contínua das massas populares, pregando a necessidade de expropriação revolucionária imediata de toda a propriedade pelos trabalhadores. Para reorganizar a sociedade e a produção com bases libertárias, os coletivistas defendiam as organizações operárias e a substituição do Estado por uma federação composta por associações autônomas.

O anarquismo comunista, ou comunismo-anárquico divulgado por Piotr Alexeevich Kropotkin (1842-1921) que reivindicava a abolição de todo sistema de salários e preços através de um controle feito pela comuna popular, sendo os meios de produção e os próprios bens produzidos de propriedade comum. E, o movimento anarco-sindicalista que tendo surgido na França, da cisão dos sindicatos revolucionários com os sindicatos reformistas na última década do século XIX, estabeleceu o sindicalismo revolucionário como meio para os trabalhadores assumirem o controle direto da produção.

Dentre estas cinco vertentes, o anarquismo abrange desde teorias

políticas a movimentos sociais que advogam a abolição do Estado como autoridade gestora das instituições sociais. Para os anarquistas, o termo anarquia significa ausência de coerção, e não ausência de ordem, sendo sua proposta direcionada para a liberdade do indivíduo, com um modelo de sociedade sem governo e sem autoridade.

Na defesa à abolição do Estado e de qualquer hierarquia que possa manter a autoridade sobre os indivíduos, o movimento punk em toda a sua trajetória histórica expressa na pluralidade signífica uma estreita relação com as perspectivas libertárias do movimento anarquista.

Craig O'hara em **A filosofia do punk, mais do que barulho** (2005) sublinha que os punks antes de qualquer ideologia são anarquistas por combaterem ativamente qualquer forma de capitalismo e comunismo, sendo primordial a liberdade individual frente a toda autoridade oficial. O anarco-punk é a vertente que segue à risca os propósitos anarquistas: o Profane Existence, o maior fanzine punk da América do Norte veicula músicas, poesias e notícias sob o ponto de vista anarquista. Também a cena europeia apresenta um número elevado de fanzines e bandas anarquistas, tornando os punks europeus cada vez mais envolvidos com a política do movimento anarquista de Mikhail Bakunin.

Assinalamos, no entanto, que mesmo estando presentes nos enunciados do movimento punk vozes anarquistas, deve-se levar em consideração o contexto histórico-social e cultural ao qual determinadas enunciações do movimento estão sendo formadas. Pois concebendo que o enunciado e as peculiaridades de sua enunciação integram “o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal” que fundamentam a produção de sentido do discurso e da própria interação semiótica, a comunidade punk pela pluralidade social e ideológica do signo e pela refração

pode subdividir seu discurso em diferentes veiculações (BRAIT; MELO. In: BRAIT, 2005, p.67).

O movimento punk em seu dialogismo inclui os anarco-punks (adeptos do anarquismo político) os punks de rua (libertários em suas valorações, mas contrários ao anarquismo político) e os hard-core (vertente punk expressa pelo estilo anti-musical).

Visto que “uma linguagem é sempre uma imagem criada pelo ponto de vista de uma outra linguagem”, o diálogo existente entre o movimento punk e o movimento anarquista integra as características de cada comunidade. Assim, suas valorações se polemizam, se completam, conversam entre si e nas vertentes que vão se formando encontramos intrínsecas as vozes de um e de outro (MACHADO. In BRAIT, 2005, p.161).

Através de pesquisa exploratória ao movimento punk, constatamos que a vertente do anarquismo individualista assemelha-se ao comportamento político-social dos punks de rua. Em contrapartida, as vertentes do anarquismo mutualista, do anarquismo coletivista, do anarquismo comunista e do movimento anarco-sindicalista detém semelhanças na postura político-social da vertente anarco-punk; transitando a linha hardcore pelos dois extremos do movimento.

No que se refere aos signos, o movimento punk compartilha de importantes signos do movimento anarquista, como o **A** circulado, a bandeira negra e a bandeira vermelha, ou a cor negra e a cor vermelha.

Durante os movimentos contestatórios na França ou nas manifestações do movimento operário, a cor negra demonstrava o desgosto, a tristeza e a revolta. Usada pelos integrantes da Comuna de Paris<sup>xvi</sup> em julho de 1830 refletia o descontentamento e o rechaçamento da ordem política. Unida ao enunciado

*trabalho ou morte* os operários protestavam contra seus patrões, ao expressarem sua revolta estendiam a bandeira negra com o discurso: *viver trabalhando ou morrer combatendo*. Em 21 de novembro de 1830 revoltosos tomaram as ruas de Lyon sendo cruelmente massacrados e a partir de então, passaram a incluir em sua bandeira negra um crânio.

Por volta de 1880 anarquistas<sup>xvii</sup> adotaram nomes associados com a cor negra e em julho de 1881 a Internacional Negra foi fundada em Londres numa tentativa de reorganizar o pensamento anarquista em função da dissolução da Primeira Internacional<sup>xviii</sup>. Em outubro de 1881 um encontro em Chicago trouxe a bandeira negra para a Associação Internacional do Povo Trabalhador (International Working People's Association) que estava sendo formada na América do Norte, também conhecida como Internacional Negra – Black International filiando-se à organização londrina.

Desde 1830 a bandeira negra passou a ser adotada como signo das exigências populares nos movimentos revolucionários. Louise Michel (1833-1905) membro ativo da Comuna de Paris<sup>98</sup> em 1883 liderou as manifestações dos desempregados de Paris empunhando uma bandeira negra à frente de 500 pessoas exigindo pão e trabalho para o povo (WOODCOCK, 1984).

Emiliano Zapata (1879-1919) no movimento revolucionário mexicano (1910) também usou a bandeira negra com o enunciado *Tierra y Libertad* e em 1925 anarquistas japoneses formaram a Jovem Liga Negra divulgando no jornal Kurohata, (bandeira negra) suas idéias.

Para Bakunin, o progresso real das sociedades viria com a negação de

---

<sup>98</sup> Sobre a recepção e repercussão da Comuna de Paris no Brasil assinalamos de Francisco Foot Hardman (2002) o capítulo Incêndios sublimes: figurações da Comuna no Brasil por sua acurada pesquisa. Euclides da Cunha em 1884 escreveu um soneto a Louise Michel com esse título seguido da data 1882, ano em que a professora francesa autora do livro *As mulheres de Paris*, foi anistiada e pôde retornar do degredo na Nova Caledônia ocorrido em 1872 para Paris (HARDMAN, 2002).

um ponto inicial, criador, responsável por gerir o desenvolvimento de todo indivíduo e de toda relação. Esse ponto inicial especificado por Bakunin como sendo o Estado, Deus, ou no modelo de família patriarcal, o pai, anularia a autonomia, o discernimento e a capacidade natural de todo homem em se auto-gerir, pois o homem sendo responsável por si contribuiria em cooperativismo com a sociedade em geral. A bandeira negra ao negar todas as outras bandeiras, negava também a submissão a qualquer entidade abstrata superior à condição humana.

O dialogismo entre as cores vermelha e preta do movimento punk com o anarquismo, promove a significação à devoção às batalhas, à morte e aos sacrifícios em prol da esperada vitória contra as estruturas opressoras como se observa nos próximos textos:

“Sou o último anjo negro a lavar as calçadas de sangue com minhas lágrimas salgadas [...], sou o céu negro, sou a lama, sou a graxa e o desespero. Sou o amargo, sou o fel e o estilhaço na face do algoz envenenado. Sou o tudo e o nada, sou mais nada que o tudo, por isso do nada, recolho minhas cinzas e elevo minha marcha para gravar sobre o dourado da burguesia, o sangue vermelho e negro da causa socialista-libertária” (MPC, 2005)<sup>99</sup>.

“Minha face pintada de preto revela a dor e a angústia entrelaçada às costuras da minha roupa escura. Trago no punho esquerdo um lenço vermelho amarrado, olho no espelho e marco lágrimas vermelhas a escorrer pelos meus lábios. Ando pra lá e pra cá, sem sossego, sem rumo e por um caminho cheio de defeitos, me apontam, mas não me olham, me censuram, mas não me suportam, me criticam, mas não me ouvem, como sinto ódio desses inúteis filhos do homem” (MPC, 2005).

Para o anarquismo o negro é a negação da nacionalidade que coloca a raça humana contra si mesma, é o reflexo da fome, da miséria e da morte dos trabalhadores, é ao mesmo tempo a expressão de raiva e tristeza. É o grito de revolta contra todos os crimes contra a humanidade. Sendo a cor da determinação, da resolução e da força, concebe a morte em batalha pela liberdade, como gloriosa;

---

<sup>99</sup> Passamos a referenciar os textos recolhidos do movimento punk de Curitiba a partir dessa página como MPC.

para o anarquista o negro é o desabrochar de uma nova vida e de novos relacionamentos interativos (WOODCOCK, 1983).

O negro no movimento punk expressa a insubordinação aos apelos da cultura consumista, revela toda a angústia, dor, frustração e revolta diante do quadro caótico dos grandes centros urbanos. Os punks vestem-se com trajes negros para designar tanto a morte dos valores dominantes quanto as batalhas a serem travadas em prol da autonomia dos indivíduos, e a destruição de todo e qualquer vínculo institucional. A perspectiva punk *no future* é para o movimento, signo de aversão a uma transformação social no futuro. O movimento punk prefere o combate no hoje, no momento presente, na cena, no confronto imediato à alteridade divergente.

A cor vermelha também faz parte da comunidade anarquista. Em conjunto com a cor negra, historicamente está associada ao sangue e ao luto ocasionado pelas rebeliões da classe operária. É signo presente na vertente anarco-sindicalista, no socialismo libertário, e nas primeiras manifestações anarquistas partidárias do socialismo marxista antes da divergência ocorrida na Primeira Internacional Trabalhista.

O socialismo libertário luta com os signos distintivos do vermelho e do negro às percepções e sentimentos que o acompanham. Cooptada pelo comunismo stalinista implantado na Rússia, a cor vermelha tornou-se referência ao autoritarismo ditatorial estatal.

Dialogicamente o movimento punk e o anarquismo refratam também na bandeira negra, a pirataria, que no período mercantilista, assombrava os navios britânicos, americanos e franceses saqueando o produto de suas viagens e distribuindo-o entre si.

No contexto histórico-social dos séculos XV e XVI o pirata era o indivíduo

rebelde, um espírito livre e desgarrado, um fora da lei. Para os navios atacados pelos piratas, a bandeira negra era um símbolo de morte; a caveira e os ossos sobre um fundo negro equivalia ao comando: renda-se ou morra! Isso provocava pavor em suas vítimas fazendo-as submeter-se sem lutar.

A significação de destruição das condições vigentes, de combate e de confronto é relatada na música Bandeira negra da banda Atackeipilético de São Paulo:

“Anarquistas do século passado deixaram-nos uma mensagem, sempre em uma guerrilha na luta pela liberdade, da derrubada do governo à extinção do Estado, uma luta coletiva para que o povo seja bem tratado. Imagens serão queimadas, igrejas saqueadas, o fanatismo abolido, a mentira liquidada e a verdade levantada” (ATACKEIPILÉTICO. **Bandeira negra**, 1987).

O movimento punk nasceu e se consolidou “[...] tendo por base a anarquia e adquirindo uma linguagem que pudesse explicar sua postura frente ao sistema” (TURRA NETO, 2004, p.75).

O signo do **A** circulado no movimento punk designa o anti-capitalismo, o anti-militarismo, a anti-burguesia, o anti-autoritarismo e a negação das instituições sociais: a família, o Estado e a igreja.

O **A** circulado implica em uma sociedade sem dirigentes, um sujeito que é autônomo e que já estando excluído do mercado de consumo, organiza-se na proposta *do it yourself*, faça você mesmo suas roupas, seus textos, suas músicas, seus adereços.

O signo **A** também demarca uma arena de confronto aberto e ideológico, de oposição aos movimentos não libertários, isto é, o liberalismo de extrema direita,

o comunismo de extrema esquerda, o nazismo<sup>100</sup>, o fascismo e as ditaduras militares.

A suástica<sup>101</sup> nazista é reiteradamente apresentada: nos fanzines, em tatuagens, nos adereços e enunciados do movimento punk, pois sendo a suástica o principal signo neonazista, os punks a utilizam tatuada no corpo como provocação ao grupo skinhead, e nos demais enunciados como rejeição ideológica visto que o signo aparece ora pisado por coturnos, ora jogado em latas de lixo, ou ainda em chamas.

Do mesmo modo o coturno militar na cultura punk manifesta a oposição ao militarismo, ao policiamento, à disseminação da repressão, da tortura, do autoritarismo e ao cerceamento à liberdade existente na contemporaneidade. Sendo os punks contra leis e contra instituições de qualquer gênero, o coturno militar por eles utilizado têm o sentido de provocação à autoridade existente promotora da perseguição e do encarceramento dos indivíduos.

Em acordo ao ideal de que indivíduos livres organizam-se melhor em

---

<sup>100</sup> O nazismo é um movimento político e uma ideologia que surgiu na Alemanha, sob a liderança de Adolf Hitler (1889-1945), líder do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães após o término da Primeira Guerra Mundial, suas teses racistas e anti-semitas e os seus objetivos estão presentes no seu livro, **Mein Kampf** (1924). Nazismo é uma abreviatura de *Nationalsozialismus*, ideologia adotada pelo Partido Trabalhista Nacional Socialista Alemão. O fascismo é a manifestação extremada do nacionalismo. Entre 1920 e 1930, regimes políticos fascistas surgiram em vários países, principalmente na Itália, na Alemanha, na Espanha e em Portugal. O fascismo tem caráter autoritário e corporativista em seu sentido lato, opondo-se à democracia liberal e ao socialismo. Abrange o nazismo alemão, o nacional-sindicalismo espanhol e demais movimentos que, adotando estas diretrizes gerais, apresentam características particulares. Foi o sistema político implantado na Itália por Benito Mussolini entre 1922 e 1943 (<http://www.historianet.com.br>. Acessado em 14/07/2005).

<sup>101</sup> A suástica ou cruz gamada foi emblema adotado pelo nazismo, presente na bandeira da Alemanha, nas braçadeiras militares e nos estandartes no período hitlerista. O nome suástica vem da palavra em sânscrito *svastika* que significa bem-estar e boa fortuna. As mais antigas suásticas conhecidas datam de 2.500 e 3.000 a.C. na Índia e na Ásia Central. O arqueólogo alemão Heinrich Schliemann (1822-1890) ao escavar a região da Turquia, encontrou artefatos com suásticas e rapidamente as associou às suásticas encontradas nas proximidades do Rio Oder na Alemanha (na mitologia germânica, a suástica é conhecida como a cruz de Thor) presumindo, que a suástica era um símbolo religioso de seus ancestrais, ligando os antigos teutões à Grécia e à Índia. Na Índia a cruz gamada é tida como um símbolo de poder, porém ela é escrita em sentido horário, representando a evolução. Com os nazistas, segundo Steven Heller (1950), diretor de arte do *The New York Times Book Review*, a posição da suástica foi invertida, assevera Heller, inversão realizada pelo próprio Hitler (<http://www.historianet.com.br>. Acessado em 14/07/2005).

associações igualitárias voltadas ao exercício de funções que objetivem o bem comum coletivo, os anarquistas concebem que enquanto houver um homem e uma mulher subjugada não poderá haver equilíbrio.

Desse modo, o círculo do **A** denota o **O** de ordem, ordem e anarquia são ambos interdependentes para alcançar a concórdia social. O **A** circulado em síntese apresenta a essência a qual a sociedade deve-se direcionar: a liberdade como ordem.

“Da negação absoluta do Estado, o pensamento anarquista deriva seu refúgio pleno na *comunidade* solidária que revitaliza a galeria passada de heróis e glórias para nutrir o ritual triunfalista e profético de um *avvenire* promissor e libertário” (HARDMAN, 2002, p.94).

A letra **A** circulada é grafada pelo movimento punk nos muros das cidades, nos viadutos, nos postes, nas paredes de bancos, nas roupas e em suas faces para veicular sua posição ideológica.

No cerne do movimento anarquista, encontra-se a premissa bakuniana da posição materialista das relações entre homem e sociedade de que “[...] os fatos tem primazia sobre as idéias, o ideal nada mais é do que uma flor, cujas condições materiais de existência constituem a raiz” (BAKUNIN, 1988, p.VII).

Instituem-se sob a materialidade da existência, o dialogismo entre o anarquismo e o movimento punk na constituição de consciências contestadoras e na crença da possibilidade de construção de um mundo melhor fundamentado na autonomia e na liberdade.

Os valores anarquistas refletem o antiautoritarismo que prega a repulsa total a qualquer tipo de hierarquia; o humanismo, rejeitando a hipótese de que o Estado seja necessário para o desenvolvimento da sociedade humana; a não delegação de solução de problemas a terceiros, rejeitando a mediação por políticos

e/ou pelo Estado; o apoio mútuo que é a crença no princípio da solidariedade; e, a ausência de normas no convívio social, idéia que confunde o anarquismo com o caos e a desordem.

A adoção do anarquismo demarca os espaços da sociabilidade no vivenciamento:

“Quando a cidade dorme, outro sol se ergue, o sol dos marginais, dos mendigos, das prostitutas e das crianças açoitadas pela dor, pela fome e pela desventura. É o sol da liberdade que acalmando a barriga vazia nos ensina a dormir e a nos preparar para continuar a batalha pelo sol que reflete um A no centro de um círculo pirata” (MPC, 2005).

Ser libertário é ser capaz de “[...] não ter correntes nem amarras, ter o dia e a noite seja como meu espírito assim desejar. Sou punk... Então sou livre, sou homem, sou mulher, ou qualquer outra coisa que eu quiser”, fazendo resplandecer o signo partilhado (MPC, 2005).

Clarifica-se no movimento punk a ação responsável e participativa de sujeitos situados no mundo, que apresentam sua face moral, enraizada no anarquismo.

A esfera/campo semiótico da cultura punk dialogiza com outras esferas como o surrealismo, o dadaísmo e o situacionismo (BOLLON, 1993, p.142).

“[...] esse movimento nihilista, que preconizava o nada, levava em seu bojo, como por um extraordinário acaso, e *traduzia pelas aparências*, todas as inversões de atitudes e de mentalidades com as quais a sociedade se achava confrontada! [...] Ele expressava o novo pessimismo que sucedia ao otimismo dos anos 60” (BOLLON, 1993, p.142).

As vanguardas artísticas<sup>xix</sup>, esferas “da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica, ou da atividade humana, ou da comunicação social, ou da

utilização da língua, ou simplesmente da ideologia)” abrigam funções, orientações e refrações particulares (GRILLO. In: BRAIT, 2006, p.133).

Nelas as forças centrípetas ideológicas de segmentos sociais procuram unificar a linguagem, a produção discursiva. Contraditam o universo múltiplo dos signos, opõem-se ao pluringuismo, formam “um núcleo lingüístico sólido e resistente” que recebe reconhecimento oficial (BAKHTIN, 1998, p.81).

A vida verbal abriga a tensa contradição das forças centrípetas e centrífugas e toda enunciação as contém cabendo àquele que enuncia ao utilizar-se “de discursos já povoados pelas intenções sociais de outrem”, produzir novas refrações sob diferentes “*ângulos*” orientados pelas suas intencionalidades, pelas intenções de outrem e pelo “reforçamento e objetivação das linguagens que refratam o pluringuismo” (BAKHTIN, 1998, p.105).

A interação comunicativa expressa-se em função de uma “*situação social mais imediata*” e do “*meio social mais amplo*”, no conjunto das diferentes línguas (ou linguagens) sociais que produzem discursos e que transitando entre as forças centrípetas e centrífugas da vida lingüística, no pluringuismo real, estratificam-se em dialetos, estilos, gêneros, tendências, etc. (BAKHTIN, 1995, p.113).

“[...] a estratificação e o pluringuismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolvendo-se; ao lado das centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação” (BAKHTIN, 1998, p.82).

O surrealismo, na esfera da arte rejeitou os valores burgueses como pátria, família, religião e trabalho objetificando-se de modo particular. Para os surrealistas, o humor, o sonho, a ironia e a liberdade da criação artística eram

essenciais para libertar o homem da existência utilitária. Segundo essa nova ordem, as idéias de bom gosto e decoro deveriam ser subvertidas.

O surrealismo<sup>102</sup> teve como expoente Guillaume Apollinaire (1886-1918), crítico de arte, poeta, tradutor, escultor, defensor dos movimentos de vanguarda nas artes como o cubismo e o concretismo.

Em 1916, em Zurique, o dadaísmo apregoou a oposição à arte e à ideologia burguesas, compondo produções que rompiam com as tradicionais concepções de arte.

Marcel Duchamp (1887-1968), pintor e escultor francês, em sua proposta de estetização dos objetos da vida cotidiana (os ready-made) forneceu condições para a emergência da pop-art, que com Andy Warhol (1928-1987) e Robert Indiana (1928) expressaram os signos da produção industrial e da comunicação de massa.

O apogeu da pop-art nas décadas de 50 e 60 do século XX conectou-se, portanto às sucessivas mudanças de tendências dos movimentos estéticos (dadaísmo, cubismo, surrealismo) destacando-se nessa esfera a prolífera e diversa produção de François-Marie Martínez Picabia (1879-1953) por sua importância como precursor da pop-art.

Essas esferas atuantes nessas décadas recusavam a redução da estética, dos indivíduos à condição de objetos, à reificação. Rompia-se com o mundo fechado monológico capitalista, produzia-se estratificações que desfaziam com o equilíbrio ideológico, criando objetivamente múltiplos níveis discursivos sustentados na contradição social.

---

<sup>102</sup> Entre os artistas ligados ao grupo estão os escritores franceses Paul Éluard (1895-1952), Louis Aragon (1897-1982) e Jacques Prévert (1900-1977), o escultor italiano Alberto Giacometti (1901-1960), o dramaturgo francês Antonin Artaud (1896-1948), os pintores espanhóis Salvador Dalí (1904-1989) e Juan Miró (1893-1983), o belga René Magritte (1898-1967), o alemão Max Ernst (1891-1976) e o cineasta espanhol Luis Buñuel (1900-1983).

A crescente estruturação da indústria fonográfica deparava-se com a morte prematura de ícones do blues, da soul music e do movimento hippie, com a separação de grupos musicais e com o fim profissional de artistas devido a distúrbios mentais<sup>103</sup>.

O showbiz marcado pela presença e comercialização de músicas da geração da década 60 recebia o vaticínio de John Lennon: “o sonho acabou”. Os “escombros de uma geração malsucedida” deveriam ser substituídos na procura do lucro (ALEXANDRE, 2004, p.14).

Nas periferias de Nova York em 1970 nomes como Patti Smith (1946), Lou Reed (1942) e grupos como Velvet Underground, New York Dolls, Blondie, Dictators, Talking Heads, Suicide, The Mumps, Dead Boys, Tuff Darts, The Voidoids, Stooges e MC5 expressavam a arte marginal de Andy Warhol (ALEXANDRE, 2004, p.15).

Em 16 de agosto de 1974 os Ramones, primeiro grupo punk, apresentou músicas de no máximo três minutos, utilizando três acordes básicos, referência comum a outras bandas como os Stranglers (os Estrangulados) pregando a agressão noturna e o homicídio em uma constante aclamação ao *rattus norvegicus*, (o rato do esgoto); os Damned (os Malditos) vestidos de capas negras, rostos pintados de branco, lábios escurecidos e maquiagem em forma de morcego, cultuando Frankenstein e Drácula; o Eddie and the Hot Rods, divulgando o suicídio adolescente num ritmo pesado de pub-rock<sup>104</sup>.

---

<sup>103</sup> Entre os anos de 1969 e 1971 o mundo participava da separação dos Beatles, do afastamento por transtornos mentais de artistas como Brian Wilson (1942-1969) dos Beach Boys, Peter Green (1946) dos Fleetwood Mac e Syd Barrett (1946-2006) dos Pink Floyd, da morte de Brian Jones (1942-1970) do grupo The Rolling Stones, Jimi Hendrix (1942-1970) ícone do blues e da soul music, Janis Joplin (1943-1970) cantora de blues e soul music e Jim Morrison do grupo The Doors (1943-1971).

<sup>104</sup> O pub-rock (som de taverna, botequim) fora divulgado como uma reação à sonoridade do progressivo, representando a redescoberta da simplicidade no rock'n'roll aliada à propagação político-ideológica (ALEXANDRE, 2004).

O grupo The Clash vestia-se com macacões militares protestando com a música *London's burning*, exibindo-se à frente de slides no qual se viam brigas de rua, convocando à guerra civil e à revolta social.

Na crítica-ironia ao conformismo, a maquiagem e as vestimentas (os farrapos mal-cheirosos do Eddie and the hot e os ternos sóbrios e apertados dos Jam) desinstituíam os discursos modelares de família, escola e sociedade.

Criara-se a música punk, agressiva e violenta em seu ritmo, minimalista<sup>105</sup> em sua composição e profundamente ameaçadora em suas letras. Na música punk o essencial era desconectar-se com as regras musicais, não sendo necessário saber cantar, afinar os instrumentos, ou trabalhar com a melodia, desconsiderando a aprendizagem musical.

Diferente da descontração das discotecas, a dança punk aparenta uma briga campal, com chutes e socos coreográficos. Os shows punks ocorrem em pequenos bares, porões, garagens e similares, o som forte e rápido condiz com a dança, chamada pelos punks, roda de pogo<sup>106</sup>.

As características estéticas, filosóficas e artísticas singulares presentes no movimento punk são entendidas pela filosofia da linguagem como uma das inúmeras formas de refração presentes no circuito da comunicação.

Essa refração, no entanto, fora cooptada pelo mercado musical nas décadas de 70 a 80 do século XX a fim de propagar e vender uma determinada imagem do movimento punk. Essa imagem divulgou um movimento espetacularizado, processo que diluiu as contradições sociais, inicialmente o foco

---

<sup>105</sup> O minimalismo é uma corrente artística que se caracteriza pela extrema simplicidade da abordagem literal e objetiva da arte. A textura da obra de arte é mais vazia preconizando o mínimo. As composições musicais são simples importando-se em atingir o melhor do básico. Esse movimento difundiu-se com toda a chamada blank generation tendo fortes elos com a postura beat (BIVAR, 2001).

<sup>106</sup> Nesta dança o movimento se refere a andar, correr, dando os passos no ritmo da música. A cada passo, a perna é levantada e esticada, dando-se chutes no ar.

das denúncias punks, em espetáculos de sexo, drogas, escândalos e rock'n roll. Esse processo de espetacularização é descrito por Guy Debord (1931-1994) como reificação, absolutização da mercadoria que domina a totalidade social.

A reificação, parte constitutiva do processo de produção de valor (valor-de-uso e valor-de-troca) no modo-de-produção capitalista, é uma das fases da alienação,

[...] ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, e/ou [3] a outros seres humanos, e – além de, e através de, [1], [2] e [3] – também [4] a si mesmos (BOTTOMORE, 1988, p.5).

O autor salienta que “propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem” tornam-se independentes, são imaginadas como originariamente independentes, dirigindo a vida, transformando os indivíduos em coisas (BOTTOMORE, 1988, p.314).

O homem é livre para circular desde que seja dentro de um tempo e de um espaço calculado; pretensões de futuro e aspirações podem ser compradas. A sociedade do espetáculo é a sociedade do efêmero, do tempo reificado que cria uma ilusão de capacidade e potencialidade no sujeito.

As desigualdades sociais perante a supremacia da mercadoria enfraquecem, o sujeito que inferiorizado economicamente pelo apelo do mercado se vê ao mesmo tempo objeto do desejo mercantil e consumidor da mercadoria em circulação<sup>107</sup>. No sistema capitalista tudo está mercadologicamente preparado e a

---

<sup>107</sup> A mercantilização da favela é um exemplo: o pobre torna-se objeto/mercadoria da mídia e do mercado da moda diluindo a contradição existente (programas que enaltecem o cotidiano da favela). Ao lado da espetacularização da desigualdade social, há ainda as longas prestações do mercado que possibilitam a toda classe de baixo poder aquisitivo ter acesso a um produto de segunda linha da marca de renome.

própria contradição é utilizada como instrumento de movimentação da engrenagem capitalista

Nas sociedades de produção consolidadas no século XIX a mercadoria torna-se um fetiche. O fetichismo da mercadoria a torna dotada de valor, este valor encarna um poder, uma potencialidade, uma realização. O fetichismo não é imaginário, pois as propriedades que estão dotadas na mercadoria são as suas 'formas de aparência' que são consideradas naturais e, no entanto, são formas de controle dos seres humanos, objetivos das relações capitalistas (BOTTOMORE, 1988, p.149).

Uma vez que a mercadoria ocupa o centro do cotidiano social, o espetáculo passa a ser o instrumento desse modo-de-produção, passando a sociedade moderna a determinar-se como o reino do espetáculo, da representação fetichizada, do mundo dos objetos e da mercadoria.

Debord propõe a libertação do homem dos domínios desse modelo de sociedade, através da reivindicação do cotidiano, do tempo e da criatividade, reivindicações localizadas nos enunciados da cultura punk.

Para Debord, o espetáculo é o aspecto mais visível e superficial da maquinaria de manipulações do capitalismo que fragmenta a vida cotidiana em forma-mercadoria. Essa forma-mercadoria veiculada pelos meios de comunicação, induz os indivíduos ao consumo, de modo exclusivo. Para o teórico situacionista, o espetáculo é administrado pelo próprio espetáculo, como uma entidade viva governando a sociedade. Esse fenômeno é visto por Debord como uma artimanha, uma espécie de conluio maligno engendrado pelas sociedades capitalistas, que tornaram a economia um fim e a alienação, subsidiada pelo espetáculo, uma forma de domínio.

Guy Debord fundou em 1957 o movimento situacionista<sup>108</sup> contestando esta sociedade e desenvolvendo críticas à arte alienada<sup>109</sup>. Debord recusou a arte fechada apenas nos seus propósitos estilísticos e formais, divulgou a prática de uma arte que negasse o sentido da própria arte, uma arte que afirmasse aos homens as impossibilidades contemplativas, uma arte como criação permanente e permanentemente reconstruída na interação. Debord defendeu uma criação que evitasse a perpetuação da tradição para que não sucumbisse ao ocultamento das contradições da vida cotidiana.

Para o movimento situacionista as lutas por hegemonia de um projeto político não tinham finalidade. Pelo contrário, para os situacionistas os movimentos até então vistos como revolucionários nada mais eram do que uma reformulação do projeto burguês. Guy Debord levou ao extremo as reflexões do socialismo, do comunismo e do anarquismo para construir sua contestação à mercantilização da sociedade moderna que para ele mantinha os homens sob o jugo da produção.

Divulgador da arte livre, individual e não sujeita as normas, regras e conceitos, Guy Debord pretendia uma oposição radical, não apenas aos parâmetros estéticos burgueses, mas também àqueles que criticavam esses parâmetros. Os situacionistas pretendiam ser conhecidos como o negativo das negações formais, (negação da negação).

Defensor da permanente reconstrução ideológica, política, social e cultural, em 1972 Debord dissolve a revista Internacional Situacionista, que reunia os

---

<sup>108</sup> A Internacional Situacionista reuniu entre seus pensadores Henri Lefèbvre (1901-1991), pensador francês que dedicou grande parte de sua vida ao entendimento da luta de classes. Anunciou uma leitura não dogmática do marxismo voltada para a vida cotidiana, para a problemática urbana e espacial, vinculando as relações sociais às relações de produção.

<sup>109</sup> No seu livro **A sociedade do espetáculo** lançado na França em 1967, Debord aprofunda seus questionamentos em relação à sociedade de consumo, reunindo todas as considerações que teceu na propagação do movimento situacionista.

debates e as idéias desse círculo continuando a escrever suas contestações em revistas e demais publicações de tiragem secundária.

As reflexões de Guy Debord são pertinentes na análise da espetacularização empreendida ao movimento punk na sua difusão pelo mundo. Uma vez que o originário punk dos subúrbios de Londres e Nova York, fora submetido à espetacularização da sua forma-mercadoria como veículo de propagação<sup>110</sup>.

O grupo Sex Pistols foi formado por Malcom McLaren (1947), que depois de ter estudado em várias escolas de arte na Inglaterra esforçava-se em estabelecer-se como empresário musical. McLaren mantinha com sua namorada Vivienne Westwood (1941), (estilista iniciante que criava roupas inspirada nas ruas, nos roqueiros de 1950) uma loja especializada em roupas para teddy boys<sup>111</sup> chamada *Let it Rock*, freqüentada por músicos em início de carreira, por adeptos da vanguarda visual e por jovens desocupados e marginais.

Empresário dos New York Dolls, por volta de 1973 em Nova York, McLaren fracassa quando organiza a apresentação dessa banda trajando couro vermelho em frente da bandeira da União Soviética. Despedido do cargo de empresário dos New York Dolls, McLaren voltou para Londres tendo em mente “que valia a pena praticar a política situacionista, de confrontos e controvérsias”, pretendendo transformar Londres em um laboratório artístico de vanguarda com rentável comercialização no cenário do rock mundial. O propósito era reinventar o

---

<sup>110</sup> Vide nos anexos, um exemplo de cooptação da cultura punk divulgado pelo mercado musical.

<sup>111</sup> A moda para jovens e crianças tornou-se um importante segmento de consumo a partir de 1950. Como já afirmamos, a rebeldia tinha como signos o blusão de couro, a camiseta branca e a calça jeans, signos que compunham os chamados teddy-boys. Esse conjunto e o uso de motos produziam o sentido de rebeldes selvagens, descontrolados, perigosos. Na década de 50 a moda para as moças era a colegial, um misto de ingenuidade e sedução: saias rodadas, meia soquete, sapatos de forma masculina com cadarço, suéter e calças cigarette. Nos movimentos do rock, o rodopio das saias expunha o corpo feminino. A moda jovem tornou-se o grande filão econômico na década de 60 (<http://almanaque.folha.uol.com.br/anos50.htm>).

punk fazendo o protesto do subúrbio dominar os hits do período (BIVAR, 2001, p.40).

A *Let it Rock* tornava-se *Sex*, freqüentada por Steve Jones (1955), Paul Cook (1956), Glen Matlock (1956) e John Joseph Lydon (1956) rebatizado de Johnny Rotten (Johnny Podre) devido à má aparência de seus dentes. Estava formado o grupo Sex Pistols, uma extensão dos conceitos da Sex<sup>112</sup>.

“Eu tentava fazer com os Pistols o que eu falhara com os New York Dolls, peguei o lado mais bicha-louca dos New York Dolls, a política do tédio e juntei tudo num novo conceito’, lembrou McLaren. O primeiro show da banda ocorreu em novembro de 1975, na faculdade de St. Martin, em Londres. Os shows seguintes seriam um rastro de pólvora seguido por um número crescente de infelizes” (ALEXANDRE, 2004, p.25).

Os Sex Pistols dirigidos por Malcom MacLaren levaram ao extremo a postura punk, apregoavam o anti-profissionalismo, o desinteresse pelo próprio rock afirmando ter como meta o caos e não a música ou a contestação através dela. Glen Matlock contrário à repercussão do grupo decidiu deixá-los, entrando em sua vaga Jonh Simon Ritchie, ou Sid Vicious (1957-1979). Os Sex Pistols definitivamente tornaram-se um,

“[...] escândalo permanente: cuspiam no público, o insultavam, arrotavam, blasfemavam, vomitavam nos corredores dos aeroportos e saqueavam os quartos dos hotéis onde se hospedavam. Riam de tudo e de todos. Fumavam, bebiam, tomavam anfetaminas e deixavam ostensivamente à mostra as seringas de drogas” (BOLLON, 1993, p.136).

A rotina de brigas no palco, insultos à platéia, declarações bombásticas à imprensa, escândalos entre Sid e Rotten arquitetados pelo marketing de MacLaren,

---

<sup>112</sup> Steve Jones, ladrão confesso de 19 anos, Paul Cook aspirante à batedorista e Glen Matlock assistente de Vivienne Westwood na Sex, o mais informado sobre música e composição musical entre os demais, John Joseph Lydon ou Johnny Rotten era freqüentador assíduo da Sex, fã de reggae e rock experimental. McLaren viu nos rapazes uma criatividade que poderia ser aguçada por ele, realizar o seu plano de laboratório musical inspirado nas artes de vanguarda, o ícone que ele e Vivienne estavam esperando (ALEXANDRE, 2004).

permitiu um espaço permanente da banda nos meios da comunicação e na imprensa especializada.

A espetacularização promovida no dia-a-dia do Sex Pistols transformava-se imediatamente em manchetes de jornal; a imprensa dedicava-se em informar excentricidades da vida dos artistas. Para ocupar uma vaga no showbiz e ser objeto de contemplação midiática o artista reconhecido tanto quanto o aspirante à notoriedade deveria assumir e/ou relatar condutas escandalosas (MCCAIN, MCCNEIL, 2004, p.227).

A voz da imprensa designava como espírito da época: o punk dos Sex Pistols. Os jornais aumentaram as vendas e as gravadoras visando ao lucro, procuravam contratá-los, ou descobrir outras bandas semelhantes. Através das influências da mídia e do mercado, que paulatinamente infiltravam-se no movimento punk pelas mãos de MacLaren na arquitetura Pistols, “os Pistols conseguiam vender o nada impunemente, com a própria benção da sociedade”. Transformara-se em simulacro através de uma hábil estratégia de propaganda e de manipulação, a forma de ser punk. A espetacularização dos Sex Pistols escondia a sua inserção no mercado de consumo (BOLLON, 1993, p.149) <sup>113</sup>.

O punk saía do subterrâneo e ganhava o mundo ao som de músicas como God Save the Queen, Pretty Vacant e Anarchy in The UK, marchas do punk com a significação de escárnio e destruição que tornaram a loja Sex de MacLaren e Westwood um point da moda londrina.

---

<sup>113</sup> No Jubileu da rainha Elizabeth II em 18 de junho de 1977 os Sex Pistols estavam a bordo do barco Elizabeth Queen juntamente com 120 pessoas (empresários da gravadora e executivos da mídia). Sid Vicious fez seu baixo passar pelo peito de Rotten e pelos fotógrafos iniciando uma briga. Cercados por embarcações da polícia que invadiram o Elizabeth Queen todos os convidados sofreram violenta agressão policial. Vivienne Westwood foi uma das pessoas a ser arrastada e pisoteada. McLaren indignado com a agressão “recebeu uma das surras mais brutais, sádicas e gratuitas”. Em seguida “[...] dois camburões foram lotados rapidamente. Os policiais distribuíam golpes mesmo quando você não estava se mexendo, e se safaram porque são a lei e porque podem” (PARSONS, 2005, p.51).

Por volta de 1978 a trajetória Pistols chegava ao fim<sup>114</sup>. A mistura de rejeição e fascínio preconizada pelo punk rock levou Londres à posição de capital mundial da moda alternativa, Malcom MacLaren e Vivienne Westwood haviam conseguido realizar o seu intento. Sobre os escombros da era Pistols, Westwood conseguiu ingressar para o centro da alta costura internacional, ao cooptar o comportamento de jovens operários e desempregados ingleses, materializando-o em coleções no cenário da moda, recebeu a titulação de Rainha Punk. MacLaren finalmente, havia conseguido o título de guru da cultura pop.

“[...] o punk foi alcançado, *engolido* [...]. Do estilo flutuante, *vivo*, evoluindo constantemente e refletindo uma diversidade de sentidos às vezes contraditórios entre si, o movimento *punk* se transformou numa moda precisa, petrificada, acabada, unívoca, possuindo suas armas e brasões, e se tornaria em breve, da mesma maneira que os *shetlands* e os *pubs*, uma espécie de ‘imagem de marca’ da Inglaterra, que se exhibe nos cartões-postais e se exporta para Deus e o mundo...” (BOLLON, 1993, p.143).

A partir de 1978 o movimento punk chegou a São Paulo sendo assumido inicialmente por jovens residentes nos subúrbios e jovens associados ao movimento sindicalista do ABC paulista.

Condizente às contradições sócio-político-econômicas e históricas do contexto nacional, “a rebelião punk no Brasil não fora uma cópia importada do punk de fora, mas uma identificação adaptada à realidade local” (BIVAR, 2001, p.94).

---

<sup>114</sup> O glamour e a espetacularização do uso de drogas, da violência e dos escândalos acompanharam os Pistols desde a sua meteórica ascensão até a sua derrocada. Em outubro de 1978 os integrantes dos Sex Pistols já haviam se separado, Paul Cook e Steve Jones continuaram juntos formando a banda The Professionals. Sid Vicious permanecendo fiel ao signo (auto) destruição criado para a divulgação da banda Sex Pistols foi para Nova York com sua namorada Nancy Spungen (1958-1978). Após uma noite de festas, na manhã do dia 13 de outubro na suíte do Hotel Chelsea, Nancy foi encontrada morta a facadas no banheiro, Sid suspeito do assassinato foi preso. Libertado, em dezembro se envolveu em brigas com o irmão de Patti Smith indo preso novamente, na prisão foi espancado e estupro pelos outros presos. Após duas semanas foi libertado indo para a casa de sua mãe, depois de uma noite de festas com muita heroína foi encontrado morto. Consta que Sid Vicious havia deixado escrito que gostaria de ser enterrado com sua jaqueta de couro, com uma calça jeans e com suas botas de motociclista, não atendendo o seu pedido, sua mãe o cremou deixando suas cinzas serem espalhadas no aeroporto de Heathrow. A própria morte de Vicious fora transformada em espetáculo (ALEXANDRE, 2004).

“Se vivesse no bairro da Vila Carolina, na zona norte de São Paulo, Steve Jones não roubaria equipamentos durante os shows. Johnny Rotten não seria um habitué de uma loja de moda – porque não havia lojas de moda. O sonho possível de quem era adolescente era, no máximo, juntar-se às gangues da região” (ALEXANDRE, 2004, P.63).

Nesse contexto, Clemente Tadeu Nascimento, um adolescente negro e pobre da Vila Carolina, teve acesso às coletâneas dos New York Dolls, MC5, Stooges, passando a traduzir suas letras criou o primeiro grupo punk de São Paulo, os Restos de Nada. Nesse mesmo tempo no centro de São Paulo foi inaugurada uma loja chamada Wop Bop, ponto de encontro para os interessados em punk; um dos balconistas da loja Walson (apelidado de Sid pela semelhança que tinha com o baixista do Sex Pistols) organizou outro grupo punk, o AI-5<sup>115</sup>.

[...] aquelas duas bandas e aquela loja de discos formavam quase uma ‘cena’ de verdade. [...]. O ‘público’ era na verdade, os membros de gangues dos bairros suburbanos da cidade – o que era garantia de briga certa. O primeiro show, no início de 1979, reuniu as duas bandas num porão de um canteiro de obras no Jardim Colorado, zona leste da cidade, no meio do nada” (ALEXANDRE, 2004, p.65).

Rapidamente proliferaram bandas e grupos que paulatinamente fortaleciam as bases do punk brasileiro: o grupo Cólera (de Capão Redondo, zona sul de São Paulo), os Condutores de Cadáver, os Inocentes, Verminose, Lixomania, Anarkólatras e Olho Seco. Na estação de São Bento trocavam fitas cassetes e fanzines como o Factor Zero, o SP Punk e o Vix Punk. A maior parte dos punks

---

<sup>115</sup> O AI-5, Ato Institucional nº. 5 deu origem a mais de 12 atos institucionais, 59 atos complementares e 8 emendas constitucionais no governo Costa e Silva e da junta militar que o sucedeu. Permitiu a legislação de exceção e a coerção absoluta do regime militar com completo controle da vida nacional (cassações, crimes contra a segurança nacional, suspensão de eleições, reformas administrativas viabilizadas por decretos, suspensão de direitos políticos, sanções a pesquisadores, professores, intelectuais, instituições de ensino e pesquisa, repressão, censura e controle das mídias da comunicação, exílio, pena de morte). O AI-5 foi revogado pela Emenda Constitucional nº. 11 de dezembro de 1978.

brasileiros entre 1978 e 1980 eram contínuos e office-boys, o centro da cidade tornou-se o ponto de convergência e intersecção entre os grupos<sup>116</sup>.

Em agosto de 1981 organizaram um festival itinerante, o Grito Suburbano, o jornal O Estado de São Paulo publicou reportagens sobre o evento intitulando-o de Geração Perdida, retratando os envolvidos como jovens pobres e desocupados que passavam os finais de semana bebendo, se drogando e roubando pessoas no metrô. O primeiro disco punk brasileiro surgido desse festival e dele recebendo sua denominação, difundiu o movimento incentivado por Antonio Bivar, promotor de O Começo do Fim do Mundo<sup>xx</sup>, o grande evento punk realizado no Brasil, que terminou em confronto com a polícia.

O punk brasileiro iniciado em São Paulo disseminou-se por todo o território nacional. No manifesto punk redigido por Clemente Tadeu denuncia-se o antigo, o ultrapassado e a sua cooptação ao mercado:

“[...] fora com o mofo da MPB! Fim da idéia de falsa liberdade! Nossos astros da MPB estão cada vez mais velhos e cansados, e os novos astros que surgem apenas repetem tudo o que já foi feito, tornando a música popular uma música massificante e chata. Mesmo assim, eles ainda conseguem fazer o povo chorar. Não sei como, cantando a miséria do jeito que eles a vêem, do alto, mas que não sentem na carne, como nós. E também choram de alegria, quando contam o dinheiro que ganham” (ALEXANDRE, 2004, p.69).

Afirma-se categoricamente que:

---

<sup>116</sup> O grupo Língua de trapo, formado em 1979 por estudantes da Faculdade Cásper Líbero, é um exemplo típico da esfera da comunicação. Apresentando-se em shows e vendendo as músicas gravadas em fitas cassetes, gravou seu primeiro disco independente em 1982. Detentora de inúmeros prêmios, reconhecida no cenário nacional, essa banda reconhece sua integração às produções de Adoniran Barbosa (1910-1982), Noel Rosa (1910-1937), Moreira da Silva (1902-2000), Germano Mathias (1934), Alvarenga (1912-1978) e Ranchinho (1913), Jararaca e Ratinho, Zé Fidelis (1910-1985), Os Mutantes e Joelho de Porco. Destacamos Vampiros S.A., Como é bom ser punk e Os metaleiros também amam do grupo Língua de Trapo, esta última, também cantada pelo grupo Joelho de Porco. Grupos que parodiaram enunciados punks, os membros do movimento (office-boys) e principalmente a trajetória do grupo Sex Pistols. Dessa mesma esfera faz parte a produção musical de Gilberto Gil (1942), Punk da periferia (1983) com o seu conhecido refrão: Sou um punk da periferia, sou da Freguesia do Ó. Ó, Óoooooooo, ó aqui pra vocês!

“Nós, os punks, como uma nova face da música popular brasileira, com nossa música não damos a ninguém uma idéia de falsa liberdade. Relatamos a verdade sem disfarces, não queremos enganar ninguém. Procuramos algo que a MPB já não tem mais e ficou perdido nos festivais da Record e que nunca mais poderá ser revivido por nenhuma produção da Rede Globo de Televisão. Nós estamos aqui para revolucionar a música brasileira (...), para pintar de negro a asa branca, atrasar o trem das onze, pisar sobre as flores de Geraldo Vandré e fazer da Amélia uma mulher qualquer” (ALEXANDRE, 2004, p.69).

O movimento punk integrante de capitais e grandes centros urbanos brasileiros em acordo à proposta punk “faça você mesmo”, rejeitou o regionalismo<sup>xxi</sup>, a paródia<sup>xxii</sup>, a música de protesto<sup>xxiii</sup> e o samba<sup>xxiv</sup>. No entanto, de modo semelhante à produção musical punk inglesa, também fora cooptado pelo mercado da música brasileira que diluiu a proposta punk em bandas como Camisa de Vênus, Aborto Elétrico e Blitz 64 (destes dois grupos saíram o Capital Inicial e Legião Urbana).

No processo de redemocratização brasileira encerrava-se a era de protesto, de descrença no futuro. Com a democracia reinstaurada o mercado não podia mais vender a revolta e a indignação.

O chamado período pós-punk<sup>117</sup> da nova onda (new wave) transformava o estilo anti-musical punk em acordes melódicos e letras românticas, não se incitava mais a ruptura com o mercado como a contestação punk pregara, pois, da liberdade política reconquistada os enunciados declaravam a diversão e o prazer.

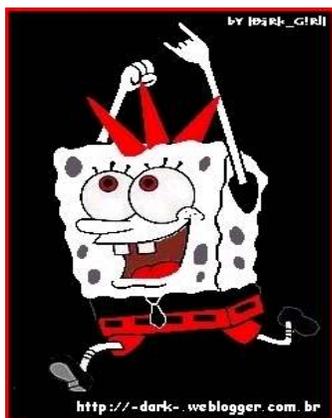
---

<sup>117</sup> O grunge, estilo musical também chamado de Seattle Sound tornou-se comercialmente bem sucedido como uma ramificação do punkrock, porém aperfeiçoado. Ao lado de um som forte produzido por guitarras e bateriais são difundidas letras melancólicas e cheias de angústia. As principais bandas que divulgaram esse gênero musical foram: Alice in Chains, Bush, Candlebox, Foo Fighters, Green River, Hole, L7, Melvins, Mother Love Boné, Mudhoney, Nirvana, Pearl Jam, Screaming Trees, Silverchair, Soundgarden, Stone Temple Pilots, Tad, Willard. Bandas como os Raimundos, e os atuais CPM22, Simple Plan e blink-182 também são refrações do punk inicial da década de 1970. Como ramificação do punk destacamos também, o atual gênero denominado Emo iniciado ainda nos anos 1980 em Washington designando a bandas que tocavam letras introspectivas com batida pesada. Os emos são representantes do punk do final da década de 70, o chamado emotional hardcore que mesclava som pesado a letras românticas (essa vertente punk foi formada pelas novas influências da new wave) . O visual emo inova nas relações que faz entre coturnos e calças justas punks, conjugados a uma camiseta com a gatinha da Hello Kitty e a acessórios como os colares da Wilma (a mulher de Fred Flintstone).

O movimento punk inicialmente batizado como “arcanjos do mal” foram transformados em simples revoltados “normais”, mera mercadoria. O movimento punk “triunfava como moda, no mesmo momento em que morria como ameaça” (BOLLON, 1993, p.144).

O desencantamento com o capitalismo tornou-se o sustentáculo do próprio capitalismo: os quase lendários Sex Pistols transformaram-se em personagens de histórias em quadrinhos, filmes e slogans de camisetas.

Músicas do The Clash foram utilizadas como trilha sonora para filmes publicitários da Levi's, a cultura punk (cabelos, cores, trajes) passou a fazer parte da divulgação de desenhos animados e de feiras de animais.



(www.-dark-.weblogger.com.br. Acessado em 20/11/2006)



Os casacos militares, as jaquetas de couro de brechó, os coturnos usados, as roupas velhas, rasgadas e pichadas que criticavam o modelo mercadológico de sociedade, foram absorvidos como mercadoria e fetichizados pela espetacularização promovida pelo mercado consumista.

Desse redirecionamento sígnico, o inconformismo com o consumo e a total descrença no futuro, desfilaram em passarelas da moda apresentando jaquetas de couro negro, botas, jeans surrados, roupas e acessórios de metal, piercings,

cabelos raspados e espetados, e até mesmo uma estilizada reinterpretação de um *tailleur*.

As cores punks inseriram-se no mercado da moda: o preto e o branco em modelos simples com rasgos intencionais e buracos planejados reverberando um tom de degeneração, decadência e mendicância.

No Morumbi Fashion em 2000 a marca Ellus trouxe para a passarela a moda punk, em 2001 na Fashion Week com o estilista Alexandre Herchovitch, e ainda na coleção inverno da Colcci em 2001 da moda brasileira, foi apresentado como estilo uma mixagem do punk dos anos 80 e do look clássico dos anos 50 predominando jeans surrados com rendas e chiffons.

Na cultura contemporânea, na esfera da informática os discursos punks remixam os fanzines e o comportamento livre e descomprometido do faça você mesmo (blogs ou podcasts). Na internet se produz e se distribui a informação sem limites editoriais e burocráticos, sem normas específicas. Na cibercultura<sup>118</sup> os

---

<sup>118</sup> Na década de 80 o termo *cyberpunk* foi usado numa resenha com título de *Hot New Writers* para o *The Washington Post*, escrita pelo jornalista Gardner Dozois (1947), editor da revista de ficção científica *Isaac Asmov Magazine*, para se referir a um grupo de escritores americanos: Michel Bruce Sterling (1954), Rudy Rucker (1946), Lewis Shiner (1950), John Shirley (1953), Pat Cadigan (1953) e William Gibson (1948) que relatavam em suas histórias indivíduos marginalizados em ambientes culturais de alta tecnologia, nos quais sistemas dominavam as vidas de pessoas comuns. Este sistema poderia ser tanto um governo opressivo, um grupo financeiro monopolista, uma corporação paternalista, como um conjunto de fundamentalistas religiosos, que tinham seus sistemas potencializados por tecnologias de informação (meios de comunicação de massa, redes de computadores) mantendo presos a eles seus usuários. Frequentemente estes sistemas tecnológicos se estendiam até os componentes humanos através de implantes mentais, próteses, criação de seres gerados a partir de engenharia genética. Os próprios humanos faziam parte da Máquina. Todos àqueles que viviam como marginais: criminosos, excomungados, visionários, ou simplesmente quem desejava liberdade do sistema eram os transgressores. O foco das narrativas estava nestes indivíduos e em como eles subvertiam o uso das ferramentas tecnológicas criadas para o controle da vida social. Os temas *cyberpunks* dialogam com conquistas da tecnologia de ponta: implantes corporais (circuitos, órgãos artificiais, drogas, cirurgia plástica, mudança genética, interface cerebral), inteligência artificial, neuroquímica, mundos virtuais e ciberespaço. Os personagens *cyberpunks* são outsiders que buscam encontrar soluções para manterem-se vivos fora do sistema. Junto a essa mesma esfera, o *cyberpunk* abrange ainda, todo indivíduo que nas fronteiras do ciberespaço, externaliza de forma adaptada às condições midiáticas, suas idéias, apregoando informação livre, gratuita e uso universal ([www.zinekaos.com.br](http://www.zinekaos.com.br)), ([www.comciencia.br/reportagens](http://www.comciencia.br/reportagens)). Acessados em 25/11/2006.

signos punks formam uma nova arena discursiva nela permanecendo seu enfrentamento ideológico.

No punk de rua, permanece a dinâmica viva do movimento, que denuncia ativamente o padrão mercadológico de troca:

“O custo vital está muito alto, não tenho mais como pagar. Estou pensando em negociar minha alma com o diabo para no S.P.C. jamais entrar. Se eu quiser permanecer em crédito com os homens é isso que vou ter que empenhorar” (MPC, 2004).

O punk ao optar por “reinar no pavor dos campos de sangue do que agonizar na calma da submissão”, se considera “uma roupa rasgada, uma folha amassada, um varal derrubado, um balde transbordado, um recado esquecido, nada mais que um cinzeiro usado na esquina de um beco apodrecido” (MPC, 2005).

Consciente de sua exclusão dos parâmetros sociais assume uma posição de defesa e combate mútuos “não se aproxime: eu sou perigoso. Posso te devorar, te destruir... beber o teu sangue e, assim, acalmar a dor. Ódio! De mim... de ti... do mundo... não se aproxime... não me toque... suma!” (MPC, 2005).

O vivenciamento punk é o de:

“Simulando esperança, ando distraído procurando um abrigo. Caio em precipícios, nadando por turbulências desconsiderando meu obscuro. Me pego procurando pedras, deturpando idéias, crivando células, implorando cédulas, me encarnando em matéria, me dissipando em velas, me recompondo em cavernas, me recriando às pressas, em horas e manobras, em lacunas de ser e estar” (MPC, 2004).

“Quarto pulsante em dor, lástimas, lágrimas, lombrigas, bitucas, formigas e amarguras coladas aos meus traços. Lapsos de terror, o gelado das paredes vai consumindo o cansaço, o descaso. Dançando embriagados aos obscuros sentidos, entretemo-nos entre cinzas, coloco-me a ti proporcionando prazer. Beije-me em cinzas...” (MPC, 2004).

A cultura punk afirma que “sou filho do caos, fruto das desigualdades do mundo, sou alguma coisa fora da nova ordem mundial, sou punk” (MPC, 2004).

Declara que sua identidade é o reflexo da situação social a que está inserido: “ando, atravesso, me alastro, me desintegro. O retrato da minha imagem é o retrato do subúrbio do qual me faço e me refaço, catando os seus e os meus estilhaços” (MPC, 2004).

A cultura punk, excluída e repudiada, constitui outra rede de socialização, fundamentada na valoração ideológica comum a todos os que foram excluídos e agora sobrevivem como resistentes: “amo minha kontra-kultura, amo com cada milímetro de ódio que fermenta em meu corpo. O punk é minha vida” (MPC, 2004). “Teu beijo tocou em mim com o calor da verdade, encontrei a solução nas suas palavras, no nosso círculo de amizade” (MPC, 2005).

Ser punk é assumir uma condição de instabilidade em que:

“Prefiro beber ácido e graxa a ter que se alimentar da sua desgraça. Invado lixos e becos, mas não quero sentar a mesa com os inimigos do povo. Não durmo, não sou, não estou. Mas, sempre sendo para o retorno de nós mesmos” (MPC, 2005).

Na interação comunicativa o eu e o outro articulam, interpenetram-se: “ando pelas ruas como um fantasma. Causo repulsa, acordo suas falhas. Por que me detestas? Minha imagem é o teu corpo que em mim se reflete, são fagulhas das nossas misérias, do nosso ódio, das nossas mazelas” (MPC, 2005).

Ele sabe o que o outro pensa e diz sobre ele. O punk articula o olhar do outro para responder: “me abra os seus olhos e através deles tenho aplacado a ânsia de amor e ódio” (MPC, 2006).

Ou ainda, “na esperança do ódio, não há amanhã. Se o teu olhar só pode me atacar, ataco antes você. Como? Com os restos que guardei de você”; “eu

assumo a luta da vida, enquanto você disfarça estar a passeio em uma loja de brinquedos. Aí está uma grande e essencial diferença entre os meus olhos e os seus” (MPC, 2004).

A cultura punk enuncia as desigualdades sociais: “tem um cemitério abaixo e entre nós. Respiramos o sangue de homens, mulheres e crianças que foram renegadas pelo sistema que é ostentado e permitido por nós” (MPC, 2004).

Declara sua luta contínua: “lágrimas toscas revolvem em sangue. Olhos em vendas dissipam lembranças. As correntes em mim, em nós. Somos todos legionários de uma campanha sem fim” (MPC, 2004).

“As pedras, os rumores, as desigualdades sem fim. A mortandade e as dificuldades são nossas lutas em prol da liberdade. Não quero fechar os olhos simplesmente, quero erguer minhas mãos contra esse poder insolente. Vamos elevar a diferença, destruir o autoritarismo, empunhar entre as minhas e as suas mãos a rosa punk, a rosa da dignidade” (MPC, 2005).

As metrópoles são descritas pelos punks de rua como campos de batalha, que refratam os noticiários de outras guerras existentes no mundo:

“Aqui na guerra... pra todo lado que eu olho vejo pessoas correndo, gritando, vejo corpos... muitos corpos... no ar predomina um cheiro forte de pólvora e sangue. As TVs e os jornais declaram o começo do fim do mundo, estamos na última guerra. Os responsáveis por tudo isso são muitos: o ódio, a ganância, o poder... são os principais motivos de tal selvageria. Todos são vítimas! Todos são assassinos!” (MPC, 2004).

Participando desse circuito da informação em que a barbárie da guerra se torna entretenimento, o punk assinala a barbárie do viver urbano contemporâneo:

“Marcas de sangue, traz a falange do mal. Gritos de socorro ecoam do cativeiro. Algemas por todos os lados, só é ódio, rancor e revolta a nossa volta. Observamos dor, participamos em sangue e cinzas, são entretenimentos feitos de desespero, anestesia de marcas a ferro, tédio e arames farpados me assolam, me desintegram” (MPC, 2005).

“Estamos envolvidos em banho poluente de fumaças, sirenes, ossos e carnes. Qual será o fim do processo que coloca em exposição sua carne com etiqueta dependurada em um cabide? Desintegração, repartindo ossos com os lobos famintos dos lixos urbanos? Ou, defecação demonstrada como arte surreal? (MPC, 2004).

O mal está presente nas relações contemporâneas, provocando dor, sofrimento, indiferença e rejeição.

“Caos se alastra em trilhas de ácido e discórdia. Transformando sonhos, amor e amizade em pólvora acesa da mais triste saudade. Quero te olhar e me olhar. Quero afastar a repulsa, a indignidade que me acusa, que entristece em navalha e corta minha veia e se alastra em minha alma” (MPC, 2005).

“Derramando destroços, erguendo a luta entre amor e ódio. Gritos, sussurros e escarros avançam por sobre o silêncio. Pulsando em vulcânica chama, as vozes que dilaceram a luta diária do mal que não passa, da fome que aplaca, da dor que não nos escapa, da sombra da miséria que aos prantos une na mesma cela, nós, os estranhos” (MPC, 2005).

Na cultura punk, denota-se a importância da forma e da ordem do discurso:

“Minha palavra é o incêndio que se alastra e conflagra e flagra, abre as chagas. Oxigênio não se acaba. Chama alimentada pelo ódio do inimigo, sistema do ópio que deixa o povo dividido. Os prédios imponentes e a favela submissa, a grande obra-prima do sistema capitalista. O que ocorre nas veias do ser opressor, é a prepotência de quem se julga superior; que se transforma em ódio e epidemia, a burguesia sobre de guetofobia. E nem a medicina encontrou o antídoto, não há vacina pra pobreza de espírito. Mal galopante, agudo, crônico. O preconceito é um sinal o terminal é o pânico. É a saga do povo que agora se repete. Onde houver injustiça sempre haverá um rebelde, ele tem medo de nós, pois somos a maioria. A burguesia sofre de guetofobia” (MPC, 2004).

Trata-se, sobretudo de divulgar e adotar a vida libertária:

“Eu quero ser livre, pisar em cacões, beber orvalho, provocar escárnio, deitar e rolar sobre o seu reinado. Beijar a rua, acordar nua. Andar sobre cinzas, caminhar entre rimas, amar nas esquinas, casar em teu enlace no gueto entre uivos de gatos e sirenes de carros. Quero desatar os nós entre eu e você, quero viver a sós entre a multidão, quero dormir e amanhecer sem

despeito, sem remorso ou preconceito, quero me sentir no mundo e ao mesmo tempo sentir o mundo em mim” (MPC, 2004).

“Rolam as pedras, cortam nossas faces. O orgulho e a soberba destrói irmandades. Vem viver o amor livre, a amizade livre, o espírito livre. Vem sonhar em ter asas, vem dançar comigo de madrugada. Vem me amar em frente ao sinal, vem conhecer a noite, viver a sorte, evitar a hora e o tempo, vem acontecer agora, enquanto ainda há tempo” (MPC, 2005).

O movimento punk por apresentar discursos sócio-históricos específicos apresenta-se no circuito da comunicação como mais uma valoração cultural, dentre tantas existentes na pluralidade social. Tendo suas raízes dialógicas erigidas no processo de desenvolvimento da sociedade capitalista-industrial, seu caráter de conflito e resistência instaurado nas valorações do outro estabelecido, destaca alteridades opositoras como: o Estado, o mercado capitalista, o comportamento consumista e os valores de uma sociedade burguesa.

Desse modo, o outro na discursividade punk apresenta diferentes dimensões de alteridade, todas conectadas com a negatividade do processo de acumulação capitalista.

No processo de interação, o Estado é visto como:

“Usurpador e tirano, o Estado de hoje são os grilhões do passado, que subjagam o homem bom com a mentira de uma democracia aberta a todos e todas sem distinção. Mas nós sabemos, o Estado é o punhal e a mordaca, que corrompe, humilha e lança ao chão” (MPC, 2005).

O Estado capitalista é para o movimento punk uma:

“Figura cruel, desumana e tirana que ao falsear suas verdadeiras tramas nos corrompe, nos invade e nos joga na última calçada em meio à lama. Sua onipresença é a corrente que nos segura ao açoite diário, sua superioridade nada mais é que o grito do animal diabólico que cozinha no óleo quente suas presas para mais tarde devorá-las com requinte de satânica sutileza. Ele te dá o trabalho, a saúde e o saneamento básico? Não! Ele te oferece as migalhas para depois comercializá-las te fazendo penhorar sua própria alma” (MPC, 2005).

Nesses discursos, a demonização do Estado é acompanhado da condenação às articulações políticas.

“O antro político... contos históricos... burgueses, liberalistas espertos, são como ratos dos laboratórios. Eles te furam um olho e vocês o adoram pela bondade de não ter furado o outro... Eles te exploram em tudo, defendem a desigualdade que lhe atinge, pra depois fazer campanhas contra a fome. Mas vocês continuam votando... Acreditam na democracia, mas não se esqueçam que aqui ela é fascista... Querem me roubar? Pois então levem-me à falência!! Mas por favor, deixem em paz a minha sã consciência” (MPC, 2004).

Ao tecer para o Estado essa valoração, convocam os que compartilham do seu círculo semiótico: “[...] rebeldes do sistema empunham suas armas. Sempre na luta pela liberdade, para a derrubada da autoridade, façamos nossa luta coletiva em nome do povo, em nome da igualdade, em nome da justiça” (MPC, 2005).

Aos órgãos de segurança, o punk declara: “os tranca passam arrastando desgraça. Suor, sangue e mal que não passa. Diverte cérebro inerte. Balaio humano, escroto revestido de cacete” (MPC, 2005).

Ressalta: “anjos? Estão armados de fuzil. Olha o caveirão justiça para os pobres e excluídos dessa nação. Quem tem pulsos em ferida somos nós, os que ainda teimam em gritar por insubordinação” (MPC, 2005).

O punk ratifica os preceitos de Mikhail Bakunin relatando sob o seu enfoque a hipocrisia da religião (BAKUNIN, 1988).

“Enquanto milhares morrem de fome a todo instante, vocês os representantes do homem, gozam a vida nos corredores de ouro das suas igrejas frias. Enquanto os loucos gritam diante do altar, pedindo por suas almas, sua vida é invadida, humilhada e despedaçada. Você engana homens e mulheres jurando existir uma vida santa, mas o que você quer é enganá-los para que os pobres coitados te entreguem todo o vil metal do seu presente e passado. Enquanto você finge ter uma vida pura, à meia-noite seu quarto se reveste de putas. Esse é o templo sagrado que quer me oferecer? Não, muito obrigado. Prefiro aceitar minha vida pagã, ela é frente a sua muito mais sã” (MPC, 2005).

Refratam ainda, a negação dos laços familiares e a prescrição da coexistência comunitária.

“Minha família é o meu grupo, meus companheiros que enquanto os BURGUESES CAPITALISTAS comem num banquete, nós, sugamos o fundo dos lixos e barracas de peixe. Eu sou o que a realidade reflete, sou filho do caos, da desigualdade, do sofrimento, do absurdo. Minha mãe são aquelas que, na noite ou no dia se vendem em troca de bebida, ácido ou resto de comida para as crianças dentro de um barraco quase sem vida. Não tenho laços fraternos, tenho apenas gritos e sussurros a me assombrarem pelas esquinas e pelos brejos onde minha casa caótica toma sua forma. Minha família é minha denúncia. Minhas palavras que para você são sujas, são meus acordes de morte e combate à família capitalista que permanece absoluta a reinar sobre as nossas vidas imundas” (MPC, 2005).

Diante dos padrões de beleza da sociedade capitalista, o punk apresenta o seu valor de estética:

“Amo minha face pintada de negro, de roxo brindando o proibido, o desejo. Adoro meus cabelos cortados, talhados, raspados, espetados em tons de vermelho, de azul, de verde, para você cores de indigente. Minha roupa carrega alfinetes, pregos e navalhas, nos bolsos levo as traças, as baratas e as bostas de rato misturadas com as migalhas da cinza da bituca antes de ontem tragada. Nos meus pés, o meu coturno remendado para pisar a vaidade da militância que enfeita nosso país sem coragem. Sou anjo negro, sou diabo, sou a besta, a peste, o animal que tua pobre inocência no fundo persegue. Eu me mostro e te mostro, porque nas minhas roupas e no meu corpo o que vigora são as marcas dessa vida abrupta e louca” (MPC, 2005).

Conscientes de sua interação, os punks convocam a todos os que partilham da mesma comunidade semiótica, da mesma esfera para:

“[...] lutar a revolução. Se esta for morrer, façamos nós da rua nossa bandeira irmãos. Somos o hoje, e é a cena do hoje que nos conduz em todas as esquinas e becos a um mesmo acorde: o acorde de nossa revolução. Quando esta estourar, será nas praças a festa dos nossos beijos, dos nossos sonhos e filhos livres sem medo. Quando o levante do nosso povo enfim estourar, em nós brilhará a luz dos nossos arqueiros, todos rumando a um horizonte sem morte, dor e desespero” (MPC, 2005).

Expressando no circuito da comunicação uma total aversão aos valores sociais estabelecidos, o sujeito punk denuncia: “entre os prédios imponentes da cultura capitalista, se alastra pelos bueros o sangue e o suor das massas inocentes” (MPC, 2006).

Para o universo semiótico punk a cultura capitalista é “o monstro sorrateiro que vive nas sombras da burguesia, essa marcha insolente que rouba vidas negociando almas na vala da hipocrisia” (MPC, 2005).

Os punks adotam práticas sociais de solidariedade às prostitutas, mendigos, meninos de rua e demais pessoas que vivem em abrigos, albergues, nos espaços abertos urbanos, vistos como seres humanos oprimidos: “o suor do gari que limpa sua sujeira é nobre sangue da terra frente a sua idiota indolência” (MPC, 2005).

Sublinham os sujeitos sociais:

“Toda noite lá vai... faça frio ou faça chuva, lá vai ela, buscar seu sustento e dos seus filhos. Lá vai ela, carregar sua cruz. Pela vida dos seus filhos agüenta tudo, desde o toque estranho, a violência e a exploração do seu bem mais valioso, o seu corpo, sua vida... lá vai ela, que como mãe merece aplausos. Lá vai ela, mulher de luta que como prostituta merece respeito!!!” (MPC, 2004).

“Sou a favor da puta, prostituta, minha mãe, minha amiga, minha irmã, sua vagabunda. Ela luta pela vida entre destroços do que você fez morrer. Estou ao lado do mendigo, do menino, do ladrão, do assassino, do corrompido, do perdido, do louco, do esquecido, do perdido, do insano, do desconhecido, do proibido, do seu filho” (MPC, 2005).

“Apelo em favor daqueles todos que sobrevivem nas sombras das marquises... são negros, prostitutas, favelados, mendigos, marginais. Estigmas da sociedade que abusa, tortura e mata por trás de um véu de hipocrisia, que esconde suas armas em falsos suspiros de inocência, que não deixa ver como é cruel sua displicência, sua loucura, narcisismo e violência” (MPC, 2005).

A utopia revolucionária punk entrelaça-se a uma ambígua passividade:

“Aceito a magia das matas, dos quintais, dos centros, dos becos e dos motéis. Aceito tudo o que pra você me deforma. O ópio na veia a se espalhar pelo sangue, o cálice proibido a invadir a boca e a mente, o desapego às normas a me guiar para o amor, a paixão, a solidão e a depressão livres da padronização, das imposições da sociedade. Aceito a tudo que me deixe livre para escolher até quando existir ou deixar de ser” (MPC, 2005).

Dito de outra forma:

“Nascemos, já fazemos parte dessa podridão, nos jogam em um sistema falido, que nos condicionam, nos ensinam a consumir, nos dão um deus, nos mostram uma vida. Nos empurram padrões, conceitos. Nos ensinam suas leis, nos padronizam: as escolas formam cidadãos, isso acaba sendo ‘natural’, o egoísmo já está inerente em nossas mentes juntamente com um monte de outros pensamentos, crescemos e, a maioria segue o ciclo normal, se forma bom cidadão, paga seus impostos, constitui família. E nós, uma minoria tenta desafiar esse enorme sistema. Essa é a nossa luta! A luta contra algo muito grande que encobre e comanda nações desse planeta. E nós apenas indivíduos, o que nos sobrou foi isso: a resistência, a luta pela sobrevivência. Saia das massas, junte-se a nós, os excluídos, os marginalizados, nós, a ferrugem desse sistema!!! LUTE, RESISTA, DESOBEDEÇA!” (MPC, 2004).

Desse processo semiótico, dialogicamente vai forjar e divulgar na cultura contemporânea signos<sup>119</sup> anarquistas,



<sup>119</sup> Os signos apresentados, geralmente, são distribuídos pela cena punk em conjunto com a cena anarquista de Curitiba.



de significação da diversidade humana,



de apoio à ecologia,



de adoção libertária do anarquismo,



de um compromisso com a luta revolucionária,

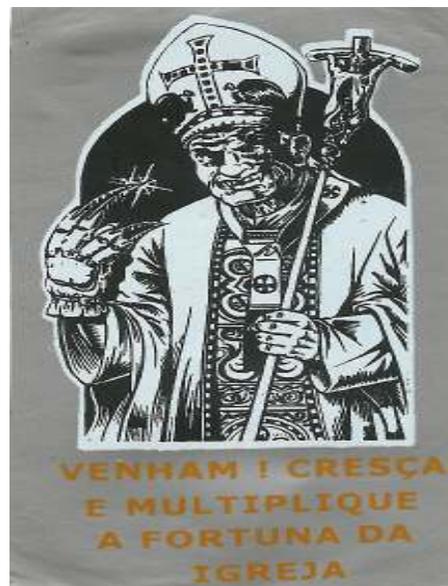


compromisso que implica em adesão à luta armada.



Refratando a negação das instituições sociais (religião, escola),





e das alianças políticas,



propõem o anti-nacionalismo,



o anti-autoritarismo,



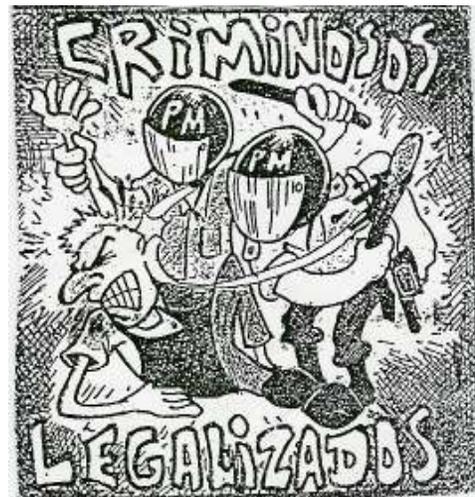
apelando para a criatividade humana/a libertação do indivíduo/ a sua autonomia.



Suas críticas às ideologias totalitárias,



à agressão e à violência,



à lógica do mercado.





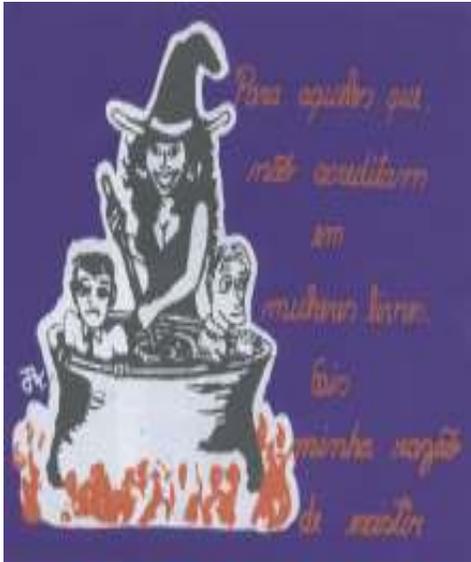
Orientam-se também para a censura,



para o preconceito racial,







denotam a falência da estrutura social e dos seus sistemas.



Explicitam a teoria do valor na troca capitalista,



rejeitam a política partidária,



a militarização,



e o sistema de comunicação.



A cultura punk no dialogismo instaurado com o anarquismo, o situacionismo e as vanguardas de arte constitui-se historicamente um foco de resistência às múltiplas estruturas que sustentam as variadas formas de produção de indivíduos, de suas existências, de suas consciências, de sociabilidades e de suas ações objetivas.

A cultura punk configura-se a partir de um conjunto sógnico, oriundo de outros discursos, apresentando-se não como cultura alternativa, mas sim como discurso ideológico que une passado e presente, que apresenta um universo de vozes sociais reiterando a “arena onde se desenvolve a luta de classes” (BAKHTIN, 1995, p.46).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao construirmos nosso estudo à luz da semiótica-discursiva percebemos que ainda vigora, em grande parte das pesquisas sociológicas, filosóficas e antropológicas, a consideração de juventude como uma categoria social. No endosso desta idéia não raro são utilizadas metáforas na tentativa de explicá-la, seja relacionando juventude com inexperiência e disposição à transgressão, seja relacionando-a com movimentos de contestação social e cultural considerando-a em sua maturidade, seu senso de estratégia e de ativismo político-ideológico como é o caso do movimento estudantil da década de 60 do século passado.

No poema **Metamorfoses** de Ovídio, presente no livro **História dos jovens** (1996) o conceito de juventude é esclarecido pela metáfora de uma das estações do ano, o verão. Associa-se juventude a fenômenos da natureza, “a estação das tempestades, das altas temperaturas, ora é o sol, ora é a chuva”, para expressar as oscilações emocionais, as crises de identidade dogmatizando o processo de ser jovem ora como dependente das instituições sociais no preparo para alcançar o mundo adulto, ora como encarregado de provocar revoluções (LEVI; SCHIMITT, 1996, p.12).

Essa correlação que inicialmente dá a idéia de romantização é na verdade profundamente ideológica. Cada fase do desenvolvimento humano apresenta limites e crises, não sendo possível, portanto, designar a juventude em abstrato, pois cada jovem assim o é em contextos históricos específicos. As revoluções no decorrer da história da humanidade tiveram como participantes vários segmentos sociais e geralmente as lideranças eram de pessoas mais velhas, o que

questiona qualquer pré-determinação do caráter desses movimentos, seja dos sujeitos nele envolvidos, sejam na forma em que as ações ocorreram.

Contudo, uma das visões que predomina nos estudos sobre a juventude, a determina como herdeira da função de contestação da sociedade, que possibilitaria a construção de parâmetros psicologizantes que conduziram os jovens desviantes à adoção de padrões de conduta considerados normais (COIMBRA, 1995).

Percebe-se a necessidade ideológica de demarcar os jovens bons dos maus, isto é, aqueles que serão rapidamente inseridos nos parâmetros institucionais e aqueles que serão rechaçados. Concomitantemente a este processo de diferenciação ocorre o de generalização: a juventude é denominada coletivamente como os anos dourados, os anos rebeldes, a geração shopping center, por exemplo.

Phillipe Áries no livro **História social da criança e da família** (1981), ressalta o caráter histórico da juventude, destacando que o jovem só passou a ser uma fase socialmente distinta, no decorrer do desenvolvimento da sociedade moderna ocidental, mediante a progressiva instituição de um espaço separado de preparação para a vida adulta, na medida em que acontecia a polarização da vida social e o desaparecimento da antiga sociabilidade coletiva.

Nossa perspectiva, contrária ao postulado descrito, é o da cultura que emerge no âmbito de uma formação social específica e estruturada no modo-de-produção capitalista, implicando em observar contradições sócio-históricas que forjam movimentos de contestação, de resistência e de confronto às imposições ideológicas, políticas e econômicas.

Se a juventude é edificada sob os signos de rebeldia, contestação, excentricidade e efemeridade, cabe dizer que estes signos têm um valor ideológico

especial dentro de cada cultura, de cada período histórico e em relação aos sujeitos envolvidos. Seja por idealismos literários, paixão revolucionária ou apenas por mudanças de comportamento cultural; um universo de possibilidades em linguagens tem-se descortinado. E a partir dessas possibilidades a juventude, como todo segmento social buscará se fundamentar para conquistar sua visibilidade em sociedade. Pois “sempre existiram indivíduos, nem sempre jovens e ainda menos necessariamente ‘marginais’, que se expressassem e se afirmassem através de um estilo, escala de valores e comportamentos” (BOLLON, 1993, p.11).

No início da década de 80 no Brasil, a transição da ditadura para uma democracia conduziu à reorganização dos movimentos populares e das lutas abertas contra o regime militar para a participação nas transformações sociais.

Em meio a esse período de definições, permeado por crises econômicas, a juventude sofreu de forma acentuada o estreitamento das possibilidades de arquitetar uma vida satisfatória por intermédio da carreira profissional e de sustentar a participação nos espaços do consumo e da diversão.

A crise estrutural da sociedade brasileira (saúde, habitação, educação, trabalho, entre outras) e a intensa complexidade e fragmentação do meio urbano gerou a necessidade de agilizar várias estratégias: de ascensão social, de satisfação das necessidades da classe subalterna, e de intervenções políticas imediatas dessa classe social, que permitissem o usufruto de uma cidadania plena.

O universo da linguagem ao abranger toda a atividade da cultura humana, descortina relações de poder e os conflitos que irão revelar o que Bakhtin define como o acontecimento aberto da vida.

Segundo os parâmetros de Mikhail Bakhtin, a dimensão social e histórica de uma realidade surge no dialogismo que se funda no valor que ocorre na interação

comunicativa. Nesse movimento relacional definem-se os sujeitos sociais, o conteúdo e a forma, na utilização de signos que transitam na cultura em comunidades, esferas/campos semióticos.

Na atribuição de valor, em função de uma dada comunidade, de uma dada esfera o plano relacional pode se determinar sob rígidas classificações e divisões. Domínios do conhecimento, espaços sociais, situações, pessoas, discursos podem ser classificados como negativos e perigosos. Contempla-se o outro em sistemas de interpelação que rejeitam a diferença e operacionalizam práticas que endossam normas, padrões, tradições culturais existentes.

Em contradição a essa lógica, ressaltamos que não existe uma essência substantiva do sujeito único, individualizado. O sujeito descentrado no universo pluringüístico da cultura articula-se em função do seu contexto e dos seus interlocutores.

O movimento punk expressa-se na cultura contemporânea refletindo e refratando a contradição da totalidade, a pluralidade da instância cultural, a diversidade sócio-econômica e político-ideológica efetivadas na dinâmica da linguagem.

Revitaliza seu discurso na interatividade de uma esfera libertária, devido às valorações que respondem às normas instituídas pela cultura e sociedade vigentes. Sob a interpretação da semiótica-discursiva de Mikhail Bakhtin compreendemos a cultura punk como uma das múltiplas facetas da comunicação responsiva.

Nos seus discursos, vozes sociais ecoam refletindo e refratando as condições sociais, no dialogismo entre eus-outros efetivado no circuito da

comunicação revela em sua dinâmica viva, o jogo dialógico que coloca todas as vozes no eterno processo de vir-a-ser.

Conecta-se ao processo de instabilidade e reconstrução histórica, do qual as relações sociais, os discursos e nós próprios somos constitutivos, no eterno processo de inacabamento da totalidade social, como seres incompletos necessitados da presença do outro, da alteridade formadora do nosso ser, da nossa vida, das inúmeras possibilidades que se oferecem de existir.

Desse modo, a cultura punk se institui e produz o sentido de seus discursos na comunicação que estabelece com o anarquismo, com o situacionismo, com o surrealismo, com o futurismo e com o dadaísmo para objetivar-se como opositor ao capitalismo.

A cultura punk é o conjunto das forças centrífugas que propõe uma utopia social que resiste ao processo de fetichização e reificação humana, discursando com a certeza da sua verdade, com a radicalidade de suas opções e absoluta convicção na autonomia e na liberdade entre homens e mulheres.

## NOTAS

---

<sup>i</sup> O filósofo alemão Immanuel Kant (1724–1804) desenvolveu em sua *Crítica da Razão Pura* (1781), uma síntese entre racionalismo e empirismo, rejeitando a especulação metafísica e a exclusão do sujeito, reconhecendo a sua contribuição ativa na constituição do conhecimento. Ao deter-se em condições a priori do conhecimento objetivo, presentes nas faculdades do espírito foi considerado um pesquisador a-histórico pelos marxistas que o criticaram por compreenderem as possibilidades cognitivas do homem sujeitas à transformação do desenvolvimento histórico. Ainda assim, as suas análises de um idealismo que buscava aproximar a filosofia do racional, foram um importante marco para os estudos das ciências sociais e suas disciplinas afins (história, sociologia, filosofia, antropologia), por ter servido como fonte aos críticos da visão positivista e empírica do conhecimento (HUISMAN, Denis. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988).

<sup>ii</sup> Segundo Miriam Goldenberg, a sociologia compreensiva tem suas raízes no historicismo alemão do filósofo Wilhelm Dilthey (1833–1911), que recusava tanto a ciência natural (discurso da coisa pura), como a filosofia da história (discurso especulativo da consciência pura). Propôs as Ciências do Espírito – o discurso da consciência que se sabe condicionada, relativa e que à maneira do idealismo kantiano, a teoriza na relação com as condições objetivas (REIS, 2000, p.42). Para Dilthey, sendo “os fatos sociais não suscetíveis de quantificação”, respeita-se a particularidade de cada um, tornando-se “necessário a singularidade” em sua abordagem, o que traz às ciências sociais a preocupação “com a

compreensão de casos particulares e não com a formulação de leis generalizantes” nos moldes das ciências naturais (GOLDENBERG, 2002, p.18–19).

<sup>iii</sup> A antropologia sistematizou-se como ciência após Darwin com a publicação de *Origem das espécies* (1859) e *A descendência do homem* (1871). Três conceitos básicos fundamentam a antropologia: aculturação, relativismo cultural e etnocentrismo. O processo de aculturação refere-se às situações em que uma cultura dominante impõe seus padrões culturais à cultura subjugada. A relatividade cultural ensina que uma cultura deve ser compreendida e avaliada dentro dos seus próprios moldes e padrões, assegurando ao pesquisador neutralidade na apreensão do objeto observado. A visão que define as sociedades primitivas dentro de um prisma de inferioridade cultural, considerando-as selvagens, bárbaras e de mentalidade atrasada é uma atitude etnocêntrica repudiada pela antropologia, que defende o princípio de que as culturas não são superiores ou inferiores, mas diferentes, com maiores ou menores recursos, com maiores ou menores desenvolvimentos tecnológicos. Em linhas gerais, sua evolução científica decorre no desenvolvimento teórico-prático do evolucionismo (as sociedades tidas como primitivas passariam para a história, na medida em que atingissem certo grau de evolução, comparado às características sócio-culturais européias), do funcionalismo (a sociedade passa a ser observada como uma totalidade, tal como funciona no momento em que é abordada, excluindo o etnocentrismo defendido pelo evolucionismo) e da antropologia interpretativa (caráter qualitativo à observação, defende o trabalho de campo, o diário etnográfico e a atenção ao indivíduo que pratica determinada cultura em um tempo e espaço históricos) de onde se ampliam as pesquisas em antropologia cultural, social e urbana. Destacam-se como principais antropólogos: Lewis H. Morgan (1818–1881); Edward B. Tylor (1832–1917); Arthur Evans (1851–1941); James Frazer (1854–1941); Émile Durkheim (1858–1917); Franz Boas (1858–1942); Marcel Mauss (1872–1950); Bronislaw Malinowski (1884–1942); Radcliffe Brown (1881–1955); Ralph Linton (1893–1959); Melville Herskovits (1895–1963); Margaret Mead (1901–1978); Claude Lévi-Strauss (1908); Clifford Geertz (1927); Darcy Ribeiro (1922–1997) (CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica**. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. [www.wikipedia.org.com.br](http://www.wikipedia.org.com.br). Acessado em 17 de março).

<sup>iv</sup> A repressão política no Brasil é esmiuçada no livro **Brasil: nunca mais** (1985) “Do total de processos pesquisados foram retirados 695 que fornecem um perfil da repressão política entre 1964 e 1979: 7.367 pessoas (algumas respondendo a mais de um processo) sendo 88% do sexo masculino e 12% do sexo feminino; 38,9% com idade igual ou inferior a 25 anos sendo a maioria predominante classe média e residentes em capitais. Entre 4.476 réus com escolaridade registrada, 2.491 possuíam grau universitário, sendo apenas 91 analfabetos” (HENRIQUES, 1992, p.24). As acusações até 1969 incidiam em maior número para a participação em movimentos sociais e entidades. A partir deste ano predominavam as acusações dirigidas à militância em organizações partidárias então proibidas e para as atividades em ações armadas. “Das 179 ações penais que não diziam respeito a organização partidária clandestina, os réus pertenciam a seis setores sociais: militares, sindicalistas, estudantes, políticos, jornalistas e religiosos” (HENRIQUES, 1992, p.24). Os golpes militares que ocorreram na América Latina foram: 1966 na Argentina; 1964 na Bolívia; 1964 no Brasil; 1973 no Chile; 1961 El Salvador; 1968 no Equador; 1963 na Guatemala; 1963 em Honduras; 1968 no Peru; 1963 na República Dominicana; 1973 no Uruguai; (GERMANO, 1994, p.48).

<sup>v</sup> A vitória de Jânio Quadros foi obtida graças à coligação partidária: UDN (União Democrática Nacional), PTN (Partido Trabalhista Nacional), PDC (Partido Democrata Cristão), PR (Partido Republicano), PL (Partido Libertador) e dissidências do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PSD (Partido Social Democrático), PRP (Partido de Representação Popular), PSP (Partido Social Progressista), PSB (Partido Socialista Brasileiro) (ABREU et al. 2001, p.4821-4822).

<sup>vi</sup> A adesão às promessas de campanha de Jânio Quadros em sua curta gestão presidencial (31/01/1961 a 25/08/1961) transformou-se em oposição de vários setores (políticos e econômicos) devido às suas ações na política exterior de aproximação com os governos comunistas (URSS, China e Cuba) que desagradou a alta hierarquia militar e os Estados Unidos da América do Norte que ideológica e politicamente liderava a democracia ocidental anti-comunista. A sua renúncia conduz ao cargo vacante Pascoal Ranieri Mazzili (1910-1975) Presidente do Congresso e produz uma crise que envolveu os partidos políticos, estudantes, sindicatos, militares, autoridades religiosas entre outros (ABREU et al. 2001, p.4825-4826).

<sup>vii</sup> Após a renúncia de Jânio Quadros, João Goulart ascenderia à presidência, entretanto, as Forças Armadas e outros segmentos políticos e da classe média burguesa, preocupados com as tendências esquerdistas de João Goulart pressionaram as lideranças partidárias a implantarem o regime parlamentarista, que permitiria a posse de João Goulart, porém com restrições, controlando sua efetiva função governamental que ficaria a cargo do Gabinete. Em 02 de setembro de 1961 foi votado

a Emenda Constitucional nº. 4 que institui no Brasil o Governo Parlamentarista (ABREU et al. 2001, p.2619).

<sup>viii</sup> A intervenção de João Goulart na punição emitida pelo Ministro da Marinha a um grupo de marinheiros e fuzileiros navais na denominada Revolução dos Marinheiros em 25 de março de 1964, provocou o pedido de demissão do Almirante Sílvio Borges de Souza Mota (1902-1969) e sua substituição. Este episódio que culminou na anistia dos revoltosos pelo Presidente da República, foi considerado uma quebra da hierarquia militar. O discurso realizado por João Goulart no dia 30 de março de 1964 em uma reunião dos sargentos no Automóvel Clube do Brasil, foi considerado expressão de desprezo à hierarquia das Forças Armadas e deflagrou a instalação da ditadura militar no Brasil. Em 04 de março de 1964 o Presidente deposto João Goulart desembarcou no Uruguai em busca de asilo político (ABREU et al. 2001, p.2628).

<sup>ix</sup> O termo *raça* centra-se nas diferenças referentes à cor da pele, tipo de cabelo, conformação facial e cranial, ancestralidade e genética. Tradicionalmente, os seres humanos foram divididos em quatro grupos: brancos (europeus ou euro-descendentes); marrons (indianos, Semitas); negros (africanos (afro-descendentes); amarelos (asiáticos ou mongolóides) e vermelhos (índios, ameríndios). No início do século XX Franz Boas colocou em xeque a noção de *raça*, argumentando sobre a não cientificidade dessa tese. Uma etnia ou um grupo étnico refere-se a uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e semelhanças genéticas. Embora não sejam considerados iguais, o conceito de *raça* é associado ao de etnia, sua diferença reside no fato de que etnia compreende os fatores culturais, como a nacionalidade, a afiliação tribal, a religião, a língua e as tradições, enquanto *raça* compreende apenas os fatores como cor de pele, constituição física, estatura e traço facial. O termo *gênero* corresponde à distinção social entre feminino e masculino, constituindo a identidade e o papel que este indivíduo segundo os padrões socialmente estabelecidos deverá desempenhar. Conforme o gênero está implícito às pessoas de um mesmo sexo, uma série de características e atribuições sociais. Classes sociais são grupos de pessoas com status sócio-econômico em comum, classificados em: baixa, média e alta. A religião é definida como um conjunto de crenças relacionadas com aquilo que a humanidade considera como sobrenatural, divino e sagrado, bem como o conjunto de rituais e códigos morais que derivam dessas crenças ([http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal). Acessado em 13/04/2006).

<sup>x</sup> A lenda de Narciso tem seu equivalente feminino na Venezuela. O culto pagão de Maria Lionza tem raízes indígenas, católicas e africanas (santeria cubana). O local de peregrinação desse culto é o chamado Cerro de Maria Lionza no estado de Yaracuy que integra uma formação montanhosa de nome Macizo de Nirgua onde a deusa habitaria sob um lago. A Deusa ou Rainha ou Vênus indígena é representada como uma jovem e bela mulher, com roupa azul, com adereços de jóias e plumas montando uma anta (ou um javali ou um jaguar) e rodeada de animais selvagens. Gravuras a representam nua e voluptuosa sentada em um trono de serpentes e tendo ao seu lado animais. Diz a lenda que a jovem índia virgem estava proibida de olhar-se no lago, proibição feita por seu pai: contemplar a própria beleza a colocaria em perigo. Ao desobedecê-lo, Maria Lionza foi engolida por uma anaconda; uma terrível inundação matou esse animal e Maria Lionza ocupou o lugar de rainha do reino da serpente. Sua estátua no centro de Caracas mostra uma mulher nua musculosa montada em uma anta, erguendo acima da cabeça um osso de pélvis feminina. A este respeito vide: PALLACK, Angelina. *Maria Lionza: mito e culto venezuelano*. Caracas: Editora da Universidade Católica Andres Bello, 1985.

<sup>xi</sup> Trata-se de WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Martin Claret, 1999; POE, Edgar Allan. *O retrato ovalado*. In: POE, Edgar Allan. *Contos de Edgar Allan Poe*. São Paulo: Cultrix, 1985; ROSA, Guimarães. *O espelho*. In: ROSA, Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994; LISPECTOR, Clarice. *Os espelhos de Vera Mindlin*. In: LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. São Paulo: Ática, 1977. Neste artigo, a autora faz referência ao espelho no conto Branca de Neve e ao poema Espelho de Sylvia Plath. O conto Branca de Neve, originariamente denominado Branca de Neve e os sete anões é compilação dos irmãos Grimm (Jacob – 1785-1863 e Wilhem – 1786-1859) dos contos folclóricos e populares infantis. Vide: IRMÃOS GRIMM. *Contos de Grimm: Branca de Neve*. São Paulo: Ática, 1998. Referimo-nos a: GARDNER, Martin. *Alice*. Edição comentada: aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2001. No livro de Martin Gardner ele comenta os dois livros de Lewis Carroll nas questões de matemática, da vida da Alice real e da vida dele, Carroll. Lewis Carroll é pseudônimo de Charles Lutwidge Dodson (1832-1898), professor de matemática da Christ Church. Seus livros sobre Alice tiveram como inspiração Alice Pleasance (1852-1934), então com dez anos de idade, filha do deão da Christ Church e parente distante da Rainha Elisabeth II da Inglaterra. Carroll é considerado um pedófilo platônico e suas histórias contém enigmas e jogos de lógica matemática. Christiane Maria da

Boa Viagem Oliveira cita: ECO, Umberto. Sobre os espelhos e outros ensaios de 1985; MORIN, Edgar. A imagem e o duplo. In: MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Lisboa: Moraes Editores, 1970; SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamè, 1984; SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996. Vide ainda: MURRAY, Roseana. Receita de se olhar no espelho. In: MURRAY, Roseana; VIGNA, Elvira. **Receitas de olhar**. São Paulo: FTD, 1997; ZAMBOLLI, José Carlos. A poeta ao espelho (Cecília Meireles e o mito Narciso). Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP – Área Literatura Brasileira. USP: 2002.

<sup>xii</sup> Mitema é termo cunhado pelo antropólogo Lévi-Strauss, sob influência dos lingüistas Roman Jakobson e Noam Chomsky e esclarecido em seus livros: *O cru e o cozido*. **Mitológicas 1**. São Paulo: CosacNaify, 2004 e *Do mel às cinzas*. **Mitológicas 2**. São Paulo: CosacNaify, 2004. Nessa vertente antropológica estruturalista os mitos apresentam uma molécula germinal e em torno dela sistemas de mitos são criados estando todos em mútua relação. O mitema, a semelhança do fonema é a unidade, o núcleo principal do mito (LARAIA, 2006, p.2). LARAIA, Roque de Barros. **Claude Lévi-Strauss, quatro décadas depois: as mitológicas**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.21, n. 60, 2006, p.1-4. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acessado em 25/09/2006.

<sup>xiii</sup> Revolução Francesa é o nome dado ao conjunto de acontecimentos que entre 5 de maio de 1789 e 9 de novembro de 1799 alteraram o quadro político e social da França. Em confronto ao Antigo Regime e a autoridade do clero e da nobreza, influenciada pelos ideais do Iluminismo e da Independência Americana (1776), a revolução difundiu os parâmetros para ascensão da sociedade contemporânea. Ao abolir a servidão e os direitos feudais na França proclamou como princípios universais: a liberdade, a igualdade e a fraternidade (<http://pt.wikipedia.org>. Acessado em: 25/10/2006).

<sup>xiv</sup> É o caso do ciberespaço efetivado no cenário da Internet. As interconexões da infra e da superestrutura capitalista, a evolução da lógica tecnicista unida à evolução informativa e midiática trouxe uma nova dimensão à circulação dos valores capitalistas. Os objetos, assim como as idéias, não são mais fixos, não são mais tangíveis. No ciberespaço, não há peso, não há dimensões; a estrutura é dinâmica e mutável; o tamanho é infinito e imaterial. Nesse espaço, histórias são escritas e se modificam a cada novo leitor; novo material pode ser adicionado, e o velho material pode ser apagado. Nada é permanente e nele a arena da luta de classes se torna ainda mais extensa, pois, posições político ideológicas tradicionalmente em divergência como o comunismo frente ao capitalismo adquirem novas refrações nos signos do cibercomunismo.

<sup>xv</sup> Atualmente o anarquismo agrega em torno de sua raiz ideológica as vertentes: o anarco-sindicalismo (acredita-se que os sindicatos podem ser utilizados como instrumentos para mudar a sociedade, substituindo o capitalismo e o Estado por uma nova sociedade democraticamente autogerida pelos trabalhadores); a anarca-feminista (dedicam maior atenção às desigualdades existentes entre os sexos, sendo o patriarcado principal alvo de seu ativismo); o anarquismo-verde (ou eco-anarquismo centra-se na relação homem-natureza, defendendo uma perspectiva anti-civilizatória, uma realidade humana sem hierarquia guiada apenas pela origem natural e/ou biológica, realizando uma crítica feroz à tecnologia); o anarquismo-cristão (defendem que a Igreja como instituição não deve ter nenhum poder. Argumentam que uma das razões porque Jesus era tão impopular com os sacerdotes devia-se ao fato dele ser visto como um anarquista e, por isso ameaçar o status quo); o socialismo-libertário (tem suas raízes nas teorias de Mikhail Bakunin e Alexeevich Kropotkin. O anarco-capitalismo considerando-se herdeiros do anarquismo individualista acreditam que os governos devem ser eliminados, sendo o liberalismo-capitalista a forma essencial para cada indivíduo realizar-se. Defendem que o sucesso individual promove à sociedade em geral o seu progresso ([www.mundoacrata.cjb.net/http://geocities.yahoo.com.br/mundoacrata.htm](http://www.mundoacrata.cjb.net/http://geocities.yahoo.com.br/mundoacrata.htm). Acessado em 15 de agosto de 2006).

<sup>xvi</sup> Em 18 de março de 1871, Paris foi despertada pelo grito: VIVE LA COMMUNE! A Comuna foi composta por operários eleitos por sufrágio universal nos diversos bairros da cidade. Tinha em seus propósitos ser, não um organismo parlamentar, mas um corpo ativo, ao mesmo tempo executivo e legislativo. Em vez de continuar a ser o instrumento do governo central, a polícia foi imediatamente despojada dos seus atributos políticos e transformada num instrumento da Comuna, responsável e revogável a todo o momento. O mesmo se deu com os outros funcionários de todos os outros ramos da administração. Desde os membros da Comuna até ao fundo da escala, a função pública devia ser assegurada com salários de operários. Uma vez abolidos o exército permanente e a polícia, instrumentos do poder material do antigo governo, a Comuna teve como objetivo quebrar o instrumento espiritual da opressão, o poder dos padres; decretou a dissolução e a expropriação de todas as igrejas. Todos os estabelecimentos de ensino foram abertos ao povo gratuitamente e, ao

mesmo tempo, desembaraçados de toda a ingerência da Igreja e do Estado. Assim, não só a instrução se tornava acessível a todos, como a própria ciência era libertada das amarras com que os preconceitos de classe e o poder governamental a tinham acorrentado. Em 1871 após uma luta heróica de cinco dias, os operários foram esmagados e seus líderes deportados (<http://www.historianet.com.br>. Acessado em 14 de outubro de 2006.)

<sup>xvii</sup> Principais anarquistas: William Godwin (1756-1835), Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), Errico Malatesta (1853-1932), Piotr Alexeyevich Kropotkin (1842-1921), Mikhail Alexandrovich Bakunin (1814-1876), Louise Michel (1833-1905), Emma Goldman (1869-1940), Edgard Leuenroth (1881-1968), José Oiticica (1882-1957), Francisco Ferrer (1859-1909), Nestor Makhno (1889-1934), Buenaventura Durruti (1898-1936), Voltairine de Cleyre (1869-1912), Max Stirner (1806-1856), Denjiro Kotoku (1871-1911), Élisée Reclus (1830-1905), George Woodcock (1912-1997), Gigi Damiani (1876-1953), Neno Vasco (1878-1920), Pa Kyn (1904-1969), Florentino de Carvalho (1871-1947), Eugen Relgis (1895-1987), Fábio Luz (1864-1938), Eugéne Lanti (1879-1947), Sebastian Faure (1858-1942), Nicola Sacco (1908-1927), Bartolomeo Vanzetti (1908-1927), Liev Nikoláievich Tolstoi também conhecido como Leon Tolstoi (1828-1910), Edgar Rodrigues (1921) ([www.mundoacrata.cjb.net](http://www.mundoacrata.cjb.net). Acessado em 14 de outubro de 2006) Vide ainda: Arquivo Edgard Leuenroth – AEL da Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. [www.ael.ifch.unicamp.br](http://www.ael.ifch.unicamp.br).

<sup>xviii</sup> A Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), chamada de Primeira Internacional, foi uma organização que procurou unir vários grupos políticos de esquerda e sindicatos da classe operária. Fundada em 1864 em Genebra, prescreveu a adoção da jornada de trabalho de oito horas como um dos objetivos fundamentais da associação. Originalmente, a organização reunia sindicalistas ingleses, proudhonistas franceses, republicanos italianos e marxistas alemães; algum tempo depois, disputas entre Marx e Mikhail Bakunin, levou a uma ruptura entre marxistas e anarquistas, com os países latinos se alinhando aos anarquistas e os países anglo-germânicos se alinhando a Marx ([www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org). Acessado em 15 de outubro de 2006).

<sup>xix</sup> Segundo Francisco Foot Hardman, as vanguardas estéticas na França no período da belle époque e no Brasil (no Rio de Janeiro e São Paulo) na segunda metade do século XIX se aproximaram da vanguarda anarquista buscando “uma comunhão ideológica”. Os anarquistas pretendiam uma auto-suficiência filosófica e estética, não sendo suscetíveis “às alianças mais estáveis fora do restrito circuito de suas próprias instituições” (HARDMAN, 2002, p.100). O autor informa que Kropotkin criticava “os poetas simbolistas franceses”, o romantismo e o naturalismo (HARDMAN, 2002, p.99). Alguns simbolistas franceses declaravam-se inspirados no anarquismo e defenderam seus adeptos quando eles foram processados na França (HARDMAN, 2002, p.99).

<sup>xx</sup> O festival O Começo do Fim do Mundo ocorrido em novembro de 1982 no Sesc Pompéia reuniu duas tardes de shows com vinte bandas punks de São Paulo e ABC, mostra de filmes (curtas-metragens e documentários sobre a cena nacional e estrangeira), venda de fanzines e exposição de fotos. Entre os dias 27 e 28 subiram ao palco grupos como: Dose Brutal, Psykóze, Ulster, Cólera, Neuróticos, M-19, Inocentes, Juízo Final, Fogo Cruzado, Desertores, Suburbanos, Passeatas, Decadência Social, Olho Seco, Extermínio, Ratos de Porão, Hino Mortal, Estado de Coma, Lixomania e Negligentes. Todos os shows do sábado ocorreram sem problemas, mas no domingo a polícia apareceu chamada por vizinhos atordoados pelo visual e som punk. Ao avistarem os policiais, os punks trancaram-se na antiga fábrica e passaram a provocar a polícia, durante a apresentação dos Ratos de Porão a tropa de Choque invadiu e no auge da autoridade impetrada pelo governo ditatorial batia em que estivesse a sua frente, literalmente o começo do fim do mundo era aquele. Houve depredação do prédio e tombamento de carros como o da Rede Globo que estava ali para divulgar o evento. Depois desse fecho catastrófico, quem se assumisse punk teria sérios problemas, nenhuma casa noturna, teatro aceitou agendar eventos punks, as bandas foram se desintegrando, restando apenas o Cólera, os Ratos de Porão e os Inocentes que assimilaram ao seu som as influências da new wave, período pós-punk no mercado musical (BIVAR, 2001).

<sup>xxi</sup> Asa branca, música de Luiz Gonzaga (1912-1989). Luiz Gonzaga aprendeu a ter gosto pela música ouvindo as apresentações de músicos nordestinos em feiras e em festas religiosas; tocando em bares de beira de cais começou a tocar as músicas do cotidiano, do folclore e dos costumes nordestinos. Em 1945 criou o baião e a combinação dos instrumentos ideais para a execução do ritmo: sanfona, zabumba e triângulo, que viu um menino tocar nas ruas do Recife para vender doces. Com Humberto Teixeira (1916-1979) compôs Asa Branca (1947), um capítulo à parte na história da música brasileira que virou nome de rodovia em Pernambuco. No dia da gravação, o parceiro de composição afirmou: "Te prepara, Luizão, vais ouvir um clássico nordestino". Dito e feito. Caetano Veloso gravou Asa Branca em 1971 e fez Gonzaga chorar de emoção: "Chorei feio, é a mais linda

---

interpretação que já vi desta música". Luiz Gonzaga tornou-se signo da música nordestina, cantando as dores e os amores de seu povo ([www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/musica/mus7.htm](http://www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/musica/mus7.htm). Acessado em 15/11/2006).

<sup>xxii</sup> Trem das onze, música de Adoniran Barbosa filho de imigrantes italianos abandonou os estudos ainda no primário para trabalhar. Foi tecelão, balconista, pintor e garçom. No começo da década de 30, passou a freqüentar os programas de calouros da rádio Cruzeiro do Sul de São Paulo. Em 1965 a composição Trem das onze foi premiada no Carnaval do Rio de Janeiro, além dos Demônios da Garoa, o samba recebeu uma versão da cantora baiana Gal Costa (1945). Em 2000, foi escolhida pela população de São Paulo, em um concurso organizado pela Rede Globo, como a música que mais representa a cidade ([www.almanaque.folha.uol.com.br/adoniram.htm](http://www.almanaque.folha.uol.com.br/adoniram.htm). Acessado em 15/11/2006).

<sup>xxiii</sup> Pra não dizer que não falei de flores é uma canção de Geraldo Vandré, nome artístico de Geraldo Pedrosa de Araújo Dias (1935) cantor e compositor brasileiro. Em 1966 chegou à final do Festival da Record com o sucesso Disparada, interpretada por Jair Rodrigues (1939). A canção teve o primeiro lugar ao lado de A Banda, de Chico Buarque (1944). Em 1968, participou do III Festival Internacional da Canção com a composição Pra não dizer que não falei de flores, essa música tem na melodia o ritmo de um hino, com versos de rima fácil que facilita a memorização. Logo propagou-se sendo cantada nas ruas, tornando-se signo de uma música que incitava o povo à resistência, motivo que levou os militares a proibí-la. O sucesso acabou em segundo lugar no festival, perdendo para Sabiá, de Chico Buarque e Tom Jobim (1927-1994)([www.wikipedia.org.com.br](http://www.wikipedia.org.com.br). Acessado em 15/11/2006).

<sup>xxiv</sup> Ai Que saudades da Amélia (1941), samba, letra de Mário Lago (1911-2002) e música de Ataulfo Alves (1909-1969). Mário Lago um dos principais compositores da MPB, além de radialista, artista de teatro, TV e ativista político, escreveu a letra, um verdadeiro poema popular em que um protagonista confronta sua atual mulher com sua ex, mulher que ele havia perdido; a atual, a quem o tal protagonista se dirige, é exigente, egoísta, "Só pensa em luxo e riqueza" enquanto a anterior é um exemplo de virtude e resignação. "Amélia não tinha a menor vaidade". A atual é a realidade incontestável, amarga; a ex é o passado, uma saudade idealizada na figura da mulher perfeita, segundo os padrões dos anos 40. O nome Amélia passou a ser verbete de dicionário, sendo citado no dicionário Aurélio como sinônimo de mulher amorosa, passiva e serviçal ([www.almanaque.folha.uol.com.br/adoniram.htm](http://www.almanaque.folha.uol.com.br/adoniram.htm). Acessado em 15/11/2006).

## NOTAS ADICIONAIS

Para Bakhtin toda a vida em sociedade se constitui incessantemente pelo dialogismo, pela relação com o outro e pelas condições histórico-sociais a que estamos integrados. Definidamente, hoje, acredito em sua interpretação de mundo, pois na época em que decidi conhecer o movimento punk, mesmo sem conhecer a teoria bakhtiniana; orientada à algumas inquietudes do universo antropológico sem ter a noção de totalidade e interdisciplinaridade que tenho desenvolvida hoje, minhas valorações sociais, políticas e culturais, motivadas pelas condições materiais de meu nível de realidade, impulsionaram-me à afinidade àquela manifestação que, mesmo soando aos outros como um puro e simples ato de rebeldia, para o meu olhar significava um ato político e social consciente, um movimento de arte e de cultura com forte conteúdo ideológico deflagrando vozes que para mim tinham toda importância e seriedade.

Subia a Rua XV em uma tarde de sábado, exatamente no dia 05 de junho de 2004 em torno das 16 horas, atravessava a Praça Santos Andrade. Em meio a pessoas indo e vindo em todas as direções; artesãos vendendo seus produtos e casais de namorados e crianças correndo por entre carrinhos de pipoca; lá estavam diante a escadaria da Universidade Federal do Paraná “meus antigos e futuros amigos” distribuindo sonhos, ideais, lágrimas e desabafos. Digo meus antigos e futuros amigos, porque antes desse dia eu já os observava a pelo menos 3 meses.

Eu os observava de longe, mas a todo passo que eu dava no centro de Curitiba, lá estavam eles com suas gargalhadas descompromissadas, suas palavras desmedidas e seu comportamento desregrado que me chamava... Era como se as

vozes que deles partiam se reencontrassem dentro de mim. Entre aquele outro “aparentemente desconhecido” eu começava por uma simples simpatia a reencontrar o meu outro que há muito tempo sobrevivia entre as palavras, entre os planos e apelos do meu eu.

Então, decidi. Mais do que um não... Vou falar com eles. Eu fui em direção a três jovens que tentavam distribuir suas poesias, estavam bastante frustrados pelo desinteresse das outras pessoas em relação ao material que estavam divulgando; cheguei até eles e... olhando um deles disse: “Eu quero ler o seu material”. Surpreso, o jovem me entregou sua poesia escrita manualmente em um pedaço de papel, e, me perguntou praticamente afirmando: “Você não é daqui?” A partir daquele momento eu encontrava um dos meus grandes amigos, Karlos, aquele que estaria sempre ao meu lado, sem nunca me deixar só, e que me levaria a conhecer uma outra Curitiba: uma Curitiba estigmatizada, silenciada, mas também, revolucionária, idealista e apaixonada.

Eu entrara de fato no universo punk, podendo confrontar essa experiência a tudo aquilo que eu já tinha lido ou ouvido sobre eles; eu não estava apenas conhecendo meu futuro projeto de Mestrado, mas, e principalmente, estava conhecendo àqueles que iriam participar ativamente da transformação da minha própria vida. Daquele dia em diante passamos a nos encontrar todos os dias, conversando sobre a vida, sobre política e revolução nas pastelarias, nas calçadas ou nas escadarias. Eu lia as suas poesias, dava idéias e partia para o manguieiro (é o trabalho de divulgação das poesias, fanzines, enfim, de todo o material do movimento) junto com o grupo.

Minha interação foi com os chamados punks de rua, entre estes não há dependência a um grupo, o pessoal se encontra na praça, trocam idéias, materiais e

partem sem restrição para um ponto do centro da cidade. Eu ficava sempre com o Karlos, com o Robson, com o Diogo e com a Metal (namorada do Karlos). Em Curitiba os punks tiveram uma casa no Boqueirão, invadida por eles era chamada de squat.

Esta casa permanecia aberta a todos que precisassem de um lugar para ficar. Segundo o Karlos há 4 anos essa casa mantinha um extenso acervo de livros e materiais de divulgação do movimento. Depois de uma briga entre vertentes do grupo (anarco-punks e punks de rua) tudo foi queimado, e o que não foi destruído, foi roubado por pessoas que iam até lá. Os meninos com quem eu mantinha contato dormiam em albergues e até mesmo na rua, porque no squat depois dessa briga (para eles depois dessa treta) a convivência tinha ficado extremamente complicada.

Essa casa permaneceu mantida por alguns anarquistas e anarco-punks até setembro de 2005 quando foi invadida por policiais. Estive com este grupo de junho a dezembro de 2004 como amiga e como simpatizante da ideologia punk. Eu estava concluindo a especialização em Sociologia Política na UFPR e me interessava pelo Mestrado em Antropologia, quando conversei com o grupo e me referi à possibilidade deles colaborarem para que eu desenvolvesse um projeto de Mestrado sobre o movimento punk de Curitiba. A partir de então, utilizei todo o meu conhecimento de campo da cultura punk e o que havia de produção sobre o assunto e desenvolvi um projeto que inscrevi nos Mestrados de Antropologia da UFPR e Letras da UNIOESTE.

Maravilha! Aprovada nos dois cursos pude escolher. Bem, por motivos econômicos voltei para Cascavel para realizar o trabalho em Letras, posteriormente, entendi que foi um diferencial para o estudo, analisar o discurso punk à luz da linguagem, especificamente a filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin.

Em 2005 e início de 2006 fiz viagens à Curitiba durante 3 meses divididos em uma semana por vez, mas o trabalho era mais de coleta de dados das produções punks.

Em março de 2006 os punks de Curitiba deixavam apenas saudades para aqueles que com eles haviam caminhado, depois de muitos confrontos com a polícia e com o movimento skinhead, muitos punks foram embora para São Paulo, Londrina, outros deixaram a vida punk (pelo menos na prática, porque pra quem foi punk... o espírito sempre conservará essa aura) e, infelizmente, outros morreram vítimas de extermínio.

Desse breve relato ficam as lembranças das tardes e do cair da noite em que acompanhei estes jovens guerreiros em sua jornada. Eles odiavam e amavam o centro da Rua XV; eles não tinham amarras em se despir se assim fosse preciso para fazer notar sua indignação, sua ideologia; não tinham problemas em entrar em um estabelecimento para pedir alimento ou para contestar; todas as manifestações que atravessavam a Rua XV lá estavam eles, solidários, sempre; ao mesmo tempo em que xingavam alguém que passasse por eles, também ofereciam rosas, atenção, e risos.

Todos os dias às 19 horas ao lado da Praça Tiradentes encontravam-se com todos os outros que como eles também estavam marginalizados diante a sociedade de bens, de consumo, de trabalho a que eles não estavam inseridos, reuniam-se para a distribuição do sopão, muitas vezes a única alimentação do dia. Nesses encontros eu vi um jovem punk que não atingiu mais do que a 5ª série do ensino fundamental ser gentil e afetuoso com idosos que abandonados por suas famílias, sobreviviam nas ruas.

Meus amigos punks não tinham pudores ou moralismos, pudera! Se tudo é semioticamente forjado, o que é o certo e o errado? Não eram cordiais se assim não quisessem, mas mantinham o respeito ao outro e à diferença. Interagiam com ladrões, traficantes e prostitutas ao mesmo tempo em que davam atenção ao senhor que pregava a palavra de sua igreja na praça. De tudo o que foi dito, de todo o material, da lembrança física que me restou posso, como pesquisadora, como amiga, e como parceira do movimento punk, afirmar que com eles estive mais perto da essência da vida: o incessante enlace dos contrários na eterna constituição do ser.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.
- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABREU et al. **Dicionário histórico-biográfico brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro: Editora FGV, CPDOC, 2001.
- ALEXANDRE, Ricardo. **Punk**. São Paulo: Editora Abril, 2004.
- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ANDERY, Maria Amália. **Para compreender a ciência**. São Paulo: Educ, 2001.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. São Paulo: Cortez, 1988.
- BAIRON, Sérgio. **Interdisciplinaridade**. São Paulo, Futura. 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto de; TEZZA, Cristóvão (orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo. Contexto, 2005.

BIVAR, Antonio. **O que é Punk**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BOLLON, Patrice. **A Moral da Máscara: merveilleux, zazous, dândis, punks, etc.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BOKANY, Vilma; VENTURI, Gustavo. Maiorias adaptadas, minorias progressistas. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

BORGES, Rosangela; SANTOS, Gevanilda; SANTOS, Maria José P. A juventude negra. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

\_\_\_\_\_. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

BRANDIST, Craig. **The Bakhtin Circle**. London: Pluto Press, 2002.

BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

CAIAFA, Janice. **Movimento Punk na cidade: a invasão dos Bandos sub**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

CALAZANS, Gabriela. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

CAMARGO, Célia Reis. Os centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: UNESP/FAPESP, 1999.

CARLINI-MARLATT, Beatriz. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

- CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- CARVALHO, José Jorge de. **O encontro impossível de Eco e Narciso**. Revista USP. Seção textos, nº. 38, p. 150-165, jun/ag. 1998.
- CAVALCANTI, M. L. V. C.. Cultura, ritual, trajetórias e passagens. In: Everardo Rocha. (Org.). **Cultura e Imaginário**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1998.
- CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo, 2005.
- CHACON, Paulo. **O que é rock**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica**. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Guardiães da Ordem, uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.
- ESSINGER, Silvio. **Punk: anarquia planetária e a cena brasileira**. Editora 34, 1999.
- FARACO, Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto de; TEZZA, Cristóvão (orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1991.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

FLITNER, Andréas. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre juventude. In: **Sociologia da juventude**, vol I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1994.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil**. São Paulo: Editora, UNESP, 2002.

HENRIQUES, Maria José Rizzi. **Teologia da libertação ou da utopia social católica**. Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCar, 1992.

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **A era do capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **A era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HUISMAN, Denis. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IANNI, Otávio. **Língua e sociedade**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1999.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

KEMP, Kenia. **Grupos de estilos jovens – o Rock underground e as práticas (contra) culturais dos grupos punk e trash em São Paulo**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNICAMP, 1993.

KRISCHKE, Paulo J. Questões sobre juventude, cultura política e participação democrática. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

LASSANCE, Antonio. Brasil: jovens de norte a sul. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

LEVI, Giovanni & SCHIMITT, Jean – Claude. **História dos jovens II: a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beht (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MCNEIL, Legs; MCCAIN, Gillian. **Mate-me por favor: uma história sem censura do punk**. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- MIOTELLO, Valdemir. **Ideologia**. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
- NATH, Margatete Aparecida. **Dialogismo e ideologia do cotidiano na obra de Clarice Lispector**. Dissertação de Mestrado. Cascavel: Unioeste, 2005.
- NAZZARI, Rosana Kátia. **Juventude brasileira: capital social, cultura e socialização política**. Cascavel: Edunioeste, 2006.
- NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- O'HARA, Craig. **A Filosofia do punk: mais do que barulho**. São Paulo: Radical Livros, 2005.
- OLIVEIRA, Christiane Maria de Boa Viagem. **Duplos reflexos: entre o cinema e a televisão**. Revista Symposium. Universidade Católica de Pernambuco. Ano 4, nº. 2 jul/dez. 2000, p.90-95.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- PALLACK, Angelina. **Maria Lionza: mito e culto venezuelano**. Caracas: Editora da Universidade Católica Andres Bello, 1985.

PARSONS, Tony. **Disparos do front da cultura pop**. São Paulo: Editora Barracuda, 2005.

PERROT, Michelle. Na França da Belle Époque: os Apaches, primeiros bandos de jovens. In: PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales – a inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ROCHA, Everardo (org.). **Cultura e imaginário: interpretação de filmes e pesquisa de idéias**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972.

SAHLINS, Marshall. **O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em via de extinção**. Mana 3/1 e 3/2. Rio de Janeiro: Museu Nacional/PPGAS, 1997.

SANTOS, Raimundo Antonio dos. **Metodologia Científica**, a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Zélia Lopes da. **Arquivos, Patrimônio e Memória – Trajetórias e Perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp: FAPESP, 1999.

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

SOBRAL, Adail. **Ato/atividade e evento**. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ético e estético**. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

SOUZA, Rafael Lopes de. **Punk: cultura e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade juvenil subversiva**. São Paulo: Edições Pulsar, 2002.

SPOSITO, Marília Pontes. **Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação**. XXII Reunião Anual da ANPEd. Caxambu, 2000, p.73-94.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude Brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: editora ática, 2000.

Tezza, Cristóvão. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

WOODCOCK, George. **Anarquismo – Uma história das idéias e movimentos libertários**. Porto Alegre: L&PM, 1983.

WOODCOCK, George. **Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários**. Porto Alegre: L&PM, 1984.

## Sites

[http://www.mj.gov.br/sal/codigo\\_civil/indice.htm](http://www.mj.gov.br/sal/codigo_civil/indice.htm).

<http://www.gppaa.min-agricultura.pt/pbl/Pan2000/Conceitos.doc>.

<http://www.historianet.com.br>. Acessado em 14/07/2005.

<http://almanaque.folha.uol.com.br/anos50.htm>.

<http://www.-dark-.weblogger.com.br>. Acessado em 20/11/2006.

<http://www.zinekaos.com.br/mov13.html>.

<http://www.comciencia.br/reportagens/2004/10/11.shtml>. Acessado em 25/11/2006.

<http://www.mundoacrata.cjb.net/http://geocities.yahoo.com.br/mundoacrata.htm>.

<http://www.ael.ifch.unicamp.br>.

<http://www.scielo.br>

<http://www.geocities.yahoo.com.br>

[http://www.geocities.yahoo.com.br/mcros12/a\\_sociedade\\_do\\_espetaculo\\_0.htm](http://www.geocities.yahoo.com.br/mcros12/a_sociedade_do_espetaculo_0.htm).

<http://www.mundodosfilosofos.com.br/comte.htm>.

<http://www.wikipedia.org.com.br>

<http://www.pucsp.br/rever>.

<http://www.unb.br/ics/dan/serie/55empdf.pdf>

<http://www.whiplash.net/materias/historia/000398.html>

<http://www.planetaeducacao.com.br>

<http://www.homepages.wmich.edu/~k2milczy/images/PUNKS.jpg>.

<http://www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg>.

<http://www.ken.ch/.../Punks%201.jpg>.

<http://www.feespace.virgin.net/mayfair.news/Punks.jpg>.

<http://www.i67.photobucket.com/albums/h299/gurutalife/punks.jpg>.

<http://www.oioioi.ru/clothing/style-pictures/punks-tn.jpg>.

<http://www.flogao.com.br/pau>.

## OUTRAS FONTES

Textos, fanzines, adesivos e demais signos produzidos e cedidos por Punks da cidade de Curitiba – Paraná.

**BIBLIOGRAFIA ADICIONAL**

ANDRÉ, Ana Paula. **Ideologia e Poder no discurso contemporâneo: tensão e ruptura em cidade dos homens**. Dissertação de Mestrado. Cascavel: Unioeste, 2004.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: nunca mais**. Petrópolis: Vozes, 1985.

AVANCINI, C., ITO, C. **Fanzines punks: uma análise do panorama em Londrina**. Monografia de conclusão do Curso de Comunicação Social, Londrina, 1994.

AZEVEDO, Raquel de. **A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)**. Dissertação de Mestrado IFCH/UNICAMP, 1996.

BADDELEY, Gavin. **Goth chic: um guia para a cultura dark**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

BADIN, Luciana. **Nos caminhos da utopia: princípio dialógico nas propostas libertárias**. E-papers, 2003.

BAHIANA, Ana Maria. Importação e assimilação: rock, soul, dicotheque. In: BAHIANA et alii, **Anos 70: música popular**. Rio de Janeiro, Europa Empresa Gráfica e Editora, 1979/80.

BAKUNIN, Mikhail. **Textos anarquistas**. Porto Alegre: LP&M, 1999.

BARBOSA, Livia. Cultura e dilema: ambigüidade, ética e jeitinho. In: ROCHA, Everardo (org.). **Cultura e imaginário: interpretação de filmes e pesquisa de idéias**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1999.

- BARROS, Mônica Siqueira Leite de. **As mulheres trabalhadoras e o anarquismo no Brasil**. Dissertação de Mestrado IFCH/UNICAMP, 1979.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões; RAMOS, José Mario Ortiz. **Os office-boys e a metrópole: metas, luzes e desejos**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo: Moderna, 1991.
- CAMPOS, Cristina Hebling. **O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921**. Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP, 1983.
- CARLOS, A. F. A. **A natureza do espaço fragmentado**. In: CASTORIADIS, Cornelius; SANTOS, M. **Los movimientos de los años setenta**. Valencia, 1988.
- CARONE, Edgard. **Socialismo e anarquismo no início do século**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CERVO, AMADO LUIZ; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica – para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- CHRISTIE, Stuart; MELTZER, Albert. **Anarquismo y lucha de clases**. Buenos Aires: editorial proyección, 1970.
- COELHO, Plínio Augusto. **Surrealismo e anarquismo. “Bilhetes surrealistas” de Le Libertaire**. São Paulo: Editora Imaginário, 1990.
- CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R. L., ROSENDHAL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999.
- COSTA, Caio Túlio. **O que é o anarquismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

- COSTA, Márcia Regina da. **Carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.
- CRANSTON, Marice William. **Diálogo imaginário entre Marx e Bakunin**. Imaginário Nu-Sol, 1999.
- D'ARAUJO, Maria Celina. **A Era Vargas**. São Paulo: Moderna, 1997.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DIAS, Solange Irene Smolarek. **A arquitetura do desejo: o discurso da nova identidade urbana de Curitiba**. Dissertação de Mestrado. Cascavel: Unioeste, 2005.
- DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop**. São Paulo: Annablume, 1998.
- DIONE, Jean; LAVILLE, Christian. **A construção do saber – manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- DOESWIJK, Andreas Leonardus. **Entre a unidade e a autonomia, a revolução e a reforma**. Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP, 1985.
- DUARTE, Regina Horta. **A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo**. Dissertação de Mestrado IFCH/UNICAMP, 1988.
- EISENSTADT, S.N. **De Geração em Geração**. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- FERREIRA, Pedro Roberto. **O conceito de Revolução da esquerda brasileira (1920-1946)**. Tese de Doutorado. PUC-SP, 1993.

- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2004.
- FEATHERSTONE, M. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- GERARD, Bloch. **Marxismo e anarquismo**. Kairos, 1981.
- GHILHON DE ALBUQUERQUE, J. A. **Movimento estudantil e classe média no Brasil in Classes médias e políticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.
- GONÇALVES, Adelaide. **A bibliografia libertária: um século de anarquismo em língua portuguesa**. Imaginário Nu-Sol, 1999.
- HELLER, Agnes. **Los movimientos culturales como vehiculo de câmbio**. Letra Internacional, 1987.
- HOLLANDA, Heloisa B; GONÇALVES, Marcos. **Cultura e participação nos anos 60**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- HAESBAERT, R. **Identidades territoriais**. In: CORRÊA, Roberto L., ROSENDHAL, Z. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, Neps, 1999.
- HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.
- JAMES, Joll. **Anarquistas e anarquismo**. Publicações Dom Quixote, 1977.
- KHOURY, Yara Maria Aunk. **Edgard Leuenroth: uma voz libertária – imprensa, memória e militância anarco-sindicalistas**. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 1989.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1990.

LOPREATO, Christina da Silva Roquete. **O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917**. Tese de Doutorado. IFCH/UNICAMP, 1996.

LUIZETTO, Flavio. **As utopias anarquistas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MACIEL, Luiz Carlos. **Nova consciência – jornalismo contracultural 1970-1972**. Rio de Janeiro: Editora Eldorado, 1973.

\_\_\_\_\_. **Geração em transe: memórias do tempo do tropicalismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MAGNANI, Silvia Ingrid Lang. **O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)**. Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP, 1979.

MALATESTA, Errico. **A anarquia**. Imaginário Nu-Sol, 1999.

\_\_\_\_\_. **Anarquistas, socialistas e comunistas**. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca anarquista: textos escolhidos**. Porto Alegre: L&PM editores, 1984.

MARTINS, Ângela Maria Roberti. **Cancioneiro libertário: das idéias às representações – uma análise do anarquismo na perspectiva do gênero**. Dissertação de Mestrado. IFCH/Uerj, 2000.

MAZZOTTI – ALVES, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais – Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Unicamp, 1998.

MEDEIROS, Paulo de Tarso. **A aventura da jovem guarda**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MORAES, José Damiro de. **A trajetória educacional anarquista na Primeira República: das escolas aos centros de cultura social**. Dissertação de Mestrado FE/UNICAMP, 1999.

MUGGIATI, Roberto. **Rock, o grito e o mito: a música pop como forma de comunicação e contracultura**. Petrópolis: Vozes, 1973.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PAOLI, Maria Célia. **Dossiê sobre o movimento estudantil**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

PARRA, Lucia Silva. **Combates pela liberdade: movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945)**. Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2003.

PARSONS, Tony. **Disparos do front da cultura pop**. São Paulo: Editora Barracuda, 2005.

PAULO, Alves. **Anarquismo e anarcosindicalismo: teoria e prática no movimento operário brasileiro (1906-1922)**. Aos Quatro Ventos, 2002.

PAVÃO Neto, Carlos Alberto. **Rock brasileiro: 1955-1965**. São Paulo: Edicon, 1989.

PEREIRA, Carlos Alberto. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

RAGO, Luzia Margareth. **Sem fé, sem lei, sem rei: liberalismo e experiência anarquista na República**. Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP, 1984.

RITCHER, Liane Peters. **Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura**. Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP, 1998.

RODRIGUES, Edgar. **Os libertários: José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Fabio Luz**. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1993.

\_\_\_\_\_. **O anarquismo no banco dos réus (1969-1972)**. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1993.

\_\_\_\_\_. **Pequeno dicionário das idéias libertárias**. Rio de Janeiro: CC&P Editores, 1999.

ROSENDHAL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. **Jovens de Curitiba: esperanças e desencantos, juventude, violência e cidadania**. Brasília: Unesco, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, Hugo. **Sid Vicious**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTOS, M. **Técnica espaço tempo: globalização e meio-técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SFERRA, Giuseppina. **Anarquismo e anarcosindicalismo**. São Paulo: Ática, 1987.

SILVA, Cristiane Ferraro Gilaberti da. **Emílio Vivo no discurso da Pastoral da Criança: um diálogo contemporâneo**. Dissertação de Mestrado. Cascavel: Unioeste, 2005.

SILVA, L. E. F. da. **A marginalidade da cultura underground**. Monografia apresentada ao curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 1995.

SILVEIRA, M.L. (Org.); SOUZA, M. A. de. **Território Globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SOUZA, C. de. **Punk e modismo: visões em Londrina**. Monografia apresentada ao curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, 1998.

TOLEDO, Edilene Teresinha. **O amigo do povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século.**

Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP, 1994.

VALENTE, Silza Maria Pazello. **A presença rebelde na cidade sorriso: contribuição ao estudo do anarquismo em Curitiba, 1890-1920.** Editora UEL, 1997.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e juventude.** Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1990.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1988.

ZANETI, Hermes. **Juventude e revolução: uma investigação sobre a atitude revolucionária no Brasil.** Dissertação de Mestrado. Unb, 1999.

WOODCOCK, George. **Os grandes escritos anarquistas.** Rio Grande do Sul: L&PM, 1981.

#### ARTIGOS EM REVISTAS

BORGES, P., COVRE, R. **Tribos urbanas. Libertárias.** São Paulo: Revista Trimestral de Cultura libertária, 1998.

EISENSTADT, S. N. Grupos informais e organizações juvenis nas sociedades modernas. In BRITO, S. (org.). **Sociologia da juventude IV.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FLITNER, A. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude In: BRITTO, S. de (Org.) **Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

JAIDE, W. **As ambigüidades do conceito de “geração”**. In: BRITTO, S. de (Org.) **Sociologia da Juventude II: para uma sociologia diferencial**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MADEIRA, Felícia Reicher. **Os jovens e as mudanças estruturais na década de 70: questionando pressupostos e sugerindo pistas**. São Paulo: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, nº. 58, 1986.

SPOSITO, Manha Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade**. Tempo social, Departamento de Sociologia, FFCLH/USP, v.5, n.1–2, 1994.

TELLES, V. da S. **Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hanna Arendt**. Tempo Social v.2, n1, p. 23-48, 1990.

#### ARQUIVOS/ACERVOS E SITES PESQUISADOS

##### **Arquivo Central do Sistema de Arquivos da UNICAMP**

<http://www.unicamp.br/siarq>

##### **Arquivo Edgard Leuenroth**

<http://www.ifch.unicamp.br/ael/>

##### **Arquivo do Estado de São Paulo**

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/>

##### **Arquivo histórico do movimento operário brasileiro ASMOB**

[http://www.cedem.unesp.br/acervos/acervo\\_asmob.htm](http://www.cedem.unesp.br/acervos/acervo_asmob.htm)

##### **Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional**

<http://www.museuhistoriconacional.com.br>

**Arquivo Público do Paraná**

<http://www.pr.gov.br/arquivopublico/>

**Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro**

<http://www.aperj.rj.gov.br/>

**Archivo Situacionista Hispano**

<http://www.sindominio.net/ash/>

<http://www.radiomuda.hpg.ig.com.br/manisituac.htm>

**BIBLIOTECA NACIONAL**

<http://www.bn.br>

**BIBLIOTECA VIRTUAL REVOLUCIONÁRIA**

<http://www.geocities.com/autonomiabvr/>

**CAPES – PERIÓDICOS/SCIELO**

<http://www.periodicos.capes.gov.br/superior.jsp>

<http://www.scielosp.org>

**CEDEM (ACERVOS) – Centro de documentação e memória da Unesp**

<http://www.cedem.unesp.br/>

**CEMAP - fundos e coleções do centro de documentação do movimento operário Mário Pedrosa**

<http://www.cedem.unesp.br/novosite/CEMAP/Acervocemap.htm>

**Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulallo – UNICAMP**

<http://cedae.iel.unicamp.br/>

**Centro de Documentação e Informação Científica da PUC – SP**

[http://www.pucsp.br/cedic/principais/quem\\_somos/historia.htm](http://www.pucsp.br/cedic/principais/quem_somos/historia.htm)

**Centro Sérgio Buarque de Holanda: Documentação e Memória Política**

<http://www.fpa.org.br/memoria>

**CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE – BRASIL**

<http://www.midiaindependente.org/>

**CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação Contemporânea do Brasil  
(Fundação Getúlio Vargas)**

<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>

**Ciência – UNICAMP**

<http://www.cle.unicamp.br/arquivoshistoricos/>

**Comitê Científico do 1º Seminário de Cidade Contemporânea**

<http://www.pucpr.br/curitiba40anos>

**Conselho Nacional de Arquivo**

<http://www.arquivonacional.gov.br/conarq/home.htm>

**DYNAMITE ON LINE – COLUNAS**

[http://www.dynamite.com.br/2003a/view\\_coluna\\_action.cfm?id\\_colunista=22&id\\_show=260](http://www.dynamite.com.br/2003a/view_coluna_action.cfm?id_colunista=22&id_show=260)

**Editora Anarquista**

[indexeditora@yahoo.com.br](mailto:indexeditora@yahoo.com.br)

**ESPAÇO ACADÊMICO**

<http://www.espacoacademico.com.br>

**ESPAÇO CULTURAL 92º - O PORÃO MAIS QUENTE DA CIDADE (DESDE 1991)  
– CURITIBA**

<http://www.92graus.com/guestbook.php>

**Fundação Biblioteca Nacional**

<http://www.bn.br/Script/index.asp>

**Fundação Casa de Rui Barbosa**

<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>

**Fundação Memorial da América Latina**

<http://www.memorial.org.br>

**GAZETA DO POVO**

<http://canais.ondarpc.com.br/gazetadopovo/arquivo/index.phtml>

**GRITO PUNK – PUNK, ANARQUIA, ANARCOPUNK**

<http://www.gritopunk.hpg.ig.com.br/>

**HISTORIANET, a nossa história**

<http://www.historianet.com.br/home/>

**IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**

<http://www.ibict.br/>

**IMPrensa OFICIAL**

<http://www.imprensaoficial.com.br>

**INTERNET – SEM FALCATRUAS NEM RABO PRESO (o maior site independente da América Latina)**

<http://www.zonapunk.com.br/>

**Núcleo de Documentação da Universidade Federal Fluminense**

<http://www.ndc.uff.br/arquivo.asp>

**Núcleo de sociabilidade libertária – Errico Malatesta**

<http://www.nu-sol.org>

**Periódicos da Capes**

<http://www.periodicos.capes.gov.br/superior.jsp>

**PUC**

<http://www.pucsp.br/>

**SciELO – Scientific electronic library on line**

<http://www.scielo.br/>

**UNESP**

<http://www.rc.unesp.br/biblioteca>

**UNICAMP**

<http://www.unicamp.br/bc>

**UNICAMP – ael**

<http://ael.ifch.unicamp.br> (ael.cpd@unicamp.br)

**Universidade de Brasília**

<http://www.unb.br>

**Universidade de São Paulo**

<http://ffclrp.usp.br/>

**Universidade Estadual Paulista**

<http://www.marilia.unesp.br/>

**Universidade Federal de Santa Maria**

<http://www.ufsm.br/>

**Universidade Federal de São Carlos**

<http://www2.ufscar.br/>

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

<http://www1.ufrgs.br/>

**Universidade Federal Fluminense**

<http://www.uff.br/>

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

<http://www.unirio.br/>

**Folha de São Paulo – Caderno Mais!**

Março/2006

**Revista CULT**

Outubro/2005, nº. 8 ISSN 1414707-6 Nº. 96

## REVISTAS ELETRÔNICAS

**Antropologia**

\* Departamento de Antropologia da FFLCH/USP

<http://www.fflch.usp.br/>

\* MANA

Publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS-  
Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

<http://www.scielo.br/>

\* CAMPOS – Revista de Antropologia Social UFPR

<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/>

**CIÊNCIAS HUMANAS: ENFOQUE MULTIDISCIPLINAR**

\* Ciências e Cultura

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/SBPC

<http://www.sbpcnet.org.br>

**CIÊNCIAS SOCIAIS**

\* Perspectivas: Revista de Ciências Sociais

<http://www.editora.unesp.br/revistas.html>

\* Revista Brasileira de Ciências Sociais

Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/ANPOCS

<http://www.anpocs.org.br>

\* Tempo Social: Revista de Sociologia da USP

<http://www.fflch.usp.br/ds/revistas/tempo-social>

## **COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA**

\* Comunicação e Sociedade

Universidade Metodista de São Paulo

<http://www.metodista.com.br>

\* Face

Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP

<http://www.pucsp.br>

\* Intercom: Revista Brasileira de Comunicação

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares – INTERCOM

<http://www.intercom.org.br>

**ANEXOS**

## ANEXOS

1. Visual punk
2. Vocabulário punk
3. Cooptação da cultura punk pelo mercado musical
4. Mostras de fanzines dos punks de rua de Curitiba
5. Locais em que os punks de rua de Curitiba se reuniam para distribuição do material produzido (fanzines, textos, adesivos, patches, etc.)

1.

## Visual punk<sup>120</sup>



([www.homepages.wmich.edu/~k2milczy/images/PUNKS.jpg](http://www.homepages.wmich.edu/~k2milczy/images/PUNKS.jpg). Acessado em março de 2005)

---

<sup>120</sup> O visual punk apresentado nos anexos é fruto de pesquisa exploratória em sites punks referenciados. Ressaltamos que os punks de rua de Curitiba contribuíram com a pesquisa na coleta dos signos, textos e informações gerais sobre o movimento. Não permitiram a divulgação das fotos de seus integrantes em respeito aos ideais do grupo.



([www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg](http://www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg). Acessado em março de 2005)



([www.feespace.virgin.net/mayfair.news/Punks.jpg](http://www.feespace.virgin.net/mayfair.news/Punks.jpg). Acessado em março de 2005)



([www.homepages.wmich.edu/~k2milczy/images/PUNKS.jpg](http://www.homepages.wmich.edu/~k2milczy/images/PUNKS.jpg). Acessado em março de 2005)



([www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg](http://www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg). Acessado em março de 2005)



([www.i67.photobucket.com/albums/h299/gurutalife/punks.jpg](http://www.i67.photobucket.com/albums/h299/gurutalife/punks.jpg). Acessado em novembro de 2006)

*É no subúrbio da cidade..... Onde eu vejo a REALIDADE....*



([www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg](http://www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg). Acessado em maio de 2005)



([www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg](http://www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg). Acessado em maio de 2005)



([www.oioioi.ru/clothing/style-pictures/punks-tn.jpg](http://www.oioioi.ru/clothing/style-pictures/punks-tn.jpg). Acessado em março de 2005)



([www.flogao.com.br/pau](http://www.flogao.com.br/pau). Acessado em junho de 2005)

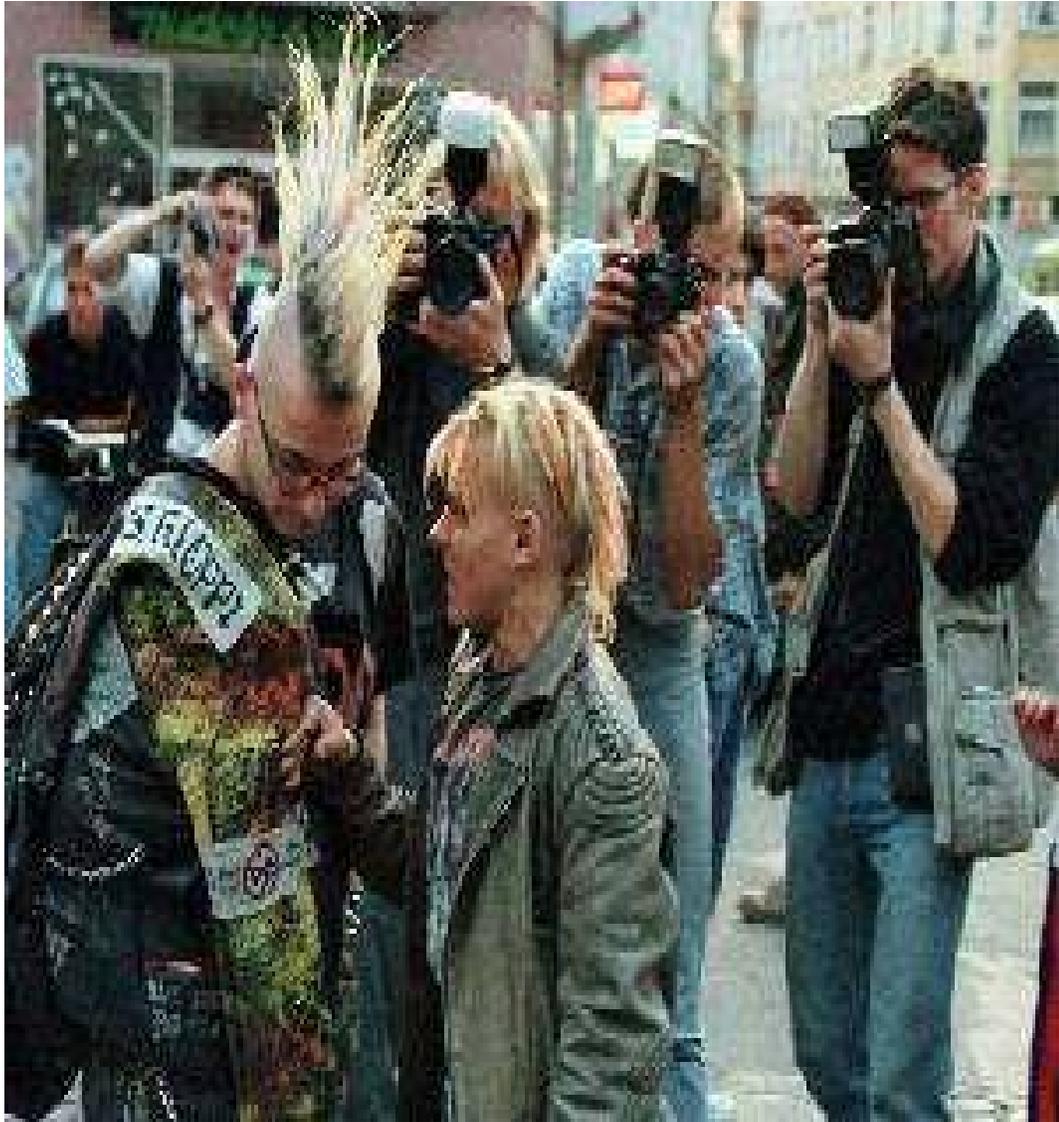
Э  
В  
С  
О  
У  
Е  
У  
Д



([www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg](http://www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg). Acessado em abril de 2005)



([www.flogao.com.br/pau](http://www.flogao.com.br/pau). Acessado em junho de 2005)



([www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg](http://www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg). Acessado em junho de 2005)

---

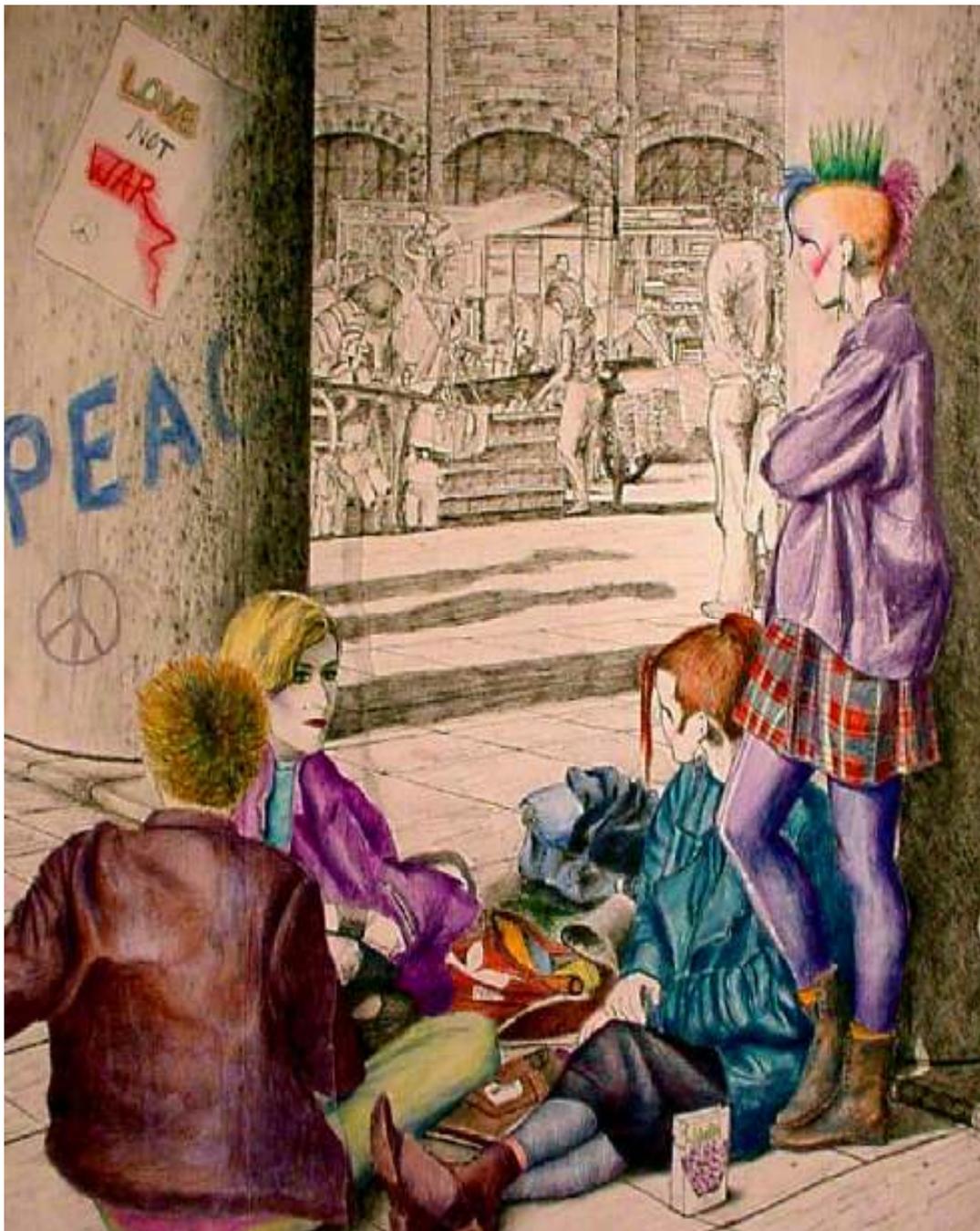
<sup>121</sup> Espetacularização do visual punk empreendida pela mídia.



([www.oioioi.ru/clothing/style-pictures/punks-tn.jpg](http://www.oioioi.ru/clothing/style-pictures/punks-tn.jpg). Acessado em maio de 2005)



([www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg](http://www.geog.uni-hannover.de/.../social/punks.jpg). Acessado em junho de 2005)



([www.oioioi.ru/clothing/style-pictures/punks-tn.jpg](http://www.oioioi.ru/clothing/style-pictures/punks-tn.jpg). Acessado em maio de 2005)

---

<sup>122</sup> Pelo olhar do punk, seus signos, sua estética se sobressai à estética do seu outro.

2.

## Vocabulário punk

**Beque:** cigarro

**Bote:** bar de periferia

**Carecas:** termo usado pelos punks para referir-se aos skinheads.

**Cena:** designa o ambiente em que os punks circulam, as casas de shows, lojas de adereços punks e os próprios punks em interação.

**Coletivo:** Organização de pessoas em prol de uma mesma causa, de um mesmo objetivo.

**Crust punk:** para os punks “cascão”, refere-se a um estilo de música punk bem tosco com o objetivo de não ser assimilado pelo mercado musical.

**Cruzar:** encontrar alguém, combinado ou não.

**Demo:** é a demonstração musical em fita cassete de uma banda iniciante no circuito punk.

**Distro:** distribuidora de material (discos de vinil, fitas cassetes, CDs, fanzines, etc.) independente.

**Gaiola:** ônibus suburbano.

**Goró:** qualquer tipo de bebida alcoólica, principalmente vinho, cachaça, batida.

**Gigs:** apresentação de uma ou mais bandas punks.

**Grind:** som mais agressivo que o hardcore, vocais gritados, letras de conteúdo crítico sem qualquer aperfeiçoamento melódico.

**Gutter punks:** garotos(as) que se vestem como punks para pedir dinheiro nas ruas e em torno da cena punk.

**Fashion:** termo usado para referir-se às pessoas que são excessivamente preocupadas com a moda. Entre os punks indica superficialidade e futilidade.

**Hardline:** facção dos straight edge, o braço armado do movimento punk.

**Jaco:** jaqueta de couro

**Junkie:** denominação para aqueles que consomem álcool e drogas excessivamente.

**Loque:** gíria usada para chamar alguém de imbecil.

**Mainstream:** para os punks refere-se à política, à ideologia, à cultura e ao modelo de sociedade vigente.

**Manguieio:** refere-se à circulação dos punks no centro da cidade para pedir doações (dinheiro, comida), e para a distribuição do material produzido pela comunidade punk.

**Nazi:** abreviação de nazista.

**Nerd punks:** entre os punks mais tradicionais, designa àqueles que se interessam por tecnologia (cyberpunks), ciências e temas afins.

**No wave:** vertente do punk contrária ao estilo new wave implantado como pós-punk. Dedicam-se ao experimentalismo na ligação com as vanguardas artísticas e amplo uso da cacofonia em suas composições.

**Noise:** considerado pelos punks o extremo do estilo anti-musical.

**Paga-pau:** para os punks, o paga-pau é aquele que “puxa o saco” de punks para ter visibilidade.

**Perdido:** utiliza-se a expressão “dar um perdido” para esconder-se de alguém, para evitar um encontro indesejável.

**Poser:** é aquele que posa de punk sem ser. Os posers vestem-se como punks, incorporam seus signos, mas nada sabe da ideologia do movimento.

**Psicobilly:** grupo predominantemente de rapazes que se identificam com o gênero musical rockabilly dos anos 50. Adotam o visual punk aperfeiçoando seu material. Geralmente punks e psicobillys são rivais.

**Punk de moda:** garotos e garotas que se vestem com algum acessório ou vestimenta punk para acompanhar as tendências da moda que coopta os signos punk para o mercado.

**Punk caverna:** punks que não se engajam em nenhum movimento.

**Punk 77:** punks tradicionais às primeiras manifestações da década de 70 do século passado.

**Quebrada:** subúrbio, periferia

**Queercore:** o encontro do punk com o movimento gay deu origem ao queercore. O fanzine Homocore, editado de 1988 a 1991 em San Francisco é considerado o marco inicial desse movimento. As bandas e fanzines queercore dedicam-se às questões de sexualidade e gênero.

**Riot Grrrls:** movimento de garotas dentro da cena punk, contra o machismo, o sexismo e a opressão masculina.

**Sacar:** perceber, ter conhecimento de algo.

**Scene Reports:** panorama geral dos acontecimentos na punk de uma cidade ou região. Um scene report traz o histórico das primeiras manifestações punks de uma região, o momento atual da cena, suas bandas, os fanzines, os locais de encontros e shows incluindo o endereço para contato.

**Selo:** termo utilizado pelos punks para referir-se às gravadoras. Com as primeiras produções independentes, muitas gravadoras constituem-se em um selo que edita determinada linha estético-musical.

**Smurfs:** são chamados de smurfs os alunos do ensino fundamental e médio com referência ao uniforme escolar.

**Squat:** nome dado pelos punks a uma casa abandonada, ocupada por integrantes do movimento.

**Trampo:** trabalho, produção dos materiais para distribuição (fanzines, textos, adesivos, pulseiras, patches, etc.)

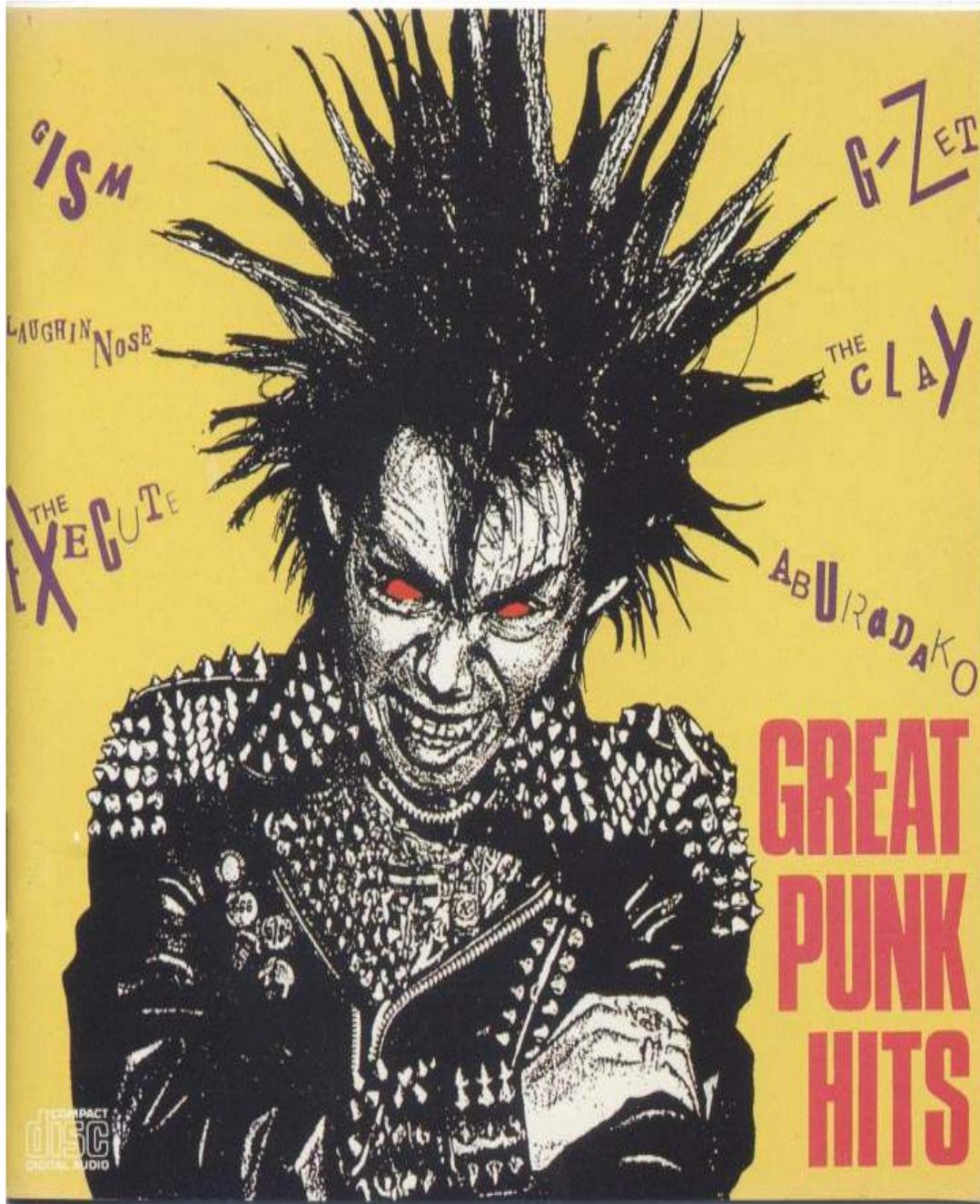
**Treta:** confusão, briga.

**Underground:** designa a cena não cooptada pela mídia ou pelo mercado.

**Zine:** abreviação de fanzine, espécie de revista do movimento punk, onde são debatidos assuntos sobre política, história, economia, literatura, sexualidade e são apresentados textos e ilustrações da cena punk. Além da comunidade punk, o zine é comum entre as comunidades semióticas góticas ou darks e skinheads.

3.

### Cooptação da cultura punk pelo mercado musical



([www.homepages.wmich.edu/~k2milczy/images/PUNKS.jpg](http://www.homepages.wmich.edu/~k2milczy/images/PUNKS.jpg). Acessado em março de 2006)

4.

Mostra de fanzines dos punks de rua de Curitiba











5.

**Locais em que os punks de rua de Curitiba se reuniam para distribuição do material produzido (fanzines, textos, adesivos, patches, etc.)<sup>123</sup>**



Rua XV, centro de Curitiba.



Rua XV, centro de Curitiba.

---

<sup>123</sup> Fotos tiradas entre o ano de 2005 e o primeiro semestre de 2006.



Praça Santos Andrade, escadaria da UFPR, centro de Curitiba.



Região da catedral, centro de Curitiba. Local da distribuição do sopão para os moradores de rua.



Região do Teatro Guaíra, centro de Curitiba.